



O HOMEM DE TODAS AS MINHAS VIDAS

- Vanessa Bosso -

Edição Digital

- 2013 -

Capa: André Siqueira – Era Eclipse

Diagramação: Vanessa Bosso

Revisores: Nanie Dias – Luciane Rangel – Josy Tortaro **Todos os Direitos Reservados**

Copyright © Vanessa Bosso

“Para aquele que não conheço, mas ainda assim sei que existe.”

(Lise Bittencourt)

Índice

Prefácio

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Epílogo

Prefácio

Por Danilo Barbosa – autor de Arma de Vingança

Escritora incansável e criadora de mundos inveterada... estes são apenas alguns dos quesitos que definem esta autora. Ser amigo de Vanessa Bosso é mais que ter alguém com quem falar, respirar, compartilhar livros ou lidar com sua pentapolaridade (já que ela passou a muito do nível da bipolaridade). É conhecer uma verdadeira viciada no universo da escrita.

Quantas vezes eu começo a escrever um parágrafo, ligo para ela contente com o resultado e confiro, estarrecido, que ela já passou das 30 páginas? Uma maga das letras, sentada em frente ao seu computador, que remexe, corta e costura suas histórias incessantemente, fazendo os leitores se apaixonarem não só pelos seus textos, mas pela simpatia com que trata a todos, sempre com aquele sorriso aberto no rosto.

Conheci-a há anos, quando era apenas um blogueiro meio empedernido, com um livro guardado na gaveta e ela, já dava os primeiros passos com seu 2012 e as teorias mais loucas sobre o fim do mundo. Adorava criar histórias seguidas dos mais profundos desastres e ideias conspiratórias, misturando ETs, profecias e romances em tramas tresloucadas. Não comia carne, queria armazenar comida em casa ou correr para as montanhas quando o dia 21 chegasse. Ou seja, uma amiga divertidíssima, além da primeira autora a fazer parte do meu círculo de amigos.

Eu cresci neste meio tempo. O blog virou site. O livro da gaveta foi lançado e já está na segunda edição e a Vanessa... ah, a Vanessa... como amadureceu! Passou por tramas fantásticas adolescentes, desvendou intrigas internacionais, dividiu uma humana entre anjos e demônios e até criou histórias que misturam amor e alquimia. Com isso, cresceu como autora de forma nunca vista, enchendo os olhos de quem acompanha sua trajetória de orgulho.

Ela insiste em dizer aos outros que, perto de mim, tem muito a aprender, mas vou ser obrigado a negar veementemente. Basta mergulhar no universo criado por ela em O

Homem de Todas as Minhas Vidas. Aqui, Vanessa se mostra como os antigos escritores clássicos, que pincela belas palavras pelas folhas, criando uma história de amor como poucos imaginaram. É impossível não se identificar com pelo menos um dos personagens desta instigante narrativa.

Com esta obra, conhecemos uma autora madura, que mostra a que veio, sem incertezas. Utilizando um gênero diferente do que comumente escreve, amplia seus horizontes e nos brinda com algo que mescla o romântico e o fantástico, com certo toque espiritualista que faz parte do seu ser, mas absolutamente lindo para qualquer um, independente de sua religião, utilizando a morte para celebrar a vida.

Acompanhar a trajetória de Lise é dividir sua existência entre o céu e o inferno, o amor e o medo, como só alguém como minha amiga Vanessa Bosso seria capaz de inventar.

Vamos celebrar os autores nacionais, que utilizam o famoso e muitas vezes decadente "jeitinho brasileiro" para criar grandes narrativas. Quando muitas coisas tiverem sido esquecidas pelo tempo, são estas histórias que vão perdurar. São autores que, como a própria Vanessa e eu, passamos noites em claro, dor de barriga e stress, sem pensar se ficaremos ricos ou teremos multidões enlouquecidas por nossas histórias. Se uma pessoa que pegar este livro for transformada por esta história, já valerá a pena.

Prólogo

Estou desesperada.

A morte levou o meu bem mais precioso e sem ele o coração que bate em meu peito de nada vale.

Com as mãos manchadas de sangue, caminho em volta do corpo sem vida. Caio prostrada, sem forças para continuar respirando.

Seus olhos ainda estão abertos. São de um tom violáceo tão profundo que me perco ali dentro, afogando-me a cada novo soluço que pulsa da garganta.

Ouçó um barulho às minhas costas. Giro a cabeça e por sobre o ombro, eu o vejo.

Aquele é o homem que levou o que era importante para mim, a única coisa pela qual valia a pena viver nesse inferno. É um ser de uma beleza indescritível, com olhos flamejantes, que enxergam muito além da minha carne. Mas isso não me distraí. Não. Eu quero vingança.

Trôpega, caminho até ele, planejando atacá-lo e matá-lo com minhas próprias mãos.

Imagino-me arrancando seu coração de dentro do peito para depois oferecê-lo aos cães do inferno.

O homem sorri. Ele pode ler o que se passa em minha mente. Sabendo dos meus planos, aproxima-se, segurando a adaga mágica frente ao peito. Ainda há sangue na lâmina, posso ver.

Mesmo sem forças nas pernas, avanço como uma tigresa prestes a abater sua presa, prestes a arrancar a vida de dentro daquele ser.

Ele me encara, divertindo-se. Joga o corpo para o lado, como um toureiro na arena.

Caio com a boca aberta no chão, engolindo a areia negra da cidade em chamas.

– Era chegada a hora, o garoto está livre. – sua voz retumba em minha alma.

– Não, você o matou! – grito, ensandecida.

– Olhe em volta e perceba que na verdade, eu o libertei. – o homem aponta para a destruição que nos rodeia.

– E eu? O que farei sem ele? – arrasto-me e puxo suas vestes, como uma criança implorando atenção.

Ele toma meu rosto em suas mãos, complacente com a minha dor.

– O que você faria por ele? – pergunta, seus olhos perscrutando os meus.

– Tudo, qualquer coisa, é só pedir. – lágrimas riscam minha face imunda.

O homem, vestido de negro da cabeça aos pés, parece pensativo. Limpa a adaga sangrenta em suas vestes, guardando-a no coldre preso à perna direita. Entrelaça os dedos da mão na altura do peito, juntando os dois indicadores.

– Me daria a sua alma? O poder sobre a sua vida e morte?

– O que quiser, desde que possa encontrar-me com ele pela eternidade. – estou ofegante, em frangalhos.

– Existem entrelinhas nesse acordo...

– Não me importo. – não escuto o que o homem diz. Na verdade, não me deixo escutar. A única coisa que quero é que meu desejo seja atendido, não importam as consequências ou as entrelinhas.

– Não se lembrará desse nosso acordo, jamais. Ainda assim, tem certeza sobre isso?

– Já disse, faça comigo o que desejar! – estou ardendo, como se o sangue fosse um rio de lavas escaldantes.

– Nesse caso, o pacto será selado.

A adaga liberta-se do coldre do homem de negro e rasga as alças da minha veste.

Uma cruz invertida é traçada na altura do meu peito, manchando de sangue o vestido em farrapos espalhado pelo chão. Cravo os dentes no lábio para suportar a dor.

O sujeito entoava cânticos em um idioma que não reconheço. As palavras ferem a minha alma e desconfio que essa seja a linguagem do inferno.

Toma meu braço e, no pulso, rasga a minha carne novamente, desenhando um oito deitado, o símbolo do infinito. Ajoelhando-se à minha frente, vejo um lampejo de prazer e satisfação naqueles olhos escuros, oceânicos, indecifráveis. Antes que eu possa me arrepender, a adaga penetra minhas entranhas. Dilacerando o meu ventre, ele puxa a lâmina para si e experimenta o sabor do meu sangue.

E então eu o vejo como realmente é. Não é mais o lindo homem vestido de negro. É

algo inominável, diabólico, perverso. Eu fiz um pacto e não posso voltar atrás.

Em um último suspiro, arrependo-me amargamente.

Capítulo 1

Eu sou amaldiçoada. Todas as minhas vidas foram amaldiçoadas por uma tragédia.

O que fiz de errado? Por mais que pense e reviva cada momento passado, não consigo encontrar uma resposta satisfatória.

A maldição desta vida é a pior de todas. Estou presa neste corpo, com o cérebro fervilhando todas as memórias de vidas passadas. Não, não são meras lembranças. Revivo, dia após dia, todas as minhas mortes desde a primeira encarnação na Terra. O homem dos olhos cor de violeta assombra meus piores pesadelos.

Tenho medo de encontrá-lo novamente, sinto pavor só de pensar em uma nova tragédia. Entendo que não deveríamos ter ido contra o destino. Não estava escrito, não deveria acontecer. Essa me parece a

melhor explicação, a única plausível para tanta desgraça e sofrimento.

Meu nome é Elise Salz Bittencourt – eu prefiro apenas Lise. Sou artista plástica e vivo com a única pessoa que me entende nesse mundo: a minha avó.

Meus pais se separaram quando eu tinha oito anos. Não tenho irmãos e nem facilidade em me socializar. Tenho pavor das pessoas, tenho mais medo ainda de encontrá-lo. Deparar-me com o homem dos olhos violáceos não está em meus planos.

Nesse caso, fecho-me em uma redoma, enclausurada do mundo lá fora.

Meu pai mora na Itália, com sua esposa e as três filhas dela. Minha mãe mora em São Paulo e ganha rios de dinheiro organizando festas e eventos sociais. Ela troca de namorado como troca de roupa. Nem imagino quem seja o cara do momento. Sempre há um novo cara, mas nunca dura o bastante para eu conhecê-lo. Quando pergunto pelo fulano, já é o sicrano. Quando pergunto pelo sicrano, já é o beltrano. Nem pergunto mais.

No meio desse caos da minha vida familiar, escolhi a tranquilidade do interior, uma vida pacata e sem grandes ambições. Minha avó possui um pequeno restaurante no centro da cidade e a ajudo durante à noite, período em que o estabelecimento abre para o público.

Durante os dias e tardes, fico em meu ateliê, construído especialmente para mim nos fundos da casa da vovó.

Sempre gostei de arte, de qualquer tipo. Aliás, isso me remete a minha primeira encarnação na Terra, ainda na época das cavernas...

Desenhava nas paredes tudo o que via ao meu redor – animais, plantas, pessoas.

Era capaz de passar horas retratando o meu dia, por mais rotineiro que fosse.

Havia um companheiro, um homem que caçava e me protegia dos predadores. Ele acendia o fogo quando a noite caía e sentia-me segura ao seu lado. Eu deveria ter uns dezesseis anos, talvez menos.

Não me recordo de particularidades dessa vida. São memórias fragmentadas, borradas, distantes. Mas me lembro bem daquele dia como se fosse ontem, com uma riqueza de detalhes impressionante.

Saí da caverna tão logo despertei. Meus pulmões se encheram com o aroma da manhã e mirei o céu azul, sem nuvens. Havia um delicioso e inebriante cheiro de orvalho no ar.

Meu companheiro havia saído para caçar juntamente com outros homens da nossa pequena tribo. Apesar de não haver uma linguagem para nos comunicarmos, ele se fez entender quando rosnou e apontou para a entrada da caverna. Ele não queria que eu saísse sozinha, mas nunca obedeci aos seus desígnios.

Senti uma ânsia, uma vontade incontável de tomar a trilha para a cachoeira. Foi um chamado irresistível, daqueles impossíveis de refrear. Olhei para os lados e certifiquei-me de que nenhuma das mulheres ou crianças perceberiam a minha manobra.

Descalça, caminhei a passos apressados, desaparecendo no meio da mata. Quando me vi a uma boa distância da aldeia, resolvi relaxar. Minhas passadas tornaram-se lentas enquanto eu comungava com a natureza, tocando nos troncos das árvores, inspirando profundamente o perfume das flores.

Ainda na trilha que me levaria à cachoeira, senti um aperto no peito, algo que me causou estranhamento. Sacudi a cabeça de forma frenética, afastando qualquer temor, afinal, não havia nada desconhecido ali. Hoje, acredito que eu tenha pressentido o que estava para acontecer.

Após uma dura caminhada, cheguei à cachoeira. O acesso era difícil e o terreno lamacento. Esgueirei-me por entre arbustos que pinicavam e folhas que cortavam a pele, irritando o local atingido. Equilibrei-me em rochas pontiagudas e finalmente alcancei a clareira.

Meus pés tocaram a água fria e o choque térmico arrepiou todos os pelos do meu corpo. A sensação era divina. Fitei meu reflexo na água por algum tempo, decorando os traços do meu rosto.

Minha pele era queimada pelo sol sempre escaldante. Meus cabelos eram grossos, volumosos e os fios pareciam eletrificados. Caíam longos por minha frente e naquele momento eu me achei bonita.

Sem cerimônias, despi meu único traje, uma espécie de vestido trançado, confeccionado com o couro de diferentes animais. Usava também um adorno no pulso, uma pulseira rústica de madeira. Eu sabia que o material era resistente a água, ainda assim preferi retirar, depositando-a sobre uma rocha lodosa e levemente esverdeada.

Adentrei a água. Imediatamente fui envolvida por reações corporais deliciosas e um sentimento de paz me invadiu. Lembro que mergulhei e nadei até um deque natural, pedregoso e perigosamente escorregadio.

Podia sentir a fúria da natureza bem próxima. A água jorrava aos montes do cume da montanha e se debatia sobre as pedras, juntando-se ao pequeno lago e à corredeira mais à frente.

Eu não pensava em nada, apenas observava o cenário e vivia o aqui e agora. O

passado não me importunava e o futuro não causava qualquer espécie de preocupação.

Interessante. Deveríamos viver dessa forma nos dias de hoje, muitos problemas simplesmente deixariam de existir.

Deitada sobre o deque, sentia o pulsar da natureza. A harmonia existia em todas as esferas e eu pensava que era uma com o todo. De alguma forma eu sabia que tudo estava interligado e essa lembrança me é estranha. Tínhamos sabedoria, apesar da falta de recursos em todos os campos da vida.

Foi naquele momento que o vi pela primeira vez.

A beleza daquele homem exigia atenção. Ele estava parado na margem, apenas me observando. Quando seus olhos violáceos me tocaram, meu corpo começou a arder numa febre que eu desconhecia até aquele momento. A respiração se tornou ofegante, meus músculos se retesaram, a boca secou de imediato. Fiquei apavorada e se ele notou, não demonstrou. Havia um sorriso sincero naqueles lábios quando ele se despiu sem qualquer pudor e mergulhou.

O que ele estava fazendo?

Recuei e abracei os joelhos quando ele se aproximou, saindo da água. Era o homem mais lindo que eu já havia visto na vida. Quando voltasse à caverna, precisava desenhá-lo para não me esquecer daquele rosto de traços tão delicados, tão diferentes do meu companheiro.

Seus olhos traziam uma chama violeta, um ímã que me atraía para mais perto.

Continuei onde estava e não ousei nem respirar. Ele ainda sorria quando tombou a cabeça de lado e estendeu a mão na minha direção. Estremeci quando seus dedos tocaram meus longos cabelos castanhos.

Eu bem que tentei, mas não consegui me desviar daquele olhar. Apesar de nunca ter visto aquele homem, senti uma familiaridade, uma estranha intimidade, como se estivesse olhando para mim mesma.

O toque de sua mão era quente e naquele instante eu acreditei que ele pudesse ter vindo dos céus. Não conhecia as palavras, mas se as soubesse pronunciar, teria facilmente classificado aquele ser como um "anjo".

Fitamo-nos por um longo tempo. Perdi o medo e meus dedos buscavam os dele, como se estivesse tateando no escuro, tentando reconhecer as formas. Não sei como aconteceu, mas foi inevitável.

Meus lábios se colaram nos dele, como se isso fosse o correto a fazer. Eu estava sendo guiada por um instinto selvagem, predatório, reivindicando aquele homem para mim. Ele era meu, eu sabia.

Quando seus braços se fecharam ao meu redor, arfei, exigindo mais. Minhas mãos acariciavam suas costas e ele gemia quando eu afundava as unhas em sua carne. Ele era irresistível e eu estava perdidamente fora do meu eixo.

A partir daí, tudo aconteceu muito rápido. Meu corpo envergou-se para trás, chamando-o. Ele apenas sorriu e escorregou para cima de mim. Foi tão natural que em momento algum senti que poderia haver algo errado. Pela primeira vez naquela existência eu sabia que estava no lugar certo, com a pessoa perfeita.

Nossos corpos se uniram ao som da cachoeira, numa explosão ímpar de sentimentos que transcenderam aquele plano de existência, como se tivéssemos sido transportados para outra dimensão. Rememoro o momento em que meu corpo vibrou com violência e o dele por conseguinte. Pensei que estivesse morrendo, mas não. Na verdade, eu estava renascendo.

Ele beijou a minha testa, sua língua correndo pelo meu rosto, detendo-se em minha boca sedenta. Meus dedos se agarravam aos seus cabelos ondulados e o que era aquele aroma que ele exalava? Uma mistura exótica de ervas e suor, um cheiro que vez ou outra eu sinto em minha atual vida.

Fui abruptamente puxada de volta à realidade quando ouvi um grunhido feroz e o som de um mergulho. Nossos corpos suados se descolaram apressadamente e eu vasculhei ao redor. O que vi me deixou em pânico.

Os homens de nossa tribo bramiam seus tacapes sobre as cabeças. Gelei com o brilho de ódio que se desprendia daqueles olhos sedentos de sangue. Eles aguardavam o desfecho da margem, rugindo, urrando, incentivando. Quando soltaram o grito de guerra, eu temi por nossas vidas.

Levantei-me num sobressalto. Não havia como escapar dali. O homem dos olhos violeta não entendia o que estava acontecendo e eu não conseguia explicar. Senti um gosto amargo na boca, a certeza de que não sairíamos vivos dali.

Vi quando meu companheiro emergiu das águas cristalinas do lago. Não houve tempo para nada. Ele agarrou aquele lindo ser e a luta foi travada. Cacetadas, mordidas, afogamento.

Desesperada, berrei o mais alto que pude enquanto o homem dos olhos violáceos se debatia debaixo d'água, seu sangue maculando a superfície cristalina do lago. Meu companheiro o segurava com firmeza e nada o demoveria de matá-lo, eu sabia disso.

Saltei para a água e sem avaliar as consequências avancei armada com minhas unhas sujas e afiadas. Usei meus dentes e o mordi com tanto ódio que senti o gosto metálico de seu sangue escorrendo pelos cantos da minha boca. Meu companheiro se desvencilhou e me golpeou na cabeça, com o tacape.

E então, não me recordo de mais nada. Eu estava morta.

Capítulo 2

Hoje estou trabalhando em uma caixa de MDF cru. Já lixei e passei uma demão de branco. Agora estou pensando em qual técnica utilizar. Puxo o carrinho com as tintas e repasso mentalmente o que devo fazer para dar um efeito craquelado à pintura. Pego um frasco de tinta preta e outro marrom. Escolho o melhor pincel e começo a pincelar de lá para cá.

Gosto de ouvir música quando estou criando. A melodia clássica acalma e faz com que me esqueça, pelo menos enquanto trabalho, de que tenho uma vida amaldiçoada.

Fui internada por duas vezes quando criança. Meus pais achavam que eu tinha problemas mentais. Os médicos também achavam que eu tinha problemas mentais. Mas como explicar meus conhecimentos linguísticos, como elucidar minhas aptidões e memórias tão vívidas? Ninguém entendia, a não ser a minha avó. Naquela época, infelizmente, estávamos separadas por quase duzentos quilômetros de estrada. Ela pouco podia fazer para me ajudar.

Um dia, aconselhou-me a não falar mais sobre o meu passado, minhas outras vidas.

Se eu quisesse conversar sobre isso, deveria ligar para ela e não falar com mais ninguém a respeito. Quando tomei essa atitude, tudo mudou para melhor. Minha mãe cancelou as visitas ao psiquiatra e parei de tomar remédios. A relação com os meus pais melhorou um pouco, apesar de saber que eles tinham certo receio de quem eu era, de quem eu sou. As pessoas não sabem lidar com o desconhecido e, por isso, acho que inconscientemente nunca quiseram se aproximar de mim. Por medo.

Quando me formei em artes plásticas, fiz as malas e mudei para a casa da minha avó. No início, minha mãe foi veementemente contra, afinal, na capital eu teria mais chances de sucesso em minha área. Ela não entendia e morria de ciúmes da estreita relação que eu mantinha com a única pessoa que me ouvia e não me julgava. No fundo, sei que ela sentiu alívio com a decisão que tomei, minha mãe nunca soube lidar comigo e parecia estar sempre pisando em ovos.

Hoje estou com vinte e quatro anos. Tive alguns namorados na faculdade e até alguns amigos. Desde que me mudei para o interior, perdi contato com todos eles.

Meu círculo de relacionamentos é estreito e interajo apenas com o pessoal do restaurante e alguns vizinhos. A cidade é pequena e procuro ser o mais discreta possível. Já não sou novidade, o que é muito bom. Logo que me mudei, as pessoas ficaram interessadas em mim, fazendo perguntas para a minha avó ou até mesmo me parando na rua para especular. Esse tempo passou e agora estou em paz. Pelo menos, gosto de pensar que sim.

Tenho um *site* na internet e vendo meus trabalhos para pessoas do mundo todo.

Também exponho alguns objetos na loja de decoração da senhora Mirtes que fica ao lado do restaurante da vovó. Apesar de ser uma cidade pequena, o poder aquisitivo é alto e as pessoas consomem bem a minha arte.

Termino a caixa craquelê e coloco-a sobre a bancada para secar. Eu até poderia usar um secador de cabelos, mas prefiro quando a tinta seca ao natural. Enquanto aguardo para finalizar com verniz, deito em um pufe de veludo vermelho e retomo a leitura que comecei ontem à noite. Infelizmente é um romance, odeio histórias de amor. Fazem com que me sinta inferior, não merecedora de um final feliz.

Apesar da relutância, continuo a leitura, debulhando-me em lágrimas, até que os olhos inchados não consigam mais distinguir as

palavras. Deixando o livro de lado, fecho os olhos e acabo cochilando.

Capítulo 3

Acordo sobressaltada. Olho no relógio de parede que marca sete da noite. Eu mesma fiz esse projeto, um dos primeiros trabalhos na faculdade. O ponteiro maior é um garfo e o menor, uma colher de chá.

Estou atrasada e quando faço menção em me levantar, percebo que o braço direito formiga, adormecido. Eu o balanço, freneticamente, para que o sangue volte a circular.

Fecho a janela do ateliê e caminho, apressada, pelo corredor que me levará para dentro de casa. Uma garoa fina traz um aroma de folhas molhadas às narinas. Adoro o cheiro da chuva.

Subo a escada aos pulos e vou para o meu quarto, abrindo o guarda-roupas e pegando a primeira roupa decente que vejo. Como um furacão, entro no banheiro, acendo a luz e ligo o chuveiro. Enquanto tiro a roupa, lembro-me do sonho que tive pouco antes.

Sonhei com a minha segunda vida na Terra...

Meu nome era Amarine e eu vivia no Egito. Naquela época, as pirâmides ainda eram um sonho que começava a tomar forma. Eu tinha quinze anos e já estava prometida.

Minha união com um sacerdote do faraó aconteceria dentro em breve.

Eu tinha asco daquele homem de modos grosseiros e trinta anos mais velho do que eu. Meu pai era um sujeito bruto e insensível, que almejava o poder acima de qualquer outra coisa. Foi ele quem escolheu o meu pretendente, por motivos nada admiráveis. O

status que o meu casamento poderia proporcionar valia qualquer sacrifício da minha parte. Praticamente me vendeu, jogando-me nos braços daquele velho caquético e nojento.

Meu pai não sabia, ninguém sabia sobre Elenot, o lindo garoto dos olhos violeta.

Encontrávamo-nos às escondidas, todas as tardes, num lugar afastado próximo ao Nilo.

Elenot tinha a pele dourada, os cabelos escuros e ondulados, o corpo musculoso e as mãos calejadas pelo trabalho despendido na construção do novo templo em homenagem ao Deus Sol.

Em uma tarde ensolarada, com uma brisa causticante e arenosa, nos encontramos no lugar de sempre. Sem culpas, entreguei-me a ele como prova do meu amor eterno, na certeza de que estava trilhando um caminho sem volta. Eu não queria ser de mais ninguém, apenas de Elenot.

Vivia na vã esperança de fugirmos juntos, para nunca mais voltarmos. Sempre que surgia uma oportunidade, tocava nesse assunto. Elenot dizia que encontraria uma maneira, pedia que eu não me preocupasse em demasia. Jamais me deixaria casar com aquele velho, nem que para isso tivesse que matá-lo.

Naquela tarde, após nos amarmos por infindáveis horas, ele disse o que eu tanto queria ouvir. Não sei como ele conseguiu, mas havia arrumado um emprego numa embarcação que nos levaria embora do Egito. Eu fiquei tão eufórica com a notícia, que o sufoquei de beijos e abraços asfixiantes.

Combinamos a fuga. Encontraríamos-nos naquele mesmo lugar, no dia seguinte, assim que o sol despontasse no horizonte. Eu não deveria levar nada além do necessário.

Após essa notícia para lá de inquietante, voltei para casa e não consegui esconder o sorriso de alegria que tomava conta de todo o meu ser. Eu iria embora, fugiria com o grande e único amor da minha vida.

Eu não sabia que minha irmã havia me seguido naquela tarde. Nunca imaginei que ela contaria ao meu pai e ao meu futuro marido. Fui traída pelo sangue do meu sangue.

Não percebi nada de estranho naquela noite. Sentei-me para jantar e fitei minha mãe demoradamente. Eu sentiria muito a falta dela, mas se quisesse ser feliz, era preciso abandonar tudo, sem olhar para trás.

Minha mãe sustentava um olhar distante, sombrio, triste. Ou seja, estava praticamente em seu estado normal. Acredito que ela sabia o que estava para acontecer e não me alertou, é uma certeza que pulsa até hoje. Mas também entendo que meu pai a mataria se me contasse.

Pensando melhor sobre isso, acho que ela tentou avisar. Mas eu estava tão feliz com a tarde que tive, tão absorta com a fuga do dia seguinte, que o aviso passou batido.

Fingi dormir. Quando todos já estavam recolhidos, me esgueirei pelo aposento e saí furtivamente. Eu havia deixado um saco de pano com meus pertences do lado de fora da casa. Olhei para o céu, tentando me localizar. De acordo com a posição da lua e das estrelas, ainda faltavam três horas para o nascer do sol. Eu não poderia esperar, a ansiedade me venceu e saí correndo em busca do meu destino, na calada da noite.

Cheguei ao local marcado e esperei. Fazia planos para o futuro, numa alegria incontida. Lembro que eu sorria sem parar e meu maxilar já dava sinais de câimbras.

As horas se arrastaram e quando dei por mim, o sol despontou no horizonte e o Egito acordou. Onde estaria Elenot afinal? Teria desistido da fuga? Renunciado a nós, ao nosso amor?

Senti um calafrio percorrer a espinha. Um medo incontável se apoderou de todo o meu corpo, emitindo espasmos que me faziam estremecer. Eu não poderia recuar agora, minha família deveria estar de pé e era bem provável que já soubessem da minha fuga. Oh, Amon-Rá, o que seria de mim?

Não, eu custava a acreditar que Elenot tivesse me abandonado a própria sorte.

Algo deveria ter acontecido, impossibilitando a nossa fuga. Mexi em meus pertences e encontrei o que procurava. Era o papiro que me tiraria do Egito. Se ele não chegasse até o sol atingir o alto do céu, eu iria embora sozinha. Voltar para aquela vida, nem pensar!

Ouvi um barulho às minhas costas. Girei sobre a sandália de tiras e vi um bando de homens se aproximar, montados em camelos. O sol me impedia de distinguir as figuras que me encurralavam na beira do Nilo. Correr? Mas para onde? O que eu deveria fazer?

Vi quando meu pai desmontou do camelo. Gelei quando o sacerdote, o homem para quem eu havia sido prometida, desmontou logo atrás. E então, meu grito de horror deve ter ecoado por todo o continente. Caí prostrada, de joelhos, trêmula perante a visão do inferno.

Os olhos violeta de Elenot me encaravam, havia pavor em sua face congelada. O

homem com quem eu deveria me casar aproximou-se. Jogou a cabeça sem vida de Elenot na minha direção. Ela rolou até estacar a minha frente.

Senti a bile subindo pela garganta. Lágrimas vertiam da minha face chocada. Meu coração parou de bater naquele instante e o ar queimava a cada respiração. Como eles puderam, como descobriram?

Ouvi os gritos do meu pai chacoalharem a minha alma. Ele dizia que minha irmã havia lhes contado que eu era impura e não merecia viver. Como ela teve a coragem de me entregar dessa forma? Ela sabia que a sentença era a morte em casos como esse!

Ajoelhada perante o sacerdote, olhei para ele em súplica. Eu não queria clemência, muito pelo contrário. Eu jamais conseguiria viver sem Elenot, isso seria impensável.

Aquele homem, vestindo uma túnica adornada em ouro, atendeu ao meu clamor silencioso. Retirou a espada do coldre, brandindo-a ferozmente, gritando palavras que não processei. A lâmina rasgou o ar de cima para baixo, selando o meu destino.

Minha cabeça rolou e foi parar ao lado de Elenot. Nos meus últimos dez segundos de vida antes do cérebro desligar, a imagem do amor da minha vida ficou gravada em minha retina.

Capítulo 4

Estaciono no meio fio, a uma quadra do restaurante Amelie. No centro da cidade, as ruas são estreitas e as vagas escassas a qualquer hora do dia.

Caminho apressada, ajeitando uma mecha de cabelo dourado que teima em não ficar presa ao coque. Prendo o grampo com mais força do que deveria, soltando um *ai* ao raspar meu couro cabeludo.

A garoa ainda cai, tão fina que mal sinto os pingos sobre a pele. Desvio de uma poça d'água e ouço o miado choroso de um gato, ao longe.

É sábado à noite e o movimento é grande na rua principal. Os bares e restaurantes estão lotados de jovens acadêmicos e professores que discursam sobre a vida e nosso papel no universo. Apesar de Vila Rica ser uma cidade pequena, possui uma universidade bem concorrida por ser uma das melhores do país nos cursos de História, Filosofia e Letras. Se tivessem um curso de Artes Plásticas, é bem provável que eu o tivesse cursado.

Abro a porta do Amelie e uma sineta avisa da minha chegada. A casa está cheia, como todas as noites de sábado. O burburinho agitado toma conta do salão, enchendo de vida as mesas ladeadas por sofás de dois lugares.

Dou uma sacudida no casaco a caminho da cozinha. Penduro-o no cabide destinado aos funcionários e visto o avental branco, com o novo logotipo que desenhei para o restaurante da minha avó.

Uma pessoa de fora diria que a cozinha do Amelie está um caos. Mas sei que não é o caso. O que parece um caos, na verdade, é uma das cozinhas mais funcionais que já conheci.

Vovó acena antes de flambar a carne que está na frigideira. Aproximo-me esbaforida, respirando fundo e lhe dando um beijo estalado na bochecha.

– Oi, vó, desculpe o atraso.

– O que aconteceu com você?

– Acabei cochilando no ateliê e perdi a hora. – puxo um novo pedido que chega pelo terminal. – Costela ao molho *barbecue* e batata *sauté!* – grito e alguém repete o que eu disse em voz alta.

– Costela ao molho *barbecue* e batata *sauté*. Entendido!

Vovó começa a decorar o prato e pego outro pedido que chega pelo terminal.

Encara-me com olhos tristes e pergunto o que foi.

– Achei que tivesse aceitado o convite da Maisa. – ela pega um punhado de cebolinhas e joga por cima da carne.

– *Filet mignon* bem passado com molho de ervas e risoto de parmesão! – leio em voz alta o pedido que tenho em mãos, outra pessoa o repete em voz alta. – Eu não estava afim, vó. E hoje é sábado, a casa está cheia, sei que precisa da minha ajuda.

– Lise, eu não vou viver para sempre, minha filha. Queria tanto que você saísse com pessoas da sua idade, que vivesse, que experimentasse, que errasse de vez em quando. –

vovó sacode a cabeça, em negativa.

– Eu estou bem assim. – puxo um novo pedido do terminal. – *Spaghetti* ao molho quatro queijos e *filet* com fritas! – minha avó termina a decoração do prato e eu mesma o coloco sobre o balcão, batendo a mão na sineta em seguida. – Não se preocupe comigo, vó, estou bem, de verdade. Nunca fui tão feliz em toda a minha vida.

– Queria tanto que arrumasse um namorado, alguém bacana, que fizesse você feliz.

– ela toca em meu rosto, suavemente.

– Quem sabe um dia. – finjo um sorriso, mas não consigo enganá-la.

Quando percebo, três novos pedidos foram cuspidos pelo terminal. Olho para minha avó e faço cara de quem não pode conversar agora. Ela revira os olhos e meneia a cabeça, voltando para o fogão.

∞∞∞∞

A noite voou como um raio. Meus pés doem, estou suada, cheirando a cebola e costela defumada. Tiro o avental e o jogo, displicentemente, dentro do cesto destinado aos aventais usados.

Com sessenta e seis anos, não sei como minha avó aguenta o tranco. Ela passa a noite toda de pé, naquela cozinha que é um forno e nem assim se deixa esmorecer. Sempre há um sorriso no rosto dela, como se não existisse outra expressão no mundo. Bem, é assim na maior parte do tempo.

O último cliente acaba de sair. Vovó se junta a Luiza e as duas começam a fechar o caixa. Pelo que pude ver, o serviço de hoje rendeu um bocado. E a sobremesa que criei teve ótima saída.

Adoro inventar pratos e quando o resultado é excepcional, minha avó coloca no cardápio. O que fiz foi modificar a famosa banana flambada com sorvete de creme. Incluí na receita original um crocante feito de castanhas do Pará trituradas a grosso modo, açúcar, mel e canela em pó. Para acompanhar, acrescentei geleia de pimentas vermelhas, num contraste perfeito. O resultado foi um manjar dos deuses. E pelos elogios dos clientes, acertei em cheio.

Luiza se despede e é a última da equipe a ir embora. Apago as velas dos candelabros sobre o balcão de bebidas e minha avó baixa as persianas, girando a placa que indica que estamos fechados.

A garoa continua. Passa das duas da manhã. Vovó tranca o restaurante e caminhamos, abraçadas, até o seu carro do outro lado da rua.

– Sua sobremesa foi um tremendo sucesso. – vovó sorri numa alegria só dela, abrindo a porta do carro.

– E não foi?

– Já sei quem irá me substituir um dia. – encara-me com olhos sonhadores.

- Você é insubstituível, dona Amelie. – digo, beijando-lhe a face.
- Ninguém é insubstituível. – vovó franze o cenho. – Onde está o seu carro?
- Logo ali. – aponto para o Jeep camuflado, solitário.
- Vá devagar. Com essa chuva, os paralelepípedos viram um sabão.
- Pode deixar, vó. Até daqui a pouco.
- Até, querida.

Quando minha avó arranca com o Opala preto, caminho apressada em direção ao Jeep. O som dos meus passos ecoam pela rua principal. É então que, chegando mais perto, percebo o pneu da frente totalmente murcho. Droga! Chuto a lataria com raiva. Odeio trocar pneu, com todas as minhas forças!

Jogo a bolsa e o casaco sobre o banco do carona. Respiro fundo e conto até dez, abrindo o porta-malas para pegar o macaco e a chave de roda. Destravo o pneu sobressalente e o peso do mesmo me faz cambaleiar. Conto até dez mais uma vez. Se alguém pudesse me ver agora, diria que minhas bochechas estão vermelhas de raiva.

Encaixo o macaco próximo à porta dianteira e faço pressão com o pé. O Jeep sobe a certa altura, tirando o pneu dianteiro do chão. Ajoelho-me xingando baixo, molhando minha melhor calça jeans. Giro a chave de roda e é preciso muita força. Vejo os dedos ficando esbranquiçados e amanhã é provável que eu acorde com calos nas mãos. Algumas pessoas estão saindo dos restaurantes e bares e ninguém parece ter notado que preciso de ajuda. Droga de novo!

É então que ouço uma sirene, apenas um toque. Tenho que colocar o braço sobre os olhos, o farol do carro de polícia me cega por alguns instantes, fazendo com que eu veja estrelinhas multicoloridas.

Alguém desce da viatura, não faço ideia de quem se trata.

– Precisa de ajuda? – a voz masculina e grave pergunta.

– Se você puder, eu agradeço. – levanto-me, limpando as mãos na calça.

– Você é a Elise, certo? Neta da Amelie?

– Isso. E você?

– Lucas Peixoto, subdelegado de Vila Rica. – ele me estende a mão e o cumprimento é forte e preciso. Não consigo enxergá-lo direito através da chuva e da névoa que começa a se formar. – Já vi você por aí, mas ainda não tivemos chance de nos conhecermos.

– Eu não saio muito. – explico, tremendo de frio.

– Soube que é uma artista, não deveria trocar pneus, pode machucar suas mãos. –

pega a chave de roda da minha mão e solta o pneu com tanta facilidade que não me contenho e falo um palavrão. O subdelegado solta uma gargalhada no ar.

– Você faz isso com uma facilidade que me dá nos nervos. – abraço meu corpo, tentando espantar o frio.

Ele termina o trabalho em menos de cinco minutos. Suspiro alto, sabendo que eu demoraria uma meia hora a mais.

– Foi um baita parafuso, está vendo? – ele aponta o local e meneio a cabeça, afirmativamente. O subdelegado leva o pneu para o portamalas e o tranca. – Tem uma borracharia na rua D, logo no começo. O cara é meu amigo, pode confiar. Vinte minutos e estará pronto para outra.

– Nem sei como agradecer pela ajuda, subdelegado.

– Me chame de Lucas.

– Certo. – ensaio um sorriso. O frio é cortante e eu até gostaria de estender o papo, mas meu corpo está congelado e os dentes batem uns contra os outros. Vila Rica fica nas montanhas e as noites de inverno são supergeladas. Nesse momento, meu celular toca.

Vovó está preocupada do outro lado da linha e explico a situação. Ela fica mais tranquila quando menciono o nome do subdelegado e só assim resolve relaxar e desligar o telefone.

– Posso acompanhá-la até sua casa? Já passa das duas e meia da madrugada. –

Lucas verifica o relógio de pulso.

– Ah, não tem necessidade. – minhas palavras voam entre névoas.

– Eu faço questão. Amelie gostaria disso.

– Bom, se insiste. – uma escolta não é de todo mal.

Ao entrar no Jeep, visto o casaco e ajusto o aquecedor ao máximo. Ligo o rádio e *Flying to the Moon* começa a tocar, quebrando o silêncio da madrugada.

Sigo na frente, com o carro de polícia logo atrás. Poucas pessoas circulam a essa hora e menos de quinze minutos depois, estou embicando o carro na garagem, ao lado do Opala preto da minha avó. Já disse que ela deveria se desfazer desse carro, mas não há quem a convença. “É uma relíquia que me lembra do seu avô e das viagens que fizemos”, diz ela. Eu não me recordo do meu avô, ele morreu quando eu tinha três anos. Mas as fotos espalhadas pela casa me dizem que ele deve ter sido uma pessoa especial. Assim como a vovó, em todas as fotos meu avô tem sempre um baita sorriso no rosto. Acho que a vida deles era feliz.

Capítulo 5

Acordo com uma dor de cabeça de lascar e o nariz fungando. A garoa que tomei ontem mais o frio cortante da madrugada me deixaram doente. Acho que estou com febre.

Quando chego à cozinha para o café da manhã, vovó tira a minha temperatura. Trinta e oito e meio. Ela remexe na caixa de remédios e pega algo para cortar a febre. Eu tomo num gole só.

– Vi da janela do meu quarto que você foi escoltada pela polícia ontem à noite. – há um sorriso maroto nos lábios dela.

– Pois é, o subdelegado fez questão de me acompanhar. – assopro a xícara de chá fumegante que está a minha frente.

– Ele é um gato, o subdelegado. – minha avó está tramando alguma, posso sentir. –

As meninas caem por ele, sabe?

– Sério, vó? Estava escuro e eu nem percebi. – dou uma de desentendida. Na verdade, nem reparei direito no subdelegado.

– Ele deve ser uns três anos mais velho do que você. Vocês conversaram?

– Olhe, sei o que está tentando fazer. – pouse a xícara no pires com mais força do que gostaria. – Vó, não estou nem um pouco interessada em relacionamentos. Do jeito que está, para mim está perfeito.

– Duvido. Ficar sozinha é muito ruim. – ela cruza os braços à frente do corpo.

– Não é não. – pego um pedaço de pão recheado com calabresa. É uma das especialidades da vovó. – Eu estou bem, de verdade. E

quando eu não estiver, você será a primeira a saber. Portanto, vamos parar com esse assunto por aqui.

Minha avó resmunga algo e se dá por vencida.

∞∞∞∞

Estou na cama, coberta até o pescoço por um cobertor macio que cheira a flores na época da primavera. Minha avó entra no quarto e eu a observo. Traz uma bandeja e pelo aroma já sei que se trata de uma canja. As sopas da vovó podem levantar um defunto.

Enquanto arruma um lugar na escrivaninha para que eu possa almoçar, noto o quanto envelheceu nos últimos tempos. Seus cabelos grisalhos batem na altura da nuca, caindo em pequenos cachos. Suas rugas foram entalhadas, profundamente, em sessenta e seis anos de vida. As mais aparentes estão em torno da boca, o que revela uma mulher que sorri demais.

Suas mãos estão salpicadas de manchas escuras, devido a passagem do tempo.

Posso notar uma artrite bem desenvolvida nos dedos da mão direita. Ela está usando uma calça de alfaiataria marrom e um suéter *nude*, com um cachecol xadrez no pescoço.

Seus olhos lembram os meus, azuis profundos com rajadas douradas. Mas há uma diferença gritante: enquanto os meus são opacos, os dela são brilhantes, transbordam vida e alegria.

– Vai para o restaurante? – pergunto, me sentindo mais bem disposta.

– Vou até a farmácia buscar um antitérmico, nosso estoque acabou. Luiza disse que pode cuidar do restaurante até à noite.

– Vó, eu estou melhor.

– Eu sei, querida. Ainda assim, prefiro ficar por perto.

Depois do almoço e de uma zapeada na televisão, acabo adormecendo. E como sempre acontece, sonho com uma de minhas vidas passadas. Dessa vez, é a terceira vida na Terra...

Eu vivia na África, mas não sei precisar o ano. Não me lembro dessa vida em sua completude, todas as minhas memórias são levemente embaçadas, protegidas por uma espécie de véu. Com exceção daquele dia. Ah, eu me lembro de tudo, nos mínimos detalhes.

Recordo-me que eu tinha a pele bem morena, era alta, com cabelos cacheados que caíam até os ombros. Meus olhos eram verdes, translúcidos, uma verdadeira aberração naquela aldeia. As mulheres não gostavam de mim, já os homens me olhavam com cobiça.

Meu companheiro estava caçando e eu trabalhava em uma cesta, tramando os fios de forma que o objeto pudesse ser utilizado para transportar frutas e legumes. Esse era o meu ofício, algo que amava fazer.

Quando não estava trabalhando com cestaria, gostava de ajudar na cozinha comunitária. Eu era muito boa nisso e criativa também. A floresta fornecia muitas opções de temperos e eu tinha o dom de combinar ingredientes com perfeição.

Quando a chuva começou a cair, senti um forte ímpeto de me embrenhar no meio da mata, sentir o cheiro de vida exalando da floresta. Deixei o cesto inacabado sobre um balcão tosco de madeira e, com os pés descalços, segui pela trilha aberta há poucos dias.

Eu andava preguiçosamente, bailando por entre árvores e plantas rasteiras. A chuva caía fininha sobre o meu rosto e lembro que fechei os olhos e abri os braços, deixando que a garoa morna lavasse a minha pele.

Abracei o tronco da minha árvore preferida e juro que pude ouvir a vida pulsando lá dentro. Não sei por quanto tempo fiquei ali, apenas existindo. Foi então que senti um toque sobre o meu ombro direito e sorri, ainda com os olhos fechados.

Os relacionamentos dentro da aldeia eram simples e ao mesmo tempo complicados.

Eu não pude escolher o meu companheiro, ele escolheu a mim. Meu coração não tinha outro dono a não ser o irmão mais novo dele, o lindo garoto de pele morena e olhos violáceos. Há algum tempo nos encontrávamos às escondidas, no meio da floresta. Hoje, foi por acaso. Eu não tinha combinado nada, ele apenas me viu sair pela trilha e acabou por me seguir.

Esses momentos eram raros, mas o mundo parecia completo quando estávamos juntos. Tínhamos pouco tempo até os caçadores voltarem. Ele me agarrou ali mesmo, pressionando meu corpo contra o tronco da árvore. Gotas de chuva caíam sobre nós, deixando nossas peles escorregadias.

O que era aquele beijo? Um pedaço do céu, momentos num paraíso cantado pelas anciãs em noites de lua cheia. Eu não conhecia a palavra amor e, mesmo que conhecesse seu significado, não faria jus ao que eu sentia. Era algo maior, muito além do imaginável.

Na presença daquele homem eu pensava que nada poderia nos atingir. Juntos, éramos invencíveis, com o poder sobre a vida e a morte. Eu realmente acreditava nisso e torcia pelo dia em que pudéssemos viver esse amor, sem barreiras ou julgamentos.

Após um último beijo, ele se despediu e girou nos calcanhares, sorrindo. Segundos depois, uma flecha rasgou o ar e encontrou o meio do peito de Gyasi. Engoli um grito de horror e recostei no tronco, tremendo da cabeça aos pés. Meu companheiro havia matado o próprio irmão e pelo seu olhar de fúria, eu seria a próxima.

Disparei floresta adentro, levantando água conforme pisava nas poças de lama. O

homem que me perseguia gritava improperios, em palavras de hoje, me chamava de vagabunda.

Um galho rasgou o meu rosto, empapando as vestes de sangue. Nem assim parei de correr. Ele estava perigosamente próximo, tanto que chegou a apanhar o meu vestido. O

tecido se rasgou e eu consegui me desvencilhar.

O pânico e a adrenalina se mesclavam em minhas veias, sempre que rememoro aqueles momentos de horror, sinto-me enjoar.

A trilha estava mais fechada e eu adentrei mesmo assim. Os pés deslizavam no chão lamacento e numa curva, perdi o equilíbrio, dando com a cara no chão. Senti o sangue escorrer pelo nariz e quando me virei, a flecha já estava apontada para o meu coração.

Tum, tum, tum, tum... eu o ouvia gritar dentro do peito. Não fechei os olhos. A flecha continuava apontada para o meu coração, os olhos do meu companheiro dentro dos meus.

Tum, tum, tum, tum...

Em sua face, a expressão era perturbada. Havia uma interrogação, meu companheiro não conseguia processar a traição. Ele me amava mais do que ao próprio irmão. Aproveitei esse momento de dúvida e recomecei a fuga. Não fui muito longe.

Ouvi o barulho do ar rasgando atrás de mim. Vi quando a flecha transpassou o meu corpo, sua ponta mortal saindo pela minha barriga. Não tive tempo de me virar. Meu corpo tombou ali mesmo, sem vida.

Capítulo 6

Estou molhada de suor. Acordo assustada e vejo minha avó sair das sombras. Ela toca a minha testa e resolve medir a temperatura novamente.

– Pesadelos? – ela pergunta, com uma tranquilidade que me acalma.

– Como sempre. – enxugo o suor da testa com o dorso da mão trêmula.

– Sabe, não acho terapia de todo o mal, você deveria tentar novamente. Poderia se livrar desses pesadelos, querida. – vovó zera o termômetro e levanta minha camiseta.

– Eu precisava de um hipnotista, alguém capaz de me fazer esquecer.

– Como pode ter certeza de que essas memórias são suas? Como sabe se realmente viveu aquelas sete vidas, no corpo daquelas mulheres?

– Eu sei, é o que basta. – o termômetro gelado faz o corpo todo arrepiar.

– Lise, se realmente for verdade, o seu passado está atrapalhando sua vida presente e reescrevendo um futuro que deveria ser brilhante e muito feliz. Você é linda, inteligente, amorosa... deveria ter uma boa vida.

– Eu devo ter feito algo de muito errado, vó. Acho que a vida não tolera a traição e eu a cometi em pelo menos cinco vidas.

– Não acho que seja isso. – ela tira o termômetro e verifica a temperatura. – Vou pegar o antitérmico e um copo d'água. Por que não toma um banho? Vai ajudar a baixar a febre.

Expiro alto e pesadamente.

– Está bem. – minha avó já caminha para a porta do quarto quando pergunto – Não vai ao restaurante hoje?

– Hoje não, os clientes podem sobreviver sem mim.

Os clientes, acredito que sim. Já eu, não sei se sobreviveria sem minha avó Amelie por perto. Fico triste em pensar que o tempo dela está se esgotando. “Já passei da curva”, ela mesma brinca.

Faço força para sair da cama, praticamente rastejando. O colchão de molas chia e a temperatura do quarto parece ter caído abaixo de zero. Debaixo do cobertor estava tão melhor!

Cambaleante e febril, caminho para o banheiro, tropeçando no revestimento repleto de exemplares antigos que ensinam marchetaria e pintura *country*. Ligo o chuveiro e espero o vapor quente quebrar o gelo e embaçar o espelho. Enquanto isso, dou uma boa olhada na minha aparência doente.

Os cabelos dourados, na altura do ombro, estão despenteados e repletos de nós nas pontas. O loiro natural está escondido entre mechas mais escuras que fiz há quatro semanas.

Enquanto a maioria das mulheres tenta ser loira, eu prefiro um tom mais escuro. Meus olhos azuis estão com uma coloração estranha hoje. Imagino que seja reflexo das bolsas arroxeadas que deixam meu olhar lá no fundo, pequenino. Estou um trapo.

Minhas bochechas estão rosadas, imagino que por efeito da febre. Faço um coque alto, prendendo os cabelos com um elástico. Ainda fungando, não tiro os olhos do meu reflexo.

De todas as sete vidas, de todas as sete mulheres que fui, acho que este é o corpo mais bonito que já habitei. Gosto das minhas sobancelhas douradas, bem desenhadas.

Curto meus lábios em formato de coração, levemente rosáceos. Adoro a cor dos meus olhos e os cílios longos que o emolduram. Acho bacana meu corpo enxuto, com curvas acentuadas e músculos do braço bem definidos, apesar de não praticar esportes. Gosto até dos pontinhos mais escuros que cobrem o meu colo e ombros.

Quando o espelho começa a embaçar, entro no chuveiro. O corpo treme e sinto a água quente pinicar a pele, até que me acostumo com a temperatura. Ainda estou com o pesadelo na cabeça, não é fácil desvencilhar-me do passado. Eu queria poder esquecer, viver sem medo.

Das vidas passadas, eu me lembro de alguns *flashes* no geral. Onde eu vivia, como me chamava, o que eu gostava de fazer. Também reconheço palavras e posso dizer frases inteiras em línguas que nunca estudei. Mas as memórias vívidas e marcantes estão relacionadas com momentos que precederam as minhas mortes. Eu me lembro dos mínimos detalhes: cheiros, sons, pensamentos, sentimentos. Eu era... eu era não, eu sou cada uma daquelas mulheres. Estive na pele delas quando a vida lhes foi ceifada, quando o amor lhes foi negado.

Não tenho lembranças anteriores à primeira vida na Terra e não imagino o que acontece após a morte. Por mais que eu me esforce, essas memórias não estão disponíveis para mim. E até esta vida como Elise, aparentemente, nunca havia me lembrado de vidas passadas. Por que agora? Será carma? Uma chance de redenção? Tantas são as perguntas e nunca encontrei alguém que pudesse efetivamente respondê-las, que me presenteasse com as respostas corretas.

∞∞∞∞

O dia surge cinzento no céu de Vila Rica. A febre já era e me sinto muito melhor. A sensação de corpo moído passou e estou doida para terminar a caixinha de bijuterias que deixei inacabada.

Minha avó não está em casa. Deixou um bilhete na porta da geladeira, avisando que não voltaria para o almoço. Há um vazamento de gás no restaurante e ela ficará presa por lá até resolverem o problema.

O Amelie não abre às segundas-feiras. Por isso, essa noite, estarei livre de qualquer compromisso. Bato uma vitamina com leite, banana, Nescau e açúcar. Viro numa golada só e vou para o ateliê.

O craquelado da caixa ficou lindo, com veios abertos e bem desenhados. Estou passando uma demão de verniz quando o telefone toca. Atendo de imediato.

– Lise?

– Oi, Maisa.

– Encontrei com a sua avó na farmácia ontem, ela me disse que você estava doente.

Melhorou? – ouço a respiração dela, aguardando minha resposta.

– Estou melhor sim. – afirmo, depositando o pincel sobre um pano.

– Escute, hoje é aniversário do meu irmão e vamos nos reunir lá no Vila Milionária.

O que acha? Vamos?

– Ah, Maisa, não estou a fim de sair hoje. Tenho muito trabalho.

– Poxa, Lise, você nunca aceita meus convites! Quer saber? Não vou desistir, garota. Vou aporrinhar até você dizer chega. Não tem escapatória, em algum momento vai ter que aceitar um convite.

– Admiro sua perseverança e paciência. – deixo uma risada preguiçosa escapar.

– Vamos, Lise, por favor? Olhe, o bar vai ser fechado só para os amigos do meu irmão... você o conhece, não é?

– Nem sabia que você tinha um irmão. – Maisa é um pouco mais nova do que eu e mora com os pais na mesma rua da minha avó. Nos conhecemos logo que mudei para Vila Rica e, por termos quase a mesma idade, vovó tratou logo de nos apresentar.

– Ah, ele estava fazendo um curso fora, voltou para a cidade faz uns três meses.

Agora ele está morando no centro, naquele prédio baixo, o azul, sabe?

Claro que eu sei, afinal, só existem dois prédios em Vila Rica. O azul, no centro e o amarelo, na entrada da cidade.

– Maisa, eu... – ela não me deixa terminar.

– Lise, sem desculpas. Dessa vez você não vai escapar. Passo para pegá-la às oito da noite.

– Mas, Maisa... – tum, tum, tum... ela desliga o telefone sem se despedir.

∞∞∞∞

Já estou vestida para a tal balada no Vila Milionária. Uso um vestido envelope preto, na altura dos joelhos, de um veludo cotelê bem quentinho. Por cima, um sobretudo de lã colorido, predominantemente azul e verde, feito pela minha avó. O par de botas, em couro preto, deixa apenas parte das minhas pernas à mostra. Guardo o celular e a carteira em uma bolsa de mão que eu mesma confeccionei, com tecido de *lycra*. A técnica se chama amarradinho. As alças são prateadas e o fecho é de pressão. Escolho um colar de prata, cheio de voltas e correntes de diferentes tamanhos e elos, que comprei na Vinte e Cinco de Março.

Para artistas como eu, a Vinte e Cinco de Março é o pote de ouro no fim do arco-íris. Lá encontro tudo o que preciso para executar meus trabalhos e também sempre arrumo um tempo para perscrutar as lojas de bijuterias. Aliás, isso me lembra de que preciso dar um pulo em São Paulo para repor os pincéis e algumas tintas. Talvez em outubro.

Não sou de usar maquiagem, mas hoje está impossível sair sem. Ainda estou com olheiras e só um bom corretivo vai cobrir o tom roxo debaixo dos olhos. Aproveito e passo um rímel preto, ressaltando ainda mais meus cílios compridos e curvilíneos. Não gosto de batom ou *gloss* e por esse motivo meus lábios irão ao natural.

A imagem que vejo no espelho de corpo inteiro faz com que eu suspire alto.

Sinto-me bonita e quase desejável. O encanto se quebra quando minha avó bate palmas, recostada no batente da porta do quarto. Ruborizo de imediato. Ela se aproxima e ajeita a gola do sobretudo, dando uma boa olhada em mim.

– Você está maravilhosa, querida.

– Obrigada, vó. – fito nossos reflexos no espelho.

– Não sabe como fico feliz por ter aceitado o convite da Maisa. – vovó coloca meus cabelos atrás das orelhas.

– Ela não me deu alternativas. – olho para a ponta das botas. – Você vai ficar bem sozinha? Eu posso ligar para a Maisa e... – é claro que minha avó não deixa que eu termine de falar.

– Nem pense nisso! Aliás, as meninas vêm para cá mais tarde. Vamos pedir pizza e jogar buraco.

– As meninas? – arqueio as sobrancelhas.

- A Mirtes, a Lorena e a Catarina.
 - Vai pedir pizza? – pergunto, descrente.
 - Ora essa, eu cozinho a semana toda, tenho direito a um dia de folga não?
 - Você odeia pizza.
 - Não odeio não, só acho que o Geraldo não capricha como deveria. Com um bom azeite de ervas, a pizza vai ficar boa. – ela bate em meus ombros, girando-me em seguida. –
- Ah, está tão linda a minha netinha. Vai arrasar corações, aposto!
- Deixe as apostas para o jogo de buraco, vó.

∞∞∞∞

O frio é congelante, tanto que ultrapassa as barreiras do tecido, chegando até os ossos. Maisa também está usando um vestido preto de mangas longas, num veludo brilhante a um palmo acima dos joelhos. Suas botas são de um vinho puxado para o marrom e o sobretudo é preto de *plush*. Grandes argolas douradas enfeitam as orelhas e o cabelo castanho está preso para trás, por uma tiara preta. Num dos dedos, ela sustenta um anel feito em metal e madeira, uma das minhas últimas criações.

Não consigo atender a demanda, todas as bijuterias que coloco a venda, tanto na loja de Mirtes quanto na internet, vendem como remédio para emagrecer. Ok, acabo de fazer uma piada, acho que estou de bom humor.

O Vila Milionária está atulhado de pessoas. Maisa me lança um olhar que grita

“pensei que estaria mais sossegado” e dou de ombros, não me importando. O mais difícil ela já havia conseguido: me tirar de casa.

Não perguntei quantos anos o irmão da Maisa está completando. Então, escolhi um presente que servirá para qualquer homem, de qualquer idade. É uma caixinha de marchetaria com mini ferramentas para ser deixada no porta-luvas do carro. Todo mundo precisa de uma dessas e eu mesma confeccionei. Fiz uma embalagem reciclada utilizando sobras de tecido e fechei com uma fita de cetim preta.

Entramos no bar e fomos vencendo os obstáculos, desviando de mesas, cadeiras, garçons e pessoas falantes. A atmosfera festiva me lembra dos tempos de faculdade, quando eu raramente aceitava um convite para uma balada. Maisa pega a minha mão e vamos entrando mais fundo no local. Não dá para enxergar muita coisa, só uma multidão de cabeças, cachecóis e copos de bebida.

É então que eu o vejo. Alto, cabelo castanho bagunçado com gel, barba divinamente feita, nariz pequeno e empinado, peito largo e braços fortes que saltam da camiseta preta justa ao corpo, e o sorriso... um sorriso branco que emoldura seu rosto com perfeição. Nem vou falar dos lábios ou me derreterei antes de sermos apresentados. Será que ele não está com frio? É óbvio que não, esse lugar está quente, escaldante.

Sigo Maisa até o bonitão recostado no bar. Só então a ficha cai e meus lábios se entreabrem, no susto.

Oh, meu Deus, é ele!

Capítulo 7

Tenho que me desculpar pelo final do capítulo anterior. Você deve ter pensado que se tratava do tal, do cara dos olhos cor de violeta. Não, definitivamente não é ele. Esse lindo ser tem os olhos amendoados mais bonitos que já vi.

Maisa nos apresenta e ele abre um sorriso gigantesco, puxando-me para um abraço, como qualquer homem com álcool nas veias costuma fazer. Sinto em seu hálito um aroma de cereais e quando o encaro, vejo que segura uma tulipa de cerveja numa das mãos.

– Parabéns, Lucas. – estendo o presente. – Eu não fazia ideia de que você era irmão da Maisa. – Maisa nos encara buscando uma explicação.

– Ajudei Lise com o pneu do Jeep. – ele elucida a situação para a irmã, desfazendo o laço de cetim. – Aposto que é alguma de suas artes. – ele mira meus olhos e eu meneio a cabeça, afirmativamente. – Uau! Que caixa linda! – ele exclama de forma tão inflamada, que sinto o rosto pegar fogo. – Foi você quem fez?

– Eu mesma. – tento encontrar um bolso para enfiar as mãos. Só então me dou conta de que não tenho bolsos para me esconder.

Apesar do barulho, dá para manter uma conversa sem precisar gritar. Lucas me agradece com um outro abraço e eu sinto, além do cheiro de álcool, um delicioso aroma de sândalo. Adoro homens que se perfumam com sândalo.

– Caramba, você é muito talentosa. Esse *kit* de ferramentas vai para o meu carro, não vou deixar na viatura da polícia.

– Você é quem sabe. – um sorriso escapa dos meus lábios, timidamente.

– Não sabia que era amiga da Maisa. – ele guarda a caixa e fecha o pacote com a fita.

– Nos conhecemos quando mudei para cá. Minha avó tratou logo de nos apresentar.

Coisas de dona Amelie.

– Sua avó é uma delícia de pessoa, Lise. Você tem muita sorte. – Lucas me lança um sorriso avassalador e eu estremeço.

– Pensei nisso hoje. – comento.

– E ela está bem?

– Tão bem que gosto de pensar que ela é imortal. – ah, como eu desejaria que isso fosse verdade.

– Isso seria ótimo! – Lucas se apoia no balcão, chamando o *barman*.

– O que querem beber?

– Cerveja para mim. E você, Lise? – Maisa pergunta.

– Pode ser. – aceito a sugestão, não que eu goste de cerveja.

Quando a noite entra com tudo, uma banda sobe ao palco e começa a tocar *The Doors*. Aliás, a primeira música que tocam é uma das minhas preferidas: *People are Strange*. Bem a minha cara, não?

Eu e Maisa estamos em uma mesa mais ao fundo, com duas garotas que só conheci hoje. Não sou boa com nomes e preciso ouvir mais de uma vez para decorar, ou seja, não me lembro o nome delas.

Lucas circula pelo bar, apertando mãos, beijando rostos, abraçando pessoas. Agora ele está jogando sinuca com alguns policiais que chegaram há pouco. Vez ou outra nossos olhares se encontram no meio da multidão e toda a vez que isso acontece, sinto um formigamento subir pelas pernas. Esse cara mexe comigo e eu até que gosto disso.

Maisa trabalha numa loja multimarcas, como gerente meio período, já que ainda faz faculdade. As meninas são atendentes da mesma loja e as três engatam numa conversa sobre a liquidação da semana que vem e o que cada uma já separou para si, com cinquenta por cento de desconto. Apesar de estar prestando atenção ao que

dizem, não consigo desviar o meu olhar que está fixo na mesa de sinuca. Maisa precisa me chamar duas vezes e só então me viro para encará-la.

– Vai querer alguma coisa? – ela pergunta.

– Do quê? – ok, acho que não estava prestando tanta atenção assim.

– Das roupas em liquidação! – Maisa solta uma gargalhada. – Terra chamando Lise, volte para nós, garota!

– Ai, desculpe. – reviro os olhos, levemente constrangida.

– Então, se quiser alguma coisa da promoção, passe lá na loja. Tem peças lindas e superbaratas.

– Ah, eu vou sim. Estou precisando de coisas novas no guarda-roupas.

∞∞∞∞

Muitas pessoas já estão deixando o bar. Ainda assim, a banda continua a tocar.

Agora, o repertório está repleto de músicas daquelas bem melosas em que casais dançam juntinhos entre as mesas.

Não percebo a aproximação dele. Quando dou por mim, sua mão está estendida em minha direção, convidando-me a dançar. Arfo, sentindo cristais de gelo tentando passar por entre as veias.

Maisa sorri em sinal de aprovação. Já as duas garotas, torcem o nariz. O que eu poderia fazer? Aceito o convite e deixo que ele me conduza entre as mesas, até um local mais tranquilo.

Lucas me puxa para mais perto e, então, dois para lá e dois para cá. Minha avó ficaria satisfeita com a cena, ou melhor, já estaria

planejando os bisnetos e tudo o mais.

– Desculpe, não pude dar a atenção que você merece. – ele diz ao pé do meu ouvido, arrancando arrepios dos meus braços.

– Ah, relaxa. Hoje é seu dia e todo o mundo parece querer uma lasquinha. Aliás, você tem muitos amigos. – eu me distancio dele o quanto posso.

– Cresci em Vila Rica, conheço todo mundo. Eu sabia que Amelie tinha uma neta, mas nunca a vi por aqui, nem nas férias.

– Eu devo ter vindo umas duas vezes. Quem me visitava era a vovó. Acho que minha mãe tinha medo que se eu viesse passar as férias, nunca mais voltaria para casa.

– Não foi o que fez agora, ao se mudar? – ele me puxa para mais perto.

– Pois é. Os temores da minha mãe se transformaram em realidade.

∞∞∞∞

Dançamos quatro músicas seguidas. Pergunto o que faz um subdelegado em Vila Rica e Lucas quer saber mais sobre o meu trabalho. Explico o básico e fico impressionada em saber que ele já tinha visto minhas telas em exposição na loja da Mirtes. Pergunta sobre uma pintura em particular, uma paisagem que vi numa de minhas vidas passadas.

Minto sobre isso, o que eu deveria dizer? “Ah, aquela pintura retrata a árvore do Sândalo e eu a desenhei de memória porque vivi na Índia na minha quarta vida e tirava da árvore óleos voláteis para a fabricação de perfumes e incensos que eu mesma confeccionava.” Eu não poderia falar sobre isso, nunca. Então respondo, dizendo que vi uma fotografia na internet e pintei a paisagem, retratando as folhas do sândalo que, aliás, é meu perfume preferido.

– Por acaso, você está usando um perfume a base de sândalo. –
revelo.

– Sério? – Lucas cheira o próprio punho. – Eu nem imaginava.

– O sândalo é originário da Índia e seus óleos são muito utilizados
em perfumaria.

Adoro o aroma.

– Bom saber que gosta do meu cheiro. – ele sorri e eu enfio o rosto
em seu ombro. –

Bom saber que é tímida também. Veja pelo lado bom, já sei algumas
coisas sobre você.

– Pois é. – digo, com a voz abafada pela camiseta preta de Lucas.

– Mudando de assunto, já arrumou o pneu do Jeep?

– Não tive tempo. – torno a encará-lo, provavelmente ruborizada. –
Amanhã, sem falta, darei um jeito nisso.

– Amanhã é a minha folga e se permitir, eu gostaria de acompanhá-
la.

– Ah, não precisa. Como você disse, é o seu dia de folga.

– Por isso mesmo. Tenho segundas intenções. – ele estreita os olhos
como se assim, pudesse enxergar dentro de mim. – Levamos o carro
para arrumar e depois eu provavelmente convidarei você para
almoçar. O que acha?

Fico sem ação, totalmente absorta dentro daqueles olhos
amendoados que brilham em excitação. Ele aguarda uma resposta,
ansioso ao que parece. O que eu devo dizer?

– Tudo bem, convite aceito. – o que foi que eu disse? Eu aceitei? E aquela história de passar despercebida, de me tornar alguém invisível? Onde estou com a minha maldita cabeça?

– Passo na sua avó amanhã, às onze. – ele me lança uma piscadela e eu apenas sorrio em resposta.

Nesse momento, a banda para de tocar e se despede de seu público.

Capítulo 8

Acordo cedo, apesar de ter ido dormir supertarde. Os pesadelos fazem parte da minha vida, como respirar ou comer. Mas hoje acordo bem, sem suor ou gritos.

Vovó está na cozinha, preparando ovos mexidos e o cheiro impregna a casa toda.

Ela me lança um sorriso complacente e não pergunta nada. Vejo embalagens de pizza num canto e o baralho em cima da mesa. Não só isso, há duas garrafas de vinho vazias próximas à lixeira. Tenho vontade de rir ao imaginar minha avó e suas três amigas meio alegriinhas.

– Você sabe que o subdelegado é irmão da Maisa, certo? – joga a conversa sobre a mesa.

– Claro que eu sei. Você não sabia? – minha avó se faz de desentendida.

– Não, vó, eu não sabia. – a encaro, mas ela foge do meu olhar.

– Nossa, que coisa! – vovó começa a picar salsinha e cebolinha sobre uma tábua de madeira.

– Por que não me disse? – meu tom é desafiador.

– Porque achei que soubesse, ora bolas. – ela dá de ombros e retira a frigideira do fogo, começando a preparação dos dois pratos. Vou até a geladeira e pego um suco de caixinha.

– Não quer saber nada? – pergunto, olhando-a de soslaio.

– Hum. E então, como foi a festa? Muita gente? – ela pergunta, como quem não está muito interessada. Sei que ela está doida para saber todos os detalhes e tenho vontade de gargalhar.

– Muita gente.

– E o Lucas? – vovó indaga, jogando a salsinha e a cebolinha sobre os ovos mexidos.

– Estava lá, obviamente.

O silêncio não dura muito tempo. Minha avó sacode a cabeça para os lados e joga as mãos para o céu, numa atitude tipicamente adolescente. Ela quer saber tudo, tudinho mesmo.

– Ora, Lise, conte logo vai, desembucha, minha filha! Vocês conversaram? Ah, ele não é lindo?

– Primeiro: sim, ele é lindo. Segundo: a festa estava ótima e superlotada. Terceiro: você estava tramando nas minhas costas.

– Eu, tramando? Ah, Lise, não é nada disso. Achei que se eu contasse sobre o Lucas, você acabaria desistindo de ir à festa.

– E por que eu faria isso? – meu tom sobe alguns decibéis.

– Porque você tem um *hobby* estranho, minha querida: afastar as pessoas.

– Hum, certo. – pego o meu prato e dou uma bela garfada.

– Mas me conte, vocês conversaram? Trocaram telefones, *facebook*, *twitter*?

– Vó! Está muito moderninha, não?

– Ah, querida, sabe que adoro uma novidade, uma tecnologia. Sou aquariana!

– Sei. Então, ele me convidou para almoçar hoje.

Minha avó engasga. Levanto-me e bato em suas costas, levemente. Ela sorve um gole do meu suco e recomeça a respirar.

– Como disse? Vocês vão sair? Isso é sério mesmo?

– É, vó. Vamos arrumar o pneu do Jeep e depois ele me convidou para almoçar.

– Ah, minha Nossa Senhora, minhas preces foram ouvidas! – vovó une as mãos na altura do peito, fazendo o sinal da cruz logo em seguida.

– Não é para tanto. – resmungo.

– Lise, já é um começo. E gosto tanto do Lucas, ele é tão lindo e gentil. É um garoto de ouro, sabe? E eu já disse que ele é lindo?

– Já, vó. – reviro os olhos, gargalhando a seguir.

– Deveria rir mais vezes, minha querida. Seu sorriso ilumina qualquer escuridão.

∞∞∞∞

Às onze em ponto, o subdelegado Lucas Peixoto estaciona o carro no meio fio. Já estou pronta, vestindo calça jeans, suéter cinza de gola *ruê* e botas pretas, tipo coturno.

Pego a bolsa de *patchwork* – lógico que eu mesma fiz – e saio de casa, trancando a porta da frente.

Minha avó foi para o restaurante dar um jeito nas coisas para o serviço. O Amelie não funciona no almoço, mesmo assim, a vovó precisa estar lá bem cedo, a fim de deixar tudo pronto até às sete da noite, horário em que o restaurante abre para o público.

Lucas está todo de preto: calça de sarja preta, blusão preto e tênis preto. O cabelo está levemente de lado, desconfio que haja gel ou pomada envolvendo os fios. Seus lábios desenham a linha de um sorriso e não consigo ver seus olhos amendoados, que estão escondidos atrás dos óculos escuros.

– Dormiu bem? – ele pergunta, vindo ao meu encontro.

– Superbem. – sinto um tremor violento na espinha ao me lembrar do pesadelo da noite anterior. Continuo estampando um sorriso no rosto. – Quer dirigir?

– Por que não?

Jogo as chaves do Jeep e Lucas pega o molho no ar.

Enquanto nos encaminhamos para a rua D, Lucas se impressiona com a minha coleção de MP3. Conversamos sobre bandas, estilos e assim como eu, ele prefere os clássicos do rock.

Enquanto o pneu do Jeep é arrumado, trocamos figurinhas sobre as bandas dos anos sessenta e setenta e descobrimos que nossos gostos são muito parecidos. Quando o borracheiro amigo de Lucas finalmente dá o ok, ele retoma o volante e seguimos para um charmoso restaurante, ao pé da montanha.

O Leão Montanhês é o típico restaurante para turistas, todo rústico e ladeado por lareiras. Gosto das cortinas, o lugar se parece com uma casa de bonecas.

A atmosfera aconchegante fica ainda mais encantadora quando o garçom acende três velas sobre o candelabro de níquel envelhecido, que está no centro da mesa redonda com lugar para quatro pessoas. Estou sentada de frente para Lucas que não tira o sorriso do rosto.

Ele escolhe um vinho tinto enquanto corro os olhos sobre o cardápio, tomando o cuidado de não pedir nada que deixe coisas verdes entre os dentes ou molho de tomate no suéter. Opto por uma lasanha aos quatro queijos, algo que me parece inofensivo. Ele gosta da minha escolha e pede o mesmo.

Conversar com Lucas é algo fácil e não há silêncio constrangedor em momento algum. A vida de um subdelegado de uma cidade pequena é extremamente interessante e muito hilária em alguns casos. Quanto mais ele conta, mais interessada nas histórias eu fico.

O vinho, a comida, a conversa, a companhia... tudo está tão perfeito que quase me esqueço da maldição, das tragédias que me seguem, vida após vida. A voz de Lucas entra como veludo, macio e quentinho, ressoando como se tudo pudesse ficar bem, como se eu finalmente tivesse direito a um final feliz.

Mas então, o celular dele vibra sobre a mesa, quase caindo no assoalho de tacos.

Estava bom demais para ser verdade.

Capítulo 9

Deixo Lucas próximo à rodovia. Um engavetamento envolvendo oito carros matou uma pessoa e feriu cinco. Sinto uma angústia dentro do peito, afinal, conheço a morte como ninguém.

Ele se despede com um beijo estalado em meu rosto. Sinto uma sensação estranha como se, por alguns segundos, meu corpo não tivesse peso algum. Trocamos números de celular e ele jura que me

ligará ainda hoje. Acredito que não, a coisa parece feia ali na estrada.

Lucas bate no capô do Jeep e caminha apressado, em direção ao acidente. Com um nó na garganta, fico ali parada, observando e pensando. Vejo quando ele chega ao local, conversa com outros policiais e com um cara do resgate. Acompanho quando uma mulher, aos prantos, se joga sobre ele, caindo ao chão logo em seguida. Algo me diz que ela conhece quem morreu.

A cena me deprime ao ponto de arrancar algumas lágrimas dos meus olhos. Enxugo o rosto com as costas da mão e acelero, fazendo a curva para voltar à cidade. Pelo espelho retrovisor, noto que Lucas observa enquanto vou embora, com a mulher pendurada em seu pescoço.

Não tenho medo da morte. Já sei que depois dela uma nova vida se abre, repleta de possibilidades. Essa é minha oitava reencarnação, minha oitava chance de consertar qualquer que tenha sido o meu erro.

Meu pai acredita que depois da morte, tudo acaba. Nunca perguntei, mas acho que ele é ateu. Já minha mãe tem uma outra ideia sobre a vida após a morte. Para ela, tudo depende de nossas ações. Se formos bons, iremos para o paraíso. Se ruins, o inferno estará a nossa espera.

Apesar de se dizer católica, vovó é das minhas, acredita em vida após a morte, carma e reencarnação. Faz tempo que não conversamos sobre isso. Olho para o céu e noto que nuvens escuras começam a se amontoar sobre Vila Rica. Ainda assim, acabo mudando de ideia e volto para o centro da cidade, pegando a ruazinha estreita de paralelepípedos que me levará direto para o Amelie.

Abro a porta do restaurante, que imediatamente anuncia a minha chegada. Odeio essa sineta sobre a porta, mas segundo a vovó, é

supercharmosa. Realmente, a sineta com uma estrela na ponta tem um charme peculiar.

Minha avó logo aparece, saindo pelas portas vai e vem da cozinha. Ela me lança um sorriso reconfortante e franze o cenho, perguntando por que cheguei tão cedo. Explico a situação na rodovia e ela faz o sinal da cruz, finalizando com um amém.

– Pelo menos conseguiram almoçar? – ela questiona, voltando para a cozinha.

– Conseguimos. – respondo, colocando um avental branco para ajudar. Na cozinha, dois ajudantes estão picando cebolas e temperos para o serviço da noite. Cumprimento ambos e sigo vovó até o estoque.

– E como foi? – ela não me olha, vai seguindo no modo automático.

– Foi ótimo.

– Verdade? – um sorriso gigante, cheio de dentes, surge naquele rosto angelical.

Finalmente ela me encara. – Ah, querida, eu fico tão feliz em ouvir isso.

– Pois é. Ele vai me ligar mais tarde. – suspiro.

– Adoro ouvir suspiros apaixonados!

– Não é um suspiro apaixonado! – retruco. – Vó, eu conheci o cara ontem!

– Não foi no dia do pneu furado? – suas sobrancelhas estão unidas, com a feição divertida.

– Aquele dia não valeu. Estava escuro e mal conversamos. – olho para o meu coturno.

– Que seja. – ela abre uma escada de três degraus e está prestes a subir quando eu a breco.

– Espere aí! O que quer? Deixe que eu pego. – tiro as mãos dela da escada e subo em seu lugar.

– Um pacote de farinha de trigo e um de gergelim branco. E olhe, eu não sou velha para subir alguns degraus, só para constar.

– Tudo bem, vó.

– Ah, tenho uma ótima novidade! – ela começa a dizer, segurando a escada para mim.

– O que é?

– Lembra daquela casa que eu tenho, lá no alto da montanha?

– Ao lado da universidade? Ou a outra, a do lago? – encontro a farinha, mas nada de gergelim.

– A do lago eu vendi há dois anos, não se lembra? Estou falando do chalé, aquele para onde você foge de vez em quando.

– Eu não fujo. – rebato. – O que tem o chalé? Vai vender também?

– Oh, não. Daquele chalé não me desfaço por nada neste mundo.

O tal chalé foi um presente do meu avô. Minha mãe conta que ele adorava passar os finais de semana ali, trabalhando no imenso jardim. Quando meu avô morreu, vovó demorou anos para alugá-lo. Infelizmente, os últimos inquilinos deixaram o lugar uma bagunça, a cozinha toda destruída. Dona Amelie quase teve um ataque do coração e por esse motivo, prometeu a si mesma nunca mais alugar para estudantes.

– Então, aluguei o chalé para um professor novo. Ele dará aulas na faculdade de Letras e nós fechamos negócio. Ele é escritor, sabe?

Romancista, se não me engano. Achei o moço um pão, Lise.

– Um pão, vó? Pão engorda!

– Engraçadinha... achou o gergelim?

– Não. Só a farinha. – passo o saco de um quilo para ela.

– Eu tinha certeza de que havia um pacote de gergelim aí em cima. Ah, deixe para lá, preciso mesmo ir ao mercado.

– Quer que eu vá? – ofereço, descendo os degraus.

– Se puder, agradeço, querida. Então, voltando a falar sobre o pão...

– Depois você me conta. – fecho a escada, colocando-a no canto. – Me dê a lista do mercado, está ameaçando chover.

∞∞∞∞

Alguém abre as torneiras do céu.

A tempestade cai sobre Vila Rica com direito a raios, trovões e muita ventania. Esse é um lugar estranho, que deixa qualquer meteorologista de cabelos em pé. Quando dizem que fará sol, chove. Quando dizem que o frio será cortante, faz calor. Ninguém mais dá crédito a esses profissionais, o clima por aqui é diferente de qualquer outro lugar do Brasil.

Eu diria inesperado.

Estou presa no mercado, aguardando a chuva passar. Penso em Lucas e no caos que deve ter se transformado o local do acidente. Essa tempestade escolheu um péssimo horário para cair. Preciso ligar para o Amelie e avisar que estou bem e vou demorar. Olho para o visor do celular, não há sinal. Espero que minha avó não fique preocupada.

Nesse momento, uma mão nodosa toca o meu ombro. Giro nos calcanhares e reconheço uma das amigas da vovó: Lorena.

Com os cabelos crespos desgrenhados pelo vento, Lorena dirige um imenso sorriso para mim. Suas rugas ficam mais delineadas ainda quando ela sorri. Preciso arquear as costas para cumprimentá-la com dois beijos na face. As pessoas de mais idade tendem a diminuir de tamanho.

– Ah, Lise, eu precisava tanto falar com você, minha filha. Pensei até em dar uma passada no Amelie hoje à noite.

– Sério, Lorena? Em que posso ajudar? – mostro-me prestativa.

– A universidade finalmente aprovou o projeto da Associação de Vila Rica. Sua avó deve ter comentado com você.

– Ah, sim, me lembro desse projeto. Ela dará aulas de culinária para o pessoal do Morro Baixo, não é? – vovó chegou a comentar sobre isso, alguns dias atrás.

– Isso mesmo. E eu ensinarei tricô e crochê. Gostaria muito de saber se você toparia ensinar artesanato e pintura em tecido. Se você aceitar, as aulas serão ministradas duas vezes por semana, no período da manhã. O que acha, Lise?

Essa proposta me pega totalmente desprevenida. Percebendo minha hesitação, Lorena faz questão de explicar todo o projeto, em detalhes. Mordo o lábio, mas continuo prestando atenção em suas palavras. Seria deselegante da minha parte deixar minha mente voar para outro lugar, certo?

Quando Lorena termina sua explanação, não tenho outra resposta a dar.

– Por mim, tudo bem. Quando o projeto começará?

– Daqui duas semanas. Montarei a grade horária para distribuir lá no Morro Baixo.

A universidade nos cedeu uma sala e uma cozinha. Os comerciantes vão colaborar com os materiais.

– Que ótimo. Tenho certeza que esse projeto dará supercerto. – a chuva pesada começa a dar lugar a uma garoa fina e o vento se transforma em brisa.

– Então, posso contar com você nesses dois dias?

– Pode contar sim, fico feliz em ajudar.

Capítulo 10

Pelo vidro externo do Amelie, noto que vovó está tensa, andando de um lado para outro. A sineta toca quando entro e ela solta o ar que estava preso nos pulmões. Pega as sacolas da minha mão enquanto tiro o casaco molhado. O suéter está úmido e preciso arrumar uma troca de roupa. Por sorte, sempre deixo uma roupa extra no escritório.

Conto que fiquei presa no mercado por causa da tempestade e também falo sobre o encontro com Lorena. Vovó fica surpresa por eu ter aceitado fazer parte do projeto. Bem, até eu fico surpresa comigo mesma. O lance de ser invisível começa a se desfazer bem diante das minhas ações nada convencionais.

Tenho vontade de ligar para Lucas, mas não o faço. Ao invés disso, ajudo vovó a guardar as compras e sigo para o escritório, com ela em minha cola, discursando sobre as maravilhas do projeto da Associação de Vila Rica.

– Ah, sua mãe ligou. Há quanto tempo você não liga para ela? – vovó se senta em uma cadeira de couro caramelo e coloca os óculos de leitura.

– Liguei na semana passada, não faz tanto tempo assim. – defendo-me, trocando o suéter cinza por uma malha fria marrom, de gola canoa e mangas compridas.

– Querida, não faça isso com sua mãe.

– Certo, vó, mais tarde eu ligo. – pego uma escova de cabelos na bolsa e sinto os nós úmidos se soltarem.

– Ah, o pão esteve aqui. – vovó diz, enquanto remexe em alguns papéis.

– O pão? – já tinha me esquecido completamente do assunto. – Que pão?

– O escritor que dará aulas na universidade. – ela me encara, ajeitando os óculos no rosto.

– Ah, o tal que alugou o chalé. – bato com a mão espalmada na testa.

– Esse mesmo. Veio pagar os três meses adiantados.

– Bacana, vó. Só espero que ele não destrua o chalé como os inquilinos anteriores.

– Ah, não creio. Ele é bem educado, morou em Nova York e parece ser um solitário, assim como você.

– Solitário como eu?

– Bem, você já não é assim tãããoooo solitária, certo? – vovó pisca e eu reviro os olhos.

∞∞∞∞

O serviço da noite está tranquilo. A casa não está cheia, mas também não está vazia.

Estou auxiliando a cozinha e o bar. Enquanto lavo algumas taças de vinho, vejo o padre da cidade e minha avó conversando em uma mesa de canto, com a luz bruxuleante das velas a dançar e emitir sombras nos quadros da parede.

Sempre sinto um arrepio estranho quando vejo padres, acredito se tratar de um trauma de infância, já que meu último contato com um sacerdote divino foi um tanto anormal.

Minha mãe estava certa de que eu havia sido possuída por uma força demoníaca, de que via imagens que estavam sendo inseridas em minha mente por algum encosto ou poder maquiavélico.

Fui levada a um padre exorcista, na certeza de que seria curada e que nunca mais veria o homem dos olhos cor de violeta e as trágicas mortes que o seguiam.

O padre, um sujeito alto, troncado, de feições duras e completamente grisalho, me olhou por alguns minutos. O ambiente era gélido e nada convidativo. O religioso tinha um terço em mãos. Examinou meu couro cabeludo, a pele, as unhas. Segurou minha cabeça entre as mãos rançosas e perscrutou dentro dos meus olhos, demoradamente. Eu tinha doze anos de idade.

Minha mãe estava sentada em uma poltrona, a uma distância segura. Eu estava sentada em uma cadeira enferrujada e me lembro do forte cheiro de mofo. A sala circular não possuía fonte de energia natural e acima da minha cabeça, uma luz amarelada emitia brilhos inconstantes no chão de cedro e nas paredes pintadas numa cor de sujeira velha. Eu estava apavorada.

Veza ou outra o tal padre falava consigo mesmo. Andava em volta da cadeira, me deixando zozona. Eu tentava controlar a respiração, cada vez mais escassa e rápida. A tensão no ar me esmagava, sentia um enorme peso querendo me prensar ao chão.

O padre então parou de rodar, ajoelhou-se à minha frente e fez o sinal da cruz. Em seguida, tocou a minha testa com o terço e nada aconteceu. O que ele esperava que ocorresse?

– Não é um caso de possessão. – o padre se dirigiu à minha mãe.

– E o que é então? – ela parecia inconformada.

– Não é possessão, é só o que posso dizer.

– O que eu devo fazer, padre Inácio?

– Deixe-me a sós com sua filha. – o sacerdote pediu.

– Como é? O que vai fazer?

– Júlia, pelo amor de Deus. Acha que farei algum mal à sua filha? – o tom dele beirava a incredulidade.

– Não, padre Inácio, é claro que não. – mamãe relaxou os ombros, levantando-se da poltrona em farrapos.

– Espere lá fora. – o padre apontou para a porta, com um meneio de cabeça.

– Mamãe estará bem ali, certo, Lise?

Não respondi, mas meus olhos gritavam para que ela não saísse, não me deixasse sozinha com o padre. Gotas de suor brotavam pelas minhas têmporas, caindo sobre os ombros. O lugar estava um forno, como a cozinha do Amelie.

Mamãe fingiu não notar o meu desespero e fechou a pesada porta atrás de si. A respiração tornou-se ainda mais ofegante e meus olhos não queriam nem piscar. O coração batia forte, num ritmo inconstante, quase alucinado. Minhas costas estavam molhadas de suor, assim como as palmas das minhas mãos. Tinha vontade de sair

correndo e só parar quando não houvesse mais forças para continuar.

O pároco se aproximou, arrastando uma cadeira, sentando-se à minha frente. Após algum tempo que não sei determinar, padre Inácio inclinou o corpo para a frente, encarando-me nos olhos.

– Você tem apenas doze anos e talvez não entenda o que vou lhe dizer. Peço que escute e guarde minhas palavras para quando for mais velha, mais madura. – ele fez uma pausa dramática. – Elise, apesar de ser um padre, tenho certas conexões com mundos que a maioria das pessoas desconhece.

“O que me foi falado, por seres mais evoluídos, é que você possui uma dívida, um pacto que foi selado há milênios atrás. A vida está lhe dando uma oportunidade, uma chance de redenção. É por isso que você se lembra de suas vidas passadas e do tal homem dos olhos cor de violeta.

“Eles pediram para eu lhe dizer uma coisa, uma mensagem muito importante que você não deve contar a mais ninguém – houve mais uma pausa melodramática e padre Inácio fechou os olhos, inspirando profundamente pelo nariz. Quando seus olhos se abriram, juntou as duas mãos, guardando o terço entre elas. Fixou bem o meu olhar e revelou, de forma serena: – Quando o momento chegar, proteja-o.

Capítulo 11

Lucas não ligou, mas enviou uma mensagem dizendo que, com a chuva, um novo acidente grave aconteceu às margens da cidade. Respondi com compreensão, deixando claro que ele poderia ligar a qualquer hora. Determinadas portas precisam ser deixadas abertas, coisa que minha avó sempre diz.

O dia nasce chuvoso, raios iluminam o horizonte e trovões reverberam no meu íntimo. Gosto de chuva, adoro tempestades. Os

extremos da natureza me fascinam tanto que estou com a janela aberta, sentindo o vento forte sacudir meus cabelos. Gotículas embrenham-se para dentro do quarto, caindo sobre meus pés descalços e também sobre o assoalho de tacos envernizados.

Vovó entra no quarto, ainda de pijamas, pantufas coloridas e um roupão felpudo que lhe dei em seu aniversário. Ela está se abraçando, gemendo para afastar o frio que entra junto com a chuva pela janela.

– Feche isso, Lise. Vai molhar todo o quarto.

Concordo, relutante. Fecho a janela e as cortinas, voltando para o computador.

Vovó se aproxima e toca o meu ombro, inclinando-se para ver os novos pedidos que chegaram do exterior.

– Uau, esse é um pedido grande. Vai dar conta de tudo isso?

– Acho que sim, as peças já estão preparadas, é só pintar, secar e envernizar. –

usando um serviço de e-mail, começo a digitar uma resposta ao cliente.

– Ah, que bom. – vovó tira a mão do meu ombro e ouço o barulho das molas da cama atrás de mim. – Ligou para sua mãe?

– Mais tarde, vó.

– Lise, minha querida, ligue para sua mãe.

– Mais tarde, eu prometo. De hoje não passa, está bem?

– Confio em você. – mesmo sem olhar para trás, sei que vovó começou a arrumar a cama.

– Deixe isso aí, vó. Mais tarde eu arrumo.

– Não vou a lugar algum, Lise. Posso fazer isso por você.

Para evitar uma discussão boba, eu a deixo arrumar a cama. Imprimo a requisição que veio da Austrália e anexo à pasta de pedidos pendentes.

Vovó termina de arrumar a cama, jogando a colcha por cima do lençol e ajeitando almofadas decorativas na cabeceira. Nesse ponto já estou de pé, ajudando.

– Não precisa trabalhar no Amelie essa semana. – vovó arruma os babados da colcha.

– Ah, vó, vocês ficarão sobrecarregados por lá.

– Com essa chuva? Duvido muito. – ela estala a língua e aponta para a tempestade que despenca do lado de fora.

– Hum, certo. Acho que tem razão.

– Use essa semana para dar conta do seu pedido. Se a coisa esquentar no restaurante, chamo a Maisa para dar uma mão. Ela adora e está sempre procurando um bico.

– Se mesmo assim ficar sobrecarregada, me avise, ok? – não gosto de deixar a vovó na mão.

– Pode deixar, querida. Volte ao trabalho, não quero atrapalhar.

– Você nunca atrapalha. – dou um abraço apertado na vovó, levantando-a do chão.

Ela solta uma gargalhada gostosa e aperta minhas bochechas, como fazia quando eu era criança.

– Estarei lá embaixo, fazendo o balanço do mês.

– Vou me trocar e descer para o ateliê. Tenho muito trabalho pela frente.

∞∞∞∞

O pedido que recebi da Austrália consiste em quarenta *souplás* ao estilo indiano.

Sou apaixonada pelo artesanato da Índia, com seus tecidos ricos, pedras brilhantes e cores vivas.

Esses *souplás* são muito especiais para mim. Criei o *design* baseado em mandalas e o resultado ficou excepcional. As peças são únicas e meus clientes curtem essa exclusividade.

Sei por que gosto tanto da Índia. Minha quarta vida na Terra se passou por lá...

Eu vivia numa aldeia fervilhante, que ficava próxima de onde hoje se localiza Mumbai. Trabalhava produzindo incensos e perfumes, uma atividade familiar que garantia o nosso sustento. Retirávamos da árvore do Sândalo os óleos essenciais para manufaturar os produtos que comercializávamos.

Meu pai era um homem de visão e negociava com portugueses, espanhóis, franceses... todos queriam levar para casa algo digno das terras recém descobertas, aromas que encantariam as mais belas damas da sociedade européia.

Apesar de uma vida simples, não me lembro de ter sido ruim.

O trabalho era árduo e o lucro não compensava. Mas éramos um povo alegre, sem ambições. Acreditávamos que a vida nesse plano de existência era apenas uma passagem, uma oportunidade de aprendizado.

A espiritualidade funcionava como uma âncora, mantendo-nos firmes e seguros em nossos propósitos. E um povo espiritualizado não se revolta, não deseja nada além do que já possui.

Conheci Manolo no verão passado. Era um português com um sotaque hipnotizante, dono de uma beleza incontestável e um sorriso que poderia facilmente colocar fim a uma guerra.

Não houve nada entre nós, apenas troca de olhares elétricos e algumas conversas sussurradas. Tinha uma forte sensação de que nos conhecíamos, mas como seria possível?

Numa tarde, a caminho de casa, ouvi passos seguindo os meus. Parei e girei nos calcanhares, descortinando aquele belo homem com seu sorriso escaldante preso aos lábios volumosos.

Recordo-me de que olhei para trás, somente para me certificar de que aquele sorriso era só meu, assim como o olhar violáceo que vibrava na minha direção. Manolo havia me seguido e não consegui me conter.

Corri até ele, puxando-o para debaixo de uma marquise. Eu não sabia o que dizer, mas entendi que nada precisava ser dito. Entre nós havia um reconhecimento, uma familiaridade incompreensíveis.

Manolo ajeitou uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Aproveitou o momento e tocou o meu rosto com a ponta dos dedos. Senti calafrios e um calor esquisito fez com que minhas bochechas ruborizassem.

Mesmo como o meu português falho, entendi o que ele disse:

- Estou de partida para Portugal. Mas logo estarei de volta.*
- Não demore. – foi a única coisa que consegui pronunciar.*

Ele desferiu um demorado beijo em minha testa. Naquele momento, me senti amada como nunca antes. Se fosse qualquer outro homem, você poderia dizer que eu estava iludida. Mas não era qualquer pessoa. Era Manolo, o homem dos olhos cor de violeta.

Meses haviam se passado e a esperança de revê-lo morria um pouco a cada dia.

Apesar de não ter certeza sobre seu retorno, de uma coisa eu tinha total convicção: aquele homem era meu, independente da distância e das diferenças.

Como eu sabia sobre isso? Difícil explicar. Olhe para o céu e observe a lua. Ela está lá, correto? Era assim que eu me sentia com relação a Manolo.

Estava difícil suportar a vida sem aquele português lindo rondando a barraca do meu pai. Todos a minha volta perceberam uma drástica mudança em meu humor. Eu já não sorria mais. Não sentia fome. Não tinha vontade de nada.

O inverno havia chegado. Não estava nem tão frio e nem tão quente. Para dizer a verdade, eu não sentia nada. Andava na escuridão, guiando minha vida no modo automático. A alegria se esvaiu, juntamente com a esperança. Eu só pensava em morrer.

Era um fim de tarde belíssimo, mas nem as cores em degradê tocaram minha alma ressentida. Eu me corroía de dentro para fora, consumindo-me numa torrente ácida de sentimentos conflitantes.

Foi então que eu o vi.

Meu estômago se revirou e meu espírito deu um salto dentro do corpo trêmulo.

Congelei no lugar, tudo ao redor se tornou um imenso borrão sem sentido. Eu só via a ele e nada mais me importava.

Mas então, o impossível tomou forma perante meus olhos incrédulos. Ele não estava sozinho.

A mulher era linda, loira, olhos claros e se vestia como uma princesa. Tomou uma das mãos de Manolo e o guiou para uma barraca de pedrarias, apontando com empolgação para um brilhante adorno de cabelos.

Naquele instante eu morri.

Ele girava a cabeça freneticamente, como se procurasse algo ou alguém em meio à multidão. Esgueirei-me pelas tendas, acompanhando de longe seus passos pela feira.

Eu chorava copiosamente. Trôpega, escondia-me de seus olhos violáceos que não paravam quietos, vasculhando cada centímetro da praça central da aldeia. Será que ele procurava por mim?

Um lampejo de esperança surgiu nos recônditos do meu ser. Talvez nem tudo estivesse perdido. Mas quem era aquela mulher, afinal? O que estaria fazendo, agarrada ao braço do meu homem? Meu homem, droga!

Revelei meu esconderijo, saindo de trás dos lenços de seda coloridos que esvoaçavam com a leve brisa. Notei que Manolo segurou a respiração quando me viu. Seus olhos se agarraram aos meus e não me soltaram mais.

Juro que ouvi sua voz em minha mente, como se ele fosse parte de mim. Dizia que precisávamos conversar, tínhamos que nos encontrar. Assenti com a cabeça e seu semblante relaxou de imediato. A mulher ao seu lado não percebeu nossa troca de confidências silenciosa e continuou toda empolgada, provando colares, brincos e pulseiras.

Ao cair da noite, fui para casa, carregando sacolas repletas de incensos e óleos aromáticos. Meu pai e meu irmão seguiam logo

atrás e chegaram a comentar que eu estava diferente, radiante. Sim, eu estava!

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Durante o jantar, não se falava de outro assunto a não ser sobre o navio mercante que havia voltado, trazendo não só ouro, como também diversas mulheres da corte de Portugal.

Meu irmão lançou sobre a mesa uma notícia absurda, eu não queria acreditar na veracidade de suas palavras. Segundo ele, o português bonitão por quem as mulheres da aldeia estavam caidinhas, havia trazido sua futura esposa.

Aquilo me destruiu por dentro, eu não poderia conceber a possibilidade de Manolo casar-se com outra mulher. Ele era meu por direito! Seus olhos violáceos nunca me enganaram, ele sentia-se da mesma forma com relação a mim. O que estava havendo afinal?

Soube que em dois dias, o navio mercante partiria de volta a Portugal. Entrei em pânico com a mera possibilidade de não vê-lo nunca mais. Naquela noite, caminhei sorrateira até o acampamento que ficava localizado próximo à entrada da nossa aldeia.

Manolo estava me esperando, como se soubesse que eu iria procurá-lo. Levou o dedo indicador aos lábios, pedindo que fizesse silêncio absoluto. Pegou minha mão e caminhamos, pé ante pé, para dentro da floresta.

Eu queria confrontá-lo, questionar sobre aquela mulher e o casamento. Mas ao mesmo tempo temia afastá-lo, não queria que Manolo fosse embora e me deixasse para sempre.

Embrenhados em meio à mata fechada, tendo apenas a lua como guia, seguia Manolo de forma desenfreada como se minha vida dependesse disso. Naquele instante, tive medo de mim. Se ele pedisse, não tinha dúvidas de que o seguiria até o inferno.

Alcançamos a clareira às margens do riacho e observei com curiosidade aquelas águas cristalinas, que corriam lentamente, como

se o tempo não existisse. Ao lado de Manolo era exatamente assim que me sentia.

De mãos dadas, retomamos a trilha que eu tanto conhecia. Sabia de antemão para onde nos dirigíamos. Nem uma palavra foi dita até chegarmos a gruta. Ali, protegidos por arbustos frondosos que guardavam a entrada, estaríamos em segurança.

Manolo desatou a falar e eu me esforçava para entender suas palavras apressadas.

Acho que traduzi duas ou três frases erroneamente, mas compreendi o mais importante.

Pedi que se acalmasse, tocando em seus ombros. Perguntei sobre os boatos que rondavam a aldeia e ele baixou a cabeça, confirmando as suspeitas. O casamento estava marcado e a mulher que vi naquela tarde seria sua futura esposa.

Deixei-me cair sobre uma rocha, meu corpo pesava toneladas. Manolo ajoelhou-se e tomou meu rosto entre as mãos.

– Eu não quero me casar com Valentina, não posso cogitar a possibilidade de abrir mão de você. Sei que não houve nada entre nós, mal nos conhecemos. Ainda assim, não posso negar o que sinto por você. É algo impossível, tão grandioso que chega a me sufocar. Penso em você vinte e quatro horas por dia, sua imagem povoa inclusive os meus sonhos.

– Então não se case. – bufei, inconformada.

– Meu pai me jurou de morte caso eu recue. Não posso voltar para Portugal e por esse motivo vim preparado, com ouro suficiente para vivermos tranquilamente por alguns meses. Eu preciso de você. – ele ergueu meu queixo e seu olhar violáceo se aprofundou. –

Fuja comigo.

Ah, mas não precisava pedir. Eu iria com ele para qualquer lugar, viveria de brisa e água do mar. Eu faria qualquer coisa por ele, morreria se fosse necessário.

Não respondi com palavras, até porque meu sorriso já dizia tudo. Atirei-me em seus braços, confiante de que daqui em diante meu mundo estaria completo e eu seria a mulher mais feliz desse planeta.

Meu primeiro beijo aconteceu naturalmente. Não foi estranho como as garotas da aldeia juravam que seria. Foi arrebatador, isso sim.

Nossos lábios pegavam fogo e eu só pensava em aplacar aquela sede intermitente, queria de qualquer maneira tocá-lo no fundo de sua alma.

Ele estava tão ensandecido quanto eu. Puxou-me para junto de si, comprimindo meu corpo contra o seu, numa ânsia que nos cegava, emudecia, ensurdecia... todos os nossos sentidos estavam comprometidos naquele instante, um sentindo o sabor do outro, como se o restante do mundo não importasse.

Não queria saber de despedidas, nem da minha família ou amigos. Eu fugiria com Manolo e torcia para que a vida fosse plena e me permitisse morrer em seus braços quando a velhice chegasse.

Infelizmente, a vida tinha outros planos para o nosso amor.

Eu nunca poderia imaginar que haviam nos seguido. Os tripulantes do navio entraram na gruta, armados com espadas e armas de fogo. Tochas iluminavam a escuridão da noite. Alguém abria caminho por entre os homens: o capitão do navio mercante, o futuro sogro de Manolo. Ao lado dele, a linda mulher loira nos encarava com um olhar sombrio, mortal.

– Seu pai me disse para ficar de olho em você, Manolo. Ele tinha certeza de que você estava tramando alguma coisa. Nunca pensei

que pudesse me trair dessa forma, seu imprestável. Você manchou a honra de sua família, apunhalou minha filha pelas costas e vai pagar por isso com o seu próprio sangue!

– Mate-os. – a voz da loira gelou meus ossos.

Não houve tempo para nada. O homem sacou uma espada do coldre e afundou a lâmina no peito de Manolo. Eu não podia acreditar no que via. Conhecia a reputação daquele velho capitão, as pessoas o temiam. Mas nunca me passou pela cabeça que ele poderia atender ao pedido de sua filha mimada.

Manolo tombou para trás quando aquele homem asqueroso arrancou a espada de seu torso. Eu o segurei como pude, mas ele era pesado demais e caímos ao chão. Eu gritava para que ele não me deixasse, implorava a Krishna que me levasse em seu lugar.

Manolo, o homem dos olhos cor de violeta, parou de respirar. Seu último olhar prendeu-se ao meu e então, suas pálpebras se fecharam.

Limpendo o sangue da lâmina, o capitão voltou-se para mim, bradando palavras ininteligíveis. Alguns homens apontavam na minha direção, sorrindo e exigindo algo que o velho talvez pudesse dar. Um deles passou a língua em torno dos lábios e meu corpo todo tremeu, enojado com as possibilidades.

Ainda não compreendo o que aconteceu naquela vida. Não entendo por que o velho matou Manolo e depois, resolveu que eu também deveria morrer. Mas pouco importa, porque, como que atendendo as minhas preces, o capitão mirou a espada na altura do meu coração e fechei os olhos, aguardando. Senti a dor, mas não era nada comparada a perda de Manolo.

Novamente, eu estava morta.

Capítulo 12

Estou saindo da única agência dos correios de Vila Rica. Foi uma semana de trabalho árduo, mas cada segundo compensou. Os *souplás* ficaram lindos e tenho certeza de que o cliente ficará plenamente satisfeito.

Falo todos os dias com Lucas pelo telefone. Infelizmente, não voltamos a nos encontrar depois que o deixei próximo à rodovia, no dia do acidente. A chuva durou alguns dias e hoje a manhã resolveu nascer clara, com o sol despontando em meio à nuvens carregadas. Virá chuva à tarde, com toda a certeza.

Daqui uma semana, começarei o trabalho voluntário na universidade. Com uma lista de compras em mãos, passo na papelaria para comprar papel e cartucho preto para a impressora. Quero fazer apostilas para que as mulheres possam acompanhar as explicações em sala de aula e levarem o passo-a-passo para casa.

Maisa está ajudando minha avó no restaurante e topou ficar por mais uma semana no Amelie. Assim, poderei dar conta das minhas encomendas e preparar as apostilas do curso.

Com duas sacolas em mãos, caminho para o Jeep de cabeça baixa, como é o meu costume. Noto um par de botas à frente, impedindo que eu continue a andar. Paro e meus olhos percorrem as longas pernas, o cinto com um distintivo e um coldre que carrega uma pistola, a camisa para dentro da calça, os dois últimos botões fora das casas, a barba bem feita e então eu me detenho naqueles olhos amendoados. Lucas.

– Oi, Lise.

– Oi, Lucas.

– Deixe-me ajudá-la. – ele toma as sacolas da minha mão, como um verdadeiro *gentleman*.

Caminhamos até o Jeep, que está estacionado a um quarteirão de distância. Lucas quer saber o que andei fazendo desde nosso último encontro e conto sobre as encomendas e o curso que começarei a ministrar dentro de uma semana. Chegamos ao carro e como sempre acontece, demoro um bocado para encontrar as chaves. A situação beira ao ridículo.

Após jogar todo o conteúdo da bolsa em cima do capô, sinto os dedos de Lucas tamborilando no bolso de trás da minha calça. Caramba, as chaves estavam ali! Ai, que vergonha.

Ele solta uma gargalhada, enquanto puxa o molho de chaves e abre a porta do carro.

Guarda as sacolas no banco de trás e ainda me ajuda a recolocar todas as tralhas de volta na bolsa.

– Desculpe por isso. – digo, querendo me esconder.

– Já disse que você fica linda envergonhada?

– Você disse isso em voz alta? É sério mesmo? – arqueio as sobrancelhas, querendo me jogar no bueiro mais próximo.

– Sim, eu disse. – Lucas dá um passo à frente, ficando tão próximo que o aroma de sândalo invade minhas narinas. – O que vai fazer essa noite?

– Vou trabalhar nas apostilas, por quê? – me convida, me convida para qualquer coisa!

– O que acha de tomarmos algo lá no Boteco do Grilo?

– Hum, não sei. Realmente tenho muito trabalho. – é lógico que quero ir, mas sempre me faço de difícil.

– O curso começará só daqui alguns dias. Você terá tempo de sobra para trabalhar nas apostilas. – ele me lança um olhar de cachorro perdido. – Eu passo para pegar você às nove, o que acha?

Balanço o corpo para lá e para cá, como se estivesse pesando o convite. Há um sorriso lindo à minha frente, aguardando uma resposta. Suspiro alto antes de concordar:

– Certo. Às nove, então.

∞∞∞∞

Não sei quem ficou mais feliz com o convite de Lucas: eu ou a vovó.

Ela está sentada na cama, dando palpites sobre qual roupa devo usar. Opto por um vestido verde, na altura dos joelhos, de mangas longas e um decote discreto.

Vovó não está nada feliz com o modelo escolhido. Segundo ela, devo ousar mais.

Levanta-se num pulo e começa a remexer no guarda-roupas, tirando de lá um vestido preto com um decote que mostra todo o colo e parte dos ombros. Esse é o vestido mais curto que tenho, fica a um palmo acima dos joelhos.

– Vó, não acho que eu deva usar esse. Pode passar a impressão errada. – digo, segurando o cabide em frente ao espelho de corpo inteiro.

– Ah, Lise, pelo amor de Deus! Estamos no século vinte e um, minha querida!

– Eu sei, vó. Só não quero que ele pense...

– Escute, meu bem, pare de ser tão certinha. Lucas é um garoto fantástico e tenho certeza de que ele não pensará nada errado.

Bem, eu espero que ele pense coisas bem erradas, para falar a verdade. – vovó tapa a boca, mas a gargalhada escapa por entre os dedos abertos.

– Ai, meu Deus! – reviro os olhos, incrédula.

Deixo a roupa sobre a cama e vou para o chuveiro. Vovó está cantarolando do lado de fora, fuçando na caixinha de bijuterias. Ela já deveria ter saído para o Amelie, mas quer ter certeza de que acatarei a decisão sobre o vestido. O que fazer, não?

Saio do banho, seco o cabelo e tento enrolar ao máximo. Vovó, percebendo minhas manobras evasivas, faz com que eu vista a roupa e pare de fugir. Quando ela encasqueta com uma coisa, já era.

Odeio maquiagem, mas a vovó adora. Ela praticamente me obriga a usar sombra, um lápis embaixo dos olhos, uma máscara nos cílios e um pó *nude* que me arranca três espirros. Nego-me a usar batom ou *gloss*. Vovó acata, mas não termina aí. Coloca um colar de pedras coloridas em meu pescoço e pede que eu dê uma volta. Com o polegar para cima, aprova o visual.

Como odeio salto alto, pego uma sapatilha prata, repleta de cristais. Eu mesma customizei, quando ainda morava em São Paulo. Novamente, o polegar para cima, em sinal de aprovação.

Dou uma ajeitada no sutiã tomara que caia e tento levantar um pouco o decote. Na mesma hora, vovó puxa o decote para baixo e faz que não com o indicador.

– Sem pudores, Lise. E faça o que tiver vontade. Vovó aprova!

– Ai, vó, isso é conselho que se dê?

∞∞∞∞

Lucas chega no horário marcado, nove da noite. Minha avó já foi para o Amelie e apesar do forte desejo em trocar de vestido, me contive.

Fecho a porta de entrada e caminho em direção a Lucas. Sua boca se entreabre e os olhos se arregalam, medindo-me de cima a baixo. Por um momento, me sinto nua. Não em um sentido ruim, não foi um olhar desses que ele me lançou. Ainda assim, acho que corei em tons que me denunciavam.

– Você está linda. – Lucas murmura e sinto como se formigas subissem pelos braços.

– Obrigada. – olho para as sapatilhas, tentando esconder o embaraço.

– Isso tudo é para mim? – ele se afasta para me observar novamente.

– Ah, pare com isso. – totalmente sem jeito, me agarro à bolsa de mão, feita com fuxicos e retalhos.

– Desculpe. É que adoro quando você fica sem graça, toda envergonhada. – Lucas abre a porta do carona e antes de me sentar, lanço um olhar fulminante em sua direção. Ele apenas sorri, o que me arranca um tímido sorriso também.

Ele fecha a porta e corre pela frente do carro, sentando-se ao meu lado. Ainda há um traço debochado em seu rosto, um sorriso divertido. Relaxo.

– Para o Boteco do Grilo? – Lucas engata a primeira marcha.

– Vamos lá.

∞∞∞∞

O Boteco do Grilo, diferente de outros bares do gênero, é um lugar sofisticado, bem ao estilo *pub* londrino. A iluminação foi pensada para criar uma atmosfera gótica e aconchegante. O lugar está cheio, mas então descubro que Lucas fez a reserva de uma mesa, logo após nosso encontro no meio da tarde.

A *hostess* nos acompanha por um longo corredor de mesas, todas repletas de estudantes e garrafas de cerveja. Tenho que gingar o quadril para não trombar com garçons e pessoas que circulam animadas. Lucas segura firme a minha mão, enquanto vamos seguindo para a única mesa vazia, no canto norte do bar.

As bandas costumam se apresentar só depois da meia-noite. Enquanto isso não acontece, um rock progressivo toma conta das inúmeras caixas de som, numa altura até suportável. Ainda assim, precisamos aumentar o tom de voz para conversar.

Lucas fala sobre o seu dia e a imensa apreensão de drogas que foi feita nessa manhã. Conta como perseguiu um dos bandidos e caiu dentro do riacho gelado, próximo ao Morro Baixo. Fico tensa. Não tinha parado para pensar nos perigos de ser um policial.

Pedimos duas margaritas e uma porção de bolinhos de carne seca. Lucas também conta sobre um assalto que aconteceu logo depois de nos encontrarmos e da arma de brinquedo que o bandido apontou para ele.

Adoro ouvir suas histórias, mesmo temendo por sua vida. Ele faz parecer divertido, como nos filmes. Acho que realmente é apaixonado pelo que faz, apesar de ser formado em Direito e ter o poder de mudar sua vida no momento que desejar.

Além da minha avó, Lucas é o único que gosta de ouvir detalhes sobre meus trabalhos. Que tipo de materiais utilizo, de onde vem a minha inspiração, essas coisas.

Sempre me limito quando falo sobre minha carreira, por medo da pessoa só ter perguntado por educação. Mas com ele não é assim. Parece realmente interessado em tudo o que me diz respeito. Em suma, sinto que Lucas quer me conhecer melhor. E eu a ele.

As horas passam e nem percebo. A banda sobe ao palco, pronta para tocar rock dos anos oitenta. Olho no relógio do celular: meia-noite e vinte.

Já estou na quarta margarita, um pouco zonza até. O sorriso me escapa fácil e acho que estou falando mole. Quando a banda começa a tocar, as cadeiras são deixadas de lado e a maioria das pessoas fica em pé, cantando junto com o vocalista, que aliás, manda muito bem.

Estamos longe do palco. Lucas se levanta e me estende a mão. Eu o acompanho, andando pela lateral do bar. Quando chegamos a um local privilegiado, ele recosta o corpo e um dos pés na parede acústica.

Estou de costas para ele. Sinto suas mãos em minha cintura, quando ele me puxa para mais perto. Recosto a cabeça em seu ombro, enquanto ele entrelaça os dedos sobre a minha barriga.

Estamos tão colados, que posso sentir o ar entrando e saindo de seus pulmões. Sinto uma ânsia absurda, uma vontade louca de me virar e beijar a sua boca. Uma voz, vinda do mais profundo do meu ser, diz para eu me entregar ao momento. Essa voz deve ser amiga íntima da minha avó.

Dou ouvidos à voz. Quando o segundo refrão começa a ser cantado por um coro de vozes, a maioria bêbadas, giro nos calcanhares e meus olhos se encontram com os de Lucas. Ele ajeita uma mecha do meu cabelo atrás da orelha e desliza sua mão, traçando o contorno dos meus lábios.

Seu olhar é penetrante, sua boca se entreabre, chamando-me, sedento. Estou ofegante e meu peito palpita mais rápido, fazendo o sangue correr quente pelas veias. Sua mão desliza para a minha nuca e ele me puxa para si, vagarosamente. Meus olhos se fecham quando os dele já estão fechados. Sinto-me febril, viva, pulsante.

Quando nossos lábios se tocam, me sinto arrebatada por um sentimento que nunca experimentei antes. Pelo menos, não nessa vida. O ardor que percorre cada milímetro da pele toma conta da minha mente e eu não penso em mais nada. Só há Lucas e seus lábios volumosos, pressionando os meus de maneira apaixonada, quase sublime.

Eu me entrego, deixando que meu corpo se inflame, sem medo. Logo, o que era apenas um beijo, transforma-se em algo além do humano.

Lucas nos gira no ar e agora sou eu quem está com as costas na parede. Seu beijo é úmido, ardente. Suas mãos se agarram aos meus quadris, enquanto ele beija o meu pescoço, meus ombros...

Seus cabelos castanhos estão entre meus dedos. Eu me prendo a eles, trazendo a boca de Lucas de volta para a minha. Estou tomada por uma fome, uma loucura que me consome de dentro para fora.

– Lise. – ele balbucia em meus ouvidos. – Vamos para a minha casa?

Só então me dou conta do que estou fazendo. Neste instante, a realidade cai sobre mim como um raio e eu penso nele... no cara dos olhos cor de violeta. Por que tinha que acontecer justamente agora? Quero me matar por isso!

Sem querer, empurro Lucas, retomando o fôlego perdido. Ele me olha, sem nada entender. Eu me supero, estrago completamente o clima, o momento mais legal da minha vida.

– O que foi? – Lucas pergunta, nitidamente tenso com minha atitude.

– Não foi nada. – ajeito o vestido e os cabelos.

– Eu fiz algo errado? Falei algo que não deveria? – o som é tão alto que ele precisa chegar perto o bastante para se fazer ouvir.

– Não é isso. Você não fez nada errado. O problema sou eu, sempre serei eu.

Lucas contrai os lábios, apreensivo. Não quero que ele pense que o problema é com ele, porque não é. Eu o puxo para mim, agarrando-me ao seu pescoço, num forte abraço.

Não quero soltá-lo. Não quero que ele veja as lágrimas que brotam dos meus olhos.

Ele retribui o abraço, segurando meus cabelos no alto, beijando o meu pescoço delicadamente.

– Quer ir embora? – ele pergunta, gentilmente.

– Ainda não. – digo, temendo estar com o rosto borrado pela maquiagem.

– Lise, o que está havendo?

– Eu só quero ficar aqui, assim. Você se importa?

– De maneira alguma. Eu poderia morrer agora que não me importaria nem um pouco. – o riso dele em meus ouvidos é como bálsamo.

– Desculpe. – murmuro, beijando o seu queixo, me detendo por alguns segundos em seus lábios.

– Está tudo bem. – ele segura meu rosto entre suas mãos quentes e macias. Uma última lágrima teimosa escorre, mas ela não vai muito além. Lucas a detém, com os lábios.

Ficamos ali, nos encarando por mais algum tempo. As lágrimas cessam e eu não vejo ou ouço mais nada... apenas ele. Lucas, neste momento, é o centro do meu mundo, do meu universo. Sinto-me segura em seus braços, uma segurança tão gostosa que não penso nas consequências quando digo:

– Me leve para a sua casa.

Capítulo 13

O apartamento de Lucas é bem ao estilo homem solteiro. Poltronas reclináveis de frente para uma televisão gigantesca presa à parede, livros, CD's, DVD's, revistas e uma coleção interessante de armas de fogo antigas. É um *loft* moderninho, com uma cozinha americana ampla e uma sacada de frente para a praça central de Vila Rica.

Diferente de outros solteiros que conheci, Lucas mantém tudo organizado, não há nada fora do lugar. Até a cama está arrumada, com várias almofadas do Corinthians na cabeceira. Não é a coisa mais romântica do mundo, mas ainda assim, achei fofo.

Quando chegamos ao apartamento, demorou algum tempo para entrarmos.

Atracamo-nos de maneira sobrenatural, ainda no *hall* do terceiro andar, e Lucas não conseguia introduzir a chave na fechadura. Só nos soltamos quando um casal suspirou fundo e um deles – não sei quem – pigarreou alto. Foi o que bastou para que eu ruborizasse no mesmo instante e também para que Lucas conseguisse, finalmente, abrir a porta.

O efeito margarita passou e agora estou cem por cento no controle. Bem, isso não é lá uma verdade absoluta. Sinto como se algo tivesse

sido injetado na minha veia, me mantendo ligadona.

Lucas me toma em seus braços, segurando-me pelos quadris. Passo as pernas ao redor de sua cintura, enquanto ele me carrega para o quarto. Nossos lábios não se cansam, seus beijos têm um sabor adocicado misturado ao álcool que ingerimos.

Caímos os dois na cama.

Vou desabotoando sua camisa, começando pelas casas de cima. Minhas mãos deslizam por seu tórax, ansiosamente, até que chego ao cinto, desatando a fivela na primeira tentativa. Quando isso acontece, Lucas puxa meu corpo sobre o dele, descendo o zíper do vestido de uma só vez.

Suas mãos sobem e descem pelas minhas coxas e estou literalmente ensandecida.

Meus lábios agora beijam o seu peito nu, enquanto tiro por completo sua camisa.

O toque de seus dedos, deslizando pelas minhas costas, causa arrepios por todo o corpo, inflamando-me. Lentamente, ele vai tirando o meu vestido, enquanto beija meus ombros, meus braços e continua descendo.

– Lise, você é linda.

Nossos celulares tocam ao mesmo tempo, de maneira incessante, mas nenhum de nós faz menção em atender.

Trim, trim.

Finjo não escutar o telefone na mesa de cabeceira. Lucas para por um segundo, ainda ofegante. Há suor em sua testa quando nossos olhares se cruzam.

Trim, trim.

– Droga. – ele cerra os lábios, fecha os olhos e respira fundo.

Trim, trim.

– Lise, eu realmente preciso atender. Só a delegacia e a minha família possuem esse número.

– Tudo bem, pode ser algo importante. – digo, sentando-me e levantando o vestido até os ombros.

Lucas atende o telefone, de costas para mim. Meus olhos percorrem seu pescoço, seus ombros largos, suas costas desnudas. Ele é irresistível, preciso tocá-lo novamente.

Quando faço menção em ir ao seu encontro, Lucas se levanta, num sobressalto. Seu olhar amendoado reluz algo sombrio, há pânico no fundo de suas pupilas dilatadas.

Neste momento, sinto como se uma faca transpassasse o meu peito. Lucas desliga o telefone, com lábios trêmulos. Ele não precisa dizer, de alguma forma eu sei.

– Minha avó.

∞∞∞∞

Chegamos ao hospital às duas e meia da madrugada. Checo meu celular e há duas mensagens de Maisa e uma de Luiza. Ambas estão no corredor, conversando com um médico e duas enfermeiras.

Uma onda de adrenalina é disparada em meu sistema e começo a correr na direção deles. Lucas não solta a minha mão e corre ao meu lado. Sinto uma angústia crescente dentro do peito, uma ansiedade que me faz querer chorar. Quando notam a minha presença, as duas vêm ao meu encontro.

– Ela vai ficar bem, a Amelie vai sair dessa. – diz Maisa, acariciando o meu ombro.

– Os médicos disseram que ela vai ficar legal, Lise. Sua avó é forte.
– Luiza me abraça. Não tenho forças para retribuir, meus braços estão caídos, rentes ao corpo.

Lucas começa a especular com o médico. Quer saber todos os detalhes, tudo o que será feito pela minha avó. Ainda abraçada à Luiza, eu me limito a apenas escutar. Não estou em condições de proferir palavra.

Noto que a sala de espera está repleta de pessoas. Todos os funcionários do Amelie estão ali, inclusive as amigas da vovó e o padre da cidade. O delegado também está lá, junto com dois policiais que conheço de vista. Mirtes está chegando com o marido e o prefeito vem logo atrás. As notícias correm rápido em Vila Rica.

Luiza resolve me tirar do tumulto que se forma. Sou praticamente carregada por ela e Maisa para um sofá mais ao canto. Deixo meu corpo cair, inerte. Vejo tudo e não vejo nada. Só queria que isso fosse um pesadelo, que minha avó fosse realmente imortal.

O zum-zum-zum toma conta da emergência do hospital. Lucas se aproxima, ajoelhando-se a minha frente. Suas mãos percorrem os meus cabelos, seus polegares enxugam minhas lágrimas.

– Estão iniciando o cateterismo. O médico acredita que esse procedimento já será o bastante para desobstruir a veia.

– Ela não vai morrer, vai? – meus olhos vasculham os de Lucas, temendo que ele me esconda a verdade.

– Não, não vai. Fique tranquila, dará tudo certo.

∞∞∞∞

A manhã está cinzenta, com nuvens esparsas e densas flutuando sobre o céu de Vila Rica. Minha avó está um pouco abatida, mas bem. Dois dias depois de seu coração chiar, ela finalmente recebe alta do hospital.

Vovó quer, a todo custo, passar no Amelie para dar uma olhada nas coisas. Eu a proíbo, o médico idem. Não é momento para se preocupar com o restaurante. Ele está em boas mãos. Minhas mãos.

Dirijo com cuidado, evitando as ruas esburacadas do centro da cidade. A onda de chuvas acabou com o asfalto, criando crateras perigosas e complicando o trânsito.

Pego a rua de paralelepípedos e passo em frente ao Amelie, prometendo a vovó que amanhã eu a deixarei vir. Hoje, ficará em casa e seguirá, rigorosamente, todas as instruções médicas.

Ela tenta discutir e me dissuadir, sem sucesso. Fala um palavrão alto e eu solto uma sonora gargalhada, arrancando dela um sorriso tenaz. Isso só quer dizer uma coisa: vovó não irá desistir enquanto eu não levá-la ao restaurante.

O fato se comprova no meio da tarde. Vovó não para de dizer que não fará nada, apenas ficará observando enquanto eu trabalho. Ela praticamente implora para que eu a leve.

Meu coração é muito mole, não consigo vencer minha avó em um embate desses. O

que eu faço? Tenho que ceder, não há escolha.

Faço vovó prometer, jurar de pés juntos, que não irá se meter nos assuntos do Amelie. O restaurante está sob meu comando, enquanto o médico não liberá-la para voltar ao trabalho. Ela concorda em se comportar, como uma criança quando quer muito ganhar um brinquedo novo. Espero não estar comprometendo seu estado físico. Mas acredito que se eu a deixar em casa, possa ser pior.

Chegamos ao Amelie por volta das quatro da tarde. Vovó caminha com destreza, checando a geladeira, o *freezer* e os potes com os temperos prontos para o serviço. Quem vê dona Amelie, nem imagina que ela teve um início de parada cardíaca há dois dias.

– Viu só? Tudo certinho. – digo, verificando a temperatura da adega.

– O que isso quer dizer? Que o Amelie vive sem mim?

– O Amelie não é nada sem você. Mas ele sobreviverá por alguns dias. – eu a beijo na bochecha.

– Olhe só, não levaram as taças para o bar. – vovó aponta para várias taças lavadas e enfileiradas.

– Você só está tentando encontrar defeitos, isso sim. – levanto as mãos para os céus.

– Sente-se lá fora que eu mesma levo as taças. Onde está a bandeja?

– Aha, está vendo só? Você nem sabe onde ficam as bandejas. – ela leva as mãos à cintura, balançando os quadris.

– Vó! – finjo estar ofendida. – Certo, onde estão as bandejas?

– Ali embaixo. – ela aponta para um gaveteiro alto, próximo às portas vai e vem.

– Ok, deixe isso comigo. Agora, vá se sentar no salão. Quer uma água?

– Não, estou bem. E posso ajudá-la com isso. – vovó aponta para as taças.

– De jeito nenhum! Ou você se senta ou eu a levo embora, certo?

– Que coisa mais chata. – ela reclama.

– Por favor, vá se sentar. – abro as portas vai e vem, aguardando que minha vó passe. Bato um dos pés no chão, cadenciadamente. – Estou falando sério, vó, não era nem para você ter vindo.

– Ah, tá, que coisa! – ela desiste e finalmente passa por mim, a caminho do sofá.

Fico só observando quando ela se detém no revisteiro e pesca uma revista. Depois, toda apressada e resmungando, senta-se no sofá da primeira mesa. Tira os óculos da bolsa e começa a leitura, lançando-me olhares furtivos nesse meio tempo. Ufa, venci a teimosia dela. Agora, mãos à obra.

Pego a maior bandeja de dentro do gaveteiro e começo a organizar as taças. Ouço a sineta da entrada soar e uma conversa animada se inicia no salão. Por um momento, sinto uma ansiedade me invadir, um gelo no estômago que não sei de onde vem.

Termino de colocar todas as taças sobre a bandeja e vou andando, de costas, até passar pelas portas vai e vem. Equilíbrio não é o meu forte, então, caminho bem devagar para não fazer bobagem.

Quando me viro para colocar a bandeja sobre o balcão, perco o chão, o equilíbrio, a noção de onde estou. A bandeja cai com um baque ruidoso, as taças se estilhaçam em milhões de pedaços brilhantes pelo piso.

Sinto-me arder, como se tivesse sido atirada viva numa fogueira. Sufoco o grito que quer sair da garganta. Um pavor conhecido faz meu corpo todo ondular.

Quero correr, mas minhas pernas não obedecem, estão enraizadas. Talvez queiram que eu tenha certeza do que estou vendo. Vovó está de pé, fitando-me sem nada entender.

O que dizer?

Ele me encontrou.

O maior medo da minha vida está ali, bem diante dos meus olhos.

Capítulo 14

Finalmente meu corpo resolve reagir. Giro nos calcanhares e sumo do salão o mais rápido possível. Estou tremendo involuntariamente. Quero chorar, gritar, jogar tudo para o chão.

Como ele me encontrou?

Minha avó entra como um furacão pelas portas vai e vem. Lança-me um olhar interrogativo, com a expressão nervosa.

– O que foi, Lise? O que aconteceu? Quer me matar de susto?

– É ele, vó. É ele! – sussurro, enquanto lágrimas despencam, sem controle.

– É ele o quê, querida? Do que está falando?

– É ele, vó. O homem dos olhos violeta! – minhas palavras saem engasgadas.

– Não, querida, você está enganada. Esse é o professor, o que alugou o chalé. E ele não tem olhos cor de violeta, seus olhos são azuis.

– Não, vó, eu vi! – estou completamente transtornada. Eu sei o que vi, reconheceria aqueles olhos em qualquer lugar.

– Querida, me escute. – vovó segura meus ombros com força. – Ele não é o tal homem. Você deve ter se confundido.

– Eu juro, vó, é ele, é o homem de todas as minhas vidas! – tento colocar os pensamentos em ordem. Ouço quando ele chama minha avó, lá do salão, perguntando se está tudo bem. Preciso sair daqui,

urgente e agora mesmo! Pego minha bolsa sobre o balcão e corro em direção à saída dos fundos.

– Para onde vai, Lise?

– Desculpe, vó.

– Lise! Lise, volte aqui!

Ouçõ a voz da minha avó ficando para trás, assim como o restaurante. Estou correndo, as lágrimas saem voando dos meus olhos. Há um nó em minha garganta, o estômago está retesado, os ombros se enrijecem com o peso do passado.

Chego ao Jeep, mas como sempre não encontro as chaves. Estou tão nervosa que a bolsa treme e não consigo encontrar nada lá dentro. Num lampejo de memória, lembro-me que coloquei a chave no bolso traseiro da calça.

Entro no carro, jogando a bolsa de qualquer maneira no banco do passageiro.

Enxugo as lágrimas, giro a chave e saio acelerando, a toda velocidade. Quando passo em frente ao Amelie, vejo vovó e o homem dos olhos violeta no meio fio, apenas me acompanhando com o olhar.

Meu celular começa a tocar dentro da bolsa. Sei que é a minha avó. Não vou atender, não posso atender. Só quero dirigir, sem rumo, sem destino, até a gasolina acabar.

Tomo uma estrada vicinal de terra batida. Não faço ideia de onde vou parar, aliás, não faz a menor diferença. O celular continua tocando e eu não vou atender.

Ainda não acredito que saí correndo, deixando minha avó recém-infartada sozinha com aquele homem. Mas sei que logo os

funcionários chegarão ao restaurante. E a Mirtes está logo ali, ao lado. Não posso me preocupar com isso agora, não quero voltar para lá.

Vim para Vila Rica exatamente por isso, para fugir do meu destino. Pensei que em uma cidade pequena como essa, eu nunca o encontraria. Qual a probabilidade, afinal? Uma em um milhão? Uma em um bilhão?

O destino está brincando comigo. O que a vida quer me mostrar? Por que eu tenho que encontrá-lo, vida após vida? Por que, santo Deus?

Olho para o espelho retrovisor. Estou sendo seguida por um Mini Cooper preto e pelo que percebo, só há uma pessoa no carro. A placa é de São Paulo.

A chuva, tão prometida o dia todo, começa a cair aos montes. Os pingos grandes e pesados inundam o para-brisa, tornando minha visão da estrada praticamente impossível.

Nem assim eu diminuo a velocidade.

Olho novamente para o retrovisor. O carro de trás não desacelera. Ele realmente está me seguindo e bem de perto. Se eu frear, já era.

O chão de terra batida está um sabão com a chuva. Estou fazendo uma curva e preciso compensar, jogando a direção para o lado oposto. Ou isso, ou o Jeep será lançado para fora da estrada.

O Mini continua na minha cola, noto que teve maiores dificuldades com a curva.

Por sorte, o Jeep possui um sistema quatro por quatro, o que me garante maior estabilidade em terrenos como esse.

O celular recomeça a cantoria dentro da bolsa. Meus olhos estão focados na estrada e no espelho retrovisor. Uma subida íngreme se aproxima, talvez eu consiga abrir distância do carro que me segue.

Acelero fundo, o motor ronca alto e responde de imediato. Sou jogada para cima e para baixo no banco, a estrada está péssima e os amortecedores do Jeep trabalham pesado no trajeto. Para minha surpresa, o Mini continua colado na minha traseira.

Estou no alto do morro e agora é só descida. O volante vai e vem nas minhas mãos.

Preciso desviar dos buracos e tentar me manter na estrada que virou puro lodo. Olho novamente para o espelho retrovisor e o Mini continua perigosamente perto. Nesse milissegundo de distração, não vejo o imenso buraco mais a frente. Na verdade, eu o vejo tarde demais e num reflexo, jogo o veículo para a direita, perdendo a direção. Quando dou por mim, já estou me embrenhando no matagal, fora da estrada. É tudo rápido demais.

A árvore se aproxima. Piso no freio e não obtenho uma resposta imediata. O carro desliza. Vejo e sinto tudo em câmera lenta.

A árvore.

O freio.

A batida.

A escuridão.

Capítulo 15

Seus lábios estão colados aos meus. O ar de sua boca entra pelos meus pulmões, me trazendo de volta à vida. Começo a tossir e gotículas de sangue voam pelos ares. Ele segura o meu rosto entre

as mãos. Sua expressão denota apreensão e alívio ao mesmo tempo.

Eu o empurro quando percebo o que está acontecendo. Vejo sangue em sua boca, o meu sangue. Começo a processar tudo o que aconteceu para culminarmos nesse momento: o buraco, a árvore, minha tentativa em frear, a batida, eu sem o cinto de segurança sendo arremessada para frente, minha boca batendo fortemente no volante, eu engasgando com meu próprio sangue.

– Você está bem? – a voz dele faz algo se remexer dentro de mim. Acho que meu espírito o reconhece.

– Se afaste de mim, por favor. – digo, sentindo um gosto metálico descer pela garganta.

Ele não parece ter me escutado. Seus cabelos dourados estão molhados devido ao dilúvio que se abate sobre nós. Os olhos violeta, vívidos e brilhantes, estão cravados no celular. Ele me encara enquanto aguarda a ligação ser completada.

Está sentado no banco do passageiro. A porta daquele lado está escancarada e acho que precisou estourar o vidro para conseguir entrar no carro.

Meus olhos se fecham. Não escuto o que ele diz. Deixo apenas o barulho da chuva penetrar meus ouvidos. Ainda não compreendo o que está havendo, não consigo acreditar que ele me encontrou. O cara está aqui, a alguns palmos de mim. Como é possível? Como?

– O resgate já está vindo. Agora vou ligar para sua avó, ela deve estar muito preocupada.

– Faça o que achar melhor. – não abro os olhos, não tenho intenção de encarar o meu destino, me perder novamente. Não quero que uma nova desgraça se abata sobre mim.

A presença dele, ao meu lado, é algo que não consigo processar. Estivemos juntos por sete vidas e sei o que me aguarda. Meu coração bate apressado dentro do peito. Engulo bolas de sangue como se fossem lavas de um vulcão.

– Elise, não é? – ele pergunta, só para confirmar.

– O que isso importa? – balbucio, o sangue não para de descer pela minha garganta.

A cabeça começa a latejar, freneticamente.

Escuto quando minha avó atende o telefone. O homem ao meu lado explica que estou bem, mas perdi o controle da direção. Escuto o grito dela do outro lado. Droga! Mil vezes droga!

Ele novamente afirma que estou bem e sinto quando coloca o celular em minha orelha direita. Ainda de olhos fechados, tento acalmar a vovó.

– Estou bem, vó. – a voz sai estrangulada.

– Ah, Lise, querida, o que deu em você? Me deixou apavorada! Sair feito uma louca debaixo dessa chuva? O que você tem na cabeça? Graças a Deus o Natan foi atrás de você.

Natan. Esse é o nome dele.

– Já disse, vó, estou bem. – meu lábio inferior lateja e me sinto enjoar.

– Mirtes está aqui comigo e vai me levar ao hospital. Natan disse que o resgate já está indo. Está muito machucada?

– Estou bem, fique tranquila. – mantenho os olhos fechados, não quero me ver no reflexo de seus olhos violeta.

– Ah, querida, como pôde fazer algo tão imprudente? Quer mesmo matar a sua avó do coração, não quer?

– Conversamos mais tarde, vó. – o barulho de um trovão reverbera dentro do carro.

O celular já não está mais em minha orelha. Natan volta a falar com a minha avó, tranquilizando-a. Diz que não sairá do meu lado, até que eu esteja no hospital.

Meus olhos se abrem e eu o encaro, sob a luz bruxuleante do carro. O que dizer? Ele parece um anjo com a barba estrategicamente por fazer. Um pão, segundo a definição da vovó, não chega nem aos pés desse ser ao meu lado. Não. Isso não pode estar acontecendo.

Ele me parece ser alto, seus cabelos caem em caracóis, até a altura do queixo. Seus cílios são curvos e longos, emoldurando o olhar violeta do qual eu tentei fugir, até o dia de hoje.

Está usando uma camiseta branca que, molhada, cola-se firmemente ao seu corpo malhado. O tórax é largo, seus braços são bem trabalhados, mas nada além do limite.

Ainda está segurando o celular e posso apreciar seu antebraço, com pelos dourados, suas mãos com dedos longos e no pulso, uma tatuagem representando o infinito. Não sei que tipo de tara é essa, mas fico fascinada com determinados braços masculinos. E o dele não deixa nada a desejar.

Ele percebe que estou encarando. Desvio o olhar no mesmo instante, agora me fixando ao volante manchado de sangue. Levo uma das mãos à cabeça e sinto uma protuberância acima do supercílio. Ela não estava ali há alguns segundos.

Estou realmente enjoada e um tanto zozna. Minha respiração se torna mais rápida e inconstante. Natan percebe a mudança em meu quadro quando desliga o celular.

– O que foi? Está se sentindo bem?

– Não se importe comigo. Estou bem. – o enjoo está aumentando gradativamente.

– Elise, por favor, preciso saber. Tenho que relatar tudo para a equipe de resgate. O

que está sentindo?

– Já disse, estou bem! – cuspo, ríspida.

Saber que ele está ali, ao meu lado, é algo surreal. Até algumas horas atrás, eu apenas conjecturava. Agora sei que é real, que ele existe e não é uma mera alucinação.

– O que aconteceu no restaurante? Por que saiu correndo daquela maneira? – Natan toma o meu pulso. Não tenho forças para me afastar. O simples toque de sua pele me arremessa a todas as vidas passadas, numa viagem turbulenta e perigosa.

– Não quero falar sobre isso. – minha voz é um fio fraco, prestes a se partir. Ouço uma sirene ao longe. A salvação finalmente chega.

– Eu não entendo, você pareceu transtornada ao me ver.

Não respondo. Vejo, pelo retrovisor lateral, quando a ambulância entra no matagal, salvando-me daquela que seria uma conversa nada amigável.

Capítulo 16

Estou no hospital.

Acabo de ser costurada, após uma ressonância feita para garantir minhas plenas faculdades mentais. O que era uma protuberância na cabeça se transforma em um galo roxo, em tons acinzentados.

Oito pontos na parte interna do meu lábio inferior estão coçando e ardendo levemente. Já estou medicada e fui proibida de dormir. Vovó, Natan e Mirtes estão conversando em um canto do quarto, enquanto uma enfermeira regula o soro e injeta algo no líquido, um troço que queima minhas veias. Sinto um enjoo horrível e meu estômago reclama. Acho que a pressão acaba de cair.

Vovó se aproxima. Natan e Mirtes continuam conversando, olhando de esguelha para mim de tempos em tempos.

– O que deu em você, Lise? Terá que se alimentar com canudinho por uma semana!

– vovó sussurra, tocando minhas mãos.

– É, eu sei. Tremenda idiotice, pode dizer. – minha voz está bem esquisita e falo mole.

– Realmente, foi muito idiota o que fez. Você não é assim. Querida, o Natan não é o homem. Viu os olhos dele? São azuis! – vovó ainda sussurra, ao pé do meu ouvido.

– Eu vejo, vó. Os olhos dele são violáceos para mim.

– Não é possível. Será que não está alucinando? – vovó se detém em Natan por algum tempo, depois se volta para mim. – São azuis, definitivamente. Não há traços de violeta, apenas rajadas cor de mel.

– Eu sei o que estou vendo. E não é uma alucinação.

Nesse momento, Lucas chega, esbaforido e completamente encharcado. De seus cabelos castanhos, caem gotas brilhantes que escorrem por sua face transtornada.

Ele se aproxima, tocando minha testa com a mão fria e úmida. Tento sorrir, sentindo o lábio inferior repuxar de forma dolorida. Lucas não

corresponde, ele me encara com uma tremenda interrogação no olhar. Une as sobrancelhas, tentando entender o que foi que eu fiz.

Depois de cumprimentá-lo, vovó vai até a janela, nos dando algum tempo para conversar.

– O que estava fazendo na vicinal para o Morro Baixo? Aquele lugar é perigoso, Lise.

– Eu sei, desculpe.

– Aquilo é um antro, cheio de traficantes e caras do mal. O que passou pela sua cabeça?

– Não quero falar sobre isso agora, tudo bem? – meu lábio inferior, levemente anestesiado, faz com que minha voz soe muito estranha aos ouvidos.

– Droga, o que deu em você?

– Eu estou bem, não é isso o que importa? – minha mão se encontra com a dele.

Nesse milissegundo, meus olhos buscam os de Natan.

– Sim, você está bem e é isso o que importa. – Lucas diz, beijando a minha testa. –

Me disseram que o professor salvou a sua vida. Se não fosse por ele, é bem capaz que não estivesse aqui.

Quando Lucas revela o óbvio, a ficha cai de forma dolorosa. Natan salvou a minha vida. Se não fosse por ele, eu provavelmente teria sofrido uma parada respiratória, devido ao sangue que obstruía minha traqueia. Ao contrário de agradecer, fui extremamente rude.

Aparentemente, Natan parece não saber nada sobre nós, sobre as vidas passadas. O

que devo fazer? Agradecê-lo por me tirar de uma enrascada? Mas foi por causa dele que me meti nessa cama! Que Deus me ajude.

– Pode chamá-lo para mim? Ainda não o agradei. – peço a Lucas, sabendo que vou me arrepender amargamente dessa decisão.

– Certo. Mas depois quero saber o que aconteceu, o que estava fazendo lá e como o professor encontrou você. Estamos entendidos?

– Perfeitamente, subdelegado. – bato continência, tentando desanuviar o clima.

Natan, com um olhar de incompreensão, se aproxima. Seu semblante denota o quanto está confuso perante minhas últimas ações. Coloco-me no lugar dele. Eu provavelmente sentiria o mesmo.

– Obrigada. Se não fosse por você, não sei o que teria acontecido. – forço as palavras a saírem da minha boca. O simples gesto de falar me causa desconforto. Tanto pelo corte na parte inferior do lábio, quanto pelo que estou dizendo.

Natan não responde. Seus lábios estão selados, ele parece pensar no que dizer.

Mesmo que tenha encontrado palavras, não as expressa. Seus olhos violeta me penetram de uma forma arrebatadora, quero desviar desse olhar e não consigo. Eu me vejo dentro deles, vejo meu passado, minha desgraça.

Lucas percebe algo estranho no ar. Pigarreia e a conexão entre mim e Natan se dissipa no mesmo instante.

– Você faria o mesmo por mim. – Natan finalmente diz alguma coisa.

– É, acho que sim. – não tenho muita certeza sobre isso.

– Então, professor, o que estava fazendo naquela estrada? – Lucas pergunta, mostrando-se imensamente interessado.

Natan e eu nos entreolhamos. Não quero que Lucas saiba o que aconteceu. Aliás, nem Natan sabe o que realmente aconteceu, para minha sorte.

Minha avó, percebendo que estou em apuros, chega para me socorrer. Eu agradeço aos céus por ela fazer isso. Do contrário, não sei onde aquela conversa poderia chegar.

– Pedi ao Natan que fosse atrás de Lise. Nós discutimos, sabe, Lucas. Lise não ligou para a mãe dela, conforme prometeu, nem para contar que eu estive no hospital. Não gosto dessa atitude dela para com a mãe, não está correto. – vovó aproveita o momento e me dá uma alfinetada. – Sempre que Lise é contrariada, ela faz isso... sai correndo, foge dos problemas. – o olhar reprovador de vovó recai sobre mim.

Natan parece mais confuso do que antes. Percebe que vovó inventou uma história para Lucas. Felizmente, não faz menção em contar o que aconteceu no restaurante quando o vi pela primeira vez. Agradeço com o olhar. Ele retribui, repuxando ligeiramente os lábios.

Não é um sorriso, é apenas uma trégua. Sei que se houver uma oportunidade, irá me interpelar com perguntas que não quero responder. Fugirei desse momento como o diabo foge da cruz. Não posso encontrá-lo novamente, nunca mais.

Capítulo 17

Estou em casa, tomando uma sopa fria com canudinho.

Meu lábio desinchou bastante e o médico liberou alimentos sólidos a partir de amanhã. Faz uma semana desde o acidente e Lucas avisou, pelo celular, que meu Jeep sofreu perda total. Ah, não acredito, eu amava aquele carro!

Vovó senta-se na beira da cama, encarando-me indagadora. Espera que eu lhe dê uma resposta satisfatória, coisa que não quero fazer.

– Vai mesmo embora, Lise? Vai me deixar sozinha? Fugirá dos problemas como sempre fez? Não consigo acreditar nisso.

– Não tenho outra escolha. Não posso ficar na mesma cidade que ele. Não quero nem pensar no que pode acontecer. – meus nervos estão em curto-circuito.

– E Lucas? Vocês estavam se entendendo. – vovó balança a cabeça, tristemente.

Acaricia a colcha, desenhando com o dedo por cima das flores estampadas. – Não acho que Natan seja o tal homem, não acho mesmo. Sua mente está pregando uma peça. E outra: como pode ter certeza de que aquelas vidas realmente pertenceram a você?

– Eu tenho certeza. – o canudinho ronca quando sorvo o último gole de sopa. – Vó, eu não tenho intenção de abandoná-la, não quero deixar Vila Rica. Também não gostaria de deixar Lucas e o meu ateliê. Mas não consigo pensar em outra coisa. Tenho que ir embora, é a coisa certa a fazer.

– Não podemos fugir do destino, Lise. Quantas vezes terei que repetir isso para você? O destino sempre nos encontra, cedo ou tarde.

– Vou evitar o destino enquanto puder. Farei de tudo para isso. – coloco o prato sobre a mesa de cabeceira.

– Está sendo covarde.

– Não. Estou tendo a coragem de fazer alguma coisa.

– Isso não me parece coragem. É covardia, na sua pior forma. – há um brilho melancólico no fundo dos olhos azulados da minha avó.

Sei que ela está magoada e meu coração está partido por fazê-la sofrer. – Faça o que achar que deve, você conhece a minha opinião.

– O que você faria? – ajeito-me na cama, afofando o travesseiro.

– Eu ficaria e encararia de frente. Jamais fugiria.

– Não sou tão forte assim. – percebo então que vovó tem razão, não há coragem na decisão que tomei. É um ato covarde, de quem não quer encarar o que poderá acontecer no futuro. Eu só quero estar segura, isso é crime?

– Pense bem no que vai fazer. É só o que peço. – vovó recolhe o prato e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

∞∞∞

Lucas chega no mesmo horário de sempre. Está abatido e explica que o plantão foi longo, está há quase trinta horas sem dormir.

Estamos na sala. Há um som de fundo tocando Pink Floyd, uma coletânea dos maiores sucessos da banda. Vovó está no Amelie.

Lucas se aproxima, acariciando o meu rosto com as costas da mão. Desde que vovó foi para o hospital, não retomamos o que ficou inacabado. E depois, com o meu acidente, tudo ficou em suspenso: Lucas, o ateliê, o Amelie e o curso de artesanato na universidade.

Não conversamos sobre o que quase aconteceu em seu apartamento. Mas há alguma coisa entre nós, algo que Lucas pretende retomar em breve. Posso sentir em sua pulsação e em suas palavras que ele acredita que estamos juntos.

Estou pensando em como me sentirei quando deixá-lo. Será que esquecerei logo?

Sofrerei por Lucas? Não quero pensar nisso e muito menos tocar no assunto da mudança.

Ele não precisa saber de nada, não ainda.

Não faço ideia do que fazer da minha vida. Por sorte, meu trabalho permite que eu more em qualquer lugar do mundo. A maior parte da minha renda vem do *site* na *internet*.

E os pedidos têm aumentado, exponencialmente.

Não penso em mudar de país. Mas a ideia de morar em uma praia é bastante convidativa. Uma aldeia de pescadores, quem sabe? O único problema seria com relação aos meus materiais de trabalho. Bem, nada que as compras *online* e o correio não resolvam.

Sinto uma pontada no coração só de pensar em deixar a minha avó. Chego a perder a coragem quando penso que ela ficará sozinha. Eu curto uma solidão, mas a vovó não é assim. Ela gosta de me ter por perto, de cuidar de mim, de se sentir útil. Temo que com a minha partida, ela possa desenvolver uma depressão, sei lá.

A dúvida é cruel e está me consumindo nesse exato instante, como ácido. Lucas está fazendo planos para quando tirar férias, dentro de dois meses. Quer fazer um cruzeiro e acaba de me perguntar qual roteiro eu mais apreciaria. É sério? Ele está cogitando a possibilidade de viajarmos juntos?

Digo que adoraria qualquer viagem ao lado dele, tanto faz o roteiro. Suas mãos estão nas minhas e quando ele boceja alto, percebo que preciso mandá-lo embora.

– Vou dormir na casa da minha mãe, estou sem condições para dirigir. – ele diz, deitando a cabeça em meu ombro.

– Isso me deixa mais tranquila. Você está, literalmente, dormindo em pé. – meus dedos percorrem seus cabelos castanhos. Quero

fazer uma pergunta, mas não sei se devo.

Ainda assim, a faço: – O que sabe sobre o tal professor?

– Quem? O Natan? – ele se afasta alguns centímetros de mim, surpreso.

– É, esse mesmo. – finjo não ser nada demais a pergunta.

– Por que está interessada?

– Ora, ele me salvou, não?

– O que quer saber? – Lucas está incomodado. Seus olhos gritam isso e seu corpo também, quando ele cruza os braços para me encarar.

– Estou curiosa. Vovó me disse que ele é um escritor famoso fora do Brasil e que morou em Nova York. Não acha estranho ele ter aceitado ser professor em uma universidade de Vila Rica? O que um cara como esse faz nesse fim de mundo?

– Está querendo dar uma de detetive, Lise? – Lucas relaxa e sua nova postura reflete isso.

– Logo você será o delegado da cidade. Acredito que uma de suas atribuições seja essa, não? Zelar pelo bem maior? Saber quem entra em Vila Rica? – confiro o esmalte invisível, há dias não faço as unhas. Espero que Lucas não perceba o quanto estou realmente curiosa a respeito de Natan.

– Eu o conheci logo que chegou na cidade. Esteve na imobiliária dos meus pais, procurando algum lugar próximo à universidade para alugar. Eu estava lá e indiquei o chalé da sua família. O cara me pareceu boa pessoa e a Amelie disse que não queria alugar para estudantes... eu o levei até sua avó. – Lucas explica, rememorando os detalhes do primeiro encontro com Natan.

– Ah, então foi você. – tento sorrir, mas o nervosismo faz com que meus lábios estremeçam de leve. Lucas é bom em ler nas entrelinhas, faz parte do seu trabalho. Para a minha sorte, ele está entretido com o controle do som, diminuindo o volume da música.

– Acha que o cara está em Vila Rica fugindo de alguma coisa? – Lucas volta seu olhar para mim quando pergunta.

– Tudo é possível. Só achei estranho, você não? – abraço uma almofada de *patchwork*, na verdade, eu a estrangulo contra o peito.

– Pensando melhor, você tem razão. – a dúvida está lançada na cabeça de Lucas. –

Acha que devo puxar a ficha dele? Só para garantir?

– É isso o que vocês policiais fazem, não é? – finjo estar me divertindo com a situação. Mas na verdade, estou tomada por uma ansiedade absurda em saber mais sobre Natan.

– Certo, é isso o que nós fazemos também. – Lucas dá um longo bocejo, que lhe arranca lágrimas dos olhos.

– Acho melhor você ir. Ou então, vai ter que dormir nesse sofá nada confortável. –

dou duas batidas leves no encosto.

– Esse sofá acabaria comigo. – diz, levantando-se. – Vejo você amanhã, Lise. – suas mãos percorrem meus cabelos e seus lábios tocam os meus, levemente. Ficarei sem beijar de verdade por algum tempo. Dentro de dois dias, finalmente tirarei os pontos internos.

– Até amanhã. – digo e Lucas me puxa para um abraço. É quente e seguro estar em seus braços, uma proteção que me faz querer mais. Ainda assim, desde que vi Natan, algo mudou em mim. Na verdade, algo se quebrou, não sei explicar. Espero que meus sentimentos por

Lucas não mudem. Não quero me apaixonar por Natan, como em todas as outras vidas. Quando me pego pensando sobre isso, afasto rapidamente as imagens que teimam em me invadir. Não vou me apaixonar por Natan, não terei tempo para isso. Vou embora de Vila Rica, o mais rápido possível.

Capítulo 18

Lucas já foi há algum tempo e estou no computador, imprimindo meus últimos pedidos. Um deles é um pedido grande, de bijuterias marroquinas, confeccionadas em prata. Isso me remete, de imediato, à minha quinta vida na Terra...

Dessa vida, lembro-me de poucos detalhes. Eu era a quarta esposa, a mais nova dentre as quatro mulheres. Servia ao meu marido, como toda boa mulher faria. Mas meu coração e minha mente não pertenciam a ele. Eu estava interessada em seu primo, Amir.

Fui prometida ao meu marido quando tinha doze anos. Ele era um homem bonito, bem apessoado, rico e muito gentil. A princípio, gostei da escolha, acreditei que poderia ser feliz ao lado dele.

No dia do nosso casamento, conheci Amir, o lindo moreno de olhos violeta. Ele pareceu hipnotizado por mim. E eu por ele. Foi uma conexão forte, dessas raras de acontecer. Amor à primeira vista, acredito eu.

Pensei em Amir por longos dois anos. Desde a festa de casamento, nunca mais o vi.

Não até aquele dia, quando ele chegou à nossa casa, com duas malas a tiracolo. Eu não sabia sobre o convite, os maridos daquela época não contavam nada além do necessário.

Ele estava mais lindo do que eu me lembrava. Amir era como um encantador de serpentes, eu me sentia atraída e hipnotizada por

aqueles olhos violáceos. Se estendesse a mão em minha direção, eu a pegaria sem pestanejar.

Era difícil esconder meus sentimentos das outras mulheres. Elas viviam com os olhos grudados em mim, como se pressentissem que eu não era confiável. Com Amir por perto, eu realmente estava a perigo.

Aquele homem mexia comigo de formas inimagináveis. Infelizmente, passava o dia todo trabalhando numa das fornitureiras do meu marido, enquanto procurava uma casa e uma mulher para desposar.

Ele já tinha vinte e dois anos e era inconcebível não estar casado. Pais e avôs entravam e saíam de nossa casa, trazendo ofertas para um casamento arranjado. Eu me roía por dentro, seria capaz de matar qualquer mulher que se aproximasse de Amir.

Tenho consciência de que apesar do meu segredo, eu era uma boa esposa. Na verdade, ia muito além disso. Eu possuía aptidões diferenciadas e grande facilidade em desenhar joias.

Costumava trabalhar em casa, criando peças originais para as fornitureiras do meu marido, joias essas que eram exportadas e apreciadas no mundo todo.

Sei que havia inveja por parte das outras três mulheres. Isso porque eu não tinha necessidade de fazer os serviços domésticos. Meu marido só pedia que eu desenhasse o que me viesse na cabeça, nada mais.

Ainda não havia ficado grávida, o que era outro motivo para picuinhas com as mulheres. Sempre que podiam, me alfinetavam, dizendo que eu não era capaz de gerar um filho, muito menos de dar um varão à família. Todas as três haviam gerado meninas e a esperança do meu marido recaía sobre mim.

Naquele dia, ele estava viajando a negócios e as esposas haviam saído mais cedo, para comprar seda no mercado. Resolvi ficar em casa, para assim finalizar o desenho de uma peça que não me saía da cabeça. Um anel com o símbolo do infinito, um oito deitado.

Na época eu não sabia o que esse símbolo queria dizer, hoje eu sei.

Foi quando Amir chegou. Eu estava na sala e me levantei num pulo. Não esperava por ele tão cedo, afinal, costumava voltar para casa tarde da noite.

Então a ficha caiu e eu entendi. Amir aguardava uma oportunidade para poder ficar a sós comigo. Não resisti e não houve qualquer conversa.

Atracamo-nos como dois selvagens, ali mesmo, na sala de estar. Eu o queria mais do que qualquer coisa na vida. E assim também era com ele. Um desejo insano, proibido, perigoso. Se nos pegassem, estaríamos mortos.

As mulheres poderiam chegar a qualquer momento e, mesmo ardendo em desejo, combinamos de nos encontrar no dia seguinte, num lugar que ficava a dois quilômetros da casa onde morávamos.

E assim foi. Os encontros eram esporádicos e começaram a se tornar cada vez mais necessários, urgentes. Eu pulava a janela do meu quarto, no meio da madrugada, para me encontrar furtivamente com Amir.

Eu deveria saber, porque não desconfiei? Estava tão envolvida com minha vida dupla, que não percebi o óbvio. Estava sendo vigiada de perto, dia e noite, por uma das criadas da primeira esposa. Foi ela quem me denunciou. Foi através dela que meu marido soube onde nos encontrar.

Estava abraçada com Amir na entrada da choupana. Meu vestido de seda esvoaçava ferozmente, uma tempestade se aproximava.

Passava das três da manhã e eu tinha certeza de que meu marido não iria me procurar. Era o dia da terceira esposa.

Não ouvi os passos se aproximando apressados. O vento uivava alto e eu só tinha ouvidos para os sussurros de Amir ao pé do ouvido. Ele dizia me amar e estava planejando a fuga. Só precisava de mais algum tempo para juntar dinheiro suficiente.

Meu marido não foi compreensivo com a cena. Não fez qualquer pergunta quando nos pegou abraçados aquela hora da madrugada. Havia uma arma em sua mão e ela estava apontada para nós. Ele parecia decidido e conformado com o desfecho dessa história.

Não tive tempo para inventar nada, a situação nos denunciava aos berros. As mulheres estavam logo atrás dele, apontando o dedo na minha direção, chamando-me de prostituta.

Nunca vi meu marido daquela maneira. Apesar dos olhos acusarem seu transtorno, ele estava frio, calculista. Havia ódio na forma como ele me encarava. Naquele instante eu soube que não sairíamos com vida dali.

A arma foi engatilhada e o primeiro tiro disparado. Amir foi atingido no peito e não tive tempo para qualquer reação. Acompanhei quando a pistola mirou a minha cabeça. Olhei no fundo dos olhos do meu marido, pedindo silenciosamente perdão pelos meus últimos atos. Não acredito que meu pedido de desculpas tenha sido aceito.

Mais um tiro.

Eu estava livre.

∞∞∞∞

Estou anexando os pedidos e revendo as pendências. O Google está aberto e uma vontade enorme de pesquisar se apodera dos meus sentidos. Não sei o sobrenome dele, como farei a pesquisa?

Então, me lembro que vovó costuma guardar os contratos de locação no quarto de hóspedes, que ela transformou em escritório no começo desse ano.

Vou até lá e começo a procurar. Abro uma gaveta de pastas suspensas e meus dedos e olhos percorrem a extensão, até encontrar: Contratos de Locação. Puxo a pasta para fora, com o coração a mil. Finalmente encontro o contrato e nem preciso folhear. O nome dele, completo, está logo na primeira página: Natan Nau Gutemberg. Nascido em São Paulo no dia 06 de julho de 1983.

Com esses dados, volto correndo para o meu quarto. Sento-me de frente para o monitor, meus dedos estão sobre o teclado. Sinto o estômago retesar em excitação e ansiedade. Há medo também. Temo pelo que posso encontrar nessa busca.

Mil motivos para não fazer a pesquisa começam a gritar em meu cérebro. Minha voz interna tem razão, é melhor deixar como está. Infelizmente, meu corpo tem vontade própria e acabo de digitar o nome dele. Fechando os olhos e respirando profundamente, aperto a tecla *enter*.

Capítulo 18

“Natan Nau Gutemberg. Formado em Letras na Universidade de Cornell, Nova York. Romancista com sete obras publicadas - quatro delas *best sellers*. Filho de Angela Nau Gutemberg, aclamada editora que, desde 1996, reside em Nova York. Filho de Diogo Gutemberg, latifundiário brasileiro que morreu no início de 1995, em um acidente de helicóptero na capital paulista. Natan foi noivo da modelo italiana Anabella de Luca, que morreu em 2011, após complicações em uma cirurgia estética.

“O próximo livro de Natan Nau, com publicação prevista para 2013, é um romance espiritualista, uma história que ele sempre quis escrever e nunca teve coragem de levar para o papel. Após a morte

de sua noiva, a vontade cresceu e ele resolveu que esse era o momento.”

Esses são os pontos que mais chamam a minha atenção na biografia de Natan. Não encontro menção de sua mudança para o Brasil e não há mais nada sobre sua nova obra espiritualista.

Existem muitos links e fotos no Google. Natan gosta de uma balada, pelo visto. E

sempre está acompanhado por alguma beldade, umas até famosas, como no caso da modelo italiana. Também pudera, o cara é lindo de doer. Como nunca ouvi falar nele? Bem, ele é um romancista e eu odeio romances. Devo até ter cruzado com algum livro dele nas livrarias que frequento, quem sabe?

Uma das fotos chama a minha atenção. Uma das únicas em que ele está sozinho, segurando um prêmio, sorrindo para a câmera. Suspiro alto. Por que ele escolheu Vila Rica? Por que justo esse fim de mundo?

Não vou parar por aqui. Sinto um ímpeto crescente, uma vontade louca de escancarar a vida de Natan e descobrir todos os seus segredos, seus anseios, suas verdades e mentiras. Quero saber tudo e algo me diz que não vou parar, até chegar ao fundo disso.

∞∞∞∞

O dia amanhece nublado, sem variantes. Estou no Amelie, fazendo a contabilidade do restaurante. Na verdade, estou checando as informações repassadas pelo contador e conferindo se todos os impostos estão em dia. A vovó não tem a menor paciência para isso.

Estou bem. A pancada na cabeça agora é apenas um amarelão. E os pontos do lábio inferior já foram retirados, com êxito. De vez em quando sinto uma fisgada, mas não é nada demais. Já acostumei com o incômodo.

Eu e minha avó entramos num acordo. Ficarei em Vila Rica até o final do ano. Ela quer que eu pense bem antes de tomar uma decisão definitiva. Já eu, quero descobrir tudo o que puder sobre Natan. Tenho que saber com quem estou lidando. Se me encontrou em Vila Rica, posso esbarrar com ele em qualquer lugar do mundo. A Terra se mostrou um lugar pequeno demais para nós dois.

Liguei para minha mãe ontem. Ela, para variar, me xingou de todos os palavrões conhecidos, alguns até em línguas estrangeiras. Deixei que ela esbravejasse e por fim, nos entendemos. Vou visitá-la em outubro e aproveitar para fazer compras na Vinte e Cinco de Março.

Ouço o cantarolar da vovó no andar de baixo. Está criando um novo prato para o cardápio e, sempre que baixa a inspiração, a vizinhança toda fica sabendo. Deixo um sorriso escapar quando ela canta alguns decibéis mais alto do que o normal.

O relógio do computador marca meio-dia em ponto. Fecho o arquivo, anotando em uma caderneta todas as perguntas que preciso fazer para o contador. Checo os *e-mails* e listo os que a vovó precisa ler. Apago os milhões de *spams*.

A cantoria cessa e imagino que a vovó tenha terminado sua nova criação. O cheiro que vem do andar de baixo impregna o escritório e a fome começa uma cantoria dentro do meu estômago. Lembro então que não tomei o café-da-manhã.

Levanto-me, equilibrando as quatro pastas pretas e pesadas com todos os documentos do Amelie. É quando ouço um tum-tum-tum na porta do escritório. Quando me viro para olhar, engulo um grito e todas as pastas caem ao chão.

– É exatamente por isso que estou aqui. Preciso saber o que a minha presença causa em você. – aquele olhar violeta está cravado sobre mim. – Nas duas vezes em que nos encontramos, você teve a mesma reação. – Natan faz uma pausa e acrescenta: – Sua avó

disse que você estava aqui no escritório e me permitiu subir. Já se recuperou do acidente?

O que dizer? Lindo. Estonteantemente lindo. Vestindo um blazer preto, camisa social azul clara para fora da calça jeans e com um olhar violeta arrebatador, Natan se aproxima, prestes a ajudar.

Estou ajoelhada, juntando as pastas e os documentos que se soltaram. Não desvio o olhar dele, um só segundo. Vejo quando se ajoelha a minha frente, recolhendo os papéis.

Sinto quando nossos dedos se tocam e eu me retraio, imediatamente.

– Estou bem. – afirmo. – E quanto a sua acusação...

– Não a estou acusando.

– Olhe, eu só me assustei, tá legal? – defendo-me, com a voz embargada.

– Algo me diz que não é só isso. – Natan se levanta, com as quatro pastas nas mãos.

Levanto-me também, abrindo o armário enquanto ele coloca aquela montanha de documentos no lugar. Continua me encarando no fundo dos olhos quando indago:

– E o que seria então?

Natan ajeita uma mecha do seu cabelo encaracolado atrás da orelha. Vejo o símbolo do infinito tatuado em seu pulso. É o que basta para choques elétricos e memórias de vidas passadas arrepiarem todos os pelos do meu corpo.

Ele crava os dentes no lábio inferior de maneira sedutora. Noto que engole com dificuldade. Seus olhos brilhantes estão tristes e um

tanto confusos.

– Desde o dia em que nos encontramos pela primeira vez, desde o acidente, eu não tenho dormido direito. Fico ruminando o que aconteceu, a maneira como você fugiu quando me viu e também a forma como me tratou.

– Eu não fugi. – rebato, irada. – Aliás, por que eu fugiria? Nem conheço você.

– Você fugiu. De mim. E eu preciso muito entender o porquê, Elise.

– Lise, por favor. Odeio o meu nome.

– Sérioo? Mas é um nome tão bonito. – ele une as sobrancelhas. Seus olhos violeta se estreitam na minha direção.

– Ainda assim, prefiro Lise.

– Tudo bem. – sua língua umedece os lábios e, por um momento, imagino que gosto ela terá... teria... ah, que droga, não quero saber que gosto ela tem! – Lise, será que pode me dizer que estou ficando paranoico? Que estou vendo coisas que não existem?

– Você é louco, paranoico e vê coisas que não existem. Pronto, satisfeito? – as palavras saem como pedras atiradas no alvo. Parecem ter surtido efeito.

– Está vendo? – ele levanta uma das mãos, apontando para mim. – É disso que estou falando.

– O quê? O que eu fiz? – dou uma de desentendida.

Nesse momento, vovó entra no escritório. Há um sorriso em seus lábios e um prato em suas mãos. Ela dança até onde estamos e se coloca no meio de nós. Retira dois garfos do avental e estende um para mim e outro para Natan.

– Vamos, não sejam tímidos, experimentem! Serão minhas primeiras cobaias. – ela sorri largamente. Agradeço aos céus por vovó ter aparecido naquele instante. A atmosfera sombria começa a se dissipar.

No prato branco de cerâmica, uma massa caseira está ricamente adornada com cogumelos *shitake* e um molho cor de cobre. O aroma está excepcional e a apresentação, como sempre, divina.

– Está fantástico, Amelie. Não sei o que tem nesse molho, mas é para comer ajoelhado. – diz Natan, para a alegria da vovó.

– Hum, muito bom, vó. Você se superou. – elogio, levando mais uma garfada à boca.

– Posso colocar no cardápio? – os olhos de vovó passeiam entre nós. Ela quer uma aprovação verbal.

– Se colocar no cardápio, não sairei mais do Amelie. – afirma Natan, com um leve sorriso se formando na minha direção.

– Ah, querido. Então venha essa noite, essa massa será o prato especial do dia. –

vovó diz, colocando o prato sobre a mesa e dirigindo-se para a saída. – Divirtam-se, comam tudinho.

Engulo em seco. Passo por Natan e vou atrás da minha avó, puxando-a pelo avental, antes que desça as escadas. Sussurro em seu ouvido:

– O que está tentando fazer?

– Eu? Nada, querida. Só tentando provar que nenhuma tragédia vai acontecer. –

vovó dá dois tapinhas em minhas bochechas e desce a escada.

Quando volto para o escritório, Natan está sentado na poltrona de couro caramelo, que deve ter pelo menos uns cinquenta anos de vida. Seus dedos percorrem o couro rachado, ele está pensativo.

Vou direto para a mesa, sento-me e trago o prato para mim. Se eu estiver de boca cheia, não falarei nenhuma besteira.

Ele me encara com os lábios entreabertos e seus olhos estão perdidos dentro dos meus. Desvio rapidamente, fitando o prato à minha frente. Não estou realmente vendo a massa, mas, enfim, melhor do que olhar para ele.

– Não vai comer mais? Mentiu para a vovó sobre a massa estar divina? – interpelo.

– Vou almoçar com o reitor daqui a pouco. E não. Não menti para a sua avó.

– Você se incomoda? – não olho para ele, apenas para o prato.

– Claro que não, coma enquanto ainda está quente.

A cada nova garfada, o sabor me invade. Vovó mandou muito bem nessa massa, ficaria perfeita com um vinho tinto, talvez chileno.

– Você ainda não respondeu minhas perguntas. – ele lamenta.

– Hum... pensei que isso já era passado. Como eu disse, você é paranoico e completamente maluco. Não há nada rolando aqui e eu não fugi de você. Nesse caso, pode relaxar.

– Não sinto que isso seja verdade. Você parece ter me reconhecido de algum lugar.

E, para ser sincero, eu acho que conheço você de algum lugar também. É uma sensação forte, dessas que não dá para ignorar.

Engasgo. Por sorte, tenho sempre uma garrafa d'água à mão. Quando me recupero, meus olhos buscam os dele. Seu semblante é impassível, Natan está apenas aguardando que eu confirme o que acabou de dizer.

– Diga que não é verdade, Lise. – seus dedos se entrelaçam, aguardando.

– Meu Deus, como você é insistente! – afasto o prato bruscamente.
– Eu não reconheci você, não conheço você de lugar algum e para ser honesta, não quero conhecer!

– Por que então essa atitude hostil desde o início? Por favor, me ilumine aqui. –

Natan se remexe, desconfortável.

– Olhe, eu realmente tenho muito trabalho a fazer hoje. Então, se me permite... –

levanto-me, apontando a porta.

Natan ergue-se da poltrona, encaminhando-se para a saída. Por um mísero momento, não quero que ele vá. Quando retomo meus sentidos e a racionalidade, quero sim que ele suma, para nunca mais voltar.

– Desculpe pelo incômodo. – Natan me dirige um olhar desanimado, antes de ir embora.

Deixo meu corpo cair, inerte. Todo o peso do mundo parece estar pressionando meus ombros. A cabeça tomba para trás e sinto lágrimas se formarem, indecisas se devem ou não rolar pelo meu rosto. Enxugo-as antes que caiam. Não derramarei uma lágrima por Natan. Nunca. Jamais.

Capítulo 19

São cinco da tarde. Estou finalizando a penúltima pulseira marroquina e meus dedos estão doloridos. Acabei de falar com Lorena e prometi que não abandonaria o projeto das aulas de artesanato. Só pedi a ela que atrasasse o início do curso em mais uma semana.

Estou compenetrada, fechando o último elo da corrente. Quero terminar tudo ainda hoje para colocar no correio amanhã cedo.

– Oi. – a voz de Lucas tira-me dos devaneios.

– Oi. Ei, não é horário de trabalho? – deposito as ferramentas na bancada.

– Por isso tenho que ser rápido. Só passei para dar uma espiada em como você está.

Sua avó deixou que eu entrasse.

– Ah, claro, ela adora fazer isso. – reviro os olhos.

– Como é? – ele pergunta, colocando algo sobre a mesa de apoio.

– Esquece. – balanço a cabeça, espantando para longe meu último encontro com Natan.

– O que vai fazer essa noite? – Lucas recosta no batente da porta, aguardando.

– Vou ajudar no Amelie, por quê?

– Bom, começou a passar um filme novo... na verdade nem é tão novo, já deve ter passado no Brasil inteiro. – ele me lança um meio sorriso. – Enfim, quer ir ao cinema?

– Hoje? Ai, Lucas, hoje eu não posso mesmo. Amanhã?

– Amanhã sou eu quem não pode. Aliás, você também não. – ele faz cara de quem está aprontando alguma.

– E por que não? – uno as sobrancelhas, confusa.

– Amanhã é aniversário da Maisa. Ela ficou com invejinha da minha festa e resolveu reunir uma turma no Vila Milionária. E claro, quero que você me acompanhe.

– Mas é claro que eu vou. – levanto-me num salto.

– Passo para pegar você, já que está sem carro. Aliás, e o seguro?

– Recebo o dinheiro nos próximos dias. Infelizmente, não vai dar para comprar um Jeep... terei que pensar em outro carro.

– Ajudo você com isso. – Lucas se aproxima, não tirando os olhos dos meus. Há um desejo em suas pupilas, posso ver, quase tocar.

– Adoraria alguma ajuda. – deixo que ele se aproxime mais. Lucas toca meus cabelos, soltando-os do coque que fiz com dois lápis de cor. Sinto a pele arder.

Ele enrosca os dedos em meus cabelos, segurando a minha nuca com delicadeza.

Beija meu pescoço, o queixo e se detém, demoradamente, em meus lábios. Ele sabe que não deve passar disso, o corte é muito recente e acabei de tirar os pontos.

– Deixe eu parar por aqui antes que perca o controle. – ele me encara, embevecido.

Checa seu relógio de pulso e se apressa em dizer: – Droga, preciso ir. Vejo você amanhã.

Bem, na verdade estarei fazendo a ronda essa noite, o que quer dizer que passarei umas dez vezes em frente ao Amelie.

Estalo a língua no alto da boca, com um sorriso provocante nos lábios.

– E os outros contribuintes, subdelegado? Não vão gostar nada disso.

Ele apenas sorri em resposta, beijando-me na testa. Já na porta, vira-se para mim, pegando o embrulho sobre a mesa de apoio.

– Quase me esqueci. A Maisa pediu para eu entregar isso a você.

– O que é? – pergunto, curiosa.

– Ela disse que é um livro. E também avisou que apesar de você não gostar do gênero, pode curtir esse. Parece que está autografado e tudo.

– Sério? – pego o embrulho e giro nas mãos. – Uau, obrigada.

Lucas encosta os lábios nos meus, uma vez mais, bem de leve. Eu o agarro e pressionoo, com força. Ele deixa uma gargalhada escapar e então, gira nos calcanhares e eu fico sozinha, doida para saber o que contém aquele embrulho.

Capítulo 20

Ainda não acredito que estou fazendo isso.

Terminei a encomenda, já fiz o pacote para colocar no correio e agora estou lendo as primeiras páginas do último romance escrito por Natan Nau, presente de Maisa. Infinito é o título em português. Ainda não acredito que ela me deu esse livro. O destino deve estar rindo, de chorar.

O autógrafo é daqueles convencionais, que os escritores costumam “carimbar” em todos os livros.

No local destinado à dedicatória, Natan escreveu: “Para aquela que nunca conheci e ainda assim sei que existe.”

Quando li essa dedicatória, senti uma queimação na boca do estômago. O que essa frase quer dizer? Terá algo a ver com a história do livro? Ou ele tem a mesma sensação que me acompanha desde que nasci? A “quase” certeza de que eu sempre soube que ele existia, mesmo sem conhecê-lo?

Vovó entra no ateliê, perguntando por que ainda não estou pronta. Fecho o livro e meus olhos correm até o relógio de parede. Caramba, perdi a hora. Deixo o romance sobre o *puff* e peço para a vovó esperar por cinco minutos.

Subo a escada correndo, aos pulos. Ofegante, abro o guarda-roupa e pego uma calça jeans escura e uma malha. Passo uma escova no cabelo e cinco minutos depois, estou de pé, na sala. Engulo em seco quando vovó balança o livro de Natan na altura dos meus olhos.

– E aquela história toda de desgraça, hein?

– Maisa me deu esse livro. Só fiquei curiosa, nada mais. – rebato, tirando o livro de suas mãos. – Aliás, não faço a menor ideia do porquê do presente. Ela sabe que não curto romances.

– Natan é professor da Maisa no curso de Letras. Não fez a conexão?

– Putz! – bato com a mão espalmada na testa. – Caramba, vó, nem tinha me dado conta disso. A Maisa faz Letras... claro, agora faz sentido.

– O que está achando da leitura? – vovó cruza os braços, com uma expressão indecifrável.

– Ainda não dá para dizer, estou bem no início.

– Lerá até o fim? – há um tom desafiador em suas palavras. Ela está me testando, posso sentir.

– Não sei. Aliás, não estávamos atrasadas?

– Lise?

– Olhe, estou curiosa, está bem? Se ele é o homem de todas as minhas vidas, se ele é o cara que me colocou em desgraça, quero saber mais sobre ele. Aliás, quero saber tudo sobre ele para não correr riscos. Não combinamos que eu ficaria em Vila Rica até o final do ano? Então, só estou me precavendo.

– Você ainda tem certeza de que ele é o tal homem? Continua a ver os olhos dele da cor violeta? – vovó questiona, um tanto aflita.

– Inclusive nas fotos que vi no Google. – confirmo, desconsolada.

– Fotos? No Google? Vasculhou a vida dele, Lise?

– Droga, vó. Estamos atrasadas. Chega de perguntas, estou me sentindo investigada e culpada.

– Querida, me prometa uma coisa? Tente não magoar o Lucas, ele é um garoto precioso. – vovó toca o meu rosto de maneira amorosa. Tomo sua mão e a beijo.

– Eu nunca faria isso, vó.

– Nunca diga nunca, Lise. Essa palavra deveria ser extinta do vocabulário.

∞∞∞∞

Quando chegamos ao Amelie, Lucas ligou a sirene, denunciando sua presença.

Vovó acenou para ele, freneticamente. Corri na direção da viatura, cumprimentei o policial ao seu lado e deixei que o subdelegado me beijasse. O parceiro dele fez uma piadinha e então voltei para o restaurante, prendendo meus cabelos dourados em um coque mal feito.

Nesse momento, o serviço da noite está pegando fogo. Um dos garçons faltou e vovó pergunta se posso ficar no bar e servir as bebidas nas mesas. Tiro o avental branco e coloco o jaleco preto, uniforme dos garçons. Sei preparar drinques como ninguém, herança de mais uma vida...

Eu era chinesa, mas não consigo me lembrar dos pormenores. Sei que meu pai me vendeu para um mercador de escravos. Eu era a filha mais velha, tinha em torno de quatorze anos. Vender filhos mais velhos, principalmente meninas, era uma prática usual e corriqueira em nossa vila.

Fui levada para Amsterdam e lá comprada por uma velha senhora, dona de um bordel bem frequentado. Meus olhos puxados e meus cabelos negros na altura da cintura valiam muito, pelo que entendi.

Os homens ficavam fascinados comigo, eu era fisicamente diferente das outras garotas. A dona do bordel ofereceu-me um quarto grande, com lençóis macios e comida três vezes ao dia. Nunca tive nada parecido antes naquela vida. De certa forma, me senti agradecida.

Durante o dia, quando os serviços domésticos terminavam, eu me juntava ao Montanha – esse era o apelido dele – no bar do bordel. Ele era um negro alto, carismático e bem apessoado. Ensinava-me a fazer drinques dos mais diversos. Logo peguei o jeito e comecei a criar novas bebidas, para delírio de Montanha e da dona do bordel.

Com essas aptidões e a facilidade que eu tinha para entreter os frequentadores, logo a velha senhora me requisitou para que eu

ficasse em companhia do Montanha nas noites de serviço. Mas tinha que atender a pelo menos um homem no final do expediente.

Aceitei de bom grado, agraciada por estar livre de dois, muitas vezes até três acompanhantes por noite.

Os frequentadores do local eram homens poderosos, abastados e velhos, em sua maioria. Eu sabia que essa não era uma boa vida, mas ainda assim, antes do bordel havia sido bem pior.

Nenhum deles me maltratou, pelo contrário. Todos eram carentes, sedentos por luxúria para afagar o vazio que habitava seus corações. Eu causava algo naqueles homens, como uma droga de efeito imediato. Não era uma devassa, mas dizia palavras bonitas e eles pareciam gostar. Sempre voltavam. Sempre disputavam mais uma noite comigo.

Quando comecei a atender apenas um cliente por noite, as brigas começaram. A dona do bordel criou então uma alternativa lucrativa, um leilão para apaziguar os ânimos.

Quem pagasse mais pela noite, poderia tê-la comigo. O dinheiro fazia os olhos daquela velha mulher brilharem como dois diamantes. Eu era a sua joia rara.

Numa determinada noite, ele chegou. Nunca o tinha visto ali. Estava acompanhado do pai e de um tio. Os dois eu já conhecia de longa data. Eu tinha posse de seus segredos mais sujos, afinal, me confidenciavam tudo a quatro paredes, em meio aos lençóis e litros de bebida.

O garoto não devia ter mais do que dezesseis anos. Seus olhos violeta cravaram-se em mim assim que se sentou, de frente para o bar. Quando o pai dele fez um aceno, eu preparei o drinque costumeiro, três deles na verdade. Levei a primeira rodada à mesa, o garoto não desviava os olhos de mim.

Nunca havia me sentido atraída por ninguém antes. Mas havia algo nesse garoto, algo que fazia com que meu espírito se remexesse, inquieto. Eu tinha uma forte sensação de que o conhecia de algum lugar. E aqueles olhos... eles refletiam muito mais do que a minha imagem. Refletiam o que eu era de verdade.

O pai dele tocou minha mão e acariciou minhas nádegas. Tremi involuntariamente com o gesto. Deu um tapinha e sorriu, apresentando-me a seu filho. Louis era o nome dele.

O tio me explicou que ele estava ali para sua primeira noite e eu tinha sido escolhida para ensiná-lo tudo o que eu sabia. Acho que eu já tinha dezessete anos naquela época.

Enquanto trabalhava no bar, ao lado de Montanha, não via a hora do leilão começar. Mas tudo poderia acontecer, já que homens tão abastados quanto o pai de Louis estavam presentes naquela noite. Tive medo de ter que dormir com outro homem, de Louis não vencer o leilão por mim.

Nossos olhos se encontraram várias vezes e, em todas elas, meus pelos se eriçavam.

Perguntei a Montanha se estava bonita o suficiente, cheirosa o bastante. Ele se aproximou e cheirou meu pescoço, um sorriso se desenhando em seu rosto.

– Você está perfeita.

– Obrigada, Montanha.

Eu usava um corpete branco, cheio de babados e rendas que deixavam meus ombros e colo à mostra. Vestia uma saia também branca, de voal. O tecido deixava transparecer uma cinta liga branca, toda franzida e com pequenos pontos de brilho. Mas o garoto não olhava para o meu corpo, ele não tirava os olhos do meu rosto.

Não havia desejo em seu olhar, era outra coisa. Na verdade, havia desejo também, mas essa outra coisa sobrepujava o desejo carnal. Passei a noite imaginando o que seria essa outra coisa, enquanto me perguntava o porquê do meu coração bater tão descompassado.

O leilão teve início e para minha satisfação contida, o pai de Louis venceu. Alguns homens, maus perdedores, soltaram improperios quando o pai do garoto lançou um valor incalculável por uma noite comigo. Era um montante absurdo, até para os mais abastados.

Eu queria muito sorrir, mas não deixei acontecer. Eu não poderia deixar transparecer essa satisfação de maneira alguma. A dona do bordel sorriu por mim quando recebeu uma mala recheada.

Como fazia em todas as noites, eu me curvei perante o vencedor. Estendi a mão na direção de Louis e ele me seguiu, timidamente, pela escada que nos levaria ao corredor dos quartos.

A mão dele estava suada em contato com a minha. Ele tremia levemente. Andei pelo corredor, agora cheio de gemidos e gritos de prazer. Parei em frente à minha porta, adornada com arabescos e tinta dourada. Girei nos calcanhares para encará-lo antes de tocar a maçaneta.

Louis estava nervoso. Apesar disso, seu olhar me penetrava de forma doce, gentil, absoluta. Era a primeira vez que eu convidava alguém para entrar no meu quarto, alguém que eu realmente desejava.

Tomei suas mãos nas minhas e ele caminhou, lentamente. Olhou em volta parecendo absorver todos os meus objetos, todos os aromas, todas as cores que nos cercavam. E então, seus olhos violetas cravaram em meu rosto.

Com um leve chute, fechei a porta atrás dele. Eu estava parada, apenas aguardando suas ordens, como me foi ensinado. Louis não as proferiu. Ele continuou ali, absorvendo-me. Fiquei sem saber o

que fazer. Toquei a barra da saia com os dedos, como sempre fazia quando ficava nervosa. A fricção do tecido em minha pele costumava ter um efeito calmante.

– Não farei nada que você não queira. – ele disse, sem se mover.

– Eu estou aqui para servi-lo. – fiz uma reverência, algo que também me foi ensinado.

Louis tomou meu queixo em suas mãos macias, ainda trêmulas. Seu rosto, queimado pelo sol, contrastava com seus olhos violáceos, um olhar que me marcaria pelo resto da existência.

– Posso beijá-la? – ele perguntou.

– Pode fazer o que quiser. – respondi, com uma certeza que fez com que seus lábios esboçassem um sorriso.

Louis aproximou-se. Senti um frio no estômago, arrepios percorriam todo o meu corpo. Suas mãos, agora em meus cabelos negros, me puxaram para mais perto. Ele beijou minha bochecha, nariz, queixo e então comecei a sentir seu ar adentrar meus pulmões. Eu o respirava e ele a mim. Minhas mãos, antes hesitantes, agora estavam em seu tórax, descendo até a cintura, colando seu corpo ao meu.

– Quero muito beijá-la, mas eu posso esperar até que deseje o mesmo.

– Eu quero. – respondi, ofegante.

Então, ele me beijou. Não existem palavras que consigam explicar o que eu senti naquele momento. Foi algo sublime, como se o céu tivesse descido a Terra ou eu ascendido aos céus. Lembro-me de todos os detalhes a seguir. Os sons, os cheiros, o gosto de sua boca, de sua pele, o seu toque suave, seus dedos percorrendo minhas costas. Tudo é tão vívido, que sinto como se tivesse ocorrido ontem.

Não fizemos amor naquela noite, apesar do meu corpo inteiro clamar por isso.

Louis disse que não seria assim. Ele me queria, mas aconteceria aos poucos.

Convenceu-me de que o pai tinha dinheiro o suficiente para bancar todas as noites. Mesmo contrariada, aceitei seus termos.

Por duas semanas, nenhum outro homem me tocou.

Lembro que Louis vinha todas as noites e seu pai sempre vencia o leilão. A dona do bordel estava tão ensandecida com o dinheiro, que me comprou vestidos novos e roupas íntimas de seda.

No fim das duas semanas, Louis me trouxe um colar de pérolas. Colocou-o em meu pescoço, com delicadeza. Fitei meu corpo nu no espelho de corpo inteiro e só naquela noite fizemos amor. Hoje, conhecendo todas as minhas vidas, posso jurar que foi o dia mais feliz de todos. Foi o momento perfeito, daqueles que deveriam ser congelados para a eternidade.

Mas então, na tarde seguinte, o pai de Louis irrompeu o bordel e caminhou decidido e furioso na minha direção. Com o susto, deixei uma garrafa de bourbon cair ao chão, o cheiro forte subiu de imediato, impregnando as narinas.

Eu e Montanha estávamos testando uma nova receita. Ele se colocou entre mim e o homem ensandecido quando percebeu o que estava para acontecer. Montanha era o único para quem eu havia contado sobre Louis, o único em quem eu confiava.

Não havia ninguém no bordel a não ser nós dois e duas garotas que arrumavam a cozinha. O pai de Louis gritava, exigindo saber o que eu havia feito com seu filho. E então, no meio dos grunhidos e vociferações, distingui algumas palavras que tiveram um efeito imediato sobre mim: "Louis quer se casar com você."

Apesar de amedrontada, eu sorri.

As garotas, na porta da cozinha, levaram as mãos à boca. Ouvi Montanha suspirar alto, incrédulo. O homem continuava a berrar e a avançar sobre mim, ainda tendo o negro alto como obstáculo. Vi quando uma arma foi retirada da cintura. Assisti, catatônica, à queda do gigante Montanha quando o primeiro disparo foi dado. Ouvi os gritos das duas garotas. Escutei a voz de Louis chamando por mim enquanto invadia o bordel, seguido por seu tio.

Senti quando a coronhada em meu rosto espalhou sangue pelo papel de parede branco, com minúsculas flores cor de gelo. Cambaleei e me segurei para não cair. Foi impossível. Deslizei até o chão, completamente zozna. Quando meus olhos voltaram a enxergar, vi a luta ferrenha que estava sendo travada. Louis segurava os braços do pai no alto, enquanto o tio dizia para o irmão se acalmar e tentava desarmá-lo.

O pai de Louis conseguiu dar uma cotovelada no irmão e tornou a avançar na minha direção, tendo agora o filho e o corpo sem vida de Montanha entre nós.

– Para matá-la, terá que me matar antes! – gritou Louis.

A luta continuou. A arma disparou novamente. Acho que gritei, não consigo me lembrar. Algo impossível tinha acabado de acontecer.

Um pai havia condenado o próprio filho à morte.

Louis foi atingido no estômago, um tiro a queima-roupa. Seu corpo caiu ao chão, em câmera lenta. Seus pulmões brigavam para respirar. Aí sim eu gritei e gritei muito alto.

Uma dor lancinante ameaçava explodir meu coração a qualquer minuto.

– Desculpe. – Louis ainda estava vivo, seu corpo emitindo espasmos numa luta perdida pela sobrevivência. – Desculpe, Mei, eu a amo demais.

Mei. Esse era o meu nome.

– Louis, fique comigo, por favor! – pedi, implorei. Mas ele não me ouviu. Seu corpo entrou em choque. Eu o chacoalhei e comecei a soluçar em desespero.

Levantei o olhar e vi o pai de Louis, com os olhos embargados pelas lágrimas, fitando seu filho morto. O tio estava parado logo atrás, com a boca entreaberta e havia horror e dor em seu semblante.

– O que você fez? O que você fez? – eu gritava e podia ouvir os ecos da minha voz reverberando por todos os cantos.

– Você tirou o meu bem mais precioso, sua vadia. Agora terá o que merece. – disse o pai, levantando a arma na minha direção. Antes que o tio pudesse correr em meu socorro, o tiro foi disparado.

Lembro-me ainda de ter visto uma nova luta se iniciando, o tio tentando conter o pai. Mas não foi rápido o bastante. Graças a Deus não foi rápido o bastante. Estou morta, estou confortada, novamente nos braços da escuridão.

Capítulo 21

Acabo de preparar um Vila Rica Coquetel. Foi uma das minhas primeiras criações logo que comecei a trabalhar no Amelie. Leva leite condensado, *vodka*, frutas vermelhas congeladas e sorvete de creme. É perfeito, sem falsa modéstia. Levo para a mesa número dois e volto ao balcão do bar. De posse do pano de prato alvejado, começo a secar algumas taças que estão molhadas no escorredor. Mas não estou realmente ali. Minha mente viaja num turbilhão de pensamentos, todos acerca de Natan.

Revivo todas as tragédia, cada memória do passado. Estou pensando no que eu poderia ter feito de maneira diferente. Penso no que Natan já viveu nessa vida e em como todos os caminhos o trouxeram a Vila Rica.

Preciso saber mais sobre ele, montar o quebra-cabeças. Talvez haja uma pequena peça que não consigo enxergar. Algo que impeça a desgraça, que finalmente acabe com a maldição.

É então que a voz dele faz com que meu corpo todo estremeça e a taça caia da minha mão, espatifando-se dentro da pia. Sinto todos os olhares do salão sobre mim e finjo não ser nada demais. Quando levanto a cabeça, é apenas para encará-lo com raiva.

– O que faz aqui? – bufo, catando os cacos.

– É a terceira vez que nos encontramos. E também é a terceira vez que você derruba alguma coisa.

– Pois é. – digo, enfurecida comigo mesma. Por que ele causa esse efeito sobre mim? Oh, claro, ele só é o homem que sempre me leva à morte. Devo dizer isso a ele? Não.

Nem em mil anos.

– Vim pelo prato especial do dia. E soube que os drinques da casa são os melhores da região. – Natan se senta sobre um banco alto, apoiando os cotovelos no balcão. Há um sorriso divertido em seu rosto, mas não é debochado.

Eu paro o que estou fazendo, tremendo de tanta raiva. Encaro-o com os lábios retesados, me segurando para não dizer bobagens das quais posso vir a me arrepender.

– Ei, o que está fazendo? – Natan se sobressalta e caminha até o espaço dentro do balcão. Estou tão ensandecida que não percebo meu punho fechado em um caco de vidro.

Há sangue escorrendo entre meus dedos.

– Droga, o que foi que eu fiz? – solto o caco na pia, enquanto Natan abre a torneira.

– Por que fez isso, Elise? – ele toma a minha mão e com delicadeza, a leva para debaixo da água. Estamos tão próximos que sinto seu hálito mentolado.

– É Lise, eu já disse. – rosno, entredentes. – E pode me soltar, eu faço isso sozinha.

– empurro Natan para o lado e retomo o poder sobre minha mão.

– Por que esse tom comigo? O que eu fiz para você? – ele recua, com um ar confuso.

– Ah, qual é. – murmuro, revirando os olhos.

– Por que parece me odiar? Adoraria saber o motivo. – Natan aguarda, cabisbaixo.

Meus lábios se movimentam, mas nenhuma palavra sai. Estou pensando de forma incoerente e se meu corpo ganhasse vida própria nesse exato momento, eu me atiraria sobre ele, sem pestanejar. Preciso medir forças comigo mesma e está bem difícil dominar os anseios que me invadem. – De onde nos conhecemos, Lise? – sua voz soa macia e aconchegante aos ouvidos.

Quero dizer alguma coisa, mas a voz não sai. Fixo o olhar em seu rosto perfeito e por um instante, desejo me perder em seus lábios, no corpo que parece ter sido feito só para mim. Que Deus me ajude.

– Lise?

– Natan – finalmente consigo dizer alguma coisa – , por que não pega uma mesa e peço para um garçom tirar o seu pedido, hein? –

apesar de estar gaguejando, acho que ele me entendeu.

O professor não responde de imediato. Seu olhar se desprende do meu rosto, dirigindo-se para minha mão ensanguentada. Estou tão desnorteada que até me esqueço do corte.

– Farei isso. – numa frieza que me abala, ele começa a se afastar. – Passe um antisséptico nisso aí.

Respiro fundo para não chorar. Olho para ele, de soslaio, enquanto estanco o sangue com a ajuda de um pano. Ele se mantém cabisbaixo, nitidamente ferido como a palma da minha mão. Acho que não está sangrando, ainda. Talvez eu o faça sangrar, quem sabe?

Um garçom se aproxima, estendendo o cardápio para Natan. Vejo quando ele passa a língua no lábio, o olhar perdido entre as fotos e descrições dos pratos. Algo emergencial se remexe dentro de mim, mas não consigo identificar que tipo de urgência é essa.

– O que fez na mão? – não noto a aproximação da minha avó.

– Um acidente. – digo, apontando para os cacos de vidro na pia.

– Esse acidente tem nome? – o olhar de vovó vagueia entre as mesas do Amelie e se detém na de número oito.

– Esse acidente se chama falta de atenção. – respondo, enfezada.

– Certo. – vovó me encara, efusiva. – Tem um *kit* de primeiros socorros no escritório. – ela me dá duas palmadinhas na bochecha.

– Vou até lá então.

– Lise?

– O que foi?

– Se não quiser voltar, não precisa. Pode sair pelos fundos.

Penso por um instante nessa proposta. É realmente tentadora.

– Não vou fugir, vó. Apesar de achar que não, eu escuto os conselhos que me dá e os aplico.

– Ótimo. – ela me fita, orgulhosa.

∞∞∞

Com a mão limpa e devidamente enfaixada, ando de um lado para outro na cozinha, atrapalhando a todos. Vovó toca em meus ombros e pergunta se estou bem. Faço que sim com a cabeça e respiro fundo.

Sinto um tremendo nó na garganta. Uma ansiedade desconhecida toma conta dos meus nervos. É um ímpeto, uma vontade absurda de irromper naquele salão e encarar o meu destino.

Tomando coragem, abro as portas vai e vem e miro a mesa de número oito.

Caminho, um tanto trôpega, sentindo como se milhões de agulhas acabassem de ser espetadas por todo o corpo. Minhas mãos estão geladas e o rosto arde em chamas.

O professor pediu um conhaque e tamborila os dedos sobre a página de um livro.

Sento-me no sofá de frente para ele. Vejo o susto em seus olhos violeta, além do meu próprio reflexo.

Natan marca a página com um marcador de couro. Coloca-o de lado e recosta no estofamento macio de *chenille* mesclado. Seu tórax sobe e desce, lentamente. Está aguardando que eu inicie a conversa.

– Desculpe pela forma como o tratei. – olho para a mão enfaixada, sem saber ao certo como agir.

Natan entrelaça os dedos sobre a mesa e não desvia seus olhos dos meus. Sustento esse olhar ao máximo, apesar de estar louca para olhar para cima ou para baixo... ou quem sabe até poderia ficar cega.

Ficar cega seria uma boa. Natan está maravilhosamente lindo essa noite. Veste uma malha preta de gola alta, dessas que se ajustam ao corpo. Seus cabelos dourados, em cachos volumosos, caem até o queixo, emoldurando um rosto angelical. Ele exerce um magnetismo, um fascínio sobre mim, difícil de suportar. Já estou fantasiando como seria estar entre seus braços, com a cabeça aninhada em seu peito. Imagino meus lábios contra os dele... lábios perfeitamente desenhados em meio à barba dourada por fazer. Seu olhar brilha como dois faróis, dois cristais de fluorita, penetrando a barreira intransponível que levantei em torno de mim. Ele consegue transpassar essa muralha, chegar mais fundo. E eu não tenho forças para resistir.

– Finalmente me dirá o que aconteceu no dia em que a vi pela primeira vez?

– Eu não sei o que aconteceu. – minto, descaradamente.

– Algo aconteceu e como eu disse outro dia, isso está me tirando o sono. – Natan remexe a taça, bebericando o conhaque. – Quando você me viu pela primeira vez, estacou no lugar, deixou uma bandeja cair, correu para a cozinha e depois, quase se matou a bordo de um Jeep.

– Não precisa me relembrar. – cerro as pálpebras, buscando uma desculpa qualquer.

Natan alisa a capa do livro que está sobre a mesa. Sua expressão é pesada, um tanto apática. Toma mais um gole de conhaque.

– Desculpe, não sei o que me deu, de verdade. – o que mais eu poderia dizer?

Seus olhos mergulham dentro dos meus. O ar me falta de repente. Tantas sensações e sentimentos misturados... tenho medo de surtar de vez.

– Tudo bem, Lise. – Natan abaixa a cabeça. – Se não quer dizer, não posso arrancar isso de você à força.

Nesse momento, o garçom deposita o prato especial do dia em frente a Natan. É a minha deixa. Levanto-me, mas ele segura o meu braço.

– Não. Por favor, fique.

Que droga! Ele tinha mesmo que me tocar? Estaco no lugar, sem conseguir me mover. Caramba, como posso perder o controle de mim mesma dessa forma?

– Preciso voltar ao trabalho. – tento me desvencilhar, em vão.

– Só mais um pouco. – ele suplica com os olhos. Que meleca, não posso resistir a isso.

– Tudo bem, alguns minutos a mais não matarão ninguém.

Capítulo 22

O burburinho do restaurante reverbera no ambiente. O clima está agradável, as pessoas parecem felizes e vez ou outra alguma gargalhada ecoa satisfeita pelo salão.

O garçom pergunta se preciso de algo. Peço uma água com gás e limão. Quando ele nos deixa a sós, Natan despeja duas colheradas de queijo ralado sobre a massa. Talvez esse seja um bom momento para especular, saber mais sobre sua vinda para Vila Rica.

– Soube que é um autor consagrado no exterior. Por que aceitou o emprego como professor de literatura numa cidade tão pequena quanto esta?

– Quer saber coisas sobre mim? – Natan dá um sorriso que na verdade deveria vender. Ele ficaria milionário.

– Estou curiosa a seu respeito. – afirmo, tentando parecer indiferente. – E então, o que aconteceu para você trocar Nova York por esse fim de mundo?

– Sofri uma perda há alguns meses, algo que me tirou o rumo. Eu precisava de novos ares, de um lugar tranquilo para um novo projeto.

– Vila Rica? – pergunto, ainda incrédula com a escolha.

– É a melhor universidade de Letras do país. Quando surgiu a oportunidade, não pensei duas vezes. Vila Rica é exatamente do que eu precisava. E o chalé da Amelie é o lugar perfeito para eu me isolar do mundo e voltar a escrever. – ele brinca com a massa no prato, sem prová-la.

– Sobre o que está escrevendo? – mantenho um tom de voz neutro, não quero que ele perceba o quanto estou ansiosa com suas respostas.

– É um romance ou talvez um drama. – Natan abre o guardanapo de linho branco e o coloca sobre o colo. – Sempre quis escrever esse livro, mas não me sentia pronto. É uma história que me persegue desde sempre.

– Pode adiantar o enredo? Ou estou sendo invasiva demais?

– A narrativa ainda é um pouco confusa na minha cabeça, quando estiver mais avançada, prometo contar a você. – Natan finalmente leva uma garfada de massa à boca. E

o faz de maneira tão sensual que preciso segurar com força nas bordas do sofá. – Soube que você é artista plástica.

– Hum, andou especulando? – me inclino sobre a mesa.

– Não. Talvez. – ele tomba a cabeça de lado. – Essa é uma cidade pequena, não se esqueça disso.

– Bom, o que dizer sobre isso? Adoro meu trabalho e não me imagino fazendo outra coisa da vida.

– Sei como é. Penso que se não escrevesse, enlouqueceria.

– É bem por aí. – o garçom finalmente chega com a água. Começo a relaxar. Meus punhos, antes cerrados, agora descansam sobre a mesa. Os músculos do rosto, antes retesados, agora sustentam uma expressão mais tranquila. Meus lábios, que tremiam quando eu falava, desenham nesse instante a linha de um sorriso.

– Nasceu aqui? – seus olhos se elevam do prato, buscando os meus.

– Ah, não. Nasci em São Paulo e só me mudei para cá no ano passado. Prefiro as montanhas, sabe? Uma vida mais tranquila, longe do caos da capital.

– Eu até gostava de Nova York, mas o ritmo frenético me deixava estressado.

Sempre tive vontade de morar em um lugar pequeno, onde todos se conhecem. Me apaixonei por Vila Rica logo na entrada da cidade. Foi amor à primeira vista.

Tremo com a menção as palavras “amor à primeira vista”. Enfim, acho que Natan não percebe e continua:

– Minha mãe leva uma vida maluca em Nova York. Está sempre viajando e quando não, sua agenda é lotada de compromissos. Nos

víamos uma vez por mês, quando dava certo. E olhe que morávamos a duas quadras um do outro.

– Eu não conseguiria viver assim. – penso em uma outra pergunta para fazer, mas então, o impensável acontece. As palavras simplesmente saem da minha boca, sem controle. – Soube que iria se casar. – droga, por que falei sobre isso? Ai, que idiota!

– Pois é. A vida é uma caixa de surpresas. Mas sou daqueles que acredita em destino. – Natan umedece os lábios. – Não era para ser.

– Desculpe pela minha indiscrição. Eu não queria constrangê-lo de nenhuma forma.

– olho para o copo d'água, ruborizada.

– Não se preocupe com isso. – Natan ensaia um sorriso. – Sabe o que é interessante?

– O quê?

– Você também sabe coisas sobre mim. Andou especulando? – o que era um ensaio, se abre num sorriso debochado.

– É claro que não. – rebato.

– Hum, certo.

– Lise, sua avó precisa de você na cozinha. – não vi Luiza se aproximar. Ela sussurra alto o suficiente para que eu possa ouvir.

– Tenho que ir. – digo, levantando-me. – Foi legal conhecê-lo um pouco melhor.

– Precisa mesmo ir? – há decepção em sua expressão.

– Realmente preciso. O restaurante está cheio e a cozinha deve estar pegando fogo.

Literalmente.

– Tudo bem, não quero atrapalhar. Obrigado por ter ficado e me feito companhia.

– Sem problemas. – estendo a mão para Natan, cordialmente. – Podemos recomeçar do zero?

– Claro que sim. – Natan toma minha mão e a beija. Meu Deus, eu não esperava por esse gesto. O corpo todo amolece quando seus lábios tocam a minha pele. É como se uma tempestade elétrica interna queimasse todos os meus circuitos, neurônios, células, músculos...

Puxo a mão de volta, não conseguindo esconder a tensão em minha face. Natan percebe, afinal, ele é escritor, não? Deve sacar tudo o que acontece a sua volta com uma facilidade imensa.

– Boa noite. – digo, sem saber direito que rumo tomar.

– Boa noite, Lise. – o som do meu nome em sua boca é algo indescritível.

Ainda estou decidindo que rumo tomar.

– A cozinha é por ali. – Natan aponta, divertindo-se.

– Claro que é. – reviro os olhos e me encaminho para lá, sentindo-me a mais imbecil entre as imbecis.

Capítulo 23

Acabamos de sair do hospital.

Vovó fez alguns exames e seu estado geral é bom, segundo o médico. A cicatrização do meu lábio também aconteceu de forma esperada e já não há sinal da pancada na cabeça. Nós duas estamos bem, aparentemente.

Comento que não tenho nada legal para vestir hoje à noite e minha avó indica a loja multimarcas do outro lado da rua, onde Maisa trabalha à tarde como gerente. São onze da manhã e ela deve estar na faculdade.

– Vamos até lá dar uma olhada. Se não encontrar nada, tem aquela loja no Boulevard, a da filha da Catarina. – vovó diz, pegando minha mão para atravessar a rua. Ela sempre faz isso, como se eu fosse criança. Apenas deixo, afinal, ela gosta de me proteger. E

eu adoro sua proteção.

As duas garotas com quem me sentei na festa de Lucas estão lá. Elas me reconhecem e eu juro que tento me lembrar de seus nomes. Mas não adianta, minha mente não funciona bem quando a questão são nomes de pessoas. Para fisionomia, eu sou ótima.

Dou uma olhada nas araras e me detenho em um vestido azul claro, de um tecido fluido e de toque macio. No corpo é esplêndido. As alças fazem um desenho bonito até o colo, o decote revelando apenas o necessário. O vestido ajusta-se na cintura e a saia abre-se levemente nos quadris. A bainha está perfeita, dois dedos acima dos joelhos. Dou uma girada em frente ao espelho e a decisão está tomada. É esse, definitivamente.

Infelizmente o frio da noite necessitará de um casaco por cima. Vovó encontra um bolero azul escuro, com cianinhas prateadas no punho. Adorei, parece ter sido confeccionado como conjunto para o vestido. Acho que terei alguma dificuldade com os sapatos para combinar.

Não precisamos andar muito para encontrá-los. Como odeio salto, é sempre difícil.

Ainda assim, a sapatilha azul escura, com pontos de cristais azul claro, parece ter sido colocada na vitrine de propósito. Compro, sem pensar.

Já de posse da minha roupa de noite, nos dirigimos ao Amelie. Vovó confere o estoque enquanto faço um talharini no alho e óleo e passo dois filés na frigideira para acompanhar. Tanto eu quanto a vovó gostamos de carne mal passada.

– Você ainda não me contou como foi a conversa com o Natan. – pela forma como ela entra no assunto, percebo que estava engasgada para saber detalhes.

– Foi legal. Um pouco tensa, talvez.

– Ainda acha que ele é o tal homem? – vovó leva as mãos à cintura.

– Tenho certeza disso. Mas nessa vida eu me lembro dele, o que me dá alguma vantagem. – digo, enquanto pico as cebolinhas com uma tesoura por sobre a massa.

– Já cogitou a possibilidade de contar a ele? Sobre as suas lembranças de outras vidas?

– Não, vó, não vou contar. Se ele não se lembra, é porque não deve.

– Ainda vai embora de Vila Rica no fim do ano? – vovó se senta, encarando-me seriamente.

– Não sei.

– E o Lucas nessa história toda?

– Eu gosto dele, vó, de verdade. Mas preciso muito resolver o meu passado com o Natan, entender o que deu errado nas outras vidas. Descobrir que carma é esse que nos persegue, vida após vida. Sinto que preciso resolver o mistério, que a vida está me dando uma chance de seguir em frente, de acabar com a maldição.

– Acha que é uma maldição, Lise? – vovó pergunta, cortando o bife em seu prato.

– O que poderia ser? Qual a probabilidade de eu encontrar o mesmo homem por todas as minhas vidas? Isso é o tipo de coisa que não acontece. E o Natan ter vindo para Vila Rica? O destino está brincando com fogo.

– O que sente quando o vê, querida? – vovó serve duas taças de vinho tinto.

– Não sei explicar. São sentimentos confusos, ambíguos. São extremos, sabe?

– Deu para perceber. Você literalmente transformou vidro em areia.
– ela aponta para o corte na minha mão.

– É. – concordo, infeliz. – É isso aí.

∞∞∞∞

A noite chegou trazendo um céu estrelado de calar a boca. Já estou sem o curativo na mão e há apenas um Micropore sobre o rasgo na minha pele. Talvez a marca suma com o tempo.

Meus cabelos dourados estão soltos, lisos e com as pontas viradas para fora.

Enquanto vovó os secava, dei uma olhada no livro de Natan, tentando captar sua essência, sua motivação.

Deu para perceber que ele é um cara romântico ao extremo. E sabe usar as palavras como ninguém. Por várias vezes me peguei suspirando enquanto passava as páginas. Esse meu deslize não passou despercebido por dona Amelie que logo tratou de me lembrar que Lucas chegaria em meia hora.

Trinta minutos depois, aqui está ele. Lindo. Vestindo uma calça jeans escura, uma camiseta branca com apenas a parte da frente para dentro da calça e um blazer cinza ultra sexy. Seus cabelos castanhos

estão despenteados para todos os lados, com o brilho típico do gel. Suspiro tão profundamente que quase engasgo com o ar.

Lucas se aproxima, com um sorriso lateral e os olhos passeando pelo meu corpo, desejosos. O aroma de sândalo se desprende de sua pele, arrebatando-me de imediato, como naqueles desenhos em que o *cartoon* é pego pelo cheiro de uma comida gostosa e flutua, seguindo o rastro. Sinto-me bem assim.

– Você está incrível, Lise.

– Obrigada. Você também está um gato. Um pão, como diria a minha avó.

– Um pão? É sério mesmo? – adoro quando ele sorri dessa forma.

– É o que ela diz sobre caras como você.

– Pensei em você o dia todo, sabia? – ele desliza os dedos sobre os fios despenteados de seu cabelo, num gesto sedutor que me fascina.

– Aliás, não consigo tirá-la da minha cabeça desde o dia em que troquei o pneu daquele Jeep.

– Uau. – olho para as minhas sapatilhas, desconcertada com suas palavras.

Os lábios de Lucas se entreabrem e sinto uma vontade louca de beijá-lo, de me afundar em seu peito, de pedir para fugirmos de Vila Rica para um lugar bem longe, onde ninguém poderá nos encontrar. Infelizmente, acredito que o destino tenha outros planos para mim e possui olhos em todos os lugares. Nunca conseguirei me esconder, talvez nunca tenha o meu tão sonhado final feliz.

Antes que comece a choramingar por conta do destino, atraco-me a Lucas, sentindo minhas papilas entrarem em delírio quando nossos lábios se tocam. Todo *chef* de cozinha sabe que existem quatro sabores – amargo, ácido, salgado e doce –, quatro paladares que, se

combinados, criam o prato perfeito. Eu diria que o beijo de Lucas é o quinto elemento... e não precisa ser combinado com mais nada.

∞∞∞∞

O Vila Milionária está cheio, mas nem tanto. Existem algumas mesas vagas e uma banda eclética está no palco, fazendo a galera dançar. Maisa está linda em um vestido verde, que aliás, vi na arara da loja. Sorte eu ter escolhido o azul.

Ela se aproxima, já bem alegre, com uma tulipa de cerveja nas mãos. Dou-lhe um abraço apertado e estendo o presente, na certeza de que ela irá gostar. O colar faz conjunto com o anel que ela comprou na loja da Mirtes. Dito e feito. Maisa ama o colar e o coloca no pescoço na mesma hora. Fica perfeito em combinação com o vestido verde.

Não sei como essa tulipa de cerveja veio parar em minhas mãos. Eu sorvo o conteúdo enquanto escuto uma história contada pelo parceiro de Lucas nas rondas noturnas.

Acho que nunca ri tanto em toda a minha vida, o cara é hilário.

Em determinado momento, Lucas tira a tulipa das minhas mãos e a coloca sobre uma mesa. Toma minha mão de assalto e eu o sigo até um canto afastado, atrás da mesa de sinuca.

Lucas me cola à parede, numa urgência que faz minhas pernas bambearem. Seus lábios incendiários se encontram com os meus e quando percebo, estou arfando, em busca de ar.

O clima esquenta rápido. Tiro o bolero e o jogo sobre o encosto de uma cadeira.

Minhas mãos agora percorrem o rosto de Lucas e se detêm, firmes, em sua nuca. Seus lábios procuram os meus e a cada nova

investida, sinto-me transportada para um lugar onde o tempo e o espaço não existem. Onde a maldição não tem lugar, nem propósito.

Deus, como eu adoraria ir para a casa dele nesse exato momento. Mas ainda não podemos sair. Maisa encomendou um bolo de vários andares e temos que ficar. Agora é Lucas quem tira o blazer, jogando-o sobre o meu bolero. Sinto os músculos de seus bíceps se contraindo quando ele aperta minha cintura com mais força. Uma onda de calor sobe pelas pernas, abrindo caminho pelas costas, enlouquecendo todas as células do meu corpo.

E então, somos chamados de volta à realidade quando a banda começa a tocar, no ritmo do axé, um parabéns a você.

Quando olho por cima dos ombros de Lucas, o sorriso que eu sustentava some do rosto de imediato. Meu olhar se encontra com o dele. Natan. Vejo gritos torturantes naqueles olhos violetas, numa dor que me atinge no peito, como um tiro certo.

Quando a banda para de tocar e Maisa sopra as velas, Natan sai de fininho, cabisbaixo, lançando-me um último olhar antes de seus cachos se agitarem na noite gelada de Vila Rica.

Capítulo 24

Não sei o que fazer.

Na verdade, sei o que quero fazer, só não sei se devo. Quando noto que Lucas engata uma conversa com dois policiais, aproveito a brecha.

– Eu já venho, só um segundo. – digo para Lucas, que meneia a cabeça afirmativamente. Ele está distraído e imagino que ficará entretido por alguns minutos.

Disparo porta afora. Vejo Natan, já na esquina, tirando a chave do Mini Cooper do bolso. Meus cabelos são jogados para trás quando

começo a andar mais rápido, contra o vento. Antes que ele entre no carro, grito o seu nome.

Ele para e nossos olhares se cruzam em meio à névoa. Há pouca luminosidade na rua e a lua brilha, altiva, sobre nossas cabeças. Algumas estrelas piscam, os planetas apenas nos observam. Acho que vi uma estrela cadente, não tenho muita certeza.

– Já vai? Tão cedo? – pergunto, ofegante.

– Amanhã é dia de aula, sabe como é. – Natan não parece à vontade. Algo o incomoda e acho que sei o que é. Será que sei mesmo? Quando vou parar de conjecturar?

– Viu só? – começo a dizer – Não derrubei nada hoje quando vi você no bar. – meus lábios formam a linha de um sorriso.

– Uma grande evolução. Mas você não tinha nada em mãos para derrubar, elas estavam ocupadas com outra coisa. – vejo quando os lábios de Natan se retesam, trêmulos.

– É, pois é. – olho para o chão. O que posso dizer? E por que me importo, afinal?

– Lise, eu realmente preciso ir. E seu namorado deve estar procurando por você.

Namorado? Lucas não é meu namorado! Ou é? Confesso, estou perdida. E algo no tom de Natan denuncia que ele quis me ferir ao proferir a palavra “namorado”. Ou estou enganada?

O que é essa energia que nos rodeia? O que é essa coisa que ofusca tudo em volta?

Sinto que posso ser tragada a qualquer segundo para dentro de um buraco negro.

– Natan... – aproximo-me, sem saber ao certo o que dizer.

– O que é? – ele aguarda, com a porta do carro aberta.

– Eu... – droga, por que as palavras teimam em se perder?

Natan parece ansioso com o que eu tenha para falar, mas como não digo nada, seus olhos tombam ao chão, um tanto indecisos.

– Olhe, não é nada. – desisto de qualquer tentativa em pronunciar algo inteligente. –

Boa noite.

– Boa noite, Lise.

Fico ali, parada como uma estátua, mesmo quando o carro de Natan já não está mais visível. Algo se remexe dentro do meu estômago e isso não é nada bom. É um sentimento de perda, ansiedade, de completo desespero.

Não posso mais sair correndo atrás de Natan ou sequer pensar em ficar sozinha com ele. Meus pulmões ardem com o ar que respiro, como se estivessem doentes. Quando estou perto dele, o ar torna-se tóxico, matando-me aos poucos. Meu coração está esfaqueado e não vejo muita lógica nisso. Eu me lembro de Natan em outras vidas, mas eram outras vidas. Ele é uma pessoa diferente agora e eu não o conheço. Como posso me sentir assim?

Lucas me tira dos devaneios quando se aproxima, com uma expressão confusa.

Pergunta o porquê de eu estar ali parada, sozinha, debaixo do sereno gelado.

Não tenho resposta para isso. Agarro-me ao seu pescoço e deixo meu corpo relaxar em seu abraço quente, firme, seguro. Estou

tremendo de frio e ele cobre minhas costas com o blazer. Estou chorando. Tão típico de mim.

– O que foi, Lise? O que aconteceu?

– Não quero falar sobre isso, tudo bem? – aninho minha cabeça em seu peito, tentando esconder o fundo do poço no qual me encontro.

– Precisa começar a confiar em mim. – Lucas sussurra em meu ouvido.

– Eu sei. Só me dê um tempo para isso.

∞∞∞∞

Lucas me deixou em casa por volta das duas da manhã. Como um verdadeiro *gentleman*, não forçou a barra, não me convidou para ir à casa dele. Não sei o que faria se tivesse convidado, é provável que eu desse uma desculpa.

Não que eu não esteja afim, não é isso. Só que o empecilho entre nós é grande demais. Preciso resolver isso antes de engatar um relacionamento sério com Lucas. Estou a ponto de explodir, preciso muito conversar com alguém.

– Vó? – bato na porta entreaberta de seu quarto.

– Oi, querida, entre, estou acordada. Cheguei do Amelie não faz nem quinze minutos. Como foi a festa da Maisa?

– Foi legal. Ela adorou o colar.

– Ah, você tem uma intuição incrível para presentear. – vovó está tirando a colcha da cama e eu a ajudo.

– Vó, o Natan apareceu por lá. – deixo meu corpo cair aos pés da cama. Sinto-me tão infeliz e fraca.

– Como foi?

– Ele me viu com o Lucas. Acho que doeu nele, sabe? Será que estou vendo coisas, imaginando que ele se sintia como nas outras vidas?

– Eu não sei, Lise. – vovó senta-se ao meu lado, passando o braço por cima dos meus ombros. Deito minha cabeça na dela e ficamos ali, por alguns minutos, apenas ouvindo nossas respirações e o vento uivante do lado de fora da janela.

– E se eu enlouquecer? – finalmente quebro o silêncio.

– Não vai acontecer. Você é uma das pessoas mais lúcidas que conheço. Confio em seu julgamento e sei que agirá da melhor forma nas situações que irão se apresentar. Lise, você precisa resolver isso, ou então, seu futuro estará comprometido. Você precisa dar um basta em seu passado, acabar com isso de uma vez.

– Como?

– Não sei, querida. Realmente eu não tenho a resposta que procura.

∞∞∞∞

Ah, o sol! Finalmente ele dá as caras por Vila Rica, pensei que tivesse se esquecido do caminho. Escancaro as janelas e fico ali por algum tempo, não me prendendo a nenhum pensamento em particular. Apesar disso, o rosto de Natan sempre aparece para me perturbar. Totalmente inoportuno.

Vovó já está pronta para me levar ao primeiro dia do curso que ministrarei para as mulheres carentes do Morro Baixo. Dirigir o Opala dela está fora de cogitação. Aliás, ontem recebi o seguro do Jeep e preciso correr atrás do prejuízo.

Mamãe quis me dar algum dinheiro, mas não aceitei. Minha avó também ofereceu e recusei veementemente. Gosto de ser independente financeiramente e comprar somente o que posso pagar.

Lucas marcou uma visita para hoje, numa revenda de carros, no horário do almoço.

Disse que encontrou uma Pajero bacana, ano 2008, em ótimo estado. E o preço está bem acessível. Se eu gostar do carro, fecho negócio hoje mesmo.

No caminho para a universidade, passamos pelo chalé que Natan alugou. Dou uma olhada de esguelha, torcendo para que vovó não perceba. Ela deveria ser policial ou espiã.

Nota de imediato minha artimanha, mas não diz absolutamente nada. O que há para dizer?

– Não precisa vir me buscar. Também não se preocupe com o almoço. Vamos almoçar no centro. – digo, estalando um beijo na bochecha saliente da minha avó.

Com duas sacolas a tiracolo, caminho apressada pelos corredores da universidade.

Sei que a sala destinada ao curso fica no térreo, ao lado da cozinha experimental, que foi construída visando o futuro curso de gastronomia.

Pergunto a um vigia como chegar lá e ele aponta para o final de um corredor longo e bem iluminado. Devo virar à direita e caminhar mais alguns metros. A sala é a de número treze.

Vou seguindo cambaleante, sentindo o peso das sacolas me afundar. Quando faço a curva para a direita, uma trombada me assusta e solto as duas sacolas de imediato.

O que dizer? Incrivelmente sedutor. Irresistível em todos os sentidos. Aquele sorriso me desconcerta, me tira do eixo, me deixa sem chão.

– Certo, isso é realmente impensável. Qual a probabilidade? – Natan parece estar se divertindo com a situação. Já não vejo traços daquela dor que identifiquei na festa da Maisa.

– Uma em um zilhão, com certeza. – digo, massageando os ombros, tentando não fixar seus olhos hipnóticos.

– Está se mudando para cá? – Natan aponta para as duas sacolas. – Isso está pesando toneladas. – ele as pega do chão, solícito. – Para onde?

– Sala treze, ao lado da cozinha experimental. – elucidado.

– Sei onde fica. – ele diz, caminhando ao meu lado.

– Vou ministrar um curso de artesanato. – meu olhar mira o chão. – É um projeto da associação da cidade.

– Bacana. Trabalho voluntário é sempre uma boa ideia.

– É sim. – meu coração bate tão forte dentro do peito que temo que ele o ouça.

– Isso quer dizer que teremos milhões de chances de nos esbarrarmos por aqui.

– É. Pode apostar.

Chegamos a sala de número treze. Natan acende a luz e coloca as sacolas sobre uma mesa larga. Na lousa está escrito “Curso de Artesanato com Lise Bittencourt”. Também há uma grade horária fixada na lateral, com todos os horários dos cursos que serão ministrados pela associação.

– Precisa de mais alguma coisa? – o professor se aproxima perigosamente. Como é mais alto do que eu, preciso olhar para cima.

– Não, obrigada.

O sinal soa e Natan me lança uma piscadela. Acho que estremeço com o gesto. Ou é o vento geladinho que entrou pelas frestas da janela?

– Preciso ir. – ele informa, com certo pesar.

– Obrigada pela ajuda. Acho que acabaremos trombando por aí. – digo, como se fosse líquido e certo.

– Preciso confessar: adoraria trombar com você novamente. – dito isso, ele me dá uma última olhada antes de desaparecer porta afora.

Capítulo 25

O primeiro dia de curso foi ótimo, melhor do que eu esperava. As mulheres foram muito receptivas e todas, sem exceção, já trabalharam com artesanato, o que facilitou e muito o meu trabalho.

Distribuí os *kits* e também as apostilas passo-a-passo. Senti-me recompensada quando a aula chegou ao fim. Nunca tinha feito trabalho voluntário antes e começo a pensar que demorei tempo demais. A sensação é fantástica.

Eu, Lucas e Maisa estamos analisando a Pajero preta, ano 2008, super bem conservada. Já fiz o *test drive* e o mecânico de confiança de Lucas acaba de emitir seu parecer técnico: compre, agora.

Não discuto. Adorei o carro e o preço é menor do que eu imaginava. Vai sobrar uma graninha para investir em alguns materiais novos para o ateliê. Fecho negócio, faço o cheque e fico de pegar o carro amanhã à tarde.

Lucas precisa voltar ao trabalho e pede milhões de desculpas por não poder nos acompanhar no almoço. Dou-lhe um beijo na saída da revenda, sob o olhar atento e indiscreto de Maisa. Ela esboça um sorriso e vamos juntas ao restaurante por quilo da praça central. Não é o melhor dos lugares, mas também não é o pior. É só saber escolher o que comer e ficar bem longe das saladas. Simples assim.

Maisa começa a falar sobre a faculdade e como o último ano tem sido incrível, principalmente pelo novo professor, aquele que escreveu o livro que ela me deu de presente.

– Aliás, você viu quem apareceu lá no Vila Milionária? O Natan! – ela mesma elucida. – Uau, me senti um *must*, garota.

– Pois é. – digo, como se não fosse nada demais.

– Ele salvou você no dia do acidente, não foi? Garota, você é muito sortuda! –

Maisa chacoalha minhas mãos.

– Nem tanto. – dou de ombros e volto para o meu arroz com feijão.

– Que é isso! As meninas da minha sala matariam por uma respiração boca a boca com ele. – Maisa solta uma gargalhada. Sinto uma pontada de ciúmes brotando de algum lugar. Ciúmes? Sério mesmo?

– Que seu irmão não me escute, mas realmente ele é muito bonito. – comento, sem dar ênfase ou importância demais ao assunto.

– Bonito? Meu Deus, aquilo deve ter sido esculpido no Olimpo! – Maisa olha para o relógio de pulso e começa a acelerar o almoço. – Droga, Lise, estou atrasada.

– Eu já terminei. – tomo um gole do suco de laranja e pego a comanda para pagar na saída.

Acompanho Maisa até a loja e ela faz questão que eu entre para dar uma olhada nas calças que chegaram. Aceito, já que não tenho muitas coisas impressionantes no meu guarda-roupas e renovar é sempre bom. E também tenho um dinheirinho sobrando.

Maisa e as duas garotas despejam calças e mais calças sobre a bancada de vidro.

São realmente lindas e pego quatro para experimentar. A preta, a que mais gostei, é colada ao corpo de maneira sobrenatural. Nunca me expus desse jeito, nunca usei nada tão... tão sensual. Quando faço menção de não levá-la, Maisa dá um tapa no meu bumbum, chamando a minha atenção para o reflexo no espelho.

– Olhe isso aqui, veja como deixa seu bumbum empinado. Ah, pelo amor de Deus, garota. Você precisa levar essa calça. Aliás, precisa levar as quatro, ficaram perfeitas.

Maisa tem razão. As quatro ficaram perfeitas, ressaltando minhas curvas, minhas coxas, meu bumbum. Natan vai adorar. Espere, eu disse Natan? Não! Eu quis dizer Lucas, é ele quem vai adorar. Por favor, esqueçam o que eu disse.

– Certo, vou levar as quatro. E quero também saias e blusas e o que mais você tiver de legal por aqui. – será que ficarei refém da moda? Nunca liguei muito para isso. Mas algo em meu íntimo clama por uma mudança, por um *up*. Que mal pode haver?

∞∞∞∞

A sineta do Amelie denuncia a minha presença. Vovó logo aparece através das portas vai e vem e quando me vê, solta uma sonora gargalhada. Estou com cinco sacolas, recheadas de roupas bem diferentes daquelas que costumo usar.

– Se foi por Lucas ou Natan, pouco importa. Fico feliz que esteja mudando o seu presente, começando pelo visual. – ela se aproxima,

querendo ver todas as roupas que comprei.

– Não foi por Natan, nem por Lucas. Foi por mim, está bem? – quem estou tentando convencer? Vovó ou a mim mesma?

– Que bom, querida. Isso é muito bom mesmo.

Dona Amelie aprovou tudo, tudinho mesmo. Estou realmente empolgada com esse lance de mudar o meu presente, reformular quem sou, descobrir do que gosto, encontrar meu verdadeiro eu. Eu esse que está escondido em algum lugar, pronto para sair à luz, deixando as memórias das outras vidas nas sombras do passado.

Enquanto aguardo vovó terminar seus afazeres, recosto em um dos sofás do salão e retiro da bolsa o livro de Natan. Estou quase na metade da história.

Antes de abri-lo na página marcada, traço com a ponta do dedo, o desenho em alto relevo na capa. É um símbolo do infinito, título do livro. O oito deitado fez parte de duas das minhas vidas passadas: No Marrocos e também na minha última encarnação, nos Estados Unidos...

Eu morava em Nova York com meus pais e minha irmã caçula. E por incrível que pareça, meu nome era Elise. Sim, Elise Simpson. Como todas as garotas da minha idade, eu sonhava em encontrar meu príncipe encantado, aquele que me faria feliz por toda a eternidade.

Muitos garotos se candidataram ao título, mas eu não estava interessada em nenhum deles. De alguma forma, eu sabia que acabaria trombando com o homem da minha vida e seria algo totalmente inesperado.

Eu estudava de manhã e trabalhava até tarde no restaurante da família, servindo mesas e atuando na cozinha, como faço no Amelie. Eu tinha uma boa vida, não posso negar. Meu pai não deixava que nada faltasse para nós e eu tinha coisas que as minhas amigas

apenas podiam sonhar. Meu pai era um homem legal, daqueles que deixava de comprar algo importante para mimar as duas filhas. Eu o amava, muito.

Percebendo que o movimento do restaurante havia decaído, papai teve uma grande ideia. Como o salão principal era grande, improvisou um palco e começou a convidar as bandas do bairro para tocarem por lá, todas as noites, em troca de bebida, comida e parte dos lucros. O resultado foi um estouro. Papai tinha tino para os negócios e enxergava oportunidades ao longe.

Numa noite, eu estava secando alguns pratos quando ele subiu ao palco. Era novo por ali, disso eu tinha certeza. Eu teria notado aquele garoto alto, esguio, com o cabelo castanho desgrenhado e seus olhos violáceos que emanavam certa tristeza. Uma amiga me confidenciou que estava caidinha por ele. Disse que sua família havia se mudado no mês passado.

O garoto da voz de seda e olhos violeta arrebatou os corações de todas as garotas do bairro assim que subiu ao palco e cantou solo, acompanhado apenas por um violão.

Era uma música triste e extremamente bela. Nunca a tinha ouvido antes.

Não demorou para que se juntasse a uma banda e se tornasse o vocalista mais cobiçado do pedaço. Nas noites em que os Lost Dogs tocavam, não havia espaço para uma mosca a mais no restaurante. Papai teve que começar a reservar as mesas antecipadamente e a vender ingressos para aqueles que só queriam assistir a performance.

John era a perfeição encarnada. Ele fazia o tipo solitário, tímido e extremamente sedutor. Andava de cabeça baixa e só levantava os olhos quando passava por mim. Nunca tínhamos conversado antes, até aquela noite.

Estava frio do lado de fora e uma imensa fila se formava. Logo, o restaurante estava tomado, muitos dos rostos eram novos e desconhecidos para mim. Papai disse que estavam vindo de toda a Nova York para assistir a mais nova sensação: os garotos do Lost Dogs. Todos queriam ouvir a nova voz da periferia, o jovem que escrevia as mais belas canções já ouvidas. Sim, John escrevia as músicas, com uma poesia que chegava a trazer lágrimas aos olhos das mulheres e até mesmo dos homens mais sensíveis.

Naquela noite, os Lost Dogs tocaram até a madrugada.

Quando as pessoas começaram a ir embora, papai pediu que eu levasse uma bandeja com refrigerantes e petiscos para os músicos. Deixei-a ao lado de John, que estava recostado no palco, afinando o violão. Ele levantou o olhar violáceo na minha direção e, pela primeira vez, um sorriso se esboçou em seus lábios tensos. Sorri de volta, feliz por ele ter me notado.

– É difícil tocar? – perguntei, apontando para o instrumento.

– Não é difícil se você tem um bom ouvido. E é preciso paciência também.

– Deve ser bem legal.

– Quando você toca um instrumento, nunca está sozinho. – John sustentou meu olhar, ainda afinando as cordas. – Elise, não é?

– Isso. – confirmei, efusiva. Peguei um copo da bandeja e lhe estendi. Ele me agradeceu e sorveu parte da bebida, logo voltando à tarefa de afinar o violão.

– Soube que compõe as músicas da banda. Você é poeta? Porque suas letras são pura poesia.

– Não sou poeta, apenas alguém que já viveu todas as dores que a vida pode infringir.

Não soube o que dizer. Não sabia a que ele estava se referindo. Um momento de constrangimento passou por nós e então John mudou o rumo da conversa.

– Quantos anos tem? Dezesesseis? Dezessete?

– Faço dezessete no fim do ano. – afirmei. – E você?

– Vinte e dois. Ou pelo menos eu acho que sejam vinte e dois, se não me perdi nas contas. – satisfeito com a afinação do violão, John guardou o instrumento dentro de uma caixa.

– Onde aprendeu a tocar? – perguntei, muito interessada em tudo o que dizia respeito àquele garoto.

– Meu irmão mais velho me ensinou. Minha mãe ensinou a ele.

Pela forma como a frase foi colocada, imaginei que a mãe dele tivesse morrido.

Para evitar maiores constrangimentos, não perguntei mais nada sobre o assunto.

– Elise, querida, vamos. – papai me chamou. Despedi-me de John e quando girei nos calcanhares, não consegui segurar um sorriso. Eu falei com ele. Ele falou comigo.

Quase não me contive, meu peito transbordava como uma banheira repleta de espumas.

Não dormi direito naquela noite. Ficava repassando, mentalmente, minha conversa com John, o garoto dos olhos mais lindos que eu já havia visto, dono da mais bela voz e detentor do poder sobre a poesia do amor e da dor. Eu não via a hora de nos encontrarmos novamente, eu queria tanto saber mais sobre ele.

∞∞∞∞

– Lise, vamos? Ainda preciso passar no banco. – vovó pega as chaves do carro sobre a bancada e me lança um olhar daqueles quando percebe que estou lendo o livro de Natan.

– Vamos. – fecho o livro e o guardo dentro da bolsa.

Capítulo 26

Estou jogada na cama, olhando para o teto branco. Milhões de pensamentos povoam minha cabeça. Concentro-me num pensamento em especial. Penso em como a vida é cíclica. Em como as coisas tornam a acontecer, vida após vida. Acredito que estejamos em uma escola, presos a um corpo físico, lembrando as matérias que já estudamos para a prova final. Será que haverá uma prova final? Tenho quase certeza disso. Ou então, a vida não faria o menor sentido.

O livro de Natan está deitado sobre meu peito, subindo e descendo conforme eu respiro. As lembranças mais vívidas são com relação a última encarnação, talvez por ter sido a última vida antes dessa. E também porque a reencarnação aconteceu logo em seguida, poucos anos após minha morte...

Não me lembro bem a data, mas acho que nasci em Nova York por volta de 1950. E

lá estava eu, uma garota com quase dezessete anos, perdidamente apaixonada por um estranho misterioso, que fazia minha pele pinicar toda a vez que o via. Um estranho extremamente familiar.

Eu estava saindo da escola com minha irmã caçula a tiracolo quando cruzei com ele em um beco, um atalho que nos levaria direto para casa. John estava sentado no chão, com o violão apoiado na perna direita, dedilhando e anotando a melodia em uma folha de papel um tanto amassada e suja.

Ele não nos viu. Estava tão absorto no que fazia, que eu poderia passar na sua frente e seria bem provável que não me veria. Pelo menos, foi o que pensei. Segundos depois, ele levantou o rosto e olhou bem na minha direção. Lembro que tremi da cabeça aos pés quando seus olhos se encontraram com os meus. Acho que sorri, mas se o fiz, foi de nervoso. John sorriu levemente, como se a minha presença naquele beco fosse uma surpresa boa.

– Oi. O que está fazendo aí? – aproximei-me, apoiando o caderno sobre uma lata de lixo, de mãos dadas com minha irmã.

– Apenas passando o tempo. E vocês? Voltando da escola?

– É. Nós fazemos esse caminho todos os dias e nunca vi você por aqui.

– Deve ser o destino agindo. – uma nuvem se movimentou no céu e John precisou colocar o antebraço na frente dos olhos, para protegê-los dos raios solares.

– Vamos, Elise. – Lauren, a minha irmã, começou a me puxar. – Estou com fome e mamãe vai ficar preocupada com a nossa demora.

– Certo, vamos. – eu disse, contrariada. – Nos vemos por aí então.

– Com toda a certeza. – John respondeu, cem por cento convicto.

∞∞∞∞

Pedi à vovó para ficar em casa essa noite. Ela colocou a mão na minha testa, só para garantir. Eu nunca falto ao trabalho, a não ser que esteja doente. Bem, se formos analisar os fatos, eu realmente estou doente. Mas não é algo físico, minha doença não pode ser medida por instrumentos médicos.

Vovó saiu há meia hora. Estou completamente só, escutando as batidas do meu coração, a respiração entrecortada por soluços

involuntários. Meu nariz funga e as lágrimas não param de escorrer pelo meu rosto, morrendo no travesseiro.

Terminei de ler o livro de Natan. É lindo. Uma história onde amor e dor se confundem. Uma história que me tirou do eixo por ser um retrato, quase exato, de nossas vidas em Nova York.

O livro conta a história de um garoto que aos oito anos viu o pai assassinar a mãe em um rompante de loucura. O homem sofria de uma doença degenerativa e seu cérebro não funcionava muito bem.

O pai foi internado após a promotoria chegar à conclusão definitiva de que o caso era psiquiátrico, de que o réu não gozava de suas plenas faculdades mentais. Essa era a história de John. Essa foi a história que ele me contou, naquela mesma tarde, quando voltei ao beco...

Assim como o garoto do livro, John e seus três irmãos mais velhos foram criados por seus tios, numa pequena fazenda nos arredores de Nova York. Os quatro sofreram muito na mão do tio, que, sempre bêbado, descontava neles os infortúnios de uma vida desgraçada.

Numa tarde, John esqueceu-se de fechar a baia dos porcos e os animais fugiram. O

tio, ensandecido, espancou John, tentando depois sufocá-lo na lama e na sujeira dos animais fugitivos. O irmão mais velho de John, Phillipe, veio em seu socorro com uma pá em mãos. Tirou a vida de seu tio ali mesmo, na baia dos porcos, com vários golpes na cabeça.

Com lágrimas nos olhos, John contou-me que o irmão mais velho foi e continuava preso, cumprindo o primeiro ano de sua sentença. Phillipe foi condenado à prisão perpétua.

John levantou a manga da camisa e me mostrou uma tatuagem que fez na cadeia, em sua última visita ao irmão: o símbolo do infinito.

Perguntei o que aquele desenho queria dizer e John, pacientemente, me explicou.

Disse que sua mãe usava um símbolo como aquele pendurado ao pescoço. E que ela, um dia, contou a Phillipe sobre seu significado.

No livro, também há uma passagem parecida. Como eu disse, a história assemelha-se muito à nossa última encarnação, mas alguns pontos são bem diferentes da verdade. Só por isso, acredito que Natan não se lembre de nada, que acredite que essa história foi apenas uma inspiração. Sei que não foi, ele realmente deve ter acessado suas memórias passadas e preenchido as lacunas através de sua intuição e criatividade.

Naquela tarde, no beco, John me revelou que o símbolo do infinito significava esperança. Por mais desgraçada que a vida fosse, sempre havia a esperança do recomeço, em outro corpo, em outra vida. Naquela época não entendi muito bem a que ele se referia, hoje eu entendo. Estava me falando sobre reencarnação.

O símbolo nada mais era do que um lembrete de que, apesar de todas as fatalidades, de todos os becos sem saída, sempre haverá uma nova chance. Essa era a esperança que motivava John a continuar vivo.

Senti-me imediatamente atraída por aquele oito deitado, pela simbologia, pelas belas palavras de John. Pedi para tocar sua tatuagem e ele permitiu. Perguntei se doeu para fazer e ele meneou a cabeça, apenas dizendo: "Uma ínfima dor perante tudo o que já vivi."

O que mais havia acontecido a John? Eu queria saber mais, descobrir tudo sobre ele. Conversamos a tarde toda e, naquelas poucas horas, decifrei um pouco daquele garoto misterioso e do porquê de seu olhar triste e muitas vezes perdido no nada.

Depois que Phillipe foi preso, John e seus dois irmãos se mudaram para o nosso bairro. Vieram morar com uma tia solteirona, irmã de sua mãe. Seus dois irmãos mais velhos trabalhavam na construção civil e John costumava ajudar nas despesas tocando e cantando em bares. Mas agora que fazia parte do Lost Dogs, isso já não era mais necessário. O que ganhava nas três apresentações semanais no restaurante da minha família, já garantia sua contribuição em casa. Fiquei feliz por saber disso.

Lauren entrou no beco e colocou as mãos na cintura ao me ver, irritada por ter rodado o bairro inteiro à minha procura. Segundo ela, mamãe estava bem nervosa com o meu sumiço durante à tarde. Perdi completamente a noção da hora.

– Tenho que ir. – disse, levantando-me e alisando meu vestido.

– Vejo você à noite. – os olhos de John cravaram-se fundo dentro dos meus.

– Hoje não é dia dos Lost Dogs. – afirmei, um tanto confusa.

– Hoje irei como cliente, se você não se importar.

– É claro que não. Apareça sim.

Já a caminho de casa, Lauren revirou os olhos e começou um sermão. Ela era dois anos mais nova do que eu e parecia uma adulta na maior parte do tempo.

– Não acredito que está interessada no John. Tudo bem que ele é lindo, mas não tem onde cair morto. Acha que o papai vai aprovar uma coisa dessas?

– Como sabe que estou interessada nele? E outra: eu não me importo se ele tem ou não onde cair morto. Aliás, você também não deveria se importar com isso. O que realmente faz diferença é quem a pessoa é e não o que ela possui. – rebati, visivelmente abalada.

– *Quer ter a vida que nossos pais tiveram quando eram mais jovens? Sem dinheiro para nada? Quer passar o resto da sua vida com a barriga no tanque e no fogão? – Lauren me segurava pelo braço. – Pensei que quisesse ser algo mais, Elise.*

– *E eu quero, nada disso mudou só porque conheci John. E olhe, com o talento que ele tem, chegará muito longe. Ninguém pode saber sobre o futuro, Lauren.*

– *Não gosto da ideia de você com ele. Mas a vida é sua, faça com ela o que bem quiser. – e pisando duro, Lauren entrou em casa e escutei a porta de seu quarto bater com força no andar de cima.*

Capítulo 27

Já estou de posse da minha Pajero preta, ano 2008, repleta de acessórios divertidos e um manual bem grosso para estudar. Como odeio manuais, jogo-o de forma displicente dentro do porta-luvas.

Quando chego em casa, por volta de uma da tarde, Lucas está no meio fio, apoiado no capô da viatura policial. Vovó chega logo atrás, com seu Opalão brilhando de tão limpo.

– Desculpe não ter ido buscar o carro com você, Lise. Mas houve um chamado de última hora e só agora consegui chegar. – Lucas estala um beijo em meus lábios.

– Tudo bem. Recebi sua mensagem e a vovó foi me buscar na universidade.

– E então? Valeu a compra? Está curtindo o carro? – ele pergunta, alisando a porta da Pajero e dando uma boa olhada lá dentro.

– É ótimo, tão bom quanto meu falecido Jeep.

– Lucas, meu bem, já almoçou? – vovó pergunta, toda animadinha.

- Ainda não, Amelie. A delegacia está um caos hoje.
- Então venha, vou fazer macarrão ao pesto. Sei que é um dos seus pratos preferidos. – vovó sabe mesmo como agarrar alguém pelo estômago.
- Puxa, Amelie, como vou recusar um prato desses? Se não for dar trabalho...
- Ora, não seja bobo, meu filho. Venha, vamos entrar.

Enquanto vovó prepara seu famoso pesto, eu e Lucas estamos no meu ateliê, jogados no pufe vermelho gigante que acomoda duas pessoas bem juntinhas. Ele alisa meus cabelos e me convida para ir ao cinema à noite. Digo que já faltei ontem no Amelie, mas ele não aceita a desculpa. Nesse caso, iremos ao cinema essa noite.

Quando vovó nos chama para almoçar, preciso fazer uma tremenda força para conseguir parar de beijá-lo. Não sei como Lucas consegue me arrebatá-lo dessa forma, mas eu chego a perder a noção de onde estou.

Depois do almoço e de Lucas voltar à delegacia, sinto uma vontade absurda de ir à livraria. Tenho duas opções: a do centro ou a que fica localizada no alto da cidade.

Contrariando todas as possibilidades, opto pela livraria em frente à universidade.

Dirijo até lá, ainda me acostumando com os pedais do novo carro. Estou concentrada na estrada, mas não deixo de notar os primeiros ares de primavera tomando posse do cenário. Bem devagar, passo em frente ao chalé e não vejo sinal do Mini Cooper preto.

A universidade fica no ponto mais alto da cidade, com uma rica vegetação e casas de tirar o fôlego ladeando os três prédios. A nata de Vila Rica está concentrada aqui.

Na avenida principal, algumas lojas são todo o comércio do local. Para artigos mais específicos, as pessoas precisam descer até a cidade, que fica a quinze minutos de carro.

Estaciono a uma quadra da livraria, o volume de carros ainda é grande em frente à universidade. Além das faculdades, a instituição oferece cursos extracurriculares como línguas, música e aulas de reforço. Também possui uma ampla academia e uma piscina com oito raias, superdisputada pelos associados em dias de calor.

Caminho, sentindo a brisa suave afagar meus cabelos. Entro na livraria sabendo exatamente o que quero. Dirijo-me à prateleira lateral e dos sete livros de Natan, o local possui apenas dois títulos em português, sendo que um deles eu já li. Compro o outro: Para Sempre. Pela sinopse, descubro que se trata de um romance tórrido entre almas gêmeas que foram separadas por imposição da guerra. Mesmo não havendo nenhuma ligação com nossas vidas passadas a princípio, sou tomada por um furor, uma vontade louca de começar a ler nesse exato instante.

De posse do livro, que está dentro de uma sacola plástica com o logotipo da livraria, entro na universidade e paro para comprar um café na lanchonete. Encaminho-me para a praça central, ladeada por árvores que se preparam para a primavera.

Sento-me e recosto em um tronco liso, como se tivesse sido lixado há pouco. As folhas fazem *creck* sob meu peso, o chão está forrado delas, num belíssimo tapete amarronzado.

Tomo uma golada de café, respiro fundo e começo a leitura.

Levo um susto logo no início da narrativa. O nome da protagonista é Amarine, meu nome de batismo no Egito, a segunda vida na Terra. O protagonista se chama Gyasi, o nome de Natan em nossa terceira vida. Preciso me conter para dar continuidade a leitura.

Fora a “coincidência” dos nomes, a história em nenhum momento se parece com alguma das nossas. Bem, isso se desconsiderarmos o lance sobre o romance tórrido entre almas gêmeas e uma separação imposta através do sofrimento.

Fecho os olhos na metade do capítulo cinco. Escuto o som da brisa e do farfalhar das folhas caindo das árvores. Preciso de ar. Natan consegue transformar um drama em algo muito além do imaginado. Ele parece conhecer a dor como ninguém, principalmente porque a história é narrada por Gyasi. Narrativas em primeira pessoa são sempre carregadas de fortes emoções.

Alguém pigarreia e me tira da órbita elíptica de pensamentos na qual estou mergulhada. Quando meus olhos se abrem, vejo Natan me encarando, há um traço divertido em seu rosto.

Visto do meu ângulo, eu poderia jurar estar diante de algum deus grego, olimpiano, viking... Vestido todo de preto, com o sol às suas costas, a imagem é resplandecente. Uma aura dourada se expande ao seu redor, como se a qualquer momento, um par de asas pudesse emergir de suas costas e me levar para além desse mundo. Um anjo, sem dúvida, é a melhor definição para o que estou vendo.

– Não me lembro de ter autografado esse exemplar. – Natan brinca, caminhando em minha direção, arrancando suspiros das folhas abaixo de seus pés.

– Pois é, acabei de comprar. – endireito-me, um pouco nervosa com a aproximação.

– Pode autografar para mim? – arqueio as sobrancelhas e pego a bolsa, remexendo o conteúdo até encontrar a caneta.

– Se tivesse dito que gostaria de ler algo que escrevi, teria um enorme prazer em lhe dar de presente. – Natan pega a caneta que estou estendendo e nossos dedos se tocam. Finjo estar no controle, mas não estou.

- Fica para a próxima. – estendo o livro em sua direção.
- Está gostando? – ele abre na página marcada para saber onde parei a leitura.
- Até agora está perfeito. Você escreve incrivelmente bem.
- Obrigado, espero que continue gostando. – Natan se senta ao meu lado, recostando no tronco da árvore. Escuto o som da caneta em contato com o papel.

Nossos corpos estão próximos ao extremo. Aquele hálito mentolado invade minhas narinas e isso não é nada bom. Fico desconcertada por alguns instantes e antes que eu perca a noção, resolvo fazer algumas perguntas sobre os livros. Preciso me manter falando.

- Posso fazer uma pergunta técnica?
- Claro. O que é? – ele continua a autografar.
- Como escolhe o nome dos seus personagens? Tipo, você pesquisa antes?

Natan precisa de alguns segundos, talvez mais para responder. Ele diz que nunca havia parado para pensar nisso.

- Acho que é intuitivo, não sei bem. Já fiz algumas pesquisas de nomes para personagens secundários, mas nunca para os protagonistas. Quando sento para escrever, seus nomes me vêm à cabeça de imediato, nunca perdi tempo com isso.
- E as histórias? Como elas surgem? – apoio os cotovelos nas coxas, como se assim pudesse ouvir melhor sua resposta. E claro, com a manobra, consigo manter alguma distância daquela boca que clama por um beijo.

– Elas simplesmente se apoderam da minha mente. Quando percebo, estou digitando freneticamente, completamente absorto. A coisa é tão forte que sinto como se estivesse psicografando. – Natan para um instante e depois me encara, no fundo dos olhos.

– Psicografando seria uma boa explicação para o que acontece comigo. Já vi um processo de psicografia acontecer com um colega da faculdade, mas ele ouvia vozes... eu não ouço nada além da minha própria voz interior.

– Se identifica com as histórias que escreve?

– Com todas elas. Se fosse diferente disso, acredito que não conseguiria escrevê-las.

– Natan fecha o livro e me entrega, junto com a caneta. Guardo os dois dentro da bolsa.

– Faz sentido. – olho para o céu. O sol está encoberto por nuvens fofas e brancas.

Quando criança, imaginava que as nuvens pudessem ser feitas de açúcar, como algodão doce. Às vezes, me imaginava pulando de uma para outra, como se fossem camas elásticas.

– Em que está pensando? – ele murmura.

– Em tudo e em nada. – olho para Natan e me detenho em seus olhos cor de violeta.

Deixo-me perder ali dentro, como se nada mais importasse. Sinto um conforto imediato, uma sensação de completude. Aquele olhar me diz que estou em casa, que encontrei o caminho, que a busca por preencher o vazio chegou ao fim. Seus olhos me dizem isso e muito mais. Tanto que, quando me dou conta, estamos perigosamente próximos e não consigo me afastar.

– Lise...

– Ah, Natan...

Ao mesmo tempo, nos atiramos um sobre o outro. Minhas mãos se atrelam aos seus cabelos cacheados numa fúria insana. Quando percebo, estou por cima dele, desesperada o suficiente, ofegante o bastante para começar a arfar. Preciso de mais. Eu quero tudo.

Os braços de Natan me sufocam num abraço, me prendem junto ao seu corpo como se não quisesse me libertar nunca mais. Felizmente, um alerta soa alto e meu corpo todo reage, descontrolado. O que diabos estou fazendo?

Paro de beijá-lo e no reflexo dos olhos de cor violeta, vejo o meu horror, a minha culpa estampada. Como perdi o controle dessa forma? Como pude me esquecer do que passou e do que poderá acontecer se ficarmos juntos? O que é essa força que nos atrai, incontrolavelmente? E Lucas? Não posso, não posso!

– Desculpe, esqueça que isso aconteceu. – nervosa, finco os dentes no lábio, jogando a bolsa por cima do ombro de qualquer maneira.

Tomada por todos os sentimentos ruins conhecidos, corro o mais rápido que posso, pedindo a Deus que Natan não me siga. Olho para os lados, temendo que alguém tenha visto a cena que acaba de acontecer.

O que foi que eu fiz? Como pude beijá-lo daquela forma? Isso está ficando perigoso, estou entrando em um beco escuro e sem saída.

Chego ao carro, com a visão completamente turva pelas lágrimas. Abro a porta e me sento ao volante, tentando inutilmente controlar a respiração. Como eu pude, meu Deus, como?

Vejo o escritor correndo ao meu encontro. Penso na possibilidade de arrancar com o carro e sumir dali o mais rápido possível. Mas não

consigo me mover. As mãos tremem e a chave não entra na ignição.

Natan bate no vidro e eu respiro fundo, tentando assumir o controle de mim mesma.

A chave finalmente entra na ignição e eu aciono o botão elétrico, baixando o vidro somente o necessário para conversarmos.

– Natan, olhe, não sei o que me deu. Me desculpe, por favor. E prometa esquecer o que aconteceu.

– Não posso prometer esquecer, Lise. Eu quis isso desde a primeira vez em que a vi, no restaurante da sua avó.

– Eu preciso ir. – digo, ligando o carro e ameaçando fechar o vidro.

– Lise. – ele coloca a mão para dentro, não permitindo que o vidro se feche.

– Por favor, não me siga. – suspiro alto, trêmula. – Eu preciso mesmo ir.

Natan se afasta quando fecho o vidro e acelero o carro. Pelo espelho retrovisor, o vejo no meio da rua, completamente desorientado. Sinto uma vontade louca de voltar, de abraçá-lo, de beijá-lo até ter câimbras nos lábios. Como posso pensar nisso? Será que não aprendi nada em minhas outras vidas?

Quando estou longe o bastante da universidade, paro o carro numa encosta. A vista daqui é linda, consigo ver toda a cidade banhada pelos raios do crepúsculo. Uma luta interna está sendo travada nesse exato segundo, não estou em condições de dirigir assim.

Por que sou tão fraca?

Não. Eu não sou fraca. Mesmo que chegue ao fim da vida em frangalhos, não vou ceder. E apesar de ter dito que nunca, jamais

choraria por Natan, é o que estou fazendo nesse momento.

Capítulo 28

Não sei quanto tempo passei naquela encosta. Só me dei conta de que já era tarde quando as primeiras luzes da cidade começaram a brotar lá embaixo.

Dirijo sem saber ao certo como estou fazendo isso. Meus pensamentos estão a mil por hora, viajando entre vidas, mortes, beijos e perguntas sem resposta.

Faço a última curva para chegar em casa. É então que vejo o carro de Lucas e ele próprio recostado no capô. Putz, me esqueci completamente do cinema!

Embico o carro na garagem de qualquer maneira. Desço esbaforida, já me desculpando, explicando que perdi a hora. Lucas parece aliviado com a minha chegada, mas há algo mais. Há uma sombra em sua face, drenando suas energias, obscurecendo seu olhar.

– Onde estava? Liguei para o seu celular várias vezes. Não tive alternativas a não ser ligar para o Amelie. Desculpe, Lise, mas acho que deixei sua avó preocupada.

– Não, sem problemas, Lucas. Eu é que tenho que me desculpar. – a culpa é um sentimento horrível. E nesse exato instante ela me corrói. Como pude beijar Natan? Como fiz isso com Lucas? Que tipo de pessoa eu sou?

– Esqueceu do nosso compromisso? – ele tomba a cabeça de lado, com as mãos nos bolsos da calça, jogando o corpo levemente para frente e para trás.

– Não, não é isso. Eu realmente perdi a hora.

– Onde estava? – Lucas olha para o chão, incerto. Percebo que ele está incomodado, sem saber se pode ou não me fazer essa pergunta.

– Ei, eu estava na universidade. – tomo seu rosto entre as mãos. Será que Lucas consegue sentir o aroma da mentira? Poderá captar o cheiro da traição no ar? – Peguei um livro para ler e perdi completamente a noção do horário. Só percebi o quanto era tarde quando ficou escuro. Por favor, me perdoe?

– Olhe, acho melhor ligar para sua avó.

– Tem razão. – sacudo a cabeça e tiro o celular da bolsa. Só então noto que estou sem bateria. – Droga, essa bateria não está durando nem um dia!

– Ligue do meu. – Lucas estende o telefone e ligo para o Amelie. Explico para vovó o que aconteceu. Não a verdade, obviamente. Enquanto caminho em círculos pela garagem, ela suspira alto do outro lado da linha, como se estivesse tendo uma visão do que realmente aconteceu. Mas por fim, aceita minhas palavras como verdade e volta ao trabalho, não sem antes dizer que preciso compensar Lucas de alguma maneira, afinal, o cinema já era.

– Obrigada. – devolvo o celular, extremamente constrangida. Preciso consertar isso, mas como? – Lucas, olhe, mil desculpas.

– Tudo bem, o cinema não vai fugir. Podemos ir um outro dia. – a decepção é visível em seu olhar.

Natan. É o nome que minha mente, meu corpo e meu espírito gritam, em uníssono.

Não posso permitir que isso aconteça. Não quero perder o controle da minha vida dessa maneira.

– Tenho uma ideia melhor. Gosta de risoto?

- Por quê? – a expressão de Lucas se altera, relaxando.
- Eu sei fazer um risoto com peras e gorgonzola que é incrível. Se me der vinte minutos para tomar um banho, podemos passar naquele supermercado na esquina do seu prédio para comprarmos os ingredientes. E a vovó tem em casa um estoque de vinhos de dar inveja a qualquer adega.
- Está dizendo que vai fazer o jantar? Na minha casa? – um sorriso lindo se desenha naqueles lábios. Era só do que eu precisava.
- Me dê vinte minutos. Enquanto tomo um banho, você escolhe o vinho. Vovó guarda as garrafas na despensa, ao lado do meu ateliê. Pegue quantas quiser.
- Para mim está perfeito. Bem melhor do que o cinema, para falar a verdade. – os olhos de Lucas retomam o brilho. E meu coração retoma o compasso. Estou apaixonada por Lucas, tenho certeza disso. E Natan, bem, Natan é o grande amor de todas as minhas vidas, não posso negar. Mas se eu quiser ter uma vida diferente, um desfecho totalmente novo, só Lucas poderá proporcionar isso.

∞∞∞∞

O risoto ficou divino e a primeira garrafa de vinho já era. Estou completamente relaxada e o episódio com Natan parece fazer parte de um passado remoto, assim como as memórias de minhas outras vidas. Lucas tem esse poder. Quando estamos juntos, sinto que estou no controle.

Ele abre a segunda garrafa e vamos os dois para o sofá. Falamos amenidades e coisas sem sentido. Depois de gargalharmos de algo que nem me lembro mais, o silêncio recai sobre nós.

Estamos nos encarando, profundamente. Deixo a taça de vinho sobre a mesa e pego a taça de Lucas, colocando-a ao lado da minha. Ele parece ansioso, aguardando meu próximo movimento.

Seguro seu rosto entre as mãos e me sento sobre ele, provocativa. Noto quando ele liberta um gemido e me beija, pressionando meus quadris, querendo a todo custo retirar qualquer coisa que exista entre nós, que impeça nossos corpos de se tocarem.

Eleva meus cabelos no alto e se perde em meu pescoço, erguendo minha bata nova por sobre a cabeça. Faço o mesmo com sua camiseta azul, meus dedos percorrendo seus ombros, seus braços, seu tórax desnudo.

Algo se inflama, como se tivessem ateado fogo sobre nós. Lucas, voraz, joga o corpo sobre o meu, enquanto me livro das almofadas, derrubando-as ao chão.

Seu corpo está quente, os lábios úmidos, suas mãos percorrem minhas coxas, subindo até o zíper da calça. Lucas a arranca de uma só vez, para meu total assombro... ele é muito bom nisso.

Agora é a minha vez. Desabotoo sua calça, desço o zíper com um barulho ruidoso e, com a ajuda dos meus pés, o jeans começa a ceder. A loucura nos abraça, envolvendo-nos em suas garras sedutoras. Uma paixão que nunca senti corre pelas minhas veias, reverberando por todo o corpo.

Meus olhos estão fechados, mas sei exatamente para onde estamos indo. Lucas me toma em seus braços fortes, minhas pernas estão em volta de sua cintura, bem atadas. Ele nos conduz até o quarto, desafivelando o meu sutiã tirando-o com os dentes. Isso é realmente excitante.

O restante das roupas cai pelo chão ou são jogadas para o ar. Apesar da fome e do fogo, Lucas tenta se controlar ao máximo. Eu não tenho tanto autocontrole assim, meu corpo clama pelo dele, em alto e bom som.

Eu preciso desse homem e do sentimento avassalador que sinto por ele. Quero estar segura e ser amada. Lucas é a minha salvação, meu

final feliz.

Mantenho Natan bem longe de nós. Não é fácil, só para constar. A imagem do beijo na universidade me toma de assalto, sem qualquer aviso. Talvez seja o efeito do álcool, porventura eu realmente tenha controle sobre mim, mas essa imagem não dura muito tempo. Ela se esvai quando Lucas entrelaça seus dedos aos meus e finalmente nos tornamos um só.

Sinto-me queimar, de dentro para fora. A energia dos nossos corpos muda a atmosfera do quarto. É como se estivéssemos envoltos em luz, como se gerássemos, juntos, a energia do próprio sol. Quando escuto o som do meu nome em seus lábios, sinto meu espírito expandir para além dos domínios mundanos, lugar onde o meu passado simplesmente não existe.

Estou completamente apaixonada por esse homem. Tanto que, quando o êxtase me atravessa, acredito que tenho o poder de flutuar. Sinto que posso tudo.

Suados, exaustos e com o riso frouxo, nos abraçamos, como se nada além desse quarto tivesse importância. Antes mesmo que eu consiga me recuperar, Lucas começa tudo outra vez.

Capítulo 29

Vovó está sorrindo na janela do quarto.

Lucas acena para ela e me beija uma última vez antes de ir embora. Não foi nada fácil deixar que ele fosse.

Quando despertei, ainda em sua cama, fui surpreendida por uma rosa em meu travesseiro. Antes mesmo que pudesse me levantar, Lucas entrou no quarto com uma bandeja em mãos. Só me lembro de café-da-manhã na cama quando estive doente.

Entro em casa e vovó já está no alto da escada, com um sorriso ansioso nos lábios.

Sei que ela quer saber tudo, nos mínimos detalhes e já vou dizendo que não contarei nada além do necessário.

Vovó me carrega para a cozinha, atrelada em meu braço. Senta-me em uma cadeira e serve um copo de suco de laranja recém-espremido. Com um baita sorriso maroto, ela se senta de frente para mim, apoiando os cotovelos na mesa e a cabeça nas mãos. Parece uma adolescente, pronta para ouvir uma fofoca realmente quente.

– Achei estranho você não me ligar ontem. – digo enquanto meu indicador traça círculos sobre a borda do copo. Bocejo alto, não dormi quase nada.

– Bem, quando cheguei do Amelie, vi seu carro na garagem, muito mal estacionado por sinal. Não foi nada difícil imaginar onde você estava. – vovó arqueia as sobrancelhas duas vezes, o que me faz rir.

– Isso não causa desconforto a você? Eu ter passado a noite com Lucas?

– Ah, minha filha, você só pode estar brincando, não?

– Vó, você não existe. – solto uma gargalhada, tombando a cabeça para trás.

– Aliás, eu e você teremos que cumprir a promessa que fiz. – vovó sorve um gole de suco, ainda me fitando.

Antes que eu engasgue, jogo o líquido que está na boca de volta no copo.

– Você fez uma promessa? E eu terei que pagar? Que história é essa, dona Amelie?

– Fiz uma promessa para a padroeira da cidade. Se você finalmente desencilhasse, nós duas acenderíamos velas na igreja, em sinal de agradecimento pela graça alcançada. E

temos que fazer isso no dia da padroeira, que aliás é no próximo sábado.

– Vó, não acredito nisso! Você só pode estar brincando.

– Minha padroeira nunca me deixou na mão, Lise. O que posso dizer? – vovó me encara, divertindo-se. – Não sabe o quanto estou feliz, querida. Você nem pode imaginar.

– Não comece a fazer planos, certo? Eu e Lucas estamos nos conhecendo ainda.

– Não importa, minhas preces foram atendidas. E no sábado, na festa da padroeira, agradeceremos à santa por ter feito o impossível acontecer.

– Não era um pedido impossível, você sabe disso. – rebato, tentando parecer chocada.

– Ah, do jeito que você se portava, era impossível sim.

– Não era não. – jogo o pano de prato na direção da vovó, revirando os olhos.

Ela suspira e seus olhos brilham numa felicidade que me contagia. Toca meus pulsos, tomando minhas mãos entre as suas. Noto o quanto está exultante e me sinto enlevada por seu entusiasmo.

Ela, mais do que ninguém, sabe quem eu sou e quem eu fui. Conhece meus medos, dificuldades e sentimentos de inferioridade. Vovó é a única que conhece minha infelicidade e todos os motivos que sempre me levaram a manter distância das pessoas... dos homens, principalmente.

– Sim, Lise. Eu estou muito feliz por você. Sinto que minha missão nessa Terra finalmente está cumprida.

∞∞∞∞

Estou chegando à universidade e sinto um frio no estômago quando vejo o Mini Cooper preto parado, bem próximo à entrada principal. Respiro fundo, relaxo os ombros e o pescoço, andando ereta pelo caminho que me levará à sala de número treze.

Torço mentalmente para não me encontrar com Natan. Peço a Deus que não permita que nossos caminhos se cruzem. A noite que tive com Lucas foi incrível e quero que permaneça assim. Desejo ficar em paz.

Das vinte e duas mulheres do Morro Baixo, apenas duas faltaram hoje. Distribuo os materiais e retomamos a aula passada. Como já ensinei o que deve ser feito, elas se sentam e reiniciam o trabalho de onde pararam.

Sento-me numa cadeira de frente para elas. Enquanto folheio uma revista de pintura em tecido, minha mente viaja sem controle, para minha vida em Nova York, até chegar ao momento em que minha irmã Lauren bate a porta do quarto com força no andar de cima da nossa casa...

Eu sabia o que estava acontecendo. Assim como todas as garotas do bairro, Lauren também estava apaixonada por John. Não a culpo. O garoto tinha uma coisa, uma aura, uma beleza precisa e misteriosa. Isso mexia com todas nós, comigo em particular.

Naquela noite, John chegou ao restaurante acompanhado de um de seus irmãos.

Sentou-se no bar e assistiu ao show de uma banda de blues. Pedi ao garçom responsável pelo bar para me deixar atendê-los. Ele piscou na minha direção e permitiu que eu assumisse o serviço.

Lauren, que estava no caixa com papai, notou minha manobra e fechou a cara no mesmo instante, com um bico sobressalente visível a metros de distância. Fingi não ser comigo e continuei onde estava.

John apresentou-me Steven, cinco anos mais velho do que ele. Ele era muito bonito, mas não tinha o mesmo sexy appeal de seu irmão mais novo.

Em um dado momento, Steven enxergou alguns conhecidos, sentados próximos ao palco. Levantou-se para cumprimentá-los, deixando-me a sós com John.

– Espero não ter metido você em alguma enrascada com sua mãe. – disse ele, lembrando que Lauren saiu a minha procura naquela tarde.

– Não, nenhuma enrascada. – sorri, timidamente.

– O que vai fazer amanhã à tarde? – nossos dedos se tocaram sobre a bancada do bar.

– Eu? – pensei por alguns instantes, ainda trêmula por estar tocando sua pele. –

Nada importante. – acho que gaguejei.

– Gostaria de me acompanhar a um lugar?

– Que lugar?

– Um local que encontrei. É tranquilo e eu posso tocar sem incomodar os vizinhos.

– Depois da aula, pode ser? – agora minha mão estava sobre a dele. Meu peito arfava, o coração palpitava acelerado.

– Se isso não for colocá-la em maus lençóis em casa, adoraria que me acompanhasse.

– Onde nos encontraremos? – perguntei, sentindo as pernas bambearem quando John apertou a minha mão.

– No beco.

– Combinado.

∞∞∞

Eu sabia que Beth, minha melhor amiga, estaria na casa da avó a tarde toda. Por isso, menti para minha mãe, dizendo que estudaria com ela para as provas que se aproximavam. Mamãe não tinha por que duvidar, eu nunca mentia.

Quando cheguei ao beco, John já estava a minha espera, com o violão a tiracolo.

Ele sorriu levemente ao me ver, seus olhos violeta brilharam ao fitar minha face tensa por ter mentido.

– O que disse à sua mãe?

– Que iria estudar com Beth.

– Precisa mesmo mentir? – John questionou.

– Ela não permitiria que eu ficasse sozinha com você ou com qualquer outro garoto.

– Ainda quer fazer isso? – ele olhava para os sapatos gastos, limpando uma sujeira imaginária no chão.

– Quero. – confirmei também com a cabeça.

Nos esgueiramos pelo beco e fizemos um caminho mais longo para chegarmos às margens do Hudson. John achou melhor assim, para não cruzarmos com conhecidos que poderiam nos delatar para meus pais.

Demos as mãos quando entramos no matagal que ladeava às margens do rio. O sol aquecia minha pele e afastava as ondas de frio que eu sentia por estar tão próxima a John.

Na verdade, eu sentia frio e calor ao mesmo tempo... uma mistura estranha de sensações.

Chegamos a uma construção precária, abandonada. Era um casebre antigo, com a pintura descascada, uma madeirite fazendo as vezes de porta. Os vidros das janelas estavam quebrados e havia crateras no telhado. Eu nunca teria entrado em um lugar como esse, mas estava com John. Com ele, eu teria ido até o quinto dos infernos.

Entramos no casebre e havia apenas três cômodos: cozinha, quarto e banheiro.

Nem imagino quem poderia ter morado ali. Ainda de mãos dadas, John me levou para uma varanda atrás da casa, com vista para o Hudson.

Tirei a fita cor-de-rosa que prendia meu cabelo amarelado. John limpou uma cadeira de madeira com o punho da camisa para que eu pudesse me sentar sem sujar o vestido de renda. Ele soprou o pó de uma outra cadeira e sentou-se de frente para mim.

– Estou compondo uma nova música. Já tenho a melodia quase pronta e a letra começa a se desenhar na minha cabeça.

– Posso ouvir?

– Claro. – John abriu a caixa e tirou o violão lá de dentro. Afinou as cordas e começou a dedilhar, cerrando as pálpebras.

Ele cantava com o coração. Sua voz penetrava por todos os poros do meu corpo, preenchendo um vazio que eu nem sabia que existia. O tempo passou tão depressa que sobressaltei-me quando o sol começou a se pôr no horizonte. Apreensivo, John levantou-se num

pulo, guardou o violão e começamos a correr pelo caminho que nos levaria de volta ao beco.

Despedimo-nos, sabendo que tornaríamos a nos ver mais tarde, no restaurante dos meus pais. Cheguei em casa esbaforida, ajeitando o vestido e recolocando o laço de cetim nos cabelos.

Entrei e tudo parecia tranquilo. Tudo menos Lauren. Ela me fuzilou com o olhar, furiosa e ressentida. Será que ela sabia onde eu havia passado a tarde? Será que contaria aos meus pais? Temi pelo pior. Mas independente do que ela soubesse, não disse absolutamente nada.

Os Lost Dogs se apresentaram com a casa cheia. Eu e John fingimos não nos conhecer, havíamos combinado isso durante a tarde, no casebre. Naquele momento, olhar para ele me bastava. Até quando seria o bastante, eu não sabia dizer.

Dois dias depois, inventei outra desculpa para minha mãe. Dessa vez, iria passar a tarde na biblioteca da escola, fazendo uma pesquisa. Realmente havia uma pesquisa a ser feita e eu a faria, numa outra oportunidade.

Encontrei-me com John às margens do Hudson, para não levantar suspeitas.

Caminhamos até o casebre, de mãos dadas, atravessando o matagal, nos esgueirando de possíveis transeuntes ao longe.

Ele confidenciou que a melodia já estava pronta e a letra tomava forma, cada vez mais clara em sua mente. Tocou diversas músicas, a maior parte de sua autoria. Tirei de uma sacola de mão uma latinha decorada, recheada com biscoitos de canela que eu mesma fiz na tarde passada. John gostou tanto que não sobrou nem um biscoitinho para contar história.

Estávamos mais espertos com o horário. Quando o sol baixou, marcando cinco da tarde, apressamo-nos para voltar à realidade. Já no matagal, caminhando em direção a rua, John parou, puxando minha mão. Meu corpo, que se movimentava para frente, foi atirado para trás com o puxão. Nossos corpos se tocaram, os hálitos se misturando, os lábios próximos demais. Eu nunca tinha estado tão próxima de um garoto antes. Arfei com a possibilidade de acontecer o meu primeiro beijo.

– *Elise, eu não consigo parar de pensar em você.*

– *John. – foi só o que consegui dizer.*

Nossos lábios se tocaram e por mais que eu tivesse treinado para esse momento com as costas da minha mão, o beijo real era bem diferente. Era úmido, quente, com um sabor inimaginado. Quando sua língua tocou a minha, pensei que sentiria nojo, mas não foi isso o que aconteceu. Fui tomada de assalto por uma força invisível, um desejo irrefreável, uma vontade louca de fazer parte de John, de nos transformarmos em um único ser. Naquele instante, entendi o que significava a palavra amor.

Capítulo 30

Demoro a perceber a mão que paira sobre meu rosto, indo de um lado para outro, tentando chamar a minha atenção. A mão é de Roberta, uma das mulheres do curso. Ela ri e as outras alunas também. Quando volto para a sala de número treze, saindo do transe no qual estava, me deixo rir com elas.

– *Desculpem, meninas, acho que me desliguei da Terra. – sacudo a cabeça, relaxando o pescoço.*

– *Nossa, esse lugar em que você estava deve ser incrível. – Roberta brinca, mostrando-me a caixa de marchetaria que acaba de concluir.*

– Realmente era um lugar incrível. – digo, sonhadora. Pego a caixa das mãos de Roberta e analiso-a mais profundamente. – Muito bom, Roberta, está perfeita.

– Obrigada, professora.

– Mais alguém terminou? – levanto-me, passando os olhos pela sala de aula.

Depois de analisar todas as caixas e a técnica empregada, dispenso as mulheres e apago a lousa. Estou juntando minhas coisas quando o celular toca. É Lucas.

Ele explica que não terá folga no sábado, dia da festa da padroeira. Estará de plantão na delegacia, já que esse costuma ser um dia movimentado, cheio de baderneiros e bêbados que precisam ser contidos e fichados. Digo que entendo e que irei com a vovó.

Conto a ele sobre a promessa que terei que pagar e Lucas engasga de tanto rir, chegando a perder o ar. Finjo que estou brava, mas o fingimento não se sustenta por muito tempo. Logo estamos os dois rindo, de chorar. Desligo o telefone e o guardo na bolsa, notando algo que estava esquecido ali dentro. O livro autografado por Natan.

Pego o romance nas mãos. A capa apresenta um casal, separado pelas chamas da guerra. Acaricio o homem que representa Gyasi, como se fosse ele mesmo que estivesse ali.

Abro o livro e me deparo com a página de rosto e o autógrafo:

“Finalmente estou em casa. O vazio já não existe mais.

Natan”

Meu corpo estremece em espasmos involuntários. A boca se entreabre e meus olhos ficam embargados. Me recuso terminantemente a derrubar qualquer lágrima que seja.

Foi exatamente assim que me senti na praça da universidade, quando perdi o controle e agarrei Natan. Essas palavras poderiam ter sido escritas por mim e seriam tão verdadeiras quanto as que leio agora.

Qualquer mulher sorriria, qualquer ego transbordaria com algo assim. Ao contrário disso, estou triste. Um amargor sobe pela garganta e a ficha cai, ruidosamente. Nunca serei feliz por completo, mesmo apaixonada por Lucas. Natan sempre será uma sombra, uma lembrança do que eu poderia ter, do que nunca poderei viver.

– Lise? – é o som da voz dele. Eu a ouço como se fosse uma canção fúnebre.

– Oi, Natan. – meu tom denota agonia.

– Está tudo bem?

– Tudo ótimo. – apresso-me em dizer.

– Não parece. – ele se aproxima, seu olhar penetrando o meu íntimo, ultrapassando a barreira.

– Cansaço, só isso. – suspiro alto, jogando a bolsa sobre o ombro. – Estou atrasada, preciso ir.

Abaixo a cabeça e passo por Natan como um furacão. Ele segura o meu braço, assim como fez John, naquela tarde às margens do Hudson. Quando meu corpo retorna com o puxão, estamos perigosamente próximos.

Tento me lembrar da noite incrível que tive com Lucas, do quanto estou apaixonada por ele. Mas as lembranças são nebulosas, não se firmam, não são fortes o bastante quando estou perto de Natan.

– Precisamos conversar, Lise. – ele se aproxima mais, nossos lábios quase se tocam quando ele sussurra. – Eu não consigo tirar você da

minha cabeça.

– Desculpe, Natan, mas realmente estou atrasada. – desvencilho-me, empurrando-o com mais força do que gostaria.

– Não poderá fugir para sempre.

– Talvez eu possa. – dito isso, giro nos calcanhares e caminho rápido para fora dali.

∞∞∞∞

Não sei como consegui chegar em casa. Minha cabeça gira, os pensamentos falam ao mesmo tempo, a voz interior grita comigo. Dois copos d'água não me acalmam, preciso de algo mais forte.

Na adega da vovó, encontro vinhos e alguns destilados que poderiam fritar um bife de tão fortes. Pego uma garrafa de Tequila pela metade e, já na cozinha, sirvo uma dose generosa em um copo americano.

Sorvo o conteúdo num só gole, sentindo o álcool queimar tudo por onde passa. A bebida bate no estômago com força, acho que estou fazendo careta. Ainda assim, sirvo mais uma dose e viro de uma vez.

Não sou de beber, não gosto da sensação e odeio não estar no controle. Prefiro a sobriedade em qualquer circunstância. Mas hoje, realmente preciso disso, desejo esquecer o meu passado, quero que meus pensamentos parem de me atormentar.

Deixo o copo de lado e começo a beber direto do gargalo. Ando em círculos pela cozinha, tombando a cabeça para trás, fitando o teto, perguntando aos céus os porquês.

Completamente vencida, recosto no azulejo frio e vou escorregando o corpo, até chegar ao chão. Abraçada à Tequila, após beber o último gole e lamber a boca da garrafa, não me sinto melhor. Na

verdade, estou pior do que antes e meu estômago reclama, doido para colocar tudo para fora. Bem que meu coração poderia ser jogado para fora também. Se eu não sentisse nada, a vida poderia ser tão mais fácil.

Escuto o meu nome na soleira da porta de entrada. Lembro vagamente de ter entrado em casa, aos prantos. Acho que não fechei a porta... eu a bati com força e ela tornou a abrir. Sim, foi isso o que aconteceu.

Não tenho forças para me levantar, muito menos para me esconder. Mas, afinal, o que ele está fazendo aqui? Como me encontrou?

– Lise? Está aí?

Não respondo. Abraço a garrafa com mais força, torcendo para que o gênio da Tequila salte lá de dentro e atenda ao meu único desejo: sumir daqui, o mais rápido possível.

Com os olhos semicerrados e a visão turva, vejo a surpresa de Natan ao me encontrar no chão da cozinha, abraçada a uma garrafa. Meu estado deplorável deve ter feito com que um alarme soasse alto e ele se ajoelha de imediato, tentando tirar o troço das minhas mãos. Eu não a solto, ela é minha amiga.

– Lise, solte a garrafa. Meu Deus, quanto você bebeu?

– Eu não bebo. – minhas palavras não são faladas, são jogadas no ar como um lufo.

– Aliás, como veio parar aqui? Está me seguindo?

– Todos nessa cidade parecem conhecer o endereço de sua avó. – Natan revela. –

Me dê essa garrafa. – ele exige, de forma autoritária.

– Não! – bufo. – Ela é minha amiga, a única que me entende. – estou falando enrolado, abraçada a garrafa.

– Vai ser assim? Tudo bem então. – Natan tira a garrafa da minha mão à força enquanto eu esperneio e caio para o lado. Meu rosto gela quando toca o piso frio da cozinha. – Onde é o seu quarto? Lá em cima?

– Não vai entrar no meu quarto. É local proibido para você. – digo, com a cara enterrada no chão, tentando a esmo me levantar.

Natan não diz nada. Como meu corpo todo está molenga, ele precisa fazer uma força descomunal para me erguer do chão.

– O que pensa que está fazendo? Me largue, agora! – sinto o cheiro do meu próprio hálito e não é nada agradável. É uma mistura de álcool, tragédia e desespero.

– Quieta. Você não está em condições de exigir nada.

– Mandou eu ficar quieta? Tipo, calar a boca? Enlouqueceu? Perdeu a noção do perigo? – Natan me carrega escada acima.

Ele olha para dentro do primeiro dormitório e percebe que se trata de um escritório.

Vai até o segundo quarto e escancara a porta, na certeza de ser o meu. Acerta.

Ao deitar-me na cama, o mundo começa a girar bem rápido. Sinto que a qualquer momento vou vomitar. Não, não farei isso. Não quero parecer fraca diante dele.

– Eu não sou fraca, tá legal? – levanto o indicador na altura do nariz de Natan. Ou talvez esteja levantando o indicador para o nada, já que vejo dois Natans na minha frente.

Putz, um já é ruim, imagine dois.

– O que você fez, Lise? – Natan não me pergunta diretamente. Fala para si mesmo, enquanto me cobre com a manta que está nos pés da cama.

– O que eu fiz? O que eu fiz? – estou transtornada e minhas palavras se enrolam enquanto falo. – O que você fez?, o que nós fizemos?, essas sim são as perguntas! Estamos no inferno, Natan. Sim, estamos no inferno, sendo punidos dia após dia, vida após vida.
–

tento me sentar, mas o quarto gira rápido demais. – É o inferno, só pode ser o inferno, sabe?

O diabo está rindo de nós agora mesmo. – pego Natan pelo colarinho. – É, cara, é o inferno, sabe?

– Descanse, Lise, depois conversamos. – Natan segura meus ombros, sentando-se na beirada da cama. – Eu não vou deixar você sozinha nesse estado, está bem?

– Está vendo só? Esse é o problema! – me sento, um tanto torta. – Você precisa me deixar sozinha, precisa ir embora de Vila Rica. Ou então – aproximo-me do ouvido de Natan, como se fosse contar um segredo –, estaremos mortos. Eu e você vamos morrer, Natan, como sempre acontece.

– Do que está falando? – os olhos violeta entram em estado de alerta. Suas sobrancelhas se unem num misto de confusão e tensão.

– Do que estou falando? Estou dizendo que essa vida é uma merda, que nossos encontros sempre terminam em tragédia, que nossas mortes são horrendas! – soluço e cuspo as palavras, tombando a cabeça no ombro dele.

Natan engole ruidosamente. Sua mão acaricia meus cabelos e a outra está em minhas costas, traçando pequenos círculos. Não, não são círculos. Ele está desenhando o símbolo do infinito. Apesar de *trêbada*, consigo identificar.

Ficamos assim por algum tempo, seu aroma almiscarado invadindo minhas narinas, seu coração pulsando bem próximo ao meu, seu calor esquentando meu corpo. Ainda estou fora de mim, fora de controle. Se Natan continuar por aqui, tudo pode acontecer.

– Natan?

– Estou aqui.

– Escutou o que eu disse? – pergunto, arrependida por ter falado o que não deveria.

– Cada palavra. – nossas vozes são sussurros.

– Esqueça, delete.

– Depois falamos sobre isso. Por que não se deita e dorme? Vai acordar com uma baita dor de cabeça mas, enfim, você se sentirá melhor.

– Natan? – levanto minha cabeça de seu ombro, fitando-o. Já não vejo mais dois Natans, apesar da visão estar nebulosa. Sinto como se estivesse dentro do olho de um furacão, com tudo em volta girando, menos eu e ele. – Diga que esquecerá o que eu disse.

– Não vou dizer isso. Não será verdade.

Sem forças, deixo meu corpo cair na cama, inerte. Estou rememorando uma cena, uma noite muito especial. Fecho os olhos e tento me lembrar dos detalhes. Lembro de uma canção feita para mim. Reformulando: foi uma canção escrita por John para Elise. A música se chamava Infinito. Por mais que eu tente, não consigo

lembrar a letra toda, mas eu me recordo bem do refrão. Sem perceber, estou cantando em voz alta, em inglês.

Traduzindo para o português, o refrão fica assim:

“Meu amor por você não é deste mundo. Ele passou a existir quando a alma foi forjada e separada em duas partes iguais: eu e você. Esse amor não pode ser medido, não pode ser testado. Assim como a alma, nosso amor é eterno. Infinito. É para sempre, Elise.”

Quando minhas pálpebras se abrem, os lábios de Natan estão trêmulos e seus olhos marejados. Só então me dou conta de que cantei em voz alta. Ele é fluente em inglês, entendeu cada palavra que eu proferi. O que isso quer dizer? Houve um lampejo de memória? Será que Natan se lembrou que John escreveu essa música para Elise, naquele casebre abandonado? Talvez tenha se lembrado que, quando cantou essa canção no restaurante do pai, ela foi proibida de vê-lo novamente?

– O que foi? – tento erguer o corpo, desistindo assim que meu estômago dá *loopings* desconfortáveis.

– Onde ouviu essa música?

– Em um outro tempo, uma outra vida. – expiro ruidosamente. – Por quê? Ela significa algo para você? – estou completamente zozona. Meus olhos semicerrados querem muito se fechar. Mas eu não deixo, quero ouvir a resposta dele.

– Eu escrevi esse refrão ontem, para o meu novo livro.

Capítulo 31

Os detalhes da minha última vida são tão vívidos que sempre temi enlouquecer por não saber quem eu sou, por acabar me confundindo. É por isso que teimo em ser chamada de Lise. Não sou

Elise, não sou a garota que morreu ao lado de seu grande e único amor. Já fui. Não sou mais.

Quando Natan revela que escreveu o refrão para seu novo livro, eu não me contenho. Começo a soluçar alto, lágrimas vertem velozes pelos meus olhos, fico completamente descontrolada.

Natan me abraça e não diz nada. Aguarda que eu me acalme, que me restabeleça da crise. Não há recuperação para mim, não mais. É como atravessar a única ponte para uma ilha, que desaba assim que você chega do outro lado. Não há como voltar e o mar está cercado por tubarões.

Natan deita-se ao meu lado. Enterro a cabeça em seu peito, as batidas do seu coração começam a me embalar, levando-me para um sono calmo e tranquilo. Não sei quando aconteceu, mas eu dormi.

Quando acordo, com a cabeça latejando, vejo minha avó com uma bandeja em mãos e Natan sentado numa poltrona, com o corpo arqueado para a frente, as mãos entrelaçadas sobre as pernas. Ele mira o chão, o olhar perdido.

A princípio, preciso forçar a memória para entender como culminamos nesse momento. Não necessito ir muito longe, logo meu cérebro se acende e começa a me contar, em detalhes, todas as besteiras que fiz e proferi.

– Café forte com bastante açúcar, Lise. Vai ajudar a curar a ressaca.
– vovó me estende uma caneca de porcelana vermelha, o vapor escapando pelas bordas.

– Obrigada. – um gosto horrível sobe pela minha garganta. Assopro o café e na primeira golada, sinto o corpo todo estremecer.

Natan eleva a cabeça em minha direção e permanece imóvel nessa posição. Não olho para ele, finjo que não está ali. Vovó, nada

condescendente comigo, senta-se na cama e segura meu queixo.

– Está na hora de contar a ele, Lise, antes que esse segredo acabe destruindo vocês dois.

– Vó...

– Conte, Lise. Natan tem o direito de saber. – com a expressão séria, vovó se levanta e sai do quarto, fechando a porta atrás de si.

Não estou preparada para contar nada a Natan, muito menos com a cabeça latejando desse jeito. Miro-o e sinto um calor subir pela espinha, até arrepiar os pelos da minha nuca.

Ele continua imóvel, apenas me fitando, indecifrável.

– Preciso de um banho. – digo, em tom de lamento.

– Fique à vontade. – Natan recosta na poltrona, cruzando os braços em frente ao corpo.

– Não vai embora, não é? – se eu fosse Natan, também não iria. Tiraria toda a história a limpo.

– Não, Lise, não vou.

– É, imaginei. – suspiro. – Ainda assim, não sei se estou preparada para conversarmos. Na verdade, não estou preparada de jeito nenhum.

– Não vou sair daqui. Tem o banho todo para se preparar.

Acovardo-me diante dele. Uma angústia cresce em meu peito. Pego uma troca de roupa e me tranco no banheiro. Quem sabe posso morar aqui dentro? Morrer intoxicada pelo vapor, talvez? Ou então, eu poderia escorregar e bater com a cabeça na pia.

Vovó tem razão, não posso mais esconder o que sei. Mesmo Natan não se lembrando das vidas passadas, ele acessa as memórias. Essas lembranças são tão dele quanto minhas.

Demoro um bocado no banho. Lavo a cabeça duas vezes, pensando que com isso Natan desista de me esperar. Já estou com a ponta dos dedos enrugadas e não há mais o que ser limpo. Fecho o registro do chuveiro e me enrolo na toalha.

Pego o vestido floral que está pendurado e o visto. Essa é uma das roupas novas que comprei, almejando mudar a minha vida. Não parece estar funcionando, não me sinto diferente em nada.

Olho no espelho e fico me encarando por algum tempo. Não há para onde fugir, nem se eu quisesse. Destranco a porta e respiro fundo, retirando a toalha da cabeça e sacudindo os cabelos.

Natan continua sentado na poltrona. A feição endurecida muda quando ele me vê.

Se não estivesse tão tenso, poderia jurar que soltaria um suspiro, talvez até um sorriso se formasse naquela boca perfeita.

Caminho lentamente, jogando a toalha molhada sobre a cadeira. Não sei se já é noite, a janela e a cortina estão fechadas e apenas a luz do meu *abajour* ilumina a cena.

Vejo quando Natan finca os dentes no lábio, com força. Nossos olhos não se desviam e eu não esboço qualquer reação. Quando estou próxima o bastante, pego seu braço, girando-o no ar, acariciando a tatuagem do infinito. Noto que ele arrepia ao meu toque.

– Não estou pronta para isso, Natan. – recuo dois passos.

– Não vou sair daqui, Lise. Não até me contar o que está acontecendo. – o professor se levanta, um tanto alterado.

– Você não entende...

– Eu quero compreender! Você precisa me dizer o que está havendo. Amelie sabe o que está acontecendo. – ele aponta para a porta. – Não me deixe na escuridão, por favor, não faça isso comigo.

– Natan, eu nem saberia por onde começar.

– Pelo começo é sempre mais fácil. Você disse coisas... meu Deus, você falou sobre mortes, sobre o inferno. Se isso me diz respeito, eu quero saber.

– Me dê algum tempo, quero colocar as ideias em ordem, porque essa será uma conversa muito longa e dolorosa.

– Não vou dar tempo algum. Sei que encontrará um jeito de fugir, como tem feito desde que nos conhecemos. – Natan mantém uma postura exigente.

– Não vou fugir. E sabe por quê? – aponto para o símbolo tatuado em seu braço. –

Não tenho como fugir de você.

Natan petrifica, sua expressão é de choque. Se entendeu ou não o que eu quis dizer, agora não importa. Vovó irrompe o quarto, dizendo que Lucas está lá embaixo.

– Lucas o quê? – minha boca se entreabre com o susto. Ai, Deus.

– Querida, as coisas vão se complicar. – vovó está branca como neve.

– O que eu faço, o que eu faço? – começo a olhar para todos os lados, completamente desorientada. – Natan, você precisa ir embora.

– Não vou embora, Lise. Precisamos conversar e não vai passar de hoje. – ele bate o pé e parece decidido. Droga, droga, droga!

Não há tempo para fazer nada. Quando percebemos, Lucas está ali, com as mãos nos bolsos, emoldurado pelo batente da porta.

– O que está havendo? O que esse cara está fazendo aqui, Lise? – Lucas me interpela, num tom acusador.

– Lucas, querido, não é nada do que você está pensando. – vovó se interpõe.

– O carro dele está parado aí há horas, muito antes de você chegar, Amelie. E

quando finalmente tomo coragem para ver o que está havendo, é isso o que encontro? Os dois no seu quarto, Lise? Seus cabelos molhados? Sua avó tentando encobrir você? – Lucas dá dois passos a frente, enfurecido.

– Não aconteceu nada do que está imaginando, pode ficar tranquilo.

– Natan tenta apaziguar os ânimos exaltados de Lucas.

– Cale a boca. – ele mira o indicador na direção de Natan, como se fosse uma arma carregada.

– Não é nada do que você está pensando! – grito, ofendida.

– Então será que pode me dizer o que está havendo? – ele se volta para mim, transtornado.

– Natan me ajudou e já está de saída. E quando você se acalmar, posso contar o que aconteceu. – rebato, com irritação.

– Querido, eu nunca permitiria algo assim na minha casa. Natan e Lise não fizeram nada errado debaixo do meu teto. – vovó toca os ombros tensos de Lucas.

– Então o que, Amelie? – os olhos dele estão vidrados e por um breve momento, sinto medo de sua reação.

– Eu vou indo para vocês poderem conversar. – diz Natan, passando por mim e mal me olhando. – Pode me acompanhar, Amelie?

– Claro, Natan. Venha, meu filho. – vovó o conduz para fora do quarto. Ele e Lucas não se despedem. Aliás, o subdelegado lança um olhar matador para cima dele, daqueles que fazem as paredes tremerem.

Respiro fundo. Saí de uma situação crítica para entrar em outra ainda pior. Que capacidade é essa que tenho, não? Eu realmente sou amaldiçoada, tudo o que pode dar errado comigo, costuma dar.

– Venha cá. – quando faço menção em pegar as mãos de Lucas, ele se afasta. –

Certo, como quiser. – sento na poltrona, ainda quente e com o aroma de Natan exalando do tecido. Quero socar alguma coisa, mas me controlo apenas inspirando e expirando profundamente.

Lucas recosta na escrivaninha, cruzando os braços sobre o peito. Há uma névoa densa em seus olhos, uma sombra que dói dentro do meu peito.

– Não aconteceu nada entre nós. Sei o que parece, mas não é nada disso.

– Então por que ele estava aqui, no seu quarto? – noto que Lucas se controla para não chorar. Por Deus, não acredito que estou ferindo esse homem!

– Nos encontramos na faculdade mais cedo. Eu não estava muito bem e Natan passou aqui para saber se eu tinha melhorado.

– Ele poderia ter ligado, Lise. – Lucas está impassível, olhando para os pés.

– Realmente ele poderia ter ligado se tivesse o meu número. Mas isso não está em discussão, Lucas.

– Ainda não entendi como ele veio parar no seu quarto. Será que dá para me explicar?

– Olhe, quando o Natan chegou aqui eu estava na cozinha, completamente bêbada, tá legal? – ok, eu me descontrolo nesse momento.

– Você bebeu? Por que fez isso? – ele descruza os braços e se aproxima, sentando-se na beirada da cama com uma expressão de incredulidade que me fere. – O que está acontecendo? Por favor, me diga.

– Eu bebi porque estava me sentindo triste, deprimida. Não é nada com você, Lucas.

O problema sou eu. E Natan me trouxe para o quarto para eu poder dormir e me recuperar até a vovó chegar. Não aconteceu nada entre nós, não há nada entre nós. Por favor, acredite em mim.

– Por que está se sentindo assim? Pensei que estivéssemos... eu realmente pensei que nós...

– Lucas, eu adoro você. Nossa relação é uma das únicas coisas bacanas da minha vida. Mas existem outras situações, um passado que não me deixa ser feliz. – prendo seu olhar ao meu.

– Me conte então, Lise, eu quero muito fazê-la feliz.

– Lucas, você é incrível e me faz muito feliz. Mas não é tão simples quanto você imagina.

Silêncio sepulcral. Enquanto digere o que acabei de dizer, é a minha vez de interpelá-lo:

– Como sabia há quanto tempo Natan estava aqui?

– Eu estava voltando de uma batida policial. Vi o carro dele parado à porta. – Lucas respira antes de continuar. – Depois disso, passei três vezes aqui na frente e o Mini preto continuava imóvel. Você não faz ideia das coisas que passaram pela minha cabeça.

– Como sabia que era o carro do Natan?

– Puxei a ficha do cara, como você sugeriu. Foi a última compra dele em São Paulo, um Mini Cooper, o único de Vila Rica. Mas para ter certeza, joguei a placa do carro no sistema da polícia, que me devolveu o nome dele. Quando passei pela quarta vez aqui em frente, vi que Amelie já tinha chegado. Não me aguentei, Lise, eu precisava saber o que estava acontecendo.

– Por que não veio antes?

– Porque não queria que pensasse que sou ciumento, que desconfio de você! Droga, Lise, é tão difícil de entender? – os lábios de Lucas estremece. – O que há entre nós é importante demais para mim. Eu não quero sufocá-la, não posso perdê-la, você me entende?

– Lucas? – ele está cobrindo o rosto com as mãos.

– O que é?

– Me desculpe. – tiro suas mãos do rosto. Vejo que pequenos pontos brilhantes se formam em seus olhos. Não quero fazê-lo chorar, não posso permitir que Lucas sofra por mim.

– O que aconteceu no seu passado, Lise? O que houve de tão grave? E por que parece que Natan está sempre por perto quando você precisa? Deveria ser eu!

– Deveria ser você, Lucas, com toda a certeza.

Capítulo 32

Sábado chega com o sol a pino. O friozinho não incomoda e deixa a temperatura muito agradável. O aroma da primavera está por toda a parte.

Lucas recebeu uma ligação da delegacia e fui salva pelo gongo. Ainda assim, não estou livre de suas perguntas. Prometi que relataria tudo sobre meu passado no domingo, seu dia de folga. Contarei, finalmente, meu segredo tão bem guardado.

Ele me fez jurar que o faria e eu jurei, sem cruzar os dedos ou coisa parecida.

Talvez me faça bem desabafar, ter com quem dividir meus medos, minhas dúvidas e anseios. Vovó faz bem o papel, mas talvez, falar com outra pessoa me ajude a entender o todo. Precisarei de tato e cuidado, medindo minhas palavras. Não será uma tarefa fácil e tremo só de pensar em sua reação. Mas se quero uma relação saudável, baseada na verdade, não posso mais esconder o meu passado.

Pedi afastamento do curso para as mulheres do Morro Baixo. Não estou em condições de ministrar nada, principalmente correndo o risco de cruzar com Natan nos corredores da universidade. Ele não me procurou depois do que aconteceu em meu quarto.

Minha avó contou que ele esteve no Amelie ontem à noite e ficou debruçado em seu *notebook* por mais de duas horas. Pediu a massa especial e três doses de conhaque. Ela disse que se sentou com ele por algum tempo e que conversaram um pouco.

– Sobre o que vocês conversaram? – não consigo segurar a curiosidade.

– Sobre tudo e sobre nada, querida. Natan estava muito triste, apagado, sabe? Senti uma pena... mas enfim, ele me contou que

está trabalhando muito no novo livro e que, quando não está dando aulas, está escrevendo. Pelo que entendi, ele escreve durante as tardes, noites e madrugadas. Quer saber? O pão está um caco, filha. Acho que não tem dormido direito.

– Foi só sobre isso que conversaram?

– Se quer saber se falamos sobre você, a resposta é não. Mas mesmo não tocando no seu nome, senti que ele queria falar sobre o que aconteceu aqui em casa. Ainda assim, não entrou no assunto. E eu também preferi não falar nada. Se algo precisa ser dito, a única pessoa que pode fazer isso é você, Lise.

Estou com várias encomendas atrasadas e não trabalhei nenhum dia dessa semana.

Minha mente está um caos, minha vida está uma zona e os sentimentos são os mais loucos que se pode imaginar. Não sei como ainda não surtei.

A noite chega com um céu inspirador. Observo as estrelas, debruçada na janela do quarto. A primavera começa amanhã, finalmente. É minha estação preferida do ano.

Estou vestindo a calça preta *sexy*, uma camisa da mesma cor, levemente transparente e sapatilhas prata. Vovó aparece no quarto quando estou colocando os brincos.

Dois pontinhos de cristal que emitem brilhos coloridos quando a luz é refletida.

– Está pronta? – vovó está com uma calça de alfaiataria preta, camisa cinza e sapatos de salto pretos, desses envernizados. Como ela está linda! E cheirosa também.

– Estou sim.

– Começo a pensar que fiz o pedido errado. – vovó lamenta, pesarosa. – Enfim, promessa é promessa e temos que pagar à santa. Ou isso ou ela é capaz de mandar um terceiro pretendente para você, só para me tirar do sério.

– Vó, eu amo você. – digo, beijando suas mãos. – Sabe disso, não sabe?

– Oh, Lise, eu também amo você. Mas deveria ter pedido por sua felicidade, não por um pretendente. Ainda há tempo de corrigir o meu erro.

– Você só quer o melhor para mim, vó. A santa sabe disso. – eu a abraço, o mais forte que consigo sem sufocá-la.

– Você está linda, Lise. Se sua mãe a visse agora, ficaria de queixo caído.

– Sei que sim.

Seguimos para o centro na minha Pajero. Estaciono a quatro quadras da praça central, local onde está acontecendo a festa para a santa padroeira de Vila Rica. Vovó carrega duas velas cor-de-rosa para pagarmos a promessa.

Quando chegamos à igreja, completamente tomada pelos fiéis, descobrimos que a missa terminou há pouco. As pessoas estão saindo, dirigindo-se para a praça, tomando as várias mesas que foram dispostas para a festa.

Aguardamos um pouco antes de entrar no recinto sagrado. Vovó faz o sinal da cruz.

Eu não o faço, não tenho esse costume. Caminhamos lado a lado, até chegarmos a um altar com a imagem da santa. Muitas velas estão queimando e cartas foram deixadas aos pés da padroeira.

Vovó me estende uma das velas e pede que eu ore, em sinal de agradecimento.

Como dizer não para a vovó? Impossível, mesmo acreditando que tudo isso seja uma tremenda bobagem.

Na saída da igreja, ela cruza com suas amigas Mirtes e Lorena. As três começam a tricotar ali mesmo e, sinceramente, não estou nem um pouco a fim de ficar para essa festa.

Lucas está trabalhando e não há nada a fazer aqui a não ser beber e comer. Não nos esqueçamos dessa banda tosca que agora toca música sertaneja, daquelas melosas e bem bregas.

Vovó nota que quero ir embora. Lorena diz que a leva para casa, caso eu realmente não queira ficar. Agradeço imensamente e pergunto se vovó ficará bem, se não há problema mesmo se eu quiser voltar.

– Você é quem sabe, Lise. – vovó toca o meu rosto, apertando as bochechas. Odeio quando faz isso na frente dos outros. Mas ela consegue seu intento com o gesto: arrancar um sorriso dos meus lábios.

– Hoje eu já disse que amo você? – sussurro em seus ouvidos.

– Eu também amo você, minha querida. Amo tanto que daria minha vida para vê-la feliz.

Beijo vovó bem forte, deixando o local marcado por alguns segundos. Sinto um aperto no peito por deixá-la ali e ir embora.

– Vá, querida, não se preocupe comigo. Estou com as meninas, vamos nos divertir um bocado.

– Tem certeza, vó? Olhe, eu posso ficar. – estou indecisa, algo me diz para ficar.

– Vá, isso é festa para velhos como eu. Ficarei bem.

Penso alguns instantes antes de finalmente me decidir.

– Certo. Qualquer coisa, me ligue, está bem? Não vou dormir cedo.

– Está bem, querida.

– Divirtam-se.

∞∞∞∞

Estou caminhando, olhando para o chão como sempre, absorta em meus pensamentos. Um carro para ao meu lado e um vidro se abre. Natan.

– Precisamos conversar, Lise. Por favor, entre no carro.

– Como é? Não vou entrar no seu carro. – sentindo-me quase ofendida, olho para os lados.

– Então não entre no carro. Me siga com o seu.

– Não vou segui-lo a lugar algum, Natan. – tento colocar as mãos no bolso da calça, mas o tecido está tão agarrado às minhas pernas que só os dedos indicadores entram nos buracos.

Natan parece nervoso. Recosta a cabeça com força no banco, fechando os olhos a seguir.

– Olhe, Natan, não temos nada para conversar. Esqueça o que aconteceu, está bem?

– me aproximo do carro para não ter que gritar no meio da rua.

– Já se colocou no meu lugar? Já pensou, por um segundo, como é estar na minha pele nesse exato momento? Consegue imaginar a confusão que está a minha cabeça depois de tudo o que me falou?

– Está me responsabilizando? – apoio as mãos na porta do carro, arqueando o corpo para a frente. – Esqueça tudo o que eu disse. Será melhor para você, eu garanto.

– Não vou esquecer, não consigo esquecer. Existe algo entre nós e eu preciso entender. Por favor, Lise.

– Droga, Natan. – soco a lataria do carro com o punho fechado. – Onde?

– Em algum lugar calmo. – ele pensa por um momento. – No chalé.

– O quê? Não vou para o chalé com você! – recuo, instantaneamente.

– Eu só quero conversar, Lise.

– Natan, não. – respondo, veemente.

Suas mãos se prendem ao volante com força. Vejo desespero em seu olhar quando ele me fixa novamente.

– Estarei no chalé em quinze minutos. Se você não aparecer...

– Se eu não aparecer, o quê? O que vai fazer?

– Não farei nada. Mas saberei que estava errado em relação a você.

– Natan... – o vidro se fecha e ele acelera pela rua de paralelepípedos.

∞∞∞∞

Vinte minutos mais tarde, estou entrando na propriedade da minha avó. A luz da varanda está acesa e vejo Natan sentado em uma poltrona de *raton*, com o olhar fixo nas estrelas. Desligo o carro e não tenho certeza do que estou fazendo.

A única coisa que sei é que estou decidida a contar tudo para Lucas. Se pretendo engatar mesmo um relacionamento, segredos não podem ser tolerados. Nenhum relacionamento verdadeiro consegue sobreviver a isso. Agora, contar para Natan? Será uma boa ideia? Se eu revelar o que sei, tudo pode mudar.

O professor apruma-se quando subo os três degraus que separam o jardim frontal da varanda. Caminho lentamente e me sento na poltrona ao seu lado, sem nada dizer. Estamos separados apenas por uma mesa de apoio.

Natan serve uma taça de vinho para mim e completa o conteúdo da sua. Não me movo. Ele volta a fitar as estrelas, bebericando de sua taça, pensativo.

Nenhum de nós diz absolutamente nada. Ficamos ali, coexistindo na matéria, no *continuum* espaço-temporal. Percebo que estou calma e resolvo começar a falar.

– Natan, não sei em que minhas revelações podem ajudá-lo. –
derrubo o silêncio, mas não quebro o gelo que há entre nós.

– Estou confuso. Preciso compreendê-la, Lise. – Natan se vira para mim. – Algo me diz que quando eu conseguir entendê-la, entenderei a mim próprio.

– Não acho que seja uma boa ideia. Já basta eu ter que lidar com tudo isso. Não é fácil, na verdade é insuportável. Não sei se quero dividir a bagagem com você. Ela é pesada demais e eu sinto, lá no fundo, que preciso protegê-lo.

– Não precisa me proteger. – Natan se remexe, angustiado.

– Algo me diz que isso é importante, que protegê-lo é a única forma.

– Proteger-me de quê?

– De mim.

Capítulo 33

Eu não deveria conhecer as constelações, mas conheço. Não as que estou vendo agora, apenas sei o nome daquelas que Elenot me ensinou, no Egito. Sempre que olho para o céu me lembro dele. É impossível não associar.

Escuto uma cigarra ao longe. Uma coruja se remexe sobre o galho de uma árvore. A brisa sopra as folhas caídas do inverno, varrendo a estação que fica para trás. Ouço a respiração cadenciada de Natan e o barulho que ele faz ao tamborilar os dedos na taça de cristal.

– Eu sou grandinho, Lise, sei me cuidar. Não preciso que me proteja de nada, muito menos que me proteja de você.

– Não é bem assim. Você não entende...

– Não, eu não entendo. – ele deposita a taça sobre a mesa e arrasta a poltrona de modo que fique na minha frente. Senta-se e arqueia o corpo, apoiando os cotovelos nos joelhos. – Eu estou na mais completa escuridão e não vejo nenhum sinal da saída. Preciso que me guie, que me mostre o caminho da luz.

– Não devo, Natan. É bem provável que, depois do que eu lhe disser, a escuridão seja mais densa, que nunca mais encontre a saída ou veja a luz. Sei o que estou dizendo.

– Lise, desde a primeira vez em que nos vimos, eu senti algo muito forte. Sei que você também sentiu. Nossos encontros... aquele beijo... meu Deus, diga que não estou ficando louco.

– Natan...

– Lise, como sabia do refrão da música? O que é essa conexão que nós temos? O

que é esse sentimento que ofusca qualquer outra coisa no mundo?

– Natan, não.

Ele umedece os lábios. O gesto faz com que o ar me falte por um breve segundo. Eu não conheço o homem à minha frente, não faço ideia de quem ele seja. Ainda assim, o que sinto por ele é grandioso demais. Vivemos, mesmo que por pouco tempo, muitas vidas juntos. Amamo-nos e morremos tragicamente. Eu poderia usar as palavras de John para definir o que sinto: Meu amor por Natan não é deste mundo.

Amor. É o que sinto. Mesmo que ele fosse um psicopata, um assassino, um traficante, um assaltante... eu o amaria, incondicionalmente. Só agora reconheço isso. Esse amor é mais forte do que eu, está muito além de meras vidas. É algo muito mais antigo e precioso.

Sem esse amor que sinto, eu não existiria. Natan não existiria. Essa é a melhor definição que encontro, enquanto estamos mergulhados um nos olhos do outro.

Não quero contar nada a ele. Já basta o fardo que carrego desde que nasci. Não quero dividi-lo com Natan. Quero poupá-lo, o máximo que eu conseguir.

– Lise? – ele aguarda que eu lhe diga algo.

– A única coisa que precisa saber é que deve manter distância de mim.

– Não quero isso. – o sorriso que escapa de seus lábios é tenso, inconformado.

– Estou falando sério, Natan. Se nos mantivermos afastados, nada de mal vai acontecer.

Natan fecha os olhos e se levanta. Gira nos calcanhares e vejo que seu corpo treme e não é de frio. Lágrimas irrompem dos meus olhos, não sei o que fazer, para variar. Será mesmo que se nos mantivermos afastados, nenhuma desgraça ocorrerá? Será essa a forma de protegê-lo?

Respiro fundo e resolvo desligar a razão. Nesse momento, nessa varanda, vou deixar meus sentimentos falarem e agirem por mim. O que meu coração deseja fazer, nesse instante?

Natan está de costas, recostado na pilastra. Levanto-me e toco seus ombros, com delicadeza. Seu corpo reage, noto que a respiração dele fica mais curta, mais difícil até.

Ele gira nos calcanhares e seu olhar se prende ao meu. Ficamos ali, degustando um ao outro, sem nos movermos.

– Por que sinto vontade de tocá-la toda a vez que a vejo? O que é esse impulso que me atira sobre você, essa ânsia em abraçá-la?

– Natan...

– Algo que me diz que você sabe a resposta. – ele então fecha os olhos e abaixa a cabeça, tocando sua testa na minha. Suas mãos se elevam, alisando meus cabelos e me envolvendo num abraço.

– Ah, Natan... – está difícil falar qualquer coisa nesse momento.

– Lise, nunca senti nada parecido antes. É algo grandioso demais, muito maior do que eu posso aguentar.

– Não diga isso, por favor. – estou arfando.

– Desde o dia em que nos conhecemos, sonho com você todas as noites. E algo me diz que esse sentimento não é unilateral. Posso ver nos seus olhos que não estou sozinho. –

Natan segura o meu rosto entre as mãos. Posso ver meu reflexo aprisionado em tons de violeta.

– Por favor, pare de dizer essas coisas. Você não entende, é perigoso. – cerro as pálpebras, sentindo-me fraquejar.

– Olhe para mim. – ele balbucia e acato o pedido.

– Me deixe protegê-lo, só dessa vez. – murmuro, vencida.

– Já disse, não quero ser protegido. Só quero entender o que é isso que sinto por você. Quero assimilar as coisas que você disse, naquela tarde, na sua casa.

– Natan, eu não devo contar. Por favor, não faça isso comigo.

– Lise, prometo deixá-la em paz depois que me contar.

– Eu estou em paz, estou com Lucas. – não quero ferir Natan, mas preciso deixar claro que não estou disponível e que Lucas faz parte da minha vida. Sei que não deveria tocar no assunto, mas estou agindo num impulso, na vã esperança de que ele resolva esquecer o que foi dito e o que sente.

– Eu sei. – suas palavras soam baixas, como se tivesse perdido o fôlego, a razão para continuar conversando.

– Você não faz a menor ideia. – minhas mãos se detém em seu peito e sinto as batidas de seu coração.

– Divida comigo o fardo, por favor. Sou o motivo da sua infelicidade, Lise? Fiz algo, numa outra vida, para prejudicá-la?

– Oh, Deus, não. Não é nada disso. – contrariando as ordens mentais, meu corpo ganha vida própria. Abraço Natan e o calor de seu corpo irradia uma onda tranquilizadora na minha direção.

– Então o que aconteceu? – ele corresponde ao meu abraço, entrelaçando os dedos nos meus cabelos, pressionando seu corpo contra o meu.

– Por que é tão difícil? – choramingo.

– Lise, me ajude. – ele sussurra em meus ouvidos. Seus lábios começam a deslizar pela pele do meu rosto e arrepios trafegam por todo o meu corpo.

Não consigo me segurar, é mais forte do que eu.

Seguro firme o rosto de Natan entre as mãos. Nossos lábios se tocam com fúria, com desespero, com amor. Posso sentir a energia daquele homem sendo tragada pela minha boca, invadindo as células do meu corpo, anestesiando todo o medo com o qual sempre convivi.

É um momento daqueles sublimes em que os corpos perdem o peso, a densidade.

Sinto minha energia transmutar, como se eu estivesse acelerando. É uma sensação de renascimento, ou talvez, de quase morte.

Somos tomados por uma força descomunal, além do humano, algo divinal. As mãos de Natan ganham terreno, detendo-se na curva das minhas costas, puxando-me para mais perto, como se isso fosse possível.

O celular toca no meu bolso traseiro e eu demoro a perceber. Algo me diz que preciso atender. Talvez essa ligação me salve do que estou prestes a fazer.

Empurro Natan, desvencilhando-me de seus braços. Estou arfando em busca de oxigênio. Meus lábios estão úmidos e o corpo queima, num ardor insano.

Puxo o aparelho para fora da calça, com dificuldades. A calça, extremamente justa, não ajuda. Estou trêmula e num completo torpor.

Natan tomba a cabeça para trás, talvez esteja maldizendo os céus pela interrupção.

Quando olho no visor do celular, congelo no lugar. Será que Lucas intuiu? Desconfia de onde estou? Sua ligação foi no momento preciso, eu já estava fora de mim e nos braços do homem de todas as minhas vidas, do homem que amei, amo e amarei por toda a eternidade.

– Preciso atender. – digo.

– Vá em frente. – Natan suspira alto, recostando a cabeça na pilastra de madeira.

– Lucas? – quando digo o nome em voz alta, Natan me lança um olhar de tristeza e abaixa a cabeça. – Espere, o que disse? Lucas, você está chorando?

– Onde você está, Lise? – a pergunta é feita entre soluços.

– O que aconteceu, Lucas? Pelo amor de Deus!

– Lise...

– Lucas, é a minha avó? – sinto o chão sumir debaixo dos meus pés.

– Onde você está? Eu vou buscá-la.

– Me diga! – as pernas bambeiam e Natan precisa me segurar para que eu não caia.

– Lise, não sei o que dizer. – Lucas soluça alto e alguém ao seu lado pede que ele não me diga nada. Reconheço a voz de Luiza.

– Por favor, diga que ela está bem. Diga! – exijo, aos gritos. Natan me olha, assustado.

Silêncio.

– Lucas, diga que ela está bem! – grito novamente, aos prantos.

– Desculpe, Lise, meu amor, me desculpe. Precisa vir para cá, agora. Onde está?

Vou buscar você. – o telefone cai ao chão, assim como meu corpo. Natan se ajoelha ao meu lado e pega o celular.

– Lucas, é o Natan. – pausa – Escute, não é hora para isso. Se depois você quiser me dar um soco, terei um enorme prazer em oferecer a minha cara. Agora me diga, o que aconteceu? – pausa novamente. Natan começa a se afastar de mim, descendo os degraus e caminhando pelo passeio de pedras. Depois de alguns hum, huns, ouço um suspiro de pesar. – Fique tranquilo, estamos indo.

Capítulo 34

Natan desliga o celular, sustentando uma expressão abatida. Noto que seus lábios ensaiam o que me dizer a seguir.

Grudo no corrimão de madeira, como se isso pudesse evitar que eu seja carregada pelo furacão que se aproxima. Lágrimas queimam a minha face, como se fossem lavas escaldantes.

– Lise, precisamos ir. – ele se ajoelha à minha frente, tocando meus ombros.

– Me diga, Natan. – não o vejo, a visão está completamente embaçada. – Eu quero a verdade, por favor. – ele precisa de alguns segundos, talvez um minuto para responder.

– Talvez a verdade não seja o melhor agora.

– Eu preciso saber. Me diga. – imploro, num sussurro.

Natan respira fundo e crava os dentes no lábio. Sei que suas palavras vão me ferir e que ele se importa com isso. Ele não quer me machucar.

– Não puderam fazer nada por Amelie. Eu sinto muito, Lise.

Engulo em seco, completamente em choque. A qualquer momento, sinto que todos os meus órgãos podem vir a falhar.

– Não acredito, não posso acreditar! – grito, levantando num pulo, descendo os degraus e erguendo as mãos para o céu. Quero muito ver a face de Deus e mandá-lo para o inferno. – Você deve me odiar, não é? Cara, o que fiz para você? O que foi que eu fiz? – as palavras morrem, engasgadas por soluços. Caio de joelhos sobre a grama, prostrada, vencida. Levo as mãos à cabeça e grito o mais alto que posso.

– Lise...

– Se afaste de mim! É isso o que acontece quando você se aproxima! – enterro o rosto nas mãos, desejando morrer com ela, morrer em seu lugar.

– Pare com isso, por favor. – Natan me abraça forte, sussurrando palavras de conforto.

– O que farei agora? Meu Deus, o que farei sem minha avó? É mentira, por favor, diga que é mentira!

– Eu estou aqui.

– Eu não me despedi dela, eu não estava lá! Meu Deus, eu não estava lá. Eu preciso vê-la, pedir perdão, beijá-la, eu... eu... eu preciso tanto dela, Natan. Eu a amo tanto. Ai, como dói. – levo a mão ao peito. – Minha nossa, dói demais. – me agarro a ele. Cravo as unhas em suas costas, como se isso pudesse me aliviar de alguma maneira.

– Eu sei. Sinta a dor, não a bloqueie.

– Não quero sentir dor, não quero sentir nada.

– Lise, deixe a dor vir. Prometo que não passará por isso sozinha.

– Natan... ai, meu Deus. – me agarro a ele, arranhando-o.

– Eu sei, estou aqui. Sempre estarei aqui.

Jogada nos braços de Natan por tempo indeterminado, as lágrimas começam a cessar. A dor vem e vai, numa intensidade surreal. Já senti isso antes, mas não vivi o bastante para saber como suportar.

– Como eu poderia imaginar? Eu a deixei naquela festa, ela estava feliz. Eu não poderia saber... – a frase morre, num fio de voz.

– A morte não é o fim, Lise.

– Preciso vê-la. Preciso muito vê-la, agora. – sacudo Natan, atemorizada com o fato de que nunca mais verei minha avó com vida.

– Eu levo você. – seus dedos deslizam por minha face molhada. Ele me ampara e eu me levanto.

– Natan?

– Fale.

Respiro fundo e o que sai da minha boca me apavora:

– Obrigada por estar aqui.

∞∞∞∞

Irrompo pelas portas do hospital, com o olhar vidrado, o coração aos pulos, um gelo no estômago. Sinto-me muito mal, com vontade de vomitar.

Natan me segue de perto e a sala de espera do hospital está lotada de amigos, vizinhos, conhecidos, empregados, rostos familiares que quero evitar a todo custo.

Lucas se retrai quando vê Natan. Apesar do olhar fuzilante, deixa o assunto para um momento mais oportuno. Seus braços estão

abertos, prontos para me receber. Eu me jogo em sua direção. Todo o controle que eu mantinha, acaba de se perder.

Deixo-me chorar novamente, deixo-me cair, deixo-me ser carregada para um sofá, deixo-me receber uma dose de tranquilizante na veia, não sem antes me debater e gritar, amaldiçoando a Deus e todos os santos.

Luto contra a dor que quer me engolir. Combato o desespero de viver sem minha avó por perto. Estou lutando para que mesmo? Essa batalha está perdida, não tenho mais motivos para viver. Vejo a escuridão se aproximando, sinto o beijo de Lucas na minha testa, ouço os lamentos ao meu redor. Minhas pálpebras estão pesadas, os olhos semicerrados não querem mais brigar, estão cansados. Quando a respiração se regulariza, deixo que as sombras me levem e peço, encarecidamente, que me traguem e não me soltem, jamais.

∞∞∞∞

Sonhos confusos. O rosto da minha avó, quando eu era criança. Sua voz ao telefone, quando eu precisava de socorro. Seus dedos em meus cabelos, quando eu tinha um pesadelo. O aperto nas bochechas, que eu adorava e odiava ao mesmo tempo. O cheiro de sua comida, impregnando minhas narinas. Seu sorriso vibrante e suas palavras sábias, carregadas de significado.

E então, uma luz. É branca e me transmite paz. Vovó está ali, sendo recebida por pessoas que não conheço. Acho que meu avô se aproxima. Eles se abraçam demoradamente. E a cachorrinha Bela, a Lhasa Apso que morreu há oito anos, também está ali para recebê-la. Abro um sorriso porque ela sorri. Minha avó está feliz, está em casa.

∞∞∞∞

Abro os olhos com dificuldade. Sinto um gosto horrível na boca, um sabor metálico.

Tento fixar o olhar em algo e só vejo o teto branco do hospital. A luz me incomoda e a dor de cabeça é lancinante.

– Lise? – reconheço a voz.

– Mãe?

– Querida, estou aqui.

– Mãe! – consigo me erguer e a abraço tão forte que mamãe geme.

Não sei por quanto tempo ficamos abraçadas. Mas esse tempo serviu para eu me lembrar da noite passada. O pesadelo é real.

– Lise, filha, eu deveria ter vindo antes. Queria dizer tantas coisas a ela, tantas coisas... – nós duas começamos a chorar.

– Mãe, que bom que está aqui.

– Eu deveria ter dito a ela que a amava.

– Ela sabia, mãe.

Continuamos abraçadas por tanto tempo que, quando nos soltamos, eu estava com a marca de sua malha em meu rosto. Mamãe disse que meu pai ligou e não poderá vir para o enterro. Eu precisava tanto dele nesse momento...

Lucas e o advogado da minha mãe estão cuidando de todos os detalhes. Quando finalmente recebo alta, sou amparada até a saída do hospital. Carrego uma receita médica nas mãos, um tranquilizante para o caso de não conseguir dormir ou ter outra crise nervosa.

Enquanto caminhamos pelos corredores frios, sinto olhares pesarosos recaírem sobre mim.

Não sei se vou aguentar o baque. Preciso ser forte.

– Lise, o Lucas ligou para saber de você. Ele está muito preocupado.
– mãe comenta.

– Eu vou sobreviver, mãe. Não sei como, mas vou conseguir.

∞∞∞∞

Chego ao velório, amparada por Lucas. Somos os últimos a chegar, eu não suportaria ficar ali por tanto tempo.

Minha avó está linda, vestida de branco, com um terço nas mãos. Sua expressão é serena, acho até que está sorrindo. Lembro do sonho que tive com ela e lágrimas me vêm aos olhos.

Aproximo-me e toco suas mãos. Arrumo uma mecha de seu cabelo e deslizo meus dedos por sua face. Arqueio meu corpo para a frente e sussurro ao pé do seu ouvido:

– Eu amo você. Obrigada por ser meu farol, minha guia, minha melhor amiga.

Obrigada por ter existido na minha vida, vó. Eu não teria conseguido sem você.

Lucas, que está ao meu lado, enxuga uma lágrima após ouvir minhas palavras.

Todos os que estão em volta e ouviram o que eu disse, estão emocionados.

Sei que a vida não termina com a morte. Ainda assim, o egoísmo do ser humano não permite que ele deixe ir. Queremos para nós e queremos para sempre. Somos apegados ao material, ao mundo visível, às pessoas que amamos. Não conseguimos compreender que existe algo além, que talvez, a vida de verdade não aconteça aqui e sim do outro lado. Que a morte descortina uma infinidade de opções, novas possibilidades de crescimento e até de redenção.

Peço perdão a Deus quando dou uma última olhada na minha avó. Peço absolvição por minhas palavras injustas. Só Ele sabe os porquês. Quem sou eu para duvidar disso?

Lucas pega uma das alças quando o caixão é fechado. Mamãe está em prantos, me abraçando fortemente. Passo meu braço em seus ombros e, um tanto cambaleantes, caminhamos em frente ao cortejo.

O cemitério de Vila Rica é um lugar belíssimo. Na primavera então, é um local paradisíaco, onde a vida abraça a morte. Enquanto caminho, noto flores multicoloridas por todos os lados, árvores estrondosas que fazem sombra e deixam o ar da manhã mais fresco.

Posiciono-me e ainda estou abraçada à minha mãe, com Lucas ao meu lado. O padre começa a dizer algumas palavras sobre a minha avó e eu me desligo da Terra. Não preciso escutar o quanto ela era maravilhosa, generosa, querida. Sei de tudo isso. Quero que termine logo, para poder chorar em paz, abraçada ao travesseiro dela.

Olho para cima e vejo Natan bem ao longe. Ele não faz menção em se aproximar e meus olhos buscam os de Lucas. Ele se entrega ao dar de ombros. Esses dois brigaram?

Será que Lucas teve a coragem de não permitir que Natan viesse ao enterro? Meus punhos se fecham só de pensar numa coisa dessas.

A hora chega. Jogo uma rosa branca para vovó e peço a Deus que ela esteja bem do outro lado. Não vou decepcioná-la, é uma promessa. Apesar de querer morrer, não atentarei contra minha própria vida. Farei o que é certo, por ela. Descobrirei uma maneira de acabar com a maldição e, aí sim, poderei partir em paz.

Capítulo 35

A pior parte do enterro são as condolências que vem a seguir. É horrível ter que ouvir as pessoas lamentando, nos abraçando. É

terrível ficar ali, em pé, esperando que todos terminem de dizer o quanto estão sentindo. Começo a ficar com falta de ar, uma ligeira tontura se instala quando a última pessoa me abraça. Quero ir embora, quero chorar o resto do dia sozinha.

Estamos seguindo para a casa da vovó, no carro de Lucas. Quando passamos em frente ao Amelie, sinto uma forte pontada no peito. Levo a mão espalmada ao coração, perguntando em meu íntimo se ela sofreu. Disseram que foi um ataque fulminante, que a encaminhou à morte pouco depois. Levo as mãos à cabeça, querendo muito que todas as minhas dores se curem.

Suspiro alto quando desço do carro. Não será fácil entrar em casa e sentir o cheiro dela por todos os lados. Abrir a geladeira então, está fora de cogitação. Não quero topar com sua massa caseira ou o resto do molho pesto. Não posso nem pensar em sentir o aroma do pão de calabresa ou do mousse de maracujá.

Mamãe se despede de Lucas e entra. Ele, por sua vez, parece aguardar que eu diga alguma coisa. Não digo nada, não estou aqui, não estou disponível no momento. Estou mais para “deixe seu recado após o sinal.”

– As chaves. – ele me estende um molho e eu demoro a entender.

– O quê? Quando? – meus olhos vagueiam das chaves para os olhos de Lucas.

– Fui buscar ontem à noite.

– Foi buscar meu carro no chalé? E o que aconteceu por lá? – gaguejo.

– Não aconteceu nada. Apenas peguei o seu carro e trouxe de volta.
– só agora noto que meu carro está na garagem.

– O que disse para o Natan?

- Nada que ele não precisasse ouvir.
- O-que-disse-a-ele? – friso bem cada palavra.
- Isso realmente importa, Lise? Quer discutir isso agora?
- Não, não quero. – estou tão brava que quero socar alguma coisa.
- Nem posso imaginar o que disse a ele, Lucas. Escute: Natan é uma vítima nessa história toda, assim como você.
- Do que está falando? – suas sobrancelhas se unem quando ele segura meu braço.
- Não quero falar sobre isso agora, não estou em condições. – puxo o braço de volta, irritada.
- Você me prometeu. Disse que me contará esse segredo, essa coisa do seu passado que está matando você. E também quero saber o que fazia na casa do professor. Mas vou respeitar o seu momento, o seu luto.
- Ótimo. – chuto uma bituca de cigarro para o meio fio.
- Sim, ótimo. – apesar de exasperado, logo Lucas recupera o tom gentil e me puxa para um abraço. – Não quero brigar, Lise. Eu só quero entender o que Natan está fazendo na sua vida. Não o quero na sua vida, você compreende isso?
- Compreendo. – balbucio, sentindo-me culpada e um tantinho ofendida.
- Nós só conversamos, está bem? Não rolaram socos nem nada assim.
- Que seja, pouco importa agora. – desvencilho-me do abraço de Lucas.
- Quer que eu fique? Posso ficar, é só você pedir.

– Eu quero ficar sozinha. Entende isso? – meus olhos fitam o chão.

– É claro que sim.

– Sei que precisa trabalhar, então, não se prenda por mim, você já fez demais.

– Faria qualquer coisa por você e vou dizer: eu amava a sua avó. Vou sentir muito a falta dela.

– Eu também. – enxugo uma lágrima. – Pode ir, Lucas, vou ficar legal.

– Lise, estarei de plantão essa noite. Se precisar de algo, qualquer coisa, ligue na delegacia ou no meu celular.

– Obrigada, Lucas, por tudo.

– Vai ficar bem mesmo?

– Vou sim.

– Essa dor não vai durar para sempre. Vai passar, eu prometo.

– É, vai passar. – suspiro e ele me beija.

∞∞∞∞

Passa da uma da manhã. Estou rolando na cama, literalmente sufocando. A qualquer momento, sinto que as paredes vão se fechar ao meu redor, esmagando-me.

Olho para a cartela de comprimidos. Não, não quero tomar essas porcarias para relaxar. Para o que eu sinto, não há remédio.

Há um imenso vazio em meu peito, como se os pulmões tivessem sido retirados. A falta da minha avó nunca poderá ser preenchida.

Penso se esse não seria o momento de ir embora, voltar para São Paulo com a minha mãe. Essa pode ser minha última oportunidade.

Levanto-me. Estou usando uma camisola de cetim preta, dessas curtinhas e gostosas para dormir. Abro o guarda-roupas e pego um roupão preto, bem quentinho.

Dou uma olhada para dentro do quarto da vovó. Mamãe está dormindo, abraçada ao travesseiro, ainda usando sapatos de salto. Sem fazer barulho, entro no quarto e retiro os saltos, colocando-os no chão, ao lado da cama. Cubro minha mãe com uma manta e saio do quarto, deixando a porta entreaberta. Desço a escada tentando não emitir ruído algum.

Sei que vovó guardava cigarros em casa, ela era ex-fumante. Quando encontrei o maço, certa vez, ela me disse que o mantinha apenas para um caso de extrema urgência.

Estou num caso extremo, apesar de ter fumado poucas vezes na vida.

Encontro o maço na cozinha, no fundo do armário de pratos. Procuo o isqueiro e o encontro, ao lado do forno microondas. Vou até a garagem e me sento num banco antigo, desses com muitas histórias para contar.

Vovó disse que beijou meu avô, pela primeira vez, sentada nesse banco. Ele pertenceu à minha bisavó. Aliso a madeira e a imagem da minha avó e do meu avô, aos beijos, me faz sorrir por um breve momento. Só mesmo a vovó para conseguir arrancar um sorriso meu.

Acendo o cigarro e engasgo na primeira tragada.

Não, não é isso o que vai aliviar a minha dor. Também nem adianta pensar em encher a cara, não vai funcionar. Penso em ligar para Lucas, mas o que ele poderia fazer? E

estou brava com ele, apesar de dizer que pouco importava o que tinha ou não acontecido no chalé.

Vou até a sala, pego as chaves do carro e apago o cigarro no cinzeiro de cristal. Sem bolsa, vestida somente com a camisola e o roupão, descalça... entro no carro e ao invés de dirigir sem rumo, sei exatamente para onde devo ir.

Não levo mais do que quinze minutos para estacionar. A luz da varanda está acesa e Natan se levanta quando me vê chegar. É um alívio vê-lo, é muito bom saber que ele existe.

Desço do carro e caminho em sua direção. Natan faz o mesmo, demonstrando surpresa ao me ver ali, naquele horário. Ele não diz absolutamente nada, apenas permite que eu o abrace. E ali ficamos, por tempo indeterminado.

Capítulo 36

– Lise, está frio e você está congelando. Por que não entramos?

Enxugo o rosto na lapela do roupão. Meus pés descalços viraram duas pedras de gelo, diferentes do resto do meu corpo que queima ao contato com Natan.

– Acho melhor não. Eu só precisava vir... eu queria muito esse abraço.

– Eu faço um chá para você. E podemos acender a lareira também.
– o tom de Natan é urgente, como se quisesse me segurar por aqui. Não quero ir embora, não estou a fim de voltar para a casa da vovó hoje.

– Chá? Talvez eu fique se você tiver algo mais forte.

– Acha uma boa ideia? – um sorriso divertido passa pelo rosto de Natan. Seus cachos dourados estão flutuando com a brisa e seu

olhar violeta me prende num redemoinho de emoções conflitantes.

– Prometo não ficar bêbada, não é minha intenção.

– Venha. – a mão de Natan toca a minha e sinto aqueles arrepios que só ele consegue causar. – E fique bêbada se quiser. Prometo cuidar de você.

Quando a porta do chalé se abre, preciso fechar os olhos por um segundo. Tudo está exatamente como me lembro, todas as mobílias no mesmo lugar. Com exceção dos pertences de Natan, o restante transpira Amelie.

– Desculpe. Talvez não seja boa ideia, esse chalé deve trazer muitas recordações. –

Natan se detém.

– Não. Quer dizer, sim. Mas não é algo ruim. É bom estar aqui e você está comigo, então, não é de todo o mal.

– Vinha sempre aqui? – Natan leva as mãos aos bolsos da calça, fitando minhas expressões.

– Não muito. Só quando queria pensar e o chalé estava desocupado.

– Sente-se. Vou acender a lareira e preparar algo mais forte do que chá.

Estou de frente para a lareira, sentada em uma poltrona confortável, dessas antigas e bem largas. O tecido me abraça e esquenta enquanto Natan revolve a lenha.

O chalé é pequeno, mas a sala é imensa. É separada por um degrau, o que a deixa com dois ambientes bem definidos. Lembra um chalé de caça, ou algo bem parecido com isso. Tudo é rústico e muita madeira foi usada na construção. O pé direito é alto, deve ter uns

quatro metros. O teto deixa as toras de madeira aparentes, o que torna o chalé supercharmoso.

Natan remexe em um armário, na cozinha americana. Vovó reformou todo o ambiente quando os inquilinos anteriores depredaram as antiguidades. Agora, a cozinha é moderna, o que contrasta muito bem com o restante. É um casamento perfeito.

Vejo uma encadernação sobre a mesa de centro. Tenho vontade de pegar, mas não o faço. Sinto que posso estar invadindo a privacidade de Natan. Acho que se trata de seu último livro, aquele no qual ele escreveu o refrão da música de John para Elise.

Natan coloca uma peça interessante sobre a bancada da cozinha. É um *kit* para aquecer o conhaque. Despeja o conteúdo da garrafa em uma taça de vidro e acende o bocal.

Após esquentar duas taças, ele me serve uma e se senta ao meu lado.

Por algum tempo, só escuto o crepitar da lareira e os barulhos naturais do lado de fora. O conhaque esquenta a minha alma e eu começo a me sentir melhor, quase relaxada.

O fogo dança no ritmo da brisa que entra pelas frestas da veneziana.

– Lucas esteve aqui, não é? – quebro o silêncio.

– Esteve.

– O que aconteceu? – não tiro meus olhos do fogo.

– Nada que mereça ser partilhado.

– Ele foi grosseiro?

– Foi muito educado, dadas as circunstâncias.

– Nem imagino o que isso queira dizer. – meu sorriso é tenso quando trago os pés para cima da poltrona, cobrindo-os com o roupão. Meu Deus, estou de roupão!

– Olhe, o que Lucas disse ou deixou de dizer, pouco importa.

– Foi por isso que acompanhou o enterro da vovó de longe? – insisto.

– Ele pediu para eu manter distância. Ele está certo, Lise. Vocês estão juntos e ele se sente ameaçado. Eu me sentiria da mesma forma.

– Lucas não tem o direito... – trinco os dentes.

– Se vocês estão juntos, ele tem sim todo o direito.

– Não o defenda. – rebato, indignada. – Isso só mostra que ele não confia em mim.

– Confia em si própria, Lise? – Natan gira a taça nas mãos.

Não respondo e Natan não refaz a pergunta. Ela fica no ar, reverberando entre as paredes do chalé. A vontade que tenho é de responder: “Não confio em mim quando estou perto de você.” Mas, enfim, melhor ficar calada.

– Por que está aqui, Lise?

– Não tenho resposta para essa pergunta. – minto, bebericando mais um gole.

– Quer falar sobre ela? Me contar suas memórias?

– Não sei se estou pronta para falar da minha avó.

Silêncio. Não é um silêncio ruim, é um não falar que me acalenta. Estou cada vez mais calma e tranquila. O efeito da bebida, do fogo,

de Natan ao meu lado... sinto as pálpebras pesando, o corpo se entregando, a respiração se tornando mais longa e profunda.

Vejo Natan se levantar e tirar a taça da minha mão. Já estou fechando os olhos quando ele me toma nos braços, carregando-me para o quarto. Deita-me com delicadeza sobre a cama, cobrindo meu corpo encolhido com um lençol macio com aroma de sândalo.

Não, não é o lençol que cheira a sândalo, o aroma vem de outro lugar. Identifico vários bastões na mesa de cabeceira, mergulhados em um óleo perfumado. É dali que o aroma se desprende, invadindo todo o quarto. Natan faz menção em voltar para a sala quando o seguro pelo braço.

– Por favor, fique. – suplico, fechando os olhos novamente.

– Lise...

– Por favor, Natan.

Ouçó as molas da cama rangerem quando ele se deita. Aninho a cabeça em seu peito, sentindo a dor se dissipar imediatamente. O corpo está leve, quase flutuando e sei que Natan é o motivo de me sentir assim.

Sei dos perigos e principalmente, conheço o final dessa história. Ainda assim, não me imagino em outro lugar no momento. Estou em casa, estou segura.

Adormeço...

Sonho com a última vida, alguns dias depois do meu pai proibir que eu veja John.

Foi um pandemônio quando ele cantou a música dedicada a mim no restaurante. Papai quase teve um surto e Lauren parecia querer me matar.

John foi banido do restaurante e os Lost Dogs não tiveram outra alternativa a não ser procurar outro vocalista. Não falei mais com o meu pai depois disso, a não ser monossílabas.

Por quase um mês fiquei de castigo. Se eu precisasse sair, não poderia em hipótese alguma ir desacompanhada. Lauren quase não me dirigia a palavra e, quando o fazia, era para reclamar por estar servindo de babá. Eu já estava farta daquilo, meus nervos viviam à flor da pele.

Ninguém sabia, mas eu via John todos os dias. Ele aparecia de madrugada e jogava pedrinhas na minha janela. Não conversávamos, apenas nos olhávamos de longe.

No começo, aquilo me preenchia. Dias depois, já não bastava mais.

Numa tarde, estávamos só mamãe e eu em casa. Tranquei a porta do quarto e fiz uma corda, utilizando os lençóis recém-lavados e passados. Minha mãe me mataria, isso era um fato. Mas vou dizer: eu não estava nem aí com as consequências, precisava ver John de qualquer maneira.

Ninguém me viu sair. Não foi nada fácil descer pela corda de lençóis e eu acabei ralando minhas pernas na descida. Mas nenhuma dor se comparava a que retumbava em meu coração.

Esgueirei-me pelos becos, utilizando as sombras para me ocultar. Demorei mais tempo que o de costume para chegar ao casebre.

Ouvi o som do violão de John ao longe. Apressada, corri em direção à casinha, ansiosa demais para perscrutar o local em volta.

Alcansei meu destino, com os cabelos molhados de suor. John estava na varanda e, ao me ver, seu sorriso iluminou a escuridão. Seus dedos pararam de dedilhar e ele avançou na minha direção, embevecido da minha imagem.

Os beijos de John me tiravam do eixo, faziam com que mais nada tivesse importância. Suas mãos percorriam meus cabelos, minhas costas, meus braços. Não conseguíamos nos largar. Os beijos só cessavam enquanto buscávamos mais ar.

Apesar de assustada, eu o desejava mais do que qualquer coisa. John foi gentil e parecia temeroso com o meu bem-estar. A todo o momento perguntava se eu queria parar, mas eu não respondia com palavras. Meus beijos escaldantes e os movimentos do meu corpo falavam por mim.

Cercados por essa atmosfera de desejo que nos incitava a continuar, eu cheguei aos céus e toquei as estrelas. Eu não sabia, não poderia imaginar que algo assim existisse.

Eu ficaria viciada em John e nesses momentos a dois. Não conseguia parar de sorrir, acreditava que nunca mais sustentaria outra expressão no rosto.

Sobre uma esteira tosca, nossos dedos estavam entrelaçados no ar. Minha respiração ainda era descompassada. Eu vestia a camisa de John e ele estava apenas com uma samba canção. Se eu morresse agora, iria embora feliz.

Mas então, sem qualquer aviso, a porta de madeirite foi escancarada, violentamente. Meu pai, acompanhado de outros pais do bairro, invadiu o casebre. A expressão de choque e desespero deu lugar a outra coisa: fúria.

Descobri que Lauren havia nos dedurado. Mas como ela sabia onde nos encontrar?

Eu não fui seguida, tenho certeza disso.

Então, minha ficha caiu.

Quando não servia de babá para mim, Lauren saía de casa, com a desculpa de estudar na casa de Justine. Mas naquela tarde, correndo para John, eu lembro de ter visto Justine ajudando o pai na mercearia. Meu Deus, é claro!

Lauren devia ter descoberto sobre o casebre e ficava, à espreita, vendo e ouvindo John. Ela estava apaixonada por ele, fazia todo o sentido.

Meu pai bradava e vociferava. Pegou-me pelos cabelos, gritando e me sacudindo no ar. Para John, foi a gota d'água. Ele voou para cima do meu velho e a luta entre eles começou. Em pânico, tentei apartar a briga, sem sucesso. Os outros homens apenas olhavam, alguns riam e um outro me encarava como se eu fosse o próprio diabo encarnado. Um ser impuro e indigno.

John bateu em meu pai com violência e, ao me ouvir gritar e chorar, ele parou.

Trôpego, caminhou até onde eu estava, com sangue em sua camisa, rosto e mãos. Ouvei os gemidos do meu pai, ainda no chão. Dois homens ajudavam para que ele se reerguesse.

Nesse ponto, John me abraçava e eu tremia.

Foi quando eu vi.

Um dos homens entregou algo reluzente a meu pai. Com a mão firme, ele pegou a arma e mirou em John. Não houve tempo para nada, a voz não saiu da minha garganta.

O tiro foi disparado nas costas de John e naquele instante, senti como se tivesse sido atingida também. Um calor sufocante se abateu sobre mim e quando percebi, eu queimava. Caímos os dois de joelhos, ainda abraçados.

Asfixiando, notei que a vida de John se esvaia. Ele me fitou uma última vez e queria dizer alguma coisa. Seus lábios se moviam nervosos, mas nada foi dito. Seu corpo desabou no chão e o meu caiu sobre o dele.

Vi quando seus olhos se fecharam. Uma dor lancinante me consumia, isso porque eu ainda respirava. Lembro-me de alguns flashes depois disso: meu pai gemendo num canto, os homens me socorrendo, alguém verificando a pulsação de John, uma mão estancando o sangue na altura do meu estômago.

O tiro que acertou John, transpassou o seu corpo, atingindo o meu. O mesmo tiro que matou o homem da minha vida estava prestes a me levar. E eu desejava morrer.

Os homens discutiam, em pânico. Meu pai nada dizia, estava em choque, era notório. O sangue me subia pela garganta e eu sabia que era questão de tempo.

Vi quando minha mãe e Lauren irromperam o casebre. Mamãe levou a mão à boca, mal contendo o grito que feriu meus ouvidos. Minha irmã se aproximou, ajoelhando-se ao meu lado. Tomou a minha mão e sussurrou, num arrependimento que me cortou ao meio:

– Perdão, Elise. O que foi que eu fiz?

– Tudo bem. – respondi, num fio de voz.

E então, Lauren tocou o peito de John e começou a chorar, descontroladamente.

Um dos homens fez menção em me pegar no colo, prestes a me levar dali. Tive forças para dizer não. Eu não queria ser salva, não havia motivos para isso.

Estendi a mão para o meu pai. Ele não se moveu. Ficou ali, parado, me encarando.

A dor que eu sentia começava a ficar mais branda a cada minuto que passava. A visão de John, ao meu lado, era a visão do apocalipse. Pouco importava agora, logo estaríamos juntos novamente.

Minha mãe gritava e gritava e gritava. Precisou ser amparada e carregada para fora do casebre. Lauren estava debruçada sobre mim, sentia suas lágrimas escorrendo pelo meu rosto como se fossem minhas.

– Pai? – chamei, quase sem forças.

Ele não se moveu, mas sei que estava me ouvindo.

– Eu o perdoo.

Dito isso, a morte tocou o meu corpo e a escuridão fechou minhas pálpebras, para sempre.

∞∞∞∞

Acordo sobressaltada, gemendo, suando e chamando por John. Há tempos eu não acordava dessa forma, aos gritos.

Sinto que mãos quentes me amparam. Demoro algum tempo para entender onde estou e quem está me abraçando. Natan.

– Está tudo bem, eu estou aqui. Está segura agora.

– Não! O que estou fazendo, meu Deus? – enterro o rosto nas mãos.

– Eu vou acabar nos matando.

– Lise?

Vejo que os primeiros raios da manhã começam a entrar pelas frestas. Nem imagino que horas sejam. Natan ainda me abraça e eu estou com o olhar fixo no vazio, rememorando meus últimos momentos ao lado de John.

– Eu não deveria ter vindo. Onde estou com a minha maldita cabeça? – percebo que o roupão está aberto e eu o fecho, desvencilhando-me de Natan. Levanto da cama num salto, procurando por chinelos que não tenho. Descalça e completamente transtornada, caminho de um lado para outro antes de me decidir. Preciso ir embora, agora.

– Costuma ter pesadelos frequentes? – Natan pergunta, me encarando.

– Desde criança. – digo, sem olhá-lo. – Natan, eu realmente preciso ir. – meu tom é urgente e nervoso.

– Lise, você chamou por John. Quem é ele?

– Escute, não podemos mais fazer algo assim. É imprudente e vai acabar nos matando, você compreende? Precisa esquecer que existo. Melhor ainda: precisa ir embora de Vila Rica. Se você não for, irei eu.

– Do que está falando?

– Nossa história só tem um desfecho, Natan. E esse final é sempre trágico para nós dois. Não posso permitir, não dessa vez. Vou escrever um novo final, tudo será diferente nessa vida. Natan, me perdoe por eu ter vindo, por ter colocado nossas vidas em risco, de novo.

– Lise, você não está falando coisa com coisa.

– Estou sim. Eu realmente preciso ir. Por favor, esqueça que me conheceu. Não ouse pensar em mim. Eu sou a morte, Natan. Eu sou a tragédia.

Procuro as chaves do carro e me lembro que ficaram na ignição. Olho para trás e o vejo de pé, confuso.

– Não vá embora assim, você não está em condições para dirigir. – ele se aproxima e dou dois passos para trás. Preciso sair já daqui.

– Eu estou bem, vou ficar legal. Por favor, não tente me seguir, isso é sério.

Promete?

– Lise, eu preciso entender sobre o que está falando. Não vou permitir que vá embora dessa maneira. Se quiser mesmo ir, eu levo você.

– Não! – grito, irada. – Não ouviu nada do que eu disse? Não podemos mais nos ver, Natan. Nunca mais, você me entendeu?

– Lise...

– Não, Natan, eu já disse não! – pisando duro, caminho para a sala, escanco a porta e ao sair, bato-a com firmeza.

Ouçõ a porta se abrindo atrás de mim e Natan sai em meu encalço. O que devo fazer? Não posso mais permitir que meu coração tome as rédeas, preciso ser racional e pensar em como nos manter seguros.

– Pare, por favor. – Natan me puxa pelo braço. Ao ficar de frente para ele, engulo em seco. O mundo sai de foco e eu me perco, para variar.

– Me deixe ir, Natan. – balbucio, tentando em vão escapar de suas mãos. – Me solte, é sério. Eu preciso ir, quero estar em casa quando minha mãe acordar. E tem o Lucas, não quero que ele saiba que passei a noite fora, com você. Não posso fazê-lo sofrer.

A feição de Natan muda no instante que menciono Lucas. Ele me solta, tombando a cabeça para trás.

- Está bem para dirigir? – a pergunta é dura como pedra.
- Estou. – entro no carro e dou a partida. Abro o vidro, mas não me vem nada à cabeça para dizer.
- Isso não acaba aqui, Lise.
- Não vou discutir com você. Vá embora de Vila Rica enquanto há tempo. – dito isso, acelero a Pajero. Quando finalmente estou fora da propriedade, a toda velocidade, enxugo uma lágrima silenciosa e um sussurro escapa dos meus lábios tensos: “Eu amo você.”

Capítulo 37

Mamãe ainda está dormindo. Checo o celular e há uma mensagem de Lucas, dizendo que virá após o almoço. Depois daquela noite juntos, não conseguimos mais ficar sozinhos, não tivemos outra chance para nos conhecermos melhor. E acredito que não teremos mais nada.

O que sinto por Natan não é deste mundo. Nossa ligação é forte demais, uma conexão surgida em tempos imemoriais, onde provavelmente o tempo e o espaço não existem.

Somos almas gêmeas, não há como negar. Todas as nossas vidas me levam a crer que essa é a única explicação. Como posso conhecer uma pessoa e em tão pouco tempo ter a certeza de que o amo? Não faz o menor sentido se analisarmos racionalmente. Mas os sentimentos não vêm da razão, são gerados em outro lugar. Eu amo Natan e farei de tudo para protegê-lo. Nem que para isso eu tenha que dar minha própria vida em troca.

Meu celular toca, nem percebi que ele estava em minhas mãos. Olho no visor e a foto do meu pai aparece em cores.

– Pai?

– Oi, meu amor. Como você está?

– Estou indo. – meu tom é choroso.

– Ligue o *Skype*, meu bem, temos muito o que conversar.

∞∞∞∞

Vou para o andar de cima e mamãe continua dormindo. Olho em volta, querendo acreditar que minha avó esteja viva, com um sábio conselho a me dar. Mas ela não está e nunca mais poderá me aconselhar. Com quem conversarei agora? Não tenho mais ninguém a quem recorrer nos momentos tensos, de angústia e dúvida.

Ligo o computador e acesso o *Skype*. Papai atende no terceiro toque e então, sua imagem aparece no monitor.

– Ei, minha pequena, como você está? – papai me lança um olhar de pesar.

– Nada bem, pai. Sinto que posso quebrar a qualquer momento. – começo a brincar com o fio do mouse, enrolando-o em meus dedos.

– Há quanto tempo não nos encontramos? Um ano?

– Um ano e pouco, eu acho.

– Desculpe por não estar aí, filha. Nem imagina como me sinto. – noto que papai está na biblioteca de sua casa. As prateleiras repletas de livros o circundam.

– Você mora na Itália, pai. Não o culpo por não estar aqui.

– Eu queria muito estar com você, ter podido me despedir de Amelie. Você foi a melhor coisa do meu casamento com sua mãe. E Amelie... ah, Amelie foi um presente dos céus. Se conhecesse minha atual sogra, Lise. – papai ri.

– É tão ruim assim?

– É uma peste, filha. O demônio em forma humana.

– Como está Isabella? E suas filhas postiças? – vi Isabella e as filhas umas cinco vezes, talvez mais.

– Estão bem. – papai beberica algo em uma xícara de porcelana, dessas com arabescos dourados na borda.

Fisicamente, eu e meu pai somos muito parecidos. Aquela coisa de “você é a cara do seu pai” é uma verdade absoluta. Seus olhos azuis estão cravados nos meus e sinto uma saudade imensa.

Papai começa a contar coisas sobre minha avó, suas memórias mais marcantes.

Algumas das situações eu até me lembro, outras não. Em todas essas lembranças, minha avó sorri largamente. Apesar de ter perdido meu avô muito cedo, acredito que ela era feliz.

Se conseguiu viver sem seu grande amor, eu também posso.

O rumo da conversa muda em um determinado momento. Não sei como aconteceu, mas quando percebi, estávamos falando sobre mim.

– Eu conheci uma pessoa no clube de golfe, Lise. – papai deposita a xícara no pires, ruidosamente.

– Não vá dizer que é outra mulher! – assusto-me com a possibilidade.

– Oh não, meu Deus, é claro que não. Já basta uma esposa e uma ex-mulher. – papai brinca. – Conheci um homem, desses que parecem saber sobre todos os mistérios do mundo. Fiquei tão

interessado em seus relatos que aceitei o convite para frequentar algumas reuniões privadas.

– Que tipo de reuniões?

– Reuniões sobre a vida, a morte e os mistérios do universo. É um grupo de estudos, na verdade. – ouço o ranger da cadeira quando papai recosta.

– Desde quando se interessa por isso? – interpelo.

– As pessoas mudam, Lise. É a única constante do universo.

– Uau, quem é você e o que fez com o meu pai?

– Sabe, nunca tentei entender o que se passava com você. Acho que tinha medo de descobrir que minhas crenças estavam equivocadas.

– Mudou seus conceitos? Essas reuniões abriram sua mente para algo mais? – apoio os cotovelos na escrivaninha, atenta.

– Sou um homem transformado e eu gostaria que soubesse que, na falta de Amelie, estarei sempre aqui, por você. Sei que fui um péssimo pai, um homem que temia a própria filha e as palavras que ela pronunciava. – papai faz uma pausa. – Lise, me perdoe?

– Pai, não há o que perdoar. Você me deu o que podia, tentou fazer o seu melhor.

– Não, filha. Eu fui pelo caminho mais fácil, o da ignorância. Achei que estava protegendo você quando, na verdade, estava preservando a mim próprio. Fui egoísta, meu amor. – papai balança a cabeça, em negativa.

– Eu tinha a vovó, pai. Não estava desamparada. – fecho os olhos e a imagem dela é nítida, como se eu a estivesse vendo nesse exato segundo.

- Deveria ter a mim também. E eu não estava lá, não estava disponível para você, para ajudá-la a entender.
- Pai, já passou.
- Quero que saiba que pode contar comigo, filha, para o que precisar.
- Obrigada. Não sabe como é bom ouvir isso de você. – esboço um sorriso.
- É muito bom ouvir isso, Miguel. – mamãe está recostada no batente da porta, encarando o monitor. Há um singelo sorriso em seus lábios, numa compreensão do que acaba de acontecer nesse quarto.
- Júlia, há quanto tempo. – papai aproxima o rosto do monitor.
- Lise precisa de nosso apoio, agora mais do que nunca. E saber que posso contar com você, Miguel, é reconfortante. – mamãe toca os meus ombros, inclinando o corpo para encarar meu pai.
- Por que não vem passar algum tempo comigo, Lise? – ele lança a pergunta.
- Na Itália? – eu não esperava por esse convite.
- Por que não? – minha mãe gira a cadeira, para me fitar nos olhos.
– Seria muito bom para você, já que não quer voltar para São Paulo comigo.
- Se me der o ok, compro a passagem hoje mesmo, filha. – o tom do meu pai é urgente. – Lise, eu adoraria ter você por aqui.
- Aceite. – mamãe aconselha.

Peso o pedido. Seria ótimo passar algum tempo com o meu pai. E com a morte da vovó, sinto-me frágil e temo fazer uma grande

besteira. Ficar longe de Natan nesse momento é tudo de que preciso.

– Tudo bem, pai. Eu vou.

∞∞∞∞

Não estou com fome, mas precisamos comer alguma coisa. O Amelie está fechado, de luto, e sugiro para minha mãe o Leão Montanhês, aquele restaurante no qual Lucas me levou em nosso primeiro “encontro”. Depois de um banho demorado, é para lá que seguimos.

Mamãe quer saber tudo sobre o subdelegado. Não sei bem o que falar a respeito dele, ainda assim, exalto todas as suas qualidades, expressando o quanto sou apaixonada por ele. Mas nada comparado ao que sinto por Natan, nem de longe. Se o homem dos olhos violeta nunca tivesse aparecido, é provável que eu pudesse ser feliz ao lado de Lucas.

– Fico mais tranquila por ter aceitado fazer essa viagem. – mamãe expõe, balançando a taça de vinho para lá e para cá.

– Mudar de ares vai ser bom. – digo, entristecida.

– Não vai ser fácil, Lise. A perda nunca é. – mamãe toca o meu braço, delicadamente.

– Será muito difícil viver sem ela.

Nesse instante, contrariando todas as possibilidades, eis que Natan entra no restaurante, munido de seu *notebook* e a encadernação que vi sobre a mesa de centro do chalé.

Arrepio da cabeça aos pés. Meus olhos estão arregalados, a boca entreaberta, as extremidades frias, as bochechas quentes como brasa. Minha mãe percebe que estou alterada e segue meu olhar até

o lindo homem loiro, de cabelos encaracolados, vestindo jeans e camisa polo.

– Quem é esse? – ela sussurra a pergunta.

Quando Natan nos vê – na verdade quando me vê – ele hesita. Não sabe o que deve fazer e isso me mata por dentro. Para evitar que ele fique mais constrangido ainda, levanto-me e caminho até ele.

– Oi.

– Oi, Lise. Estava me perguntando se chegou bem em casa. – Natan não me encara, olha para o chão.

– Estou bem. Venha – pego sua mão – , quero que conheça a minha mãe.

Capítulo 38

Natan é um dos caras mais agradáveis, inteligentes e perfeitos que já conheci. Nisso incluo todas as minhas outras vidas. Mamãe está encantada com ele e os dois engatam uma conversa sobre a vida após a morte. O professor fala sobre qualquer assunto facilmente.

Além de hábil com as palavras, consegue expor pontos de vista inexplorados, o que faz com que minha mãe quase tenha um orgasmo ao meu lado. Juro, essa é a sensação que tenho.

Certo, vamos aos pontos: estou na presença de duas das pessoas mais importantes da minha vida. E esses dois, sem sombra de dúvidas, estão se dando muito bem. Mas isso não pode estar acontecendo, era Lucas quem deveria estar sentado aqui, ao meu lado. A vida e o destino novamente brincam com essa quem vos fala. Estão trazendo situações e encontros que não poderiam, em hipótese alguma estar acontecendo.

Meu celular toca. É Lucas. Peço desculpas e atendo, encaminhando-me para fora do restaurante.

– Lise?

– Oi, Lucas.

– Onde está?

– Estou com a minha mãe, terminando de almoçar. – meu Deus, se ele descobrir sobre Natan, vai ter um troço. Olho para os céus, pedindo socorro.

– Estou ligando porque só estarei liberado no fim da tarde. Aí terei a noite toda para ficar com você. – silêncio. – Lise?

– Claro, Lucas. Vou esperar por você.

– Você está bem?

– Estou. A presença da minha mãe está me fazendo muito bem.

– Isso é bom. Vejo você à noite, então.

– Até lá.

Desligo o telefone e sorvo a luz do sol para, quem sabe, queimar e virar cinzas.

Escuto os risos atrás de mim, acho que a conta já foi paga. Mamãe se despede de Natan e sinaliza que estará aguardando no carro. Meneio a cabeça em confirmação quando ele se aproxima.

– Não entendo você, Lise. Num minuto quer que eu suma da sua vida e no seguinte, me apresenta a sua mãe. Está querendo me enlouquecer? – preciso colocar o braço na frente dos olhos para conseguir enxergá-lo. O sol está bem no meu rosto.

– Ainda não o enlouqueci? – uno as sobrancelhas. – O que queria que eu fizesse?

Ignorasse a sua presença?

– Imaginei que era isso o que faria.

– Eu não conseguiria. – olho para o chão e noto, novamente, a encadernação nas mãos de Natan. – Esse é seu novo livro? – interesse-me.

– É sim. Ainda não consegui pensar em um final. Sempre que inicio uma história, já sei o final. Mas com esse é diferente, não consigo visualizar.

– Posso ler? – um formigamento toma conta da minha pele, não sei se deveria ter feito essa pergunta.

– Gostaria de ler? – há uma incredulidade na feição de Natan. – Sério mesmo?

– Se você permitir, eu adoraria. – está aí, a mais pura verdade dita entre gaguejos.

– Seria uma honra para mim, apesar desse ser o primeiro rascunho. Muitas coisas precisam ser trabalhadas e acrescentadas para dar credibilidade à história. – Natan estende a encadernação e eu a pego, trazendo-a para o peito com um abraço. – Mas quero que saiba de uma coisa: antes de conhecer você, eu já tinha o nome da protagonista. Por isso achei seu nome tão bonito.

– Ela se chama Elise? – é óbvio, não?

– E o protagonista se chama John. – confesso que isso me pegou de surpresa, mas tento fingir não ser nada demais.

– Obrigada por me ceder algo tão precioso para você. – tamborilo os dedos na encadernação.

– Já cedi algo muito mais precioso do que esse livro.

Ok. Natan consegue me desconcertar por completo. Não sei o que dizer, estou chocada demais para proferir palavra. Respiro profundamente, tentando não engasgar com o oxigênio.

– Assim que terminar de ler, devolvo para você. – digo, desviando do seu olhar.

– Estarei aguardando, ansioso.

Antes que eu faça uma besteira, me jogue nos braços dele e diga o quanto o amo, giro nos calcanhares e caminho para o carro, sem ao menos me despedir.

∞∞∞∞

Minha mãe saiu para uma caminhada. Quanto a mim, passei a tarde toda lendo o novo livro de Natan que, aliás, é incrivelmente bem escrito. Se não fosse o fato de ser uma mescla de todas as nossas vidas passadas, eu teria adorado.

O livro se passa nos Estados Unidos e a protagonista Elise, está vivendo sua sétima vida na Terra. A coitada, assim como eu, lembre-se de todas as suas encarnações, sempre nos Estados Unidos.

Por ironia do destino, em todas as vidas, a garota chamava-se Elise. Essas mães não tinham a menor criatividade. Enfim, Elise sempre se encontra com John e eles se reconhecem na roda das encarnações por um ponto em comum: uma marca de nascença, o símbolo do infinito. Certo, acredito que Natan seja um aficionado por esse símbolo.

Também pudera.

Ambos nascem com a tal marca e em algum momento de suas vidas, se lembram de quem são. Mas nessa atual vida de Elise, a sétima vida na Terra, ela já nasceu com a memória vívida de John e do infinito. E algo mais: Ela sabe que não devem se encontrar, ou então, a morte passará a persegui-los sem trégua.

Mas como o destino é um humorista sádico, Elise e John se reencontram. E agora, a contagem regressiva foi acionada e eles têm pouco tempo até que a tragédia aconteça.

Natan parou de escrever no exato instante em que John e o marido de Elise estão em um embate de vida ou morte. Ela está caída ao chão e não sabe o que fazer. O que poderia ser feito para mudar seus destinos e acabar com o ciclo de tragédias? O que Elise deveria fazer para mudar o final dessa história?

Estou tão inserida nesse contexto, tão absorta com a leitura, que não percebo minha mãe parada à porta do quarto. Fecho o livro, ainda pensando em um desfecho plausível, algo que realmente mude tudo.

– Não ouvi você. – digo.

– Já passa das oito da noite. Lucas acabou de chegar e você nem banho ainda tomou.

– Nossa, já são oito horas? – confirmo no relógio digital. – Caramba, nem percebi o tempo passar.

– A leitura é boa? – mamãe aponta para a encadernação que estou abraçando.

– É ótima, mãe.

– O que há entre você e o Natan? – ela recosta no batente da porta ao me interpelar.

– Absolutamente nada.

– Posso não entendê-la como gostaria, mas conheço você, Lise. Não está enganando o Lucas, está? – a feição da minha mãe é recriminatória.

– É claro que não! Se me conhecesse bem como diz, saberia que eu nunca faria uma coisa dessas.

– Sua avó odiava essa palavra: nunca.

– É, eu sei. – balanço a cabeça, com pesar. – Fique tranquila, mãe, eu não brincaria com os sentimentos de alguém tão incrível quanto Lucas.

– Assim espero.

∞∞∞∞

Durante o banho, ensaio uma forma de contar sobre a viagem para Lucas. Ele ficará arrasado, mas precisa entender os meus motivos. Resolvo não revelar nada sobre o meu passado, pelo menos até eu voltar de viagem.

Quanto a Natan, devolverei o livro amanhã e aproveitarei para me despedir. Ainda não sei se devo ou não contar sobre nossas vidas e toda a tragédia que nos persegue. Talvez eu o faça, para que assim, Natan arrume as malas e volte para Nova York.

Não sei o que será da minha vida daqui por diante. Não quero deixar Vila Rica, muito menos o Amelie e meu ateliê. Ter uma vida normal e pacata é algo que muito me agrada, principalmente ao lado de Lucas.

Penso se realmente não o estou enganando, como acusou minha mãe. Estou apaixonada por Lucas, mas ainda assim, será que eu

deveria ficar sozinha? Sei que nunca o amarei de verdade, como amo Natan.

Não é hora para devaneios e resoluções mais profundas. Saio do banho e me visto, deixando o destino me guiar.

Mamãe e o advogado estão na cozinha, cercados por pastas e papéis. Lucas está com eles, com uma lata de cerveja nas mãos.

– Desculpe a demora. – encaro Lucas, ensaiando as próximas palavras a serem ditas.

– Tudo bem. – ele sorri e deposita a lata sobre a pia.

– Preciso conversar com você. – me aproximo, tomando sua mão. – Estaremos no ateliê. – aviso minha mãe que apenas meneia a cabeça.

∞∞∞∞

Lucas se senta sobre a bancada, aguardando. Ando em círculos, sem saber como começar a conversa.

– Como está indo? – ele pergunta.

– Ontem foi pior. Acho que é como ir ao AA, um dia de cada vez. Sei que a dor vai diminuir até que um dia, só reste a saudade. – finalmente eu paro de andar e o miro.

– Lise, preciso pedir perdão por minha ausência. O delegado Gomes vai se aposentar e eu finalmente assumirei o seu posto. Tenho tanto a aprender ainda, tantas coisas que ele precisa me passar...

– Eu sei disso. Esse é um momento importante, você precisa estar focado. Entendo, de verdade. – mexo no meu carrinho de pintura, olhando tinta por tinta.

– O que quer conversar comigo?

– Lucas, vou fazer uma viagem. Aceitei o convite do meu pai e passarei algum tempo com ele na Itália. – digo isso com o olhar fixo na tinta preta.

Acho que Lucas parou de respirar. Olho para ele e o que vejo é uma expressão de dúvida. Seu olhar cabisbaixo fita o chão e ele parece estar ferido.

– Preciso de novos ares, colocar a cabeça no lugar. Tenho decisões importantes a tomar quanto ao meu futuro. – me aproximo, tocando suas mãos frias.

– O que isso significa para nós? Vai me deixar, Lise?

– Não! É claro que não. – acaricio seu rosto com a barba bem feita.
– Você seria capaz de me esperar?

– Se disser que vai voltar, esperarei pela eternidade. – ele faz uma pausa para respirar, seus olhos amendoados se fixam nos meus. É um olhar apaixonado, desses impossíveis de ignorar. – Lise, não imagino mais a minha vida sem você. E depois da noite que tivemos, não me imagino com outra mulher.

– Foi tão bom assim? – sinto o ego inflar.

– Foi a melhor noite da minha vida. Não vejo a hora de repetirmos a dose, mas sei esperar.

Suas palavras fazem com que meu peito transborde, que minha pele reaja, que o coração se acelere. Posso ser feliz ao lado desse homem, sei que sim. Ele é tudo o que uma mulher deseja, muito mais do que eu poderia sonhar. Ainda assim, a paixão que sinto por ele é terrena, finita, carnal. O fogo que sobe pelas minhas pernas, neste momento, é humano.

– Repetiremos a dose antes que eu viaje. – quando digo isso, Lucas sorri de forma maliciosa. – Devo ficar fora por um mês, talvez

menos.

– Não vai ser fácil para mim. – ele toca meus ombros, deslizando os dedos pelos meus braços. – Mas entendo o seu momento. – faz uma pausa curta antes de continuar: –

Preciso dizer uma coisa.

– E o que é? – fico na expectativa.

– Eu amo você.

Capítulo 39

Estou rolando na cama, escutando ecos do sussurro de Lucas em meus ouvidos, mesmo após ele ter ido embora. Eu amo você, eu amo você, eu amo você. Meu Deus, estou com muito medo. Apavoro-me quando penso que posso magoar esse homem, ferir o seu coração, a sua alma. Sou indigna desse amor, não o mereço.

Não conseguirei dormir essa noite, meus olhos estão despertos e minha mente trabalha freneticamente em uma solução para o que aparentemente é insolúvel.

Acendo o abajur e pego o novo livro de Natan. Quero reler algumas partes e pensar em um final para essa história. O que eu e Elise devemos fazer para acabar com a maldição e o ciclo de tragédias? Qual a peça que falta nesse quebra-cabeças? Ou nada que façamos pode mudar o fato de nossos destinos já estarem traçados?

Remoendo-me por dentro, peço auxílio à minha avó, torcendo para que ela me ouça, onde quer que esteja. Preciso de uma luz, um caminho a seguir. Quero voltar a ter esperança.

Fecho os olhos e deito a cabeça sobre a última página digitada por Natan. A escuridão começa a tomar forma e vejo círculos coloridos

por todos os lados. Ainda não estou dormindo, mas também não estou acordada.

Os círculos começam a se fundir, formando o símbolo do infinito. Vários deles estão voando na altura dos meus olhos. Sinto que posso pegá-los se eu estender a mão para frente. Não consigo alcançá-los, sempre que me aproximo, eles escapam.

Mas então, vejo um próximo o bastante. Estendo novamente o braço e abro bem a mão. Acho que agora conseguirei pegá-lo. Quando o toco, um grito de dor escapa da minha garganta. Meu pulso está em brasa, sinto cheiro de carne queimada.

Abro os olhos, ofegante. Estou empapada em suor, meus cabelos grudam na testa.

Não sei se realmente gritei, mas minha garganta está ressequida e meu pulso... ai, caramba!

Meu pulso está queimado, a marca nitidamente visível. O oito deitado, o símbolo do infinito está ali, marcado a fogo.

Acendo a luz do quarto e passo o dedo sobre a marca. Dói. É real. Eu fui marcada enquanto dormia. Mas como? Por quem? O que isso significa, afinal?

Sou tomada por um medo incontrolável, um tremor se instala no mais profundo do meu ser. Isso não me parece nada bom. Corro para o banheiro e deixo a água corrente lavar a pele. A marca continua ali, latejando.

Meu Deus, o que é isso?

Uma palavra martela forte em minha cabeça. Pacto. Será isso? Fiz algum tipo de pacto, numa outra existência? Algo em detrimento a Deus? Teria eu coragem para tanto?

As palavras de padre Inácio recaem sobre mim como uma bomba atômica.

Apoio as mãos sobre a pia, a água ainda correndo, escoando pelo ralo. Olho para o meu reflexo tenso, minhas sobrelhas arqueadas numa gigantesca interrogação. Sinto um calafrio percorrer a espinha.

– Que merda eu fiz? – pergunto para o meu reflexo, querendo muito que ele responda. Mas ele não responde. Apenas me encara, fixamente, de um outro plano, uma outra dimensão.

∞∞∞∞

Minha mãe está no escritório do advogado da vovó. Existem pendências a serem resolvidas e deixei tudo a cargo deles. Não quero me meter, muito menos estar presente.

Lucas está trabalhando e virá mais tarde. Combinamos um jantar romântico, a luz de velas, em seu apartamento. Vou fazer macarrão ao pesto, seu prato preferido. Vovó me ensinou o ponto exato do molho e quero muito agradá-lo. Quero que Lucas saiba que voltarei à Vila Rica, por ele e só por ele.

Acabo de imprimir a reserva da passagem para Milão. Embarco amanhã à noite.

Preciso fazer as malas, mas não estou com a mínima vontade. Tomo um banho demorado e escolho um vestido cinza curto, de mangas longas, perfeito para cobrir a marca que carrego no pulso.

Olho para ela após calçar as sapatilhas. Sinto-me impotente perante o destino. Não posso fraquejar agora, não quero voltar atrás na decisão que tomei.

Dirijo devagar, absorvendo o cenário como se fosse a última vez. Algo golpeia meu estômago e uma queimação se instala,

incomodando. Há um nó em minha garganta e as pernas tremem de forma inconstante.

Entro na propriedade e estaciono ao lado do Mini preto. Deixo a bolsa com o celular dentro do carro, não quero ser interrompida quando começar a falar.

Murmuro, dizendo para mim mesma que esse é o certo a fazer. Preciso muito me convencer disso.

Natan atende a porta vestindo apenas uma bermuda de sarja verde militar.

Absolutamente nada recobre aquele tórax bem desenhado. Ok, estou sem ar.

Ao perceber que meus olhos vagueiam por seu corpo, Natan pega uma camiseta sobre o aparador da entrada e a veste rapidamente. Desvio o olhar.

– Vim devolver seu original. – estendo a encadernação, doida para colocar minhas mãos naquela pele levemente bronzeada. Droga, o que estou pensando?

– Entre, por favor. – Natan pega a encadernação e nossos dedos se tocam. – Já leu?

Gostou?

– Precisamos conversar.

– Finalmente. – ele solta o ar e aponta para as poltronas em frente à lareira.

Caminho até lá, hesitante. Nódulos de tensão surgem em meus ombros e costas. – Quer alguma coisa? Algo mais forte do que chá?

– Não. Estou bem. Ou quase. – inspiro e expiro devagar, reunindo a coragem que está prestes a escapar porta afora. – Preciso saber de onde veio a inspiração para esse livro.

E para os outros também.

– Se eu lhe disser a verdade, promete que me contará o que quero saber, sem rodeios? Sem meias verdades? – Natan se senta sobre a mesa de centro, apoiando os cotovelos nos joelhos.

– Prometo.

A hora da verdade chegou.

Natan leva o indicador aos lábios, pensativo. Aguardo, ansiosa por uma resposta.

Nem imagino o que acontecerá agora, quais revelações ele fará.

– Quando eu era criança, tinha um sonho recorrente. – Natan fecha os olhos, talvez tentando visualizar o que me conta. – Eu estava no inferno e uma adaga transpassava o meu corpo, na altura do plexo solar. Me lembro de uma mulher correndo ao meu encontro. A lembrança do sonho não é nítida, mas algo me marcou profundamente. A cor dos olhos dela. O olhar violeta.

Para não gritar, levo a mão à boca. Meus olhos se abrem mais, meus ouvidos querem captar melhor o que ouvirem, todos os meus sentidos estão em alerta máximo, como se eu estivesse em perigo extremo e precisasse correr para salvar a vida.

– Continue, por favor. – peço, com a voz entrecortada.

– Aos dezoito anos, fui levado a um consultório psiquiátrico. O médico indicou algumas sessões de hipnose para descobrir a causa dos sonhos recorrentes.

– Se submeteu à hipnose? – afundo na poltrona, com o coração a mil.

– Foram dez sessões ao todo. – Natan entrelaça os dedos e finalmente me encara, olhos nos olhos. – Nessas sessões descobri que vivi sete vidas na Terra. Sete encarnações ao lado de uma mesma mulher.

– Como sabe que era a mesma mulher? – pergunto, com os lábios retesados.

– Em todas as vidas, a cor dos olhos era a mesma. O olhar violeta, como a mulher do sonho. – Natan faz uma pausa demorada e não sei o que dizer. –Vivi cada uma dessas vidas e sei que me apaixonei pela mesma mulher, repetidas vezes.

“Me lembro que eu era o cara mais feliz desse mundo quando estava com ela. Mas algo aconteceu para nos separar e, nesse ponto, a hipnose não conseguiu avançar. Sempre que eu chegava perto de descobrir a verdade, meu subconsciente me jogava dentro de uma jaula e eu via fragmentos de memórias soltos no ar, por entre as grades. O médico teve receio de continuar, de entrar mais fundo. Confesso que fiquei apavorado, com medo de me perder nesse processo, de corromper minha sanidade. Então, achei por bem encerrar com esse negócio de hipnose e vidas passadas.

“Nunca mais fui o mesmo depois dessa experiência. Desde então, tento encontrar aquele olhar, aquela mulher. Pensei que minha noiva pudesse ser ela. Seus olhos eram tão azuis que, em algumas ocasiões, pareciam ser violáceos. Não era ela, eu estava enganado.

Você é a dona daquele olhar. Foi ao seu lado que vivi todas as minhas vidas.”

– Como pode ter certeza disso? – as palmas das minhas mãos começam a suar. Sinto um frenesi ondular cada nervo do meu corpo, num ataque súbito de pânico. Preciso me controlar.

- O que sinto por você me dá essa certeza. E seus olhos... você é a mulher de todas as minhas vidas, Lise. Infelizmente, não sei o que aconteceu para nos separar, mas algo me diz que você sabe.
- Sim, eu sei. – digo, com lágrimas nos olhos.
- Se lembra das vidas passadas? Você me reconheceu? – as perguntas de Natan são urgentes.
- Me lembro de flashes, fragmentos de memória, como você disse. Mas não fui submetida à hipnose. Eu me recordo de tudo, desde que nasci. – olho para a lareira apagada.
- Eu o reconheci naquele dia, lá no Amelie. Seus olhos, Natan. Eles são violáceos para mim.
- Vê meus olhos como vejo os seus? E por que fugiu de mim?
- Fugiu porque tive medo do desfecho dessa história. Há coisas que você desconhece, situações que sempre tiraram o meu sono. Você precisa saber o que está em jogo aqui, o que aconteceu ao final de cada uma de nossas vidas passadas.
- Certo. – Natan bate com a mão na perna e se levanta. – Acho que vou precisar de algo mais forte do que chá. Quer também?
- Não, vá lá. Preciso digerir o que acabou de me dizer.

Capítulo 40

Natan volta com uma garrafa de vinho e duas taças. Bem, talvez eu precise, nunca se sabe. No momento, me contento com o ar que respiro.

- Não sei por onde começar. – digo, olhando para o nada.
- Comece pelo início. – Natan serve as taças e se senta na poltrona ao meu lado. O

vinho fica intocado, não posso nem pensar em beber agora. Tenho que estar lúcida para conseguir colocar as ideias em ordem.

– Do que se lembra da primeira vida? – pergunto, abraçando os joelhos.

– Uma cachoeira. Uma linda mulher. Olhos violeta. Um beijo que progrediu para algo além. – Natan elucida.

– Onde sua memória termina?

– No momento em que ouvi o barulho de um mergulho e gritos vindos da margem.

– Ok. Vou contar do que me lembro da primeira vida.

Não é fácil. Rememorar é uma coisa, colocar em palavras é bem diferente. Tomo coragem e fecho os olhos, voltando no tempo e no espaço. Minha voz ganha vida, iniciando a narrativa sobre a primeira vida na Terra.

Natan ouve atentamente, sem me interromper. Conto em detalhes como foi nosso encontro naquele deque natural, na cachoeira. Abro os olhos e o miro antes de continuar.

Há um sorriso em seus lábios. Não sorrio em resposta, não há motivos para isso. Respiro fundo e meu olhar recai sobre a taça de vinho, enquanto finalizo contando a maneira como fomos assassinados.

– O cara nos matou? – a taça de Natan treme em suas mãos.

– Sim, ele nos matou.

– Meu Deus. – Natan joga a cabeça para trás, fitando o teto com um olhar colérico.

– Se lembra da segunda vida? – pergunto, ainda abraçada aos joelhos.

– Lembro que vivíamos no Egito e eu conhecia o nome das constelações. Ensinei a você, não foi?

Respiro fundo e assumo a narrativa, contando como nos conhecemos e os detalhes sobre a fuga do Egito. Divago sobre o desespero que senti quando Elenot não apareceu no horário marcado. Engulo em seco quando me lembro de sua cabeça sendo jogada em minha direção. Arrepio quando finalizo a narrativa com uma espada sobre o meu pescoço, rasgando o ar. Uma lágrima solitária risca o belo rosto de Natan quando a história se finda.

Seus lábios se comprimem e ele sorve todo o conteúdo da taça, num só gole, preenchendo o vazio outra vez.

– Como conseguiu conviver com isso, Lise? – o olhar de Natan está perdido, um tanto apático.

– Você ainda não ouviu tudo. O que se lembra da terceira vida?

– Vivíamos na África, eu acho. – Natan completa a taça de vinho mais uma vez.

Fecho os olhos e busco todas as minhas memórias sobre a terceira vida. Conto sobre nosso encontro clandestino na floresta. Natan interrompe, dizendo que se lembra da chuva que caía e do êxtase que invadiu nossos corpos, recostados em um tronco de uma árvore.

Revelo o que aconteceu a seguir e como flechas tiraram nossas vidas. Nesse ponto, a garrafa de vinho já está na metade e Natan se descontrola.

– Meu irmão nos matou? A sangue frio?

– O que posso dizer? – olho para ele, desiludida. – É estranho contar isso tudo a você. – faço uma pausa, roendo a unha. – Quer um tempo?

– Não. Quero saber tudo, eu preciso, Lise. – Natan leva as mãos aos cabelos encaracolados, alisando-os para trás nervosamente.

Relembro então nossa quarta vida, na Índia. Natan possui memórias do navio mercante e de nossa fuga para a gruta. Conto como tudo aconteceu e finalizo a narrativa, descrevendo quando fomos pegos e mortos pelo capitão do navio. Natan quebra a taça de vinho com a pressão de sua mão. Me assusto quando vejo o sangue escorrer por entre seus dedos.

– Droga, o que fez? – levanto-me e pego a mão ferida de Natan.

– Não está doendo.

– Venha limpar isso.

Enquanto limpo o ferimento de Natan na pia da cozinha, ele pergunta sobre a encarnação no Marrocos. Natan se lembra do desenho de um anel com o símbolo do infinito e eu confirmo. Também se recorda de alguns dos nossos encontros furtivos e nada mais.

Preencho as lacunas de sua memória, contando como fomos seguidos e depois traídos pela primeira esposa. Revelo como nossas mortes aconteceram. Ele contrai os lábios, possesso. Faço menção em parar de contar sobre nossas vidas passadas, mas ele me impede, dizendo que ficará bem. Nesse caso, dou prosseguimento, borrifando um antisséptico em sua mão.

Narro o que me lembro da vida em Amsterdam. Natan tem *flashes* da noite em que seu pai me ganhou no leilão. Também se recorda de ter colocado um colar de pérolas em meu pescoço e de alguns detalhes da nossa primeira noite de amor. Ele não tem muita

certeza, mas acredita que disse ao seu pai que se casaria comigo. Confirmo essa memória, lembrando o que aconteceu a seguir. Num ímpeto, Natan desfere um soco no armário suspenso, arrebentando a porta.

– Se continuar com isso, vai destruir a casa. – digo, baixando os olhos.

– Na última vida antes dessa, você se chamava Elise, certo? E meu nome era John. –

o sangue volta a escorrer por entre seus dedos após o soco na porta do armário.

– As memórias da última vida são as mais fortes e detalhadas que tenho. – pego um pano de prato e enrolo a mão direita de Natan. Recosto no balcão da pia e não preciso me esforçar para lembrar o dia em que nos conhecemos, no restaurante do meu pai.

Revelo quem era John e Natan se lembra do refrão da música e da fúria do meu pai ao expulsá-lo do restaurante. Também se recorda de jogar pedrinhas na minha janela e do dia em que fugi para encontrá-lo no casebre. Ele sorri quando falo sobre a esteira que estendemos no chão, como se fosse uma lembrança extremamente acalentadora. Mas então, conto o que aconteceu a seguir e Natan explode em fúria, jogando uma garrafa de vinho contra a parede. Assusto-me quando ele começa a quebrar tudo o que vê pela frente.

Abraço-o pelas costas, pedindo que se acalme, dizendo que tudo ficará bem. Seus ombros estão rígidos, o corpo está molhado de suor. Natan está descontrolado.

Espasmos involuntários tomam conta de seus músculos e ele cai de joelhos, levando-me também para o chão. Deixo que ele chore o quanto quiser, o tempo que precisar.

Depois de um tempo, que pareceu uma eternidade, Natan retoma o controle e nossos olhares se encontram. Estamos os dois sentados no chão da sala nesse momento.

– Você está bem? – pergunto, preocupada.

– Como conseguiu conviver com isso? Como não enlouqueceu? – ele toca meu rosto, tristemente.

– Eu tinha a minha avó. Se cheguei até esse ponto da minha vida sã e salva, devo a ela.

– Lise, deve haver uma explicação para tudo isso. Alguém está nos enviando um recado importante que necessita de entendimento. Precisamos descobrir o significado disso.

– Por mais que eu pense, não consigo. É tudo tão ilógico, tão sem sentido. – balanço a cabeça, desanimada.

– Você deve ter tido muitos pesadelos comigo, não? – Natan sorri, mas é um sorriso lacônico.

– Sempre temi o nosso reencontro. – sinto-me cansada de repente, mas ao mesmo tempo, aliviada.

– Por isso veio para Vila Rica? Na esperança de que nós nunca nos encontrássemos?

– Natan recosta numa pilastra de madeira.

– Achei que estaria protegida aqui. – confirmo. – Mas o destino tinha outros planos para nós.

– O destino... – ele pega as minhas mãos, seu olhar está vago, sombrio.

– Entende por que não podemos mais nos ver? Compreende agora o perigo que corremos?

– Não acho que a distância poderá impedir qualquer coisa de acontecer. Precisamos encontrar uma maneira de acabar com esse ciclo, a vida está nos dando essa chance. –

Natan me encara, confiante.

– Natan...

– Precisamos encontrar algo, um fio solto, qualquer coisa. Temos que desvendar o mistério, descobrir os porquês de tudo isso estar acontecendo.

Apesar de ter bebido praticamente uma garrafa de vinho sozinho, Natan não me parece estar alterado. Acredito que a adrenalina tenha bloqueado o efeito do álcool.

– Acho que é minha culpa. – digo, fixando meu olhar em um caco de vidro. – Sinto que sou culpada pelo que está acontecendo. Devo ter feito algo de muito ruim e estou sendo castigada. Você está sendo punido por algo que fiz.

– Por que diz isso? – Natan se aproxima, erguendo meu queixo.

– Aconteceu uma coisa durante a madrugada. – nem sei como contar.

– O que houve?

– Eu estava num estado *alpha*, eu acho. Acordei com um forte ardor no pulso e um cheiro insuportável de queimado. E então, me deparei com isso. – levanto a manga do vestido, revelando o símbolo do infinito marcado em minha pele branca.

Natan toma meu pulso em suas mãos, uma leve película já se forma sobre a marca.

Ele engole em seco e me encara, numa interrogação. Dou de ombros, sem saber o que dizer a respeito.

– Isso apareceu do nada? – seus dedos percorrem ao redor da marca, suavemente.

– O símbolo é lindo, Natan. Significa muito para mim, assim como para você. –

toco o pulso de Natan, acariciando sua tatuagem. – Ainda assim, não me parece ter sido feito por mãos divinas. Isso é um lembrete de que minha vida e meu destino não me pertencem.

– Temos que acabar com isso. Precisamos encontrar uma maneira! – Natan se coloca de pé e o efeito do álcool finalmente aparece. Ele cambaleia e preciso segurá-lo.

– Calma aí. – digo, amparando-o até a poltrona. Sento-me sobre a mesa de centro, com as mãos em seus joelhos. – A única forma de acabarmos com isso, é nos afastarmos.

Nada de mal poderá acontecer se nos mantivermos bem longe um do outro.

– E aí? Morreremos de velhice e uma nova encarnação será iniciada. E talvez, não nos lembremos de nada e acabaremos culminando no mesmo final.

– É um risco, eu sei. – balanço a cabeça, pesarosa.

– Não, Lise. Temos que aproveitar o agora, o momento é já. Sabemos o que aconteceu no passado e precisamos usar isso a nosso favor. Temos uma chance preciosa aqui.

– Chance de que, Natan? – pergunto, infeliz.

– Não sei. Vamos pensar juntos.

– O que foi que eu fiz? Não consigo chegar numa resposta, não me lembro de nada mais. – meus olhos estão marejados.

– O que você pode ter feito? Lise, não se puna por algo que não sabemos o que é.

– Estou tão cansada, se você soubesse... – enterro o rosto nas mãos.

– Vamos acabar com isso, prometo a você.

Capítulo 41

Num caderno, anotamos todos os pontos em comum de nossas vidas passadas e tudo o que aconteceu de diferente. Busco detalhes, forço a memória a trabalhar. Natan escreve tudo o que digo, incentivando-me a continuar.

Quando esgoto o meu arsenal, após abrir todas as gavetas do meu subconsciente, relemos as anotações.

Um ponto me chama a atenção, não sei se Natan percebe.

– Em todas as vidas, indubitavelmente, você morreu primeiro. – murmuro.

– Acha que isso é relevante? – Natan faz uma anotação, grifando duas vezes.

– Talvez. Você me protegeu, eu acho. – e então, num lampejo de memória, a imagem de padre Inácio me invade e eu balbucio, de olhos fechados: “Quando o momento chegar, proteja-o.”

– O que isso quer dizer? – Natan solta a caneta em cima do caderno. Estamos os dois sentados no chão, sobre o tapete de fibras naturais.

– Foi algo que um padre me disse quando eu tinha uns doze anos. Ele avisou que eu entenderia a mensagem, quando estivesse mais

madura.

– Acha mesmo que deve me proteger? – ele desenrola o pano de prato ensanguentado e o deixa de lado. Finalmente o sangue parece estar coagulando. Seus dedos deslizam pela mesa, tocando os meus.

– Não é isso que venho tentando fazer, sem sucesso? – um sorriso me escapa, junto com um suspiro. – Não entendeu ainda, não é? Eu morreria por você, Natan.

– Eu não permitiria. – seus dedos escorregam pelos meus braços e então, quando dou por mim, ele está próximo demais. – Eu não suportaria viver em um mundo em que você não existe.

– Viveu até algum tempo atrás. – digo, sem me mover do lugar.

– De alguma forma, eu sabia que você existia. – agora seus dedos se enroscam em meus cabelos, seu rosto se aproxima mais e mais. Tombo a cabeça para trás e ele cheira o meu pescoço, seus lábios roçam a minha pele. – Meu Deus, como eu desejei isso.

– Natan. – é o que escapa dos meus lábios entreabertos.

Quando escuta seu nome, Natan é tomado por uma força, como se amarras invisíveis tivessem se soltado e ele pudesse finalmente agir. Sentindo-se livre, ele beija meu pescoço, ávido, ofegante, impaciente. Eu permito, longe de estar no controle.

Agarro-me aos seus cachos dourados, trazendo sua boca para a minha. É uma sensação inexplicável, como se eu estivesse tendo uma experiência extracorpórea. Naquele instante sinto nossos espíritos se tocarem.

Regozijo-me quando seu sabor explode em meus lábios, quero gritar e não posso, não tenho ar suficiente nos pulmões. Uma emergência toma conta de mim e quando isso acontece, atiro-me sobre ele,

escalando seu corpo ao chão, reencontrando o caminho de sua boca, a entrada para sua alma.

As mãos de Natan deslizam pelas minhas pernas e o vestido se ergue com facilidade. Não quero que ele pare, nem se o chalé começar a pegar fogo nesse momento.

Segurando meus quadris, Natan pressiona meu corpo contra o seu e sinto como se fôssemos um átomo, prestes a explodir e liberar a energia máxima do núcleo.

– Você é minha, só minha. – ele murmura e eu quase tenho um troço.

Os tecidos atrapalham e arranco o vestido pela cabeça, um tanto impaciente.

Aproveito e tiro a camiseta de Natan, nossas peles se tocam quando retomo sua boca, meu corpo está em chamas.

Mesmo conhecendo o nosso destino, em nenhum momento me passa pela cabeça que devemos dar um fim nisso. A partir de agora, só a morte irá nos separar.

Livramo-nos do restante de nossas roupas, com uma rapidez fenomenal. Natan se demora, querendo explorar todos os detalhes, deliciando-se quando correspondo ao seu toque, à sua boca.

Ele nos rola para o lado, seu corpo pesado sobre o meu. Seguro firme em seus bíceps, sentindo os músculos rígidos se retesarem sob a pele. Cravo minhas unhas quando nos tornamos um só ser. Então, algo sobrenatural acontece.

Vou tentar explicar com palavras, lá vai: sinto como se toda a energia do ambiente tivesse sido tragada por nós. Não. É algo mais além. Absorvemos toda a energia do planeta, do universo, como um buraco negro. Sim, isso chega bem próximo do que sinto. É como

se, unidos, fôssemos o tudo e o nada ao mesmo tempo. Como se juntos, fôssemos o poder máximo da criação, uma fonte inesgotável de energia, de amor.

Estou ofegante, trêmula, em completo torpor. Imagino que o Paraíso seja isso, que quando retornarmos ao uno, a sensação seja essa: de que estamos em casa, de que somos completos, de que não falta mais nada para a felicidade plena.

Eu o amo, incondicionalmente. Amo o que conheço e o que desconheço. Amo cada defeito, cada qualidade, cada decisão que ele já tenha tomado.

Juntos, chegamos ao estado mor, breves segundos em que saímos de nossos corpos, rumo a um lugar onde só o amor existe. Meu espírito vibra dentro do corpo. Sinto a alma resplandecer num espetáculo divino. Eu sou pura Luz.

∞∞∞∞

Vestindo calcinha e a camiseta de Natan, estou estirada no chão, inebriada, retomando o fôlego, sentindo a energia dele fluir por todo o meu ser. Natan recoloca a bermuda e vai até a cozinha, preparar algo para comermos. Só quando sinto o aroma de ovos mexidos, percebo que estou com fome.

Ele traz um prato e dois garfos, mas não deixa que eu use o meu. Divide seu garfo comigo, levando os ovos mexidos à minha boca de maneira muito sensual. Meu Deus, como consigo sentir tanto amor? Como meu coração ainda bate dentro do peito? Esse é mais um dos mistérios da vida.

Não consigo desviar meu olhar do dele. Queria poder enxergar a cor verdadeira dos seus olhos, vovó disse que eram azuis, como os meus. Devem ser lindos.

Natan deixa o prato sobre a mesa e coloca uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Seus dedos deslizam suavemente pelo meu rosto, traçando círculos unidos, desenhando o infinito.

– Meu amor por você não é deste mundo. John estava certo, Lise. O amor que eu sinto não é mundano, humano. É algo além dessa esfera, é um sentimento que desconhece a dualidade.

– O que vai acontecer agora, Natan? Não posso deixá-lo, não vou conseguir viver longe de você. – uma lembrança me vem à mente, uma recordação que me corrói. Murmuro o nome dessa lembrança:
– Lucas.

Natan morde o lábio e sua feição não é de raiva ou ciúme. É tristeza o que inunda seu olhar.

– Ele está perdidamente apaixonado por você. – seu tom é sério.

– Eu sei, ele me disse. Natan, eu...

– Não me importa o que vocês tenham ou não feito juntos. Realmente não me importa, porque sei que você é minha. Não vou perder tempo com ciúmes ou qualquer outro sentimento.

– Lucas vai ficar arrasado quando eu romper com ele. Não pensei que tomaria essa decisão, na minha cabeça já estava tudo em ordem.

– O que mudou? – Natan desliza o dedo pela minha coxa e eu sinto a pele começar a pinicar. Algo se acende em meu íntimo e de repente eu quero recomeçar... eu o quero novamente e quantas vezes conseguir aguentar. Mas eu me seguro, esse é um assunto importante que precisa ser discutido.

– Tudo mudou. Acredito que encararia a tragédia numa boa, aceitaria o nosso destino. Mas sei que não deve ser assim, precisamos combater o que quer que seja.

– Juntos.

– Sim, juntos.

Levo um tremendo susto quando a porta do chalé se escancara com um baque surdo.

Sufoco um grito quando ele irrompe porta adentro, munido de ódio, desespero e violência.

Ah, meu Deus, Lucas!

Capítulo 42

Estou de pé, sem saber ao certo como me levantei. Não acredito que Lucas esteja aqui. Como nos encontrou? Destino. O sábio, inconsequente e poderoso destino.

Natan toma a minha frente, protegendo-me do que está por vir. Lágrimas brilham no rosto furioso de Lucas, ele parece estar tentando entender o que está havendo. Não há o que explicar, a cena que encontra diz tudo.

– Como pôde, Lise? Como pôde?

– Eu posso explicar. – digo e faço menção em ir até ele. Natan não permite que eu me aproxime de Lucas e barra a minha passagem.

– Nós podemos explicar. – Natan assume uma postura dura, como um protetor faria.

– Por favor, baixe a arma.

Caramba, eu nem tinha notado a arma em sua mão direita. Oh, meu Deus, é uma arma! Estamos no ponto crítico, caminhando para o nosso destino pela oitava vez. Um namorado furioso, uma arma em punho, a motivação perfeita. A morte deve estar pairando sobre esse chalé, nesse exato momento.

– Lucas, solte a arma e vamos conversar, civilizadamente. – o tom de Natan é grave, um tanto urgente.

– Eu avisei, professor. Eu mandei que se afastasse dela! – Lucas está gritando, entre gemidos de dor. Sim, é dor o que ele sente.

– Por favor, solte a arma e nos escute. Nada é o que parece ser. O que aconteceu aqui, o que acontece entre nós é muito antigo. Se explicarmos, sei que vai entender.

– Eu entendo o que vejo. E o que eu vejo aqui é traição, em sua pior forma. – Lucas cospe, entredentes.

Natan abre os braços e caminha, lentamente, para onde está Lucas. Oh, meu Deus, o que ele pretende com isso? Pense rápido, Lise, pense! Natan a está protegendo, novamente!

Não permita, não permita!

– Abaixei a arma, Lucas, por favor. Isso não precisa terminar em tragédia. – Natan continua a caminhar, mesmo sabendo que o destino que escolheu é fatal.

– Arrume suas coisas e saia de Vila Rica. Faça isso e eu abaixo a arma. – Lucas ainda aponta o revólver para o peito de Natan.

– Lise não ficará, Lucas. Ela não ficará aqui.

– Eu me resolvo com ela. – a arma trepida em sua mão.

– Ela não ficará.

Droga! Estão discutindo o meu futuro como se eu fosse uma criança! Mas tenho medo de dizer qualquer coisa que possa inflamar ainda mais a raiva que Lucas está sentindo e com razão. Eu tinha mesmo que me meter com um policial? O destino é cruel, sádico e muito violento.

– Eu quero socar a sua cara. Quero arrebentar você inteiro. – Lucas estremece de ódio.

– Então venha. Mano a mano. Deixe a arma aí, no aparador.

Como é que é? Eles vão lutar, é isso mesmo? Talvez esteja aí a brecha que preciso para fazer alguma coisa, para mudar o destino.

E então, perco o equilíbrio quando *flashes* invadem a minha mente. Cambaleante, revivo todas as minhas sete mortes, sinto as dores, a sensação de impotência, o desespero em perder o meu amor. Levo as mãos à cabeça e grito. Lucas se distrai com a cena e Natan aproveita o momento para investir contra ele.

Quando volto a mim, os dois estão trocando socos e não vejo sinal da arma.

Começo a gritar, histérica, pedindo que eles parem. Mas eles não param, não conseguem me ouvir. E então, sou tomada por outra coisa, um sentimento de reconhecimento.

Ao ver o subdelegado desferindo um soco, o momento se congela. Em milissegundos, eu me lembro dele. Lucas foi meu companheiro na primeira vida, o homem que caçava e me protegia. Na segunda vida, foi o sacerdote do faraó, meu prometido. Foi o irmão de Gyasi, meu marido, na terceira vida. Foi o capitão do navio mercante, futuro sogro de Manolo, na quarta vida. Foi meu marido no Marrocos, na quinta vida na Terra. Na sexta, foi pai de Louis, o que me ganhou para o filho no leilão e depois, nos matou. Na sétima vida, ele era meu pai, o pai que eu tanto amava.

O momento se descongela e Lucas acerta Natan no rosto. Os dois entram num embate mais violento, caindo ao chão entre socos e chutes. É então que vejo algo reluzindo aos meus pés. Abaixo-me e pego a arma, com as mãos trêmulas e todos os sentimentos sendo levados ao limite.

O que devo fazer com isso?

Miro em Lucas. Posso acabar com isso agora mesmo. Foi ele quem nos matou em todas as vidas, ele é o culpado pela minha desgraça. E então, uma gargalhada gutural estraçalha em meus ouvidos como se milhares de copos de cristal se quebrassem ao mesmo tempo. A alma gela, temerosa. Sinto uma sombra se aproximar.

Não, isso não está correto. Não posso atirar em Lucas, eu não sou essa pessoa!

Meu Deus! Lucas está montado sobre Natan, desferindo socos mortais. Miro o revólver em sua direção, pronta para puxar o gatilho.

Não, não é isso o que devo fazer!

E então, tomando a decisão mais absurda, mais insensata e a mais correta do meu ponto de vista, aponto a arma para mim mesma, na altura do peito. Deixo uma lágrima cair quando tomo coragem. O tiro ecoa pelo chalé, sinto quando meu corpo se rasga para a bala entrar. Cambaleio e caio de joelhos, apoiando as costas na poltrona. O sangue me sobe à boca, não consigo respirar. O tempo para novamente. Vejo quando grilhões invisíveis se soltam de minhas mãos e pés. Ouço vociferações cavernosas, vindas de todo lugar e de lugar algum. Acho que irritei alguém por ter tomado a decisão correta. A sombra simplesmente desaparece.

Sinto algo em meu pulso e olho para ele. O símbolo do infinito transforma-se diante dos meus olhos. O que antes era uma queimadura, transmuta-se em pura Luz. Acho que estou sorrindo. Finalmente acabou. Acabou.

O tempo volta a correr normalmente. Lucas para o soco no meio do caminho, tentando entender de onde veio aquele tiro. Quando nossos olhos se encontram, ele começa a gritar. Natan tenta se levantar e cai, em meio ao sangue espalhado no chão. Acho que Lucas quebrou seu nariz, o rosto de Natan está irreconhecível.

– Lise! Lise, o que você fez? O que você fez? – Lucas se ajoelha, tirando a camisa, tentando estancar o meu sangue.

– Me... perdoe... – tento me manter acordada.

– Lise, por que fez isso? – Lucas está enlouquecido, pressionando minha ferida.

Vejo Natan ainda tentando se firmar e entender o que está havendo.

– Diga! – peço, engasgando com o sangue que me vem à boca.

– Eu a perdoo, Lise, pelo amor de Deus! – Lucas parece que vai se rasgar ao meio, seu pranto cai sobre minha ferida quando o professor consegue se aproximar, rastejando.

– Chame uma ambulância. – Natan diz, agarrando-se ao cós da calça de Lucas. –

Chame!

Lucas se levanta, confuso, desnortado, assustado. E então, pega a mão de Natan e a coloca sobre o meu peito, pressionando o ferimento.

– Continue pressionando! – Lucas ordena e Natan balança a cabeça, sentando-se, com dificuldades para se firmar. Vejo quando o subdelegado corre porta afora, talvez vá chamar uma ambulância pelo rádio da viatura da polícia. Sei que de nada adiantará. A morte está chegando, já a senti muitas vezes antes.

– Não acredito que fez isso. – Natan está transtornado, com o rosto ensanguentado, o nariz quebrado, dois imensos cortes na cabeça... ele está um lixo. Ainda assim, é o homem mais lindo que já vi na minha vida. Meu Deus, como eu o amo. – Por que fez isso, Lise?

– Termine... termine o livro. – respiro. – Agora já tem o seu final. – estou falando tão baixo que não tenho certeza se ele me ouve.

– Você não vai morrer, está me entendendo? Eu proíbo você de morrer!

– Estou livre, Natan... estamos livres. Finalmente acabou. – puxo o ar, mas não consigo respirar. Minhas pálpebras pesam toneladas e a dor já não existe mais. Estou indo, sinto a conexão com esse corpo se desfazendo. Preciso dizer algo importante, tenho que ser rápida.
– Natan, eu... eu amo você. Infinitamente.

Epílogo

Um ano se passou.

Dizem que o tempo cura tudo, mas tenho cá minhas dúvidas. Perder uma filha ou um grande amor não é para os fracos. Só os mais fortes sobrevivem a algo assim.

Lucas tem pesadelos recorrentes, daqueles em que acordamos no meio da madrugada cobertos de suor e lágrimas, com a aterrorizante lembrança de uma tragédia. O

fardo é pesado para o novo delegado de Vila Rica. A culpa cravou-se em seu espírito e não vai abandoná-lo tão cedo.

Mas o destino cuidou bem de Lucas. Como fuga da realidade, decidiu-se por fazer o tal cruzeiro pela costa brasileira. Sozinho e em frangalhos, subiu a bordo pedindo a Deus que quando desembarcasse, fosse uma nova pessoa. Um homem pronto para assumir seu cargo e, quem sabe, poder acordar para um novo dia sem gritar.

Nessa viagem de dez dias, Lucas conheceu Camila, uma psiquiatra muito parecida com Lise fisicamente. A empatia foi imediata, de ambos os lados. Mas foi ela quem tomou a iniciativa.

Lucas não está pronto para engatar um relacionamento no momento e Camila é paciente, sabe esperar. Ela tem ajudado Lucas como pode e, como o destino é sábio, Camila mora a apenas vinte quilômetros de Vila Rica.

Lise está vivendo em um outro plano, poderíamos dizer uma outra dimensão. No momento, seu espírito está sendo cuidado, pois muitas são as marcas e ferimentos recorrentes de todas as suas vidas passadas.

Apesar de ter cometido o maior dos pecados, num ato mais do que condenável, Lise foi recebida pela Luz. Ela conseguiu proteger não apenas Natan, mas também Lucas. Por meio de uma decisão corajosa, libertou as amarras que a prendiam ao ser das trevas. Soube aproveitar a chance que a vida lhe deu e poderíamos dizer que ela é uma sobrevivente.

Nadou contra a maré, contra as sombras, ganhando sua liberdade.

Hoje, Lise foi agraciada. Após inúmeros pedidos, seu desejo finalmente foi atendido. Descerá a Terra tendo a companhia de sua avó e mentora, Amelie. Será uma visita rápida, talvez a última que ela faça enquanto Natan ainda viver.

Amelie sabe onde encontrá-lo. A viagem através do buraco de minhoca é rápida e sem contratempos. Lise reconhece o lugar: o cemitério.

– Natan vem todos os dias, filha. Conversa por horas a fio com você. Infelizmente, está se autodestraindo e tememos por sua vida. – conta Amelie. – Algo importante acontecerá aqui hoje. Por isso foi permitido que você viesse. O seu futuro estará em jogo, assim como o de Natan.

– Do que está falando? – Lise pergunta, temerosa.

– Observe.

Natan chega ao cemitério, carregando folhas de sândalo em uma sacola de papel. Na outra mão, uma garrafa de *vodka* está pela metade. Lise leva um susto ao constatar o quanto ele está maltrapilho e acabado. Olheiras profundas se instalaram em seu belo rosto, os lábios estão rachados e sem vida. Seus olhos já não são mais violáceos e sim azuis. Mas estão opacos, tristes, desiludidos.

Natan ajoelha-se perante uma lápide. Lise reconhece como sendo a de Amelie. Ele beija a mão espalmada e a coloca sobre o frio mármore, pedindo silenciosamente que, onde quer que Amelie esteja, cuide para que Lise fique bem.

Bebe uma generosa dose da bebida no gargalo. Levanta-se, cambaleante, necessitando apoiar-se na lápide.

Ajoelha-se ao lado, onde o corpo de Lise foi enterrado. Ele retira as folhas de sândalo da sacola de papel e as deposita sobre o gramado. O vento as carrega e ele parece não se dar conta disso.

– Vó, não podemos permitir uma coisa assim. – Lise sente vontade de chorar.

– Apenas aguarde o desenrolar dos acontecimentos. – Amelie pede, tocando em seu ombro amorosamente.

Natan senta-se e sorve mais uma golada. Retira algo mais de dentro da sacola de papel. É seu novo livro, totalmente reescrito, contando a história original. Ele deposita a obra no chão, acariciando a capa. Lise não tem autorização para se aproximar e Amelie resolve o mistério:

– Natan reescreveu o livro, contando a história de vocês. Fez isso apenas por ser esse o seu último desejo antes de morrer. O livro foi lançado oficialmente há algumas semanas e já é um sucesso de crítica e vendas. Dizem que será a obra mais vendida de Natan.

– Ele mudou o final? – Lise pergunta, num suspiro triste.

– Não, não mudou. Apesar de não ser um defecho perfeito e feliz, foi o melhor final, minha querida.

– O único final capaz de nos libertar. – Lise balbucia.

Natan balança a garrafa sobre a boca. Uma última gota cai e lágrimas enchem seus olhos azuis. Ele abraça a bebida e conversa com sua amada, silenciosamente.

Lise quase pode tocar a dor de Natan. Ela é palpável e o estrangula, como se fosse de carne e ossos. Quer fazer algo para ajudá-lo, precisa lhe dar esperanças.

– O momento chegou. – Amelie avisa. – Estamos protegidas pela mão de Deus, fique tranquila.

– O que quer dizer? – ela pergunta, intrigada.

– Apenas observe e não tema.

Lise vê quando a energia de Natan é sugada para um lugar próximo. No mesmo instante, ele se sente fraco e a garrafa cai de sua mão. O que está acontecendo?

E então, um homem se materializa, vindo do nada. Lise o reconhece de imediato. É

o ser das trevas, o homem de negro. Ela se lembra do inferno e do pacto selado. Sente a culpa invadir suas entranhas incorpóreas.

Lise agarra-se às vestes de Amelie, sem tirar os olhos da cena que se apresenta. O

homem caminha, com um belo sorriso no rosto e uma adaga presa a sua perna direita. Lise solta um gemido involuntário, temendo pela vida de Natan.

Conforme o homem caminha, as flores ao redor murcham em desacordo. Suas energias são drenadas e elas caem, sem vida. A imagem deixa Lise enojada e Amelie a ampara.

O homem está bem próximo de Natan. Regozija-se com a dor e o pranto, o desespero e a desilusão. Natan é a vítima perfeita. Antes de abordá-lo, o homem de negro olha na direção da Luz e acena para as duas mulheres protegidas pela mão de Deus. Lise engole em seco. Amelie não esboça qualquer reação. De que valeria entrar na provocação?

E então, o ser das trevas toca o ombro de Natan que se levanta, com dificuldades. O

homem de negro sorri malignamente, certo de que o humano à sua frente está fraco demais para recusar a oferta.

– O que faria por ela? – o inominável questiona e sua voz gutural fere os ouvidos.

– Por Lise? – ele esboça um sorriso. – Eu daria a minha vida por ela.
– Natan perde o equilíbrio e o homem de negro o ampara.

– E se eu disser que posso uni-los novamente? O que faria por essa dádiva?

Natan, como que tomado por uma lucidez divina, mira os olhos profundos e insondáveis do ser das trevas.

– O que está me propondo?

– Lhe darei o infinito ao lado dela. Terão a eternidade.

Natan deixa um sorriso lateral escapar. Desvencilha-se das mãos que o amparam, precisando de algum tempo para conseguir se firmar sem cair.

– Não sei quem você é, mas está muito mal informado. Ela já é minha, por toda a eternidade.

– Estou vendo. – o ser das trevas mira a lápide com o nome de Lise escrito nela. – É

isso o que chama de eternidade?

– O que quer? – Natan interpela.

– Estou lhe oferecendo uma dádiva. – o homem vestido de negro sorri.

– E em troca?

– Sua alma.

– Está de gozação com a minha cara? – Natan cambaleia, mas logo consegue encontrar seu centro. – A alma não é só minha, é dela também. Não posso lhe dar algo que não me pertence cem por cento.

– É um garoto perspicaz, Natan Nau. Estou realmente impressionado. Mas, e se eu lhe dissesse que Lise está sendo castigada por cometer o maior dos pecados? Suicídio, não foi? É... a punição costuma ser severa. – o ser balança a cabeça para os lados, fingindo pesar.

– Duvido muito disso. Lise sacrificou-se para que eu e Lucas pudéssemos viver. E

antes de morrer, deixou claro que tudo tinha acabado. Ela fez um pacto com você, não foi?

– Natan faz uma pausa – Se o acordo não tivesse sido quebrado, você não estaria aqui, me tentando, ávido por um novo acordo.

– Esperto. Muito inteligente também. – o ser das trevas bate palmas para Natan. –

Garoto, estou realmente surpreso. Pensei que aceitaria o meu acordo, sem pestanejar. É o que todos fazem.

– Não sou todos. – Natan encara o ser, olhos nos olhos. – Já que não temos um acordo, por que não me deixe em paz e volta para o seu inferno?

– O seu inferno é bem pior do que o meu, garoto. – o ser bate com o indicador no peito de Natan.

– Não se preocupe, eu me viro. – ele levanta a garrafa vazia, arrancando uma gargalhada do ser das trevas.

– Sabe, garoto, posso contar nos dedos de uma mão os que me renegaram. Com você são quatro. Nada do que eu disser o fará mudar de ideia, estou certo? É do tipo incorruptível?

– Gosto de pensar que sim.

– Bem, ainda assim, não hesite em me chamar. Estarei pronto para atender a todos os seus desejos. – dito isso, o ser gira nos calcanhares e caminha, com um sorriso divertido no rosto.

Natan observa o homem se afastando e logo perde o interesse. Tomba a cabeça de lado, lendo o nome escrito na lápide mais uma vez.

– Ei, garoto?

– Ainda está aí? – Natan sorri, inconformado.

– Ela não gosta que beba, não suporta vê-lo se autodestruir. Está chorando por você, nesse exato momento. – o ser indica o local onde Lise e Amelie estão, agora atônitas. – Use a cabeça, garoto.

Natan, com os olhos vidrados, perscruta o local indicado pelo ser das trevas. Não vê nada, absolutamente nada. Quando sua cabeça gira, em busca do homem de negro, ele já não está mais ali.

– Vó, por favor, permita que ele me veja, por favor! – Lise implora, ofegante. – Ele não aceitou o pacto, merece saber que estou bem. Por favor?

– Lise, não tenho permissão...

– Cinco segundos apenas e então vamos embora. – Lise une as mãos em súplica. –

Vó, faça isso por ele.

– Lise, sabe que não devemos...

Nesse instante, um raio rasga o céu ao meio e a luz divina recai sobre Lise, como um véu de estrelas. A graça lhe foi concedida.

Natan ainda perscruta o local indicado pelo ser das trevas. Está nervoso, desesperado por algum sinal de Lise. Então, o impossível acontece. Ele cai de joelhos quando a vê, envolta por uma luz muito forte, toda vestida de branco. As lágrimas em seu rosto brilham como pequenos diamantes. Seu sorriso lhe invade numa onda de energia transcendental.

Lise não diz nada, mas seu dedo indicador traça algo no ar. É o símbolo que os conecta, o infinito. Antes que Natan possa se aproximar, ela desaparece no ar.

Não sei precisar o tempo em que ele fica ali, ajoelhado, contemplando a imagem que há tempos já se fora. Em seu rosto, o júbilo substitui a apatia. Renovado, na certeza de que Lise está bem, Natan levanta-se e mira a lápide:

– Meu amor por você não é deste mundo, Lise. Saber que está bem foi o melhor presente que Deus poderia ter me dado. – Natan enxuga as lágrimas e continua: – Sua imagem será minha força a partir de agora, porque sei que você existe, em algum lugar, em algum tempo. Essa certeza, a certeza de que temos o infinito, a eternidade para ficarmos juntos, terá que me bastar. – Natan respira fundo e leva a mão ao peito, sentindo o pulsar de seu coração. – Amo você, com todo o meu ser. Infinitamente.

Ele caminha para a lixeira mais próxima, jogando ali a garrafa de *vodka* vazia. Um pequeno sorriso se desenha em seus lábios rachados e sua alma se enche de paz.

Levantando a cabeça e respirando profundamente, ele toma o caminho da saída. Não percebe, mas algo realmente impressionante acontece às suas costas.

Conforme ele vai passando por onde o ser das trevas caminhou, todas as flores murchas ganham vida novamente. Elas se erguem, regozijando-se da energia emanada daquele homem, daquele ser renascido... revivem, resplendorosas, pela certeza, pela beleza, pelo poder e pela força do amor.

FIM

Outras obras da autora na Amazon:

A Aposta – romance teen

Possuída – romance teen sobrenatural

Poção do Amor – romance teen/magia/bruxaria

O Imortal – romance/alquimia

Soterrados – conto/romance/ficção científica Para entrar em contato:

e-mail: bosso.vanessa@gmail.com

twitter: <https://twitter.com/vanbosso>

facebook: <https://www.facebook.com/vanessa.bosso>